



GNOSIS BRASIL

CIÊNCIA E CULTURA DO HOMEM EM BUSCA DO SER

www.gnosisbrasil.com

Sim há Inferno, Sim há Diabo, Sim há Karma

Samael Aun Weor

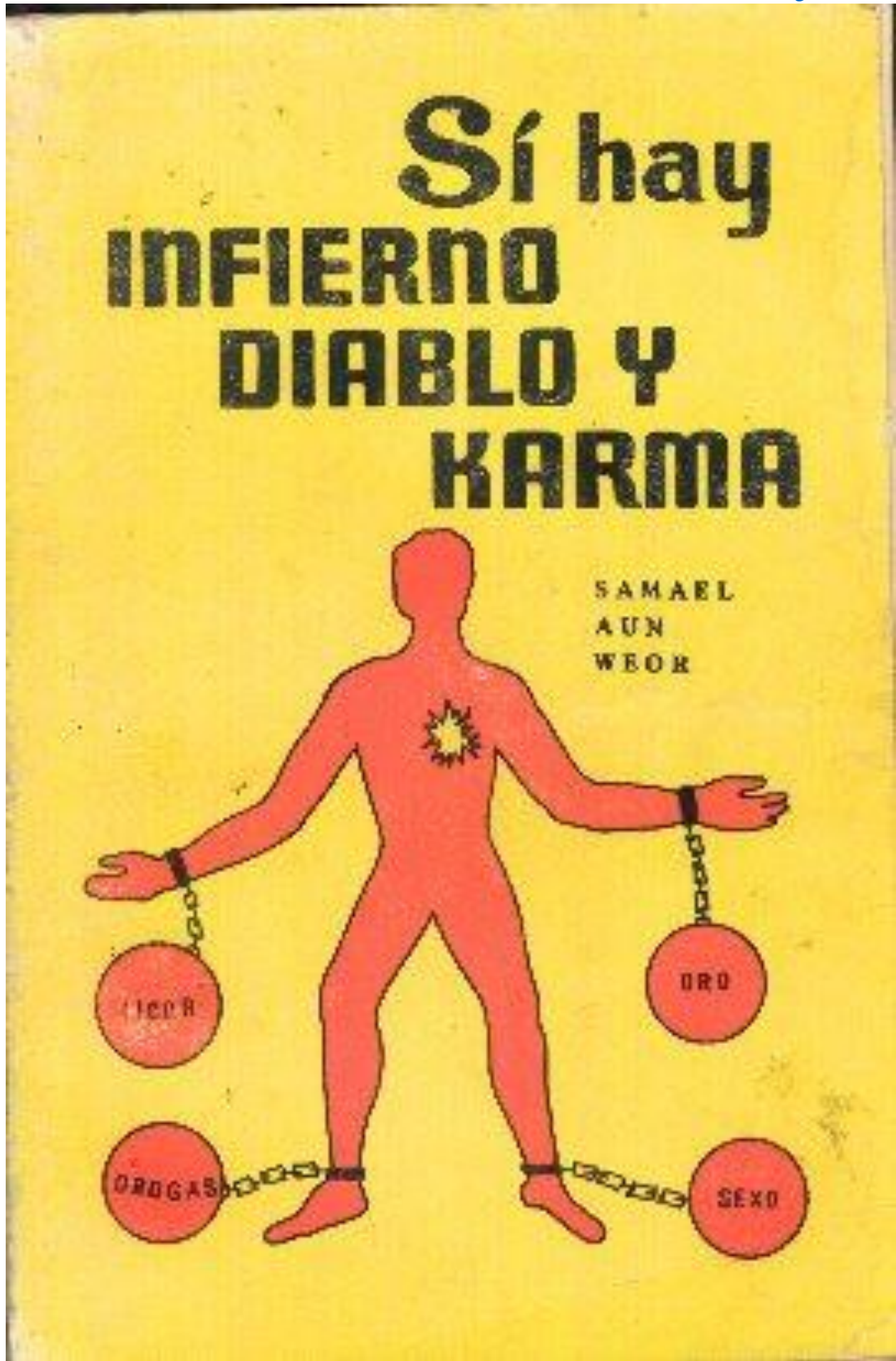
Instituto Gnosis Brasil

Website: www.gnosisbrasil.com

Facebook: www.facebook.com/gnosisbrasil

Sedes Gnósticas no Brasil: www.gnosisbrasil.com/locais

Biblioteca Gnóstica (livros, áudios, vídeos, imagens): www.gnosisbrasil.com/biblioteca



SUMÁRIO

1 – O Inferno.....	3
2 – Os Três Aspectos do Interior da Terra.....	7
3 – Os Sete Cosmos.....	11
4 – Mônadas e Essências.....	18
5 – Primeiro Círculo Infernal ou da Lua.....	25
6 – Segundo Círculo Infernal ou de Mercúrio	31
7 – Terceiro Círculo Dantesco ou Interior de Vênus.....	37
8 – Quarto Círculo Infernal ou Esfera Submersa do Sol.....	41
9 – Quinto Círculo Dantesco ou Esfera Submersa de Marte.....	47
10 – Sexta Esfera Submersa ou de Júpiter	51
11 – Sétima Esfera Submersa ou de Saturno	56
12 – Oitavo Círculo Dantesco ou de Urano	66
13 – Nono Círculo Dantesco ou de Netuno	72
14 – O Movimento Contínuo.....	79
15 – A Dissolução do Ego.....	88
16 – O Diabo	95
17 – O Dragão das Trevas	100
18 – Criptas Subterrâneas.....	106
19 – Guerra nos Céus.....	113
20 – A Lei do Eterno Retorno	117
21 – A Reencarnação.....	125
22 – Lei de Recorrência	133
23 – O Caracol da Existência	138
24 – Os Negócios.....	144
25 – A Experiência Direta	149

1 – O Inferno

Pergunta – O Inferno de fogo e chamas, do qual nos fala a religião católica, nos tempos atuais já não podemos admiti-lo mais que uma superstição religiosa, de acordo com os homens de ciência. É isto certo, Mestre?

Venerável Mestre – Distinto cavalheiro! Permita-me informar-lhe que qualquer inferno do tipo religioso é exclusivamente simbólico.

Não é demais, nestes instantes, recordar o inferno de gelo dos nórdicos, o inferno chinês com todos os seus suplícios amarelos, o inferno budista, o inferno maometano ou a ilha infernal dos antigos povoadores do país de Maralpleicie, cuja civilização hoje já se oculta entre as areias do deserto de Gobi.

Inquestionavelmente, estes variados infernos tradicionais alegorizam, de forma enfática, o reino mineral submerso.

Recorde o Senhor, bom amigo, que Dante atravessou seu “Infernus” entre as entranhas vivas da Terra. Leia-se a Divina Comédia.

P. – Mestre, o senhor nos fala do mundo mineral submerso; no entanto, todas as perfurações das companhias mineradoras e petroleiras e de outra índole, que foram praticadas sobre a crosta terrestre, não mostraram sinais de um mundo vivo que pudesse estar sequer na primeira camada interior da Terra. Onde se encontra esse mundo mineral submerso?

V.M. – Grande amigo! Permita-me informar-lhe que o mundo tridimensional de Euclides não é tudo.

Ostensivelmente, acima deste mundo de três dimensões (comprimento, largura e altura) existem várias dimensões superiores. Obviamente, de acordo com a lei dos contrastes, sob esta zona tridimensional existem também várias infradimensões de tipo mineral submerso.

É indubitável que os citados infernos de tipo dantesco correspondem a estas infradimensões.

P. – Perdoa-me, Mestre, que insista, porém, em todos os livros que por minha inquietude esquadrinhei, não recorde de nenhum escrito ou documento que nos fale dessas infradimensões, quanto menos nos indique como podemos descobri-las. Portanto, pergunto-lhe, qual é o objetivo de falar de infradimensões que, até onde pude comprovar, nenhum ser humano viu ou apalpou?

V.M. – Distinto cavalheiro! Sua pergunta me parece interessante. Porém, convém esclarecer que o Movimento Gnóstico Cristão Universal tem sistemas, métodos de experimentação direta, mediante os quais podemos verificar a crua realidade das infradimensões da natureza e do cosmos.

Nós podemos e devemos situar os nove círculos dantescos, precisamente, debaixo da epiderme da Terra, no interior do organismo planetário em que vivemos.

Obviamente, os nove círculos citados correspondem inteligentemente a nove infradimensões naturais.

Resulta evidente e manifesto que os nove céus da Divina Comédia de Dante são nove dimensões de tipo superior, intimamente correlacionados com as nove de tipo inferior.

Quem estudou alguma vez a Divina Comédia do ponto de vista esotérico não poderá ignorar a realidade dos mundos internos.

P. – Mestre, que diferença básica existe entre os infernos do catolicismo e os que considera o Movimento Gnóstico?

V.M. – Bom amigo! A diferença entre os infernos simbólicos de uma e outra religião é a que pode haver entre bandeira e bandeira de diferentes nações. Cada país alegoriza sua existência com um pavilhão nacional; assim também, cada religião simboliza os mundos infernos com alguma alegoria de tipo infernal.

Porém, infernos cristãos ou chineses, ou budistas, etc., etc., todos eles, no fundo, não são senão diferentes emblemas que correspondem ao cru realismo dos infernos atômicos da natureza e do cosmos.

P. – Por que as pessoas têm pesadelos, como dizemos vulgarmente? Que acontece nesse caso? Será que viajam a esses mundos infradimensionais?

V.M. – Com o maior gosto darei resposta a esta interessante pergunta do auditório. Quero, senhores e senhoras, que compreendam o que são, certamente, os pesadelos.

A anatomia oculta ensina que, no baixo ventre, existem sete portas infernais, sete chacras inumanos, ou vórtices negativos de forças sinistras.

Pode dar-se o caso de que alguém, indigestado por alguma comida pesada, ponha em atividade, mediante a desordem, tais chacras infernais. Então se abrem as portas abismais, como o ensina claramente a religião de Maomé, e o sujeito penetra, nessa noite, nos mundos infernos.

Isto é possível mediante o desdobramento da personalidade. Não é difícil para o ego penetrar na morada de Plutão.

Os monstros dos pesadelos existem realmente; provêm originalmente dos tempos arcaicos; habitam normalmente nas infradimensões do mundo mineral submerso.

P. – Quer isto dizer, Venerável Mestre, que não somente os que morreram sem ter salvo sua alma entram no Inferno?

V.M. – Resulta patente, claro e manifesto que os vivos também penetram nos mundos infernos, como o estão demonstrando os pesadelos.

Ostensivelmente, o infraconsciente humano é de natureza infernal; poderia dizer-se, com inteira claridade meridiana, que nos infernos atômicos do homem estão todos os horrores abismais. Com outras palavras enfatizamos o seguinte: Os abismos infernais de maneira alguma se acham divorciados de nosso próprio subconsciente e infraconsciente. Agora compreenderá o auditório o motivo pelo qual é tão fácil penetrar, a qualquer hora, dentro dos nove círculos dantescos.

P. Querido Mestre, realmente não compreendo por que primeiro nos diz que os mundos internos se acham nas infradimensões da Terra e, depois, menciona que esses abismos atômicos se encontram dentro de nós mesmos. Quisera ser tão amável de me esclarecer isto?

V.M. – Sua pergunta me parece magnífica. Quem quiser descobrir as leis da natureza deve encontrá-las dentro de si mesmo. Quem, dentro de si mesmo não encontre o que busca, não o encontrará fora de si mesmo, jamais. Os antigos disseram: “Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses”. Tudo o que existe na natureza e no cosmos devemos encontrá-lo em nosso interior. Assim, pois, os nove círculos dantescos infernais estão dentro de nós mesmos, aqui e agora.

P. – Mestre, eu tive pesadelos onde vi um mundo de obscuridade e muitos monstros. Será que entrei nesses mundos infradimensionais ou infernais?

V.M. – Sua pergunta resulta bastante importante. É necessário que o auditório compreenda que essas infradimensões estão no fundo submerso de nossa natureza. Obviamente, repito, com os pesadelos se abrem as sete portas dos infernos atômicos do baixo ventre e, então, descemos aos mundos submersos.

Raras são as pessoas que em sua vida não fizeram alguma visita ao reino de Plutão. Entretanto, é bom, senhores e senhoras, que, ao estudar esta questão, pensemos no cru realismo natural desses mundos que estão colocados nas infradimensões do planeta em que vivemos. Pensemos, por um instante, em mundos que se penetram e compenetraram sem se confundirem, em regiões densamente povoadas, etc., etc. De modo algum devemos tomar as alegorias religiosas à letra morta; busquemos o espírito que vivifica e que dá vida. Os diversos infernos das religiões alegorizam realidades cruamente naturais. Não devemos confundir os símbolos com os fenômenos cósmicos em si mesmos.

P. – Mestre, quisera que me explicasse o senhor um pouco mais sobre esses mundos infernos, já que, dentro desses pesadelos que tive, nunca vi luz, nem rostos formosos. Poderia dizer-me por quê?

V.M. – Com o maior gosto darei resposta a esta pergunta. As trevas infernais são outro modo da luz; correspondem, certamente, à gama do infravermelho. Os habitantes de tais domínios subterrâneos percebem as diversas variantes do colorido, correspondente a essa zona do espectro solar.

Quero que os senhores, meus amigos, compreendam que todas as cores que existem no ultravioleta se encontram também no infravermelho.

Que existe um amarelo no infravermelho, isto é algo muito notável; porém, no infravermelho, o amarelo existe também, de forma diferente, e assim também sucede com as demais cores. Assim, pois, repito, de forma enfática, o seguinte: As trevas são outra forma de luz.

Inquestionavelmente, os habitantes do reino mineral submerso se acham demasiado afastados do Sagrado Sol Absoluto e, por isso, resultam, certamente, terrivelmente malignos e espantosamente feios.

P. – Eu concebo, Mestre, que, nos mundos submersos da Terra, exista toda classe de monstros e que aí habitem, porém, como é possível que dentro de mim mesmo, que sou tão pequeno em comparação com o planeta, possa encontrar precisamente esses mundos?

V.M. – Bom amigo! Permita-me dizer-lhe que qualquer molécula de amido ou de ferro, cobre, etc., etc., é todo um sistema solar em miniatura. Um discípulo de Marconi imaginava precisamente o nosso sistema solar como uma grande molécula cósmica.

Quem não descobre, numa simples molécula, o movimento dos planetas ao redor do Sol está, certamente, muito longe de compreender astronomia.

Nada se encontra desligado neste universo. Em verdade, não existe efeito sem causa, nem causa sem efeito. Assim, também, dentro de cada um de nós há forças e átomos que se correlacionam ora com as esferas celestes, ora com as esferas infernais.

É bom saber que, em nosso organismo, existem centros psíquicos que nos põem em relação com as nove dimensões superiores do cosmos ou com as nove dimensões inferiores.

Já disse claramente que este mundo tridimensional em que vivemos não é tudo; pois, acima, temos as dimensões superiores e, abaixo, as inferiores.

Inquestionavelmente, todas estas dimensões, celestiais ou infernais, estão relacionadas com as distintas zonas de nossa própria psique e por isso é que, se não as descobrimos dentro de nós mesmos, não as descobriremos em nenhuma parte.

P. – Mestre, o senhor menciona amiúde a palavra abismos atômico. Por que atômicos?

V.M. – Esta pergunta me parece extraordinária e com o maior gosto vou dar resposta. Antes de tudo, quero que o senhor saiba que todo átomo é um trio de matéria, energia e consciência.

Pensemos, por um momento, nas inteligências atômicas; obviamente existem as solares e as lunares. Também existem inteligências malignas atômicas, terrivelmente perversas.

Os átomos do Inimigo Secreto, dentro de nosso organismo, estão controlados por certo átomo maligno, situado exatamente no osso coccígeo.

Este tipo de átomos causa enfermidades e origina, em nós, distintas manifestações de perversidade.

Ampliemos um pouco mais esta informação e pensemos, por um momento, em todos os átomos malignos do planeta Terra. Obviamente os mais pesados, os mais demoníacos habitam na morada de Plutão, quer dizer, nas infradimensões do mundo em que vivemos. Agora compreenderá o senhor o motivo pela qual falamos de abismos atômicos, de infernos atômicos, etc.

P. – Creio que a maioria de nós, quando pensamos em termos de átomos, imaginamos algo infinitamente pequeno. Logo, então, quando nos fala de que todos os sóis e planetas do cosmos constituem um átomo, transtorna um pouco nosso processo raciocinativo. É isto congruente, Mestre?

V.M. – Distinto cavalheiro e amigo! Jamais me ocorreu pensar em reduzir todo o universo ou os universos a um simples átomo. Permita-me dizer-lhe que os mundos, sóis, satélites, etc., são constituídos por somas de átomos e isto é diferente, verdade? Se em alguma parte de minha oratória comparei o sistema solar com uma grande molécula, eu o fiz baseado na lei das analogias filosóficas; jamais quis reduzir tal sistema a um simples átomo.

2 – Os Três Aspectos do Interior da Terra

P. – Mestre, pelo que nos expôs anteriormente, devemos entender que debaixo das camadas inferiores da Terra só existem infradimensões, já que as supradimensões, que correspondem aos céus, somente se encontram acima da camada terrestre?

V.M. – Distinto senhor! Sua pergunta me parece certamente interessante e me apresso a responder-lhe.

É bom que todos os senhores entendam que este organismo planetário em que vivemos tem, em seu interior, três aspectos claramente definidos.

Primeiro, região mineral meramente física. Segundo, zona supradimensional. Terceiro, zona infradimensional.

P. – Aceitando que no interior da Terra existiriam estes três aspectos de que nos fala (e, no meu caso, o aceito hipoteticamente, esclareço), teríamos que chegar à conclusão de que as nove esferas celestes convivem com os infernos que correspondem às infradimensões. Acaso é congruente que os céus se situem na mesma localidade que têm os infernos?

V.M. – Distinto cavalheiro! É urgente compreender, de forma integral, que tudo na natureza e no cosmos se resume em somas e restos de dimensões que se penetram e compenetraram mutuamente sem se confundir.

Existe um postulado hermético que diz: “Tal como é acima é abaixo”. Aplique o senhor este postulado ao tema em questão.

É ostensível que os nove céus têm, no interior de nosso organismo planetário, suas correlações de acordo com a lei das correspondências e das analogias.

Estes nove céus, no interior do organismo planetário em que vivemos, correlacionam-se inteligentemente com as nove zonas profundas do planeta Terra.

Porém, ainda não expliquei a fundo a questão. O que sucede realmente é que estes nove céus têm um centro de gravitação atômico, situado exatamente no centro do planeta Terra.

De outra forma, quero dizer-lhe e dizer-lhes a todos vocês, senhores e senhoras, que os nove céus gravitam no átomo central do planeta Terra, estendendo-se muito mais além de todo o sistema solar.

Este mesmo processo se repete com cada um dos planetas do sistema solar de Ors.

P. – Esta exposição, Venerável Mestre, me parece muito bela e encaixa perfeitamente nas lacunas de meu entendimento; porém devo manifestar que, de acordo com os preceitos da lógica, não pode demonstrar com clareza a explicação que o senhor nos deu; portanto, como podemos chegar a verificar sua afirmação neste sentido?

V.M. – Estimável cavalheiro! Sua pergunta é inquietante.

Inquestionavelmente, a lógica formal nos conduz ao erro. Não é por meio de tal lógica que podemos chegar à experiência do real; necessitamos de uma lógica superior, que existe afortunadamente. Já Ouspensky escreveu o “Tertium Organum”, o terceiro cânone do pensamento. É ostensível que existe o sentido da unidade na experiência mística de muitos sujeitos transcendidos.

Tais homens, mediante o desenvolvimento de certas faculdades cognoscitivas, puderam verificar, por si mesmos e de forma direta, a realidade dos mundos infernos no interior deste planeta em que vivemos.

O interessante de tudo isto é que os dados enunciados por uns e outros adeptos são similares, apesar de morarem tais homens em diferentes lugares da Terra.

P. – Quer dizer-nos então, Mestre, que somente a certos e muito reduzido número de adeptos tocou a sorte de ter estes poderes cognoscitivos; é lhes dado comprovar as infradimensões e as supradimensões dos planetas e do cosmos, bem como do próprio homem?

V.M. – No terreno da experimentação direta, no campo da metafísica prática, existe uma variedade de sujeitos com faculdades psíquicas mais ou menos desenvolvidas.

É óbvio que há discípulos e mestres. Os primeiros podem dar-nos informações mais ou menos incipientes; os segundos, os adeptos ou mestres, dispõem de faculdades imensamente superiores que os capacitam para investigações de fundo, que lhes permitem, então, falar de forma mais clara, mais precisa e mais detalhada.

P. – Se o senhor, Mestre, nos ensinou que corroboremos, por experiência própria, o que afirmam os adeptos e os iluminados, cabe, então, a possibilidade de que nós, os profanos, possamos verificar, por vivência própria, a realidade dos mundos infernos, fora das experiências de um simples pesadelo causado por uma indigestão estomacal?

V.M. – Estimável senhor! É óbvio que a experimentação direta no terreno da metafísica só é exequível a sujeitos que tenham desenvolvido as faculdades latentes do homem. Mas, quero dizer-lhe, com inteira claridade, que toda pessoa pode experimentar sumariamente o cru realismo de tais infernos atômicos, quando cai nesses asquerosos pesadelos.

Indubitavelmente, não quero dizer com isto que os mencionados pesadelos permitam a verificação completa do cru realismo das infradimensões da natureza.

Quem quiser realmente vivenciar isso que está por baixo do mundo tridimensional de Euclides deve desenvolver certas faculdades e poderes psíquicos muito especiais.

P. – É possível que todos nós possamos desenvolver estas faculdades?

V.M. – Distinto cavalheiro! Quero informar-lhe que o Movimento Gnóstico Internacional possui métodos e sistemas, mediante os quais todo ser humano pode desenvolver, de forma consciente e positiva, seus poderes psíquicos.

P. – Mestre, poderia dizer-nos o que devemos entender acerca de que o demônio habita em infernos que têm labaredas de fogo e um tremendo cheiro de enxofre, onde se castiga os seres que nesta vida se portaram mal?

V.M. – Vou dar resposta à pergunta do cavalheiro. Inquestionavelmente, nas regiões submersas do reino mineral, sob a própria epiderme do planeta Terra, existem diversas zonas. Recordemos, por um instante, a zona ígnea. É ostensível que está demonstrada com a erupção dos vulcões. Citemos a zona aquosa. Ninguém poderia negar que, no interior deste organismo planetário, haja água. Pensemos, por um momento, no elemento etéreo. Ainda que pareça incrível, dentro de nosso planeta Terra existem também correntes de ar, zonas especiais. Até se tem dito, com inteira claridade meridiana, que existe, no interior deste mundo, certa vasta região completamente oca, aérea, diríamos nós. De modo algum poderíamos negar o realismo de pedras, areias, rochas, metais, etc., etc., etc.

Ao pensar em conceito de demônio ou demônios, relembremos também as almas perdidas. Isto é verdadeiramente interessante.

Muitos habitantes do interior ou demônios, relembremos também as almas perdidas. Isto é verdadeiramente interessante.

Muitos habitantes dos mundos infernos moram na região do fogo; mas outros vivem nas regiões aéreas e, por último, habitam as regiões aquáticas e as zonas minerais.

É óbvio que os habitantes do interior terrestre se encontram muito relacionados com o enxofre, posto que isto é parte integrante dos vulcões. Porém, é evidente que, de forma específica, só os moradores do fogo poderiam achar-se tão associados ao enxofre. Quero, pois, distinto cavalheiro, honorável público, respeitáveis senhores e senhoras, que vocês compreendam o Inferno ou “Infernus” na forma cruamente natural, sem artifícios de nenhuma espécie.

P. – Poderia o senhor dizer-me, Mestre, por que, sendo a região do baixo ventre a dos mundos infernos, encontra-se situada na região do cordão prateado? Quer dizer isto que dito cordão se comunica constantemente com nossos mundos infernos?

V.M. – Honorável senhor! Quero responder-lhe com perfeita clareza. Muito se tem dito sobre o cordão de prata; é indubitável que toda alma está conectada ao corpo físico por meio desse fio magnético. Foi-nos dito que um ramo deste cordão, ou fio da vida, se acha relacionado com o coração e que o outro, com o cérebro.

Diversos autores enfatizam a ideia de que sete destes ramos derivados do cordão de prata encontram-se conectados com sete centros específicos do organismo humano.

Em todo caso, esse fio na vida, esse cordão do qual o senhor nos fala, base própria de sua pergunta, de modo algum está conectado aos sete chacras do baixo ventre. Resulta interessante saber que, durante as horas de sono, a Essência, a alma, escapa do corpo físico para viajar a diferentes lugares da Terra ou do cosmos. Então, o fio magnético de nossa existência se solta, se alonga-se infinitamente, atraindo-nos, depois, ao corpo físico para despertar no leito.

P. – Mestre, poderia ampliar-me isto que o senhor acaba de dizer, com respeito a que os sete chacras se encontram no baixo ventre, já que nos disse em outras conferências, em seus próprios livros inclusive, que os sete chacras se encontram repartidos em diferentes partes de nosso organismo?

V.M. – Honorável cavalheiro! Escutei sua pergunta e me apresso a responder-lhe com o maior agrado.

Vejo que você, senhor, confundiu os sete chacras do baixo ventre com as Sete Igrejas do Apocalipse de São João, situadas na espinha dorsal.

Indubitavelmente, em nenhuma parte da conferência que esta noite estamos desenvolvendo aqui, na cidade do México, D.F., fiz alusão alguma a tais centros magnéticos ou vórtices de força, situados no bastão de Brahama, ou medula espinhal.

Só temos citado, mencionado as sete portas infernais de que fala a religião de Maomé, os sete centros específicos ou chacras situados no baixo ventre e relacionados com os mundos infernos. Isto é tudo! Entendido?

P. – Por todo o antes exposto, podemos coligar, Venerável Mestre, que o aspecto físico do centro da Terra pertence ao mundo tridimensional e que os aspectos supradimensionais e infradimensionais estão situados nessas regiões subterrâneas do planeta, onde não chega a percepção intelectual e sensorial tridimensional do animal racional?

V.M. – Distinto cavalheiro! Quero informar ao senhor e, em geral, a todo este auditório que me escuta que nossos cinco sentidos só percebem os aspectos tridimensionais da existência; entretanto, são incapazes de perceber os aspectos supradimensionais ou infradimensionais da Terra e do cosmos.

É óbvio que as regiões subterrâneas de nosso mundo revestem-se de três aspectos fundamentais. Entretanto, os sentidos ordinários só percebem de forma só percebem de forma superficial o físico, o tridimensional. Se queremos conhecer as dimensões superiores e inferiores do interior da Terra, devemos desenvolver outras faculdades de percepção que se encontram latentes na raça humana.

P. – Querido Mestre, devemos entender que tanto nas supradimensões como nas infradimensões habitam seres vivos?

V.M. – Amigos meus! Inquestionavelmente, as três zonas do interior do nosso mundo estão habitadas. Se nas infradimensões vivem as almas perdidas, nas supradimensões do interior planetário moram muitos Devas, elementais de ordem superior, deuses, mestres, etc., que trabalham intensivamente com as forças inteligentes desta grande natureza. Poderíamos falar muito extensamente sobre as populações das zonas central, ou supradimensionais, ou infradimensionais do interior do nosso mundo; porém, isto o deixaremos para as próximas conferências. Por hora me despeço dos senhores, desejando-lhe muito boa noite.

3 – Os Sete Cosmos

Bem, amigos, estamos aqui reunidos novamente, com o propósito de estudar o raio da criação.

É urgente, indispensável, inadiável conhecer, de forma clara e precisa, o lugar que ocupamos no raio vivíssimo da criação.

Antes de tudo, estimáveis cavalheiros, distintas damas, suplico-lhes encarecidamente seguir meu discurso com infinita paciência.

Quero que os senhores saibam que existem sete cosmos, a saber: Primeiro, Protocosmos. Segundo, Ayocosmos. Terceiro, Macrocosmos. Quarto, Deuterocosmos. Quinto, Mesocosmos. Sexto, Microcosmos. Sétimo, Tritocosmos.

1º – Inquestionavelmente, o primeiro é formado por múltiplos sóis espirituais, transcendentais, divinais.

Muito se falou sobre o Sagrado Sol Absoluto e é óbvio que todo o sistema solar é governado por um desses espirituais sóis.

Isto quer dizer que nosso jogo de mundos possui seu Sagrado Sol Absoluto solar próprio, igualmente como todos os outros sistemas solares do inalterável infinito.

2º – A segunda ordem de mundos é formada, realmente, com todos os milhões de sóis e planetas que viajam através do espaço.

3º – O terceiro jogo de mundos é formado por nossa galáxia, por esta grande via láctea, que tem como capital cósmica centra o sol Sírio.

4º – A quarta ordem é representada por nosso sistema solar de Ors.

5º – A quinta ordem corresponde ao planeta Terra.

6º – A sexta ordem é o microcosmos homem.

7º – A sétima ordem está nos mundos infernos.

Ampliemos um pouco mais esta explicação. Quero que vocês, senhores e senhoras, entendam, com plena clareza, o que é realmente a primeira ordem de mundos. Sóis espirituais extraordinários, cintilantes, com infinitos esplendores no espaço. Radiantes esferas que jamais poderiam ser percebidas pelos astrônomos através de seus telescópios.

Pensai, agora, no que são os bilhões e trilhões de mundos e estrelas que povoam o espaço sem fim.

Recordai, agora, as galáxias; qualquer destas, tomada em separado, é certamente um macrocosmo; e a nossa, a via láctea, não é uma exceção.

Que diremos do deuterocosmos? Inquestionavelmente, todo sistema solar, não importa a galáxia à qual pertença, seja esta de matéria ou de antimatéria, obviamente é um deuterocosmos.

Terras do espaço são tão numerosas como as areias do imenso mar. Indubitavelmente, qualquer uma destas, todo planeta, não importa qual seja seu centro de gravitação cósmica, é, por si mesmo, um mesocosmos.

Muito se tem dito sobre o microcosmos homem. Nós enfatizamos a ideia transcendental de que cada um de nós é um autêntico e legítimo microcosmos. Não obstante, não somos os únicos habitantes do infinito; é claro

que existem muitos mundos habitados. Qualquer habitante do cosmos ou dos cosmos é um autêntico microcosmos.

Por último, convém saber que dentro de todo planeta existe o reino mineral submerso com seus próprios infernos atômicos. Estes últimos sempre se acham situados no interior de qualquer massa planetária e nas infradimensões da natureza, debaixo da zona tridimensional de Euclides.

Entenda-se, pois, senhores e senhoras, que a primeira ordem de mundos é completamente diferente da segunda e que cada cosmos é absolutamente desigual, radicalmente distinto.

A primeira ordem de mundos é infinitamente divinal, inefável; não existe nela nenhum princípio mecânico; é governada pela única lei.

A segunda ordem é inquestionavelmente controlada pelas três forças primárias que regulam e dirigem toda a criação cósmica.

A terceira ordem de mundos, nossa galáxia, qualquer galáxia do espaço sagrado, é indubitável que é controlada por seis leis.

A quarta ordem de mundos, nosso sistema solar ou qualquer sistema solar do infinito espaço, sempre é controlada por doze leis.

A quinta ordem, nossa Terra ou qualquer planeta similar ao nosso, girando ao redor de qualquer sol, acha-se absolutamente controlada por 34 leis.

Na sexta ordem cósmica, qualquer organismo humano encontra-se definitivamente controlado por quarenta e oito leis, e isto o vemos totalmente comprovado na célula germinal humana, constituída, como já é sabido, por quarenta e oito cromossomos.

Por último, a sétima ordem de mundos está sob o controle total de noventa e seis leis.

Quero que vós saibais, de forma precisa, que o número de leis, nas regiões abismais, se multiplica escandalosamente.

É ostensível que o primeiro círculo dantesco está sempre sob o controle de noventa e seis leis. Entretanto, no segundo se duplica esta quantidade, dando 192 leis; no terceiro se triplica; no quarto se quadruplica; de tal forma que se pode multiplicar a quantidade de 96×2 , $\times 3$, $\times 4$, $\times 5$, $\times 6$, $\times 7$, $\times 8$ e $\times 9$. Assim, pois, no nono círculo, multiplicando as 96×9 , nos darão 864 leis.

Se vós refletirdes profundamente sobre o primeiro cosmos, vereis que lá existe a mais plena liberdade, a mais absoluta felicidade, porque tudo é governado pela única lei.

No segundo cosmos ainda existe a plena dita, porque é completamente controlado pelas três leis primárias de toda a criação.

Entretanto, no terceiro cosmos já se introduz um elemento mecânico, porque estas três leis primitivas divinais, dividindo-se em si mesmas, convertem-se em seis. Obviamente, neste já existe certo automatismo cósmico. Já não são as três forças únicas as que trabalham, pois estas, ao se dividirem em si mesmas, originaram o jogo mecânico de qualquer galáxia.

Vejam os senhores o que é um sistema solar. É claro que, nele, já as seis leis se dividiram novamente, para se converterem em doze, aumentando a mecanicidade, o automatismo, a complicação, etc., etc.

Limitemo-nos, agora, a qualquer planeta do infinito e muito especialmente ao nosso mundo terrestre. Obviamente é mais heterogêneo e complicado, porque as doze leis do sistema se converteram em vinte e quatro.

Olhemos, agora, francamente, o microcosmos homem. Examinemos a célula germinal e encontraremos os quarenta e oito cromossomos, viva representação das quarenta e oito leis que controlam todo nosso corpo.

Obviamente, ao se dividirem estas quarenta e oito leis em si mesmas, originam as noventa e seis do primeiro círculo dantesco.

Quero, pois, que vocês, senhores e senhoras, compreendam o lugar que ocupamos no raio da criação.

Alguém disse que inferno vem da palavra infernus, que em latim significa região inferior. Assim, enfatizou a ideia de que o lugar que nós ocupamos na região tridimensional de Euclides é o Inferno, por ser, segundo ele, o lugar inferior do cosmos.

Desgraçadamente, aquele que fez tão insólita afirmação desconhecia realmente o raio da criação. Se ele tivesse tido maior informação, se estivesse estudado os sete cosmos, ter-se-ão dado conta cabal de que o lugar inferior não é este mundo físico em que vivemos, senão o sétimo cosmos, situado exatamente no interior do planeta Terra, nas infradimensões naturais, sob a zona tridimensional de Euclides.

P. – Venerável Mestre, depois de escutar com toda atenção e paciência a científica exposição sobre o raio da criação, observamos que, ao se referir à primeira ordem, ou seja, ao protocósmos, menciona que o movimento, a vida corresponde à primeira lei, onde impera a liberdade absoluta. Foi-nos dito, seguindo as palavras do Grande Kabir Jesus: “Descubra a verdade e a verdade te fará livre.” Deve-se entender, seguindo a lei das analogias e das correspondências, que, para sermos nós os homens que nos movemos e temos nosso ser na sexta ordem de mundos, ou seja, o microcosmos, para vivenciarmos a verdade e, portanto, sermos completamente livres, devemos pugnar para chegarmos a ser habitantes desses mundos regidos pela única lei?

V.M. – Com o maior gosto darei resposta à pergunta que fez o cavalheiro.

Distintos senhores e senhoras! É indispensável compreender que a maior número de leis, maior grau de mecanicidade e dor; a menor número de leis, menor grau de mecanicidade e dor.

Inquestionavelmente, no Sagrado Absoluto Solar, no sol central espiritual deste sistema solar no qual vivemos, nos movemos e temos o nosso ser, não existe mecanicidade de nenhuma espécie e, portanto, é óbvio que ali reine a mais plena bem-aventurança.

Ostensivelmente, devemos lutar de forma incansável por nos libertar das 48, 24, 12, 6 e 3 leis, para regressarmos realmente ao Sagrado Sol Absoluto do nosso sistema.

P. – Mestre, deduz-se, pelo explicado anteriormente, que os mundos com mais leis são mais mecânicos e, portanto, logicamente mais densos e materiais. Isto quer dizer que os mundos infradimensionais ou infernais ocasionarão maior sofrimento e que, por esta razão, os chamamos a região das penalidades e dos castigos?

V.M. – Esta pergunta do auditório me parece bastante interessante e é claro que me apresso a respondê-la com o maior agrado.

Distinto senhor! Quero que saiba o senhor e que todos entendam que a maior número de leis, maior grau de mecanicidade e dor.

As 96 da primeira zona infernal resultam terrivelmente dolorosas. Sem dúvida, conforme tal número de leis se multiplica e cada uma das zonas infradimensionais, também se multiplica a dor, a mecanicidade e o pranto.

P. – Venerável Mestre, observamos que anteriormente nos fala o senhor dos nove círculos concêntricos na região das infradimensões, as quais correspondem aos nove círculos das supradimensões do cosmos. Não obstante, ao referir-se ao raio da criação somente enumera e explica sete cosmos. Não há nisso alguma incongruência?

V.M. – Honorável senhor! É indispensável que o senhor faça uma clara diferenciação entre os sete cosmos, os nove céus e os nove círculos dantescos das infradimensões naturais.

Obviamente, os nove céus se encontram relacionados, como já dissemos, com as nove regiões submersas sob a epiderme da Terra. Isto o viu Enoque em estado de êxtase no Monte Mória, lugar onde edificara, mais tarde, um templo subterrâneo com nove pisos interiores, para alegorizar o realismo transcendental de sua visão.

É inquestionável que os nove céus se acham plenamente concretizados nas esferas da Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. É claro que todos estes nove céus correspondem ao deuterocosmos.

Fica, pois, esclarecido em sua mente o fato de que os sete cosmos não são os nove céus?

P. – Mestre, ao nos dizer o senhor que, conforme se vai baixando a maior número de leis, desde o primeiro cosmos até as regiões infernais, a mecanicidade, o automatismo, a materialidade se faz cada vez maior, faz-nos pensar que, ao nos irmos afastando das três leis primárias, apartamo-nos, ao mesmo tempo, da vontade direta do Pai, ficando à nossa própria e miserável sorte. É este o caso?

V.M. – Distinto cavalheiro! Honoráveis damas que neste auditório me escutam! Quero que os senhores saibam, de forma clara e precisa, que mais além de todo este jogo de mundos que forma nosso sistema solar, resplandece, glorioso, o Sagrado Absoluto Solar.

É indubitável que no sol central espiritual, governado pela única lei, existe a felicidade inalterável do eterno Deus vivo. Desafortunadamente, conforme nós afastamos mais e mais do Sagrado Sol Absoluto, penetramos em mundos cada vez mais e mais complicados, onde se introduz o automatismo, a mecanicidade e a dor.

Obviamente, no cosmos de três leis, a dita é incomparável, porque a materialidade é menor. Nesta região, qualquer átomo possui, dentro de sua natureza interior, tão somente três átomos do Absoluto.

Quão distinto é o terceiro cosmos! Lá a materialidade aumenta, porque qualquer de seus átomos possui, em seu interior, seis átomos do Absoluto.

Penetramos no quarto cosmos. Ali encontramos mais densa a matéria, devido ao fato concreto de que qualquer de seus átomos possui, em si mesmo, doze átomos do Absoluto.

Concretizemos um pouco mais. Se examinamos cuidadosamente o planeta Terra, veremos que qualquer de seus átomos possui, em sua natureza íntima, 24 átomos do Absoluto.

Baixemos um pouco mais e entremos no reino da mais crua materialidade, nos mundos infernos, sob a crosta do planeta em que vivemos, e descobriremos que, na primeira zona infradimensional, a densidade aumentou espantosamente, porque qualquer átomo inumano possui, dentro de sua natureza íntima, 96 átomos do Absoluto.

Na segunda zona infernal, todo átomo possui 192 átomos; na terceira, todo átomo possui em seu interior 384 átomos do Absoluto, etc., etc., etc., aumentando, assim, a materialidade de forma espantosa e aterradora ...

Ao nos submergir dentro de leis cada vez mais complexas, obviamente nos independentizamos, de forma progressiva, da vontade do Absoluto e caímos na complicação mecânica de toda esta grande natureza. Se queremos reconquistar a liberdade, devemos liberar-nos de tanta mecânica e de tantas leis e voltar ao Pai.

P. Querido Mestre, se não se faz a vontade divina no microcosmos homem, então por que se diz que “não se move a folha de uma árvore sem a vontade de Deus”?

V.M. – Distinto cavalheiro! No sagrado Absoluto Solar, como já dissemos, só reina a única lei. No cosmo das três leis ainda se faz a vontade do Pai, porque tudo é governado pelas três leis fundamentais.

Entretanto, no mundo das seis leis já existe, fora de toda dúvida, uma mecanicidade que, em certo sentido, a faz independente da vontade do Absoluto. Pense o senhor, agora, nos mundos de 24, 48 e 96 leis.

É obvio que, em tais ordens de mundos, a mecanicidade se multiplica independentemente do Sagrado Absoluto Solar. Isto, claro, daria espaço como para dizer que o Pai fica excluído de toda criação. Entretanto, é bom que todos saibam que toda mecanicidade é previamente calculada pelo Sagrado Sol Absoluto, já que não poderiam existir as distintas ordens de leis e os diversos processos mecânicos, se assim não tivesse sido disposto pelo Pai.

Este universo é um todo dentro da inteligência do Sagrado Absoluto Solar e estes fenômenos se vão cristalizando de forma sucessiva, pouco a pouco. Entendido?

P. – Venerável Mestre! Poder-nos-ia o senhor dizer a razão pela qual relaciona o sete nas leis da criação, no organismo humano e nos mundos? É uma tradição ou é realmente uma lei?

V.M. – A pergunta que faz o cavalheiro merece uma resposta imediata. Quero que todos vocês, senhores e senhoras, compreendam com inteira claridade meridiana o que são as leis do três e do sete. É urgente que saibam que os cosmocratores, criadores deste universo no qual vivemos, nos movemos e temos nosso ser, cada um, sob a direção de sua Divina Mãe Kundalini cósmica particular, trabalhou na aurora da criação, desenvolvendo no espaço as leis do três e do sete, a fim de que tudo tivesse vida em abundância. Só assim pôde existir nosso mundo. Não é pois, estranho que todo processo cósmico natural se desenvolva de acordo com as leis do três e do sete. De modo algum nos deve parecer algo insólito que tais leis se achem relacionadas no infinitamente pequeno e no infinitamente grande, nos microcosmos e nos macrocosmos, em tudo o que é, em tudo o que foi e em tudo o que será.

Pensemos, por um momento, nos sete chacras da espinha dorsal, nos sete mundos principais do sistema solar, nas sete rondas de que fala a Teosofia antiga e moderna, nas sete raças humanas, etc., etc., etc.

Todos estes gigantescos processos setenários, toda sétupla manifestação de vid tem por base as três forças primárias: positiva, negativa e neutra. Entendido?

P. – Mestre, por que, quando fala da criação dos mundos, seres ou galáxias, se expressa em termos tais como é claro, é indubitável, é óbvio, é natural, etc.? Em que se baseia para dizê-lo com tal segurança?

V.M. – Vejo ali, no auditório, que alguém fez uma pergunta bastante interessante e sinto agrado em responder-lhe.

Senhores e senhoras! Quero que vocês saibam, de forma concreta, clara e definitiva, que existem duas classes de razão. À primeira, denominá-la-emos subjetiva; à segunda qualificá-la-emos como objetiva.

Inquestionavelmente, a primeira tem por fundamento as percepções sensórias externas. A segunda é diferente e só se processa de acordo com as vivências íntimas da Consciência.

É óbvio que, atrás dos termos citados pelo cavalheiro, encontra-se, realmente, os diversos funcionalismos de minha própria Consciência. Utilizo tais palavras da linguagem como veículos específicos de meus conceitos de conteúdo.

Com outras palavras, ponho certa ênfase para dizer ao cavalheiro e ao honorável auditório que me escuta o seguinte: Jamais utilizaria as palavras citadas pelo senhor, se antes não tivesse verificado, com meus poderes conscientivos, com minhas faculdades cognoscitivas transcendentais, a verdade de tudo o que estou afirmando. Gosto de usar termos precisos, com o propósito de fazer conhecer ideias exatas. Isso é tudo!

P. – Venerável Mestre, o senhor mencionou, em sua anterior exposição, a aurora da criação. Poderia explicar-nos em que época funcionou e de quem foi a obra?

V.M. – Distinto cavalheiro! Na eternidade não há tempo. Quero que todos os que nesta noite assistiram a nossa conferência compreendam perfeitamente que o tempo não tem um fundo real, uma origem autêntica, legítima.

Certamente e em nome da verdade, devo dizer-lhe que o tempo é algo meramente subjetivo, que não possui uma realidade objetiva, concreta e exata.

O que existe realmente é a sucessão de fenômenos. Sai o sol e exclamamos:

“São seis da manhã”. Oculta-se e dizemos: “São seis da tarde.

Transcorreram doze horas”. Porém, em que parte do cosmos estão essas horas, esse tempo? Podemos, acaso, agarrá-lo com a mão, pô-lo sobre uma mesa de laboratório? De que cor é esse tempo, de que metal ou substância é feito? Reflitamos, senhores, reflitamos um pouco.

É a mente a que inventa o tempo, porque o que verdadeiramente existe de forma objetiva é a sucessão de fenômenos naturais. Desgraçadamente, nós cometemos o erro de pôr tampo a cada movimento cósmico.

Entre o sair e o ocultar-se o Sol, pomos nossas queridas horas.

Inventamo-las, anotamo-las ao movimento dos astros; mas estas são uma fantasia da mente.

Os fenômenos cósmicos se sucedem uns aos outros, dentro do instante eterno da grande vida em seu movimento. No Sagrado Sol Absoluto, nosso universo existe como um todo íntegro, unitotal, completo. Nele se processam todas as mudanças cósmicas dentro de um momento eterno, dentro de um instante que não tem limites.

Resulta evidente e manifesto que, ao se cristalizarem os distintos fenômenos sucessivos deste universo, vem à nossa mente, desgraçadamente, o conceito tempo. Tal conceito é sempre posto entre fenômeno e fenômeno.

Realmente, o Logos Solar, o Demiurgo Arquiteto do Universo é o verdadeiro autor de toda esta criação. Não obstante, não podemos pôr uma data à sua obra, à sua cosmogênese, porque o tempo é uma ilusão da mente e isto está muito mais além de todo o meramente intelectual. Inferno ou os mundos infernos existem desde toda a eternidade. Recordemos aquela frase de Dante em sua Divina Comédia: “Por mim se vai à cidade do pranto; por mim se vai à eterna dor; por mim se vai a raça condenada; a justiça animou meu sublime Arquiteto; fez-me a Divina Potestade, a Suprema Sabedoria e o Primeiro Amor. Antes que eu não tive nada criado, à exceção do imortal, e eu duro eternamente. Oh! Vós, os que entraís, abandonai toda a esperança!”

P. – Venerável Mestre, segundo pude dar-me conta, o Mestre G coloca o mundo das 96 leis na Lua. Ao contrário, o senhor afirma que essa região se encontra debaixo da epiderme do organismo planetário em que vivemos. Poderia explicar-me a razão desta divergência de conceitos?

V.M. – Honorável senhor! Apresso-me a dar resposta à sua pergunta.

Certamente, o Mestre G pensa que o raio da criação termina na lua; e eu afirmo, de forma enfática, que este conclui nos mundos submersos, no Inferno.

A Lua é algo diferente, distintos senhores, pertence ao passado dia da criação. É um mundo morto, é um cadáver.

As viagens dos astronautas a nosso satélite vieram demonstrar, de forma contundente e definitiva, o fato irrefutável de que a Lua é um mundo morto. Não sei como o Mestre G se equivocou em seus cálculos. Qualquer lua do infinito espaço é sempre um cadáver. Desafortunadamente, o Mestre G acreditou firmemente que, em nosso sistema, a Lua era um mundo novo que surgia do caos, que nascia.

Num passado dia cósmico, a Lua teve vida em abundância, foi uma maravilhosa terra do espaço; porém, já morreu e num futuro haverá de desintegrar-se totalmente. Isso é tudo!

P. – Querido Mestre, de acordo com o Mestre G, nosso satélite, a Lua, originou-se por um desprendimento de matéria terrestre, devido às forças magnéticas de atração tremendas, dentro das leis de gravidade, formando um mundo novo, onde seguramente ingressam as almas perdidas, para sofrer nestas regiões infradimensionais do Averno. Quer dizer, Mestre Samael, que o Mestre G chegou a esta conclusão porque suas faculdades cognoscitivas eram pobres?

V.M. – Escuto a pergunta do senhor e é claro que sinto prazer em responder-lhe. De modo algum quero subestimar as faculdades psíquicas do Mestre G. Obviamente cumpriu uma missão maravilhosa e seu labor é esplêndido. Não obstante, o homem tem direito de se equivocar. É possível que ele tomasse essa informação relacionada com Selene de alguma lenda, de alguma fonte, de alguma alegoria, etc., etc., etc. Em todo caso, nós afirmamos, de forma enfática, o que nos consta, o que pudemos verificar por nós mesmos, diretamente, sem menosprezar o labor de nenhum outro mestre.

Que de alguma colisão entre a Terra e outro planeta tenha partido a Lua ou que ela tenha emergido do Pacífico, como sustém outro respeitável mestre, são conceitos que respeitamos, porém que nós não evidenciamos praticamente.

Afirmo, de forma contundente e com certa ênfase, e me limito exclusivamente a expor, com minha razão objetiva, o que por mim mesmo pude ver, tocar e palpar.

Jamais, em todo o cosmos, chegamos a saber que alguma lua se converta em mundo habitável. Qualquer iniciado bem desperto sabe, por experiência direta, que os mundos e as plantas e tudo o que existe, nasce, cresce, envelhece e morre.

É ostensível que qualquer planeta que falece, de fato e por direito próprio, se converte num cadáver, numa lua.

Nosso planeta Terra não será uma exceção e podem estar vocês seguros, senhores e senhoras, que, depois da sétima raça humana, se converterá também em uma nova lua.

Sejamos, pois, exatos. Eu sou matemático na investigação e exigente na expressão. Temos métodos, sistemas e procedimentos, mediante os quais podemos e devemos pôr-nos em contato com esses mundos infernos; então reconheceremos o realismo da Divina Comédia de Dante, que situa o Inferno debaixo da epiderme do planeta Terra.

4 – Mônadas e Essências

Queridos amigos! Novamente estamos reunidos aqui, neste lugar, para conversar detidamente sobre as distintas causas que conduzem os humanoides intelectuais pelo caminho descendente, até as regiões infernais.

Inquestionavelmente, milhões de criaturas involutivas descendentes estão, nestes instantes, atravessando o Aqueronte, para ingressar no Averno.

Ondas de humanoides, depois de completar o ciclo de existências no mundo físico tridimensional de Euclides, deixam de tomar humanos corpos, para submergir no reino mineral.

Certamente, o mal do mundo, por monstruoso que este seja, tem um dique, um limite definido.

Que seria do universo se não existisse um obstáculo infranqueável para o mal?

Obviamente, este último se desenvolveria infinitamente, até reinar soberanos em todas as esferas.

Cabe aqui destacar, com inteira claridade meridiana, a tremenda realidade das 108 existências que são atribuídas a toda Essência vivente, a todo princípio anímico divinal.

Vem isto recordar-nos as 108 contas do colar de Buda e as 108 voltas que o brâmane indostânico faz ao redor da vaca sagrada. É indubitável que com a última destas finaliza seu rito diário; então introduz a ponta da cauda do mencionado animal alegórico dentro do vaso de água que vai beber.

Entendido tudo isto, podemos prosseguir. É óbvio que a Divina Mãe Kundalini, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes intenta conseguir nossa autorrealização íntima durante o curso das 108 existências, que a cada um de nós nos são atribuídas. Ostensivelmente, dentro de tal ciclo de vidas sucessivas, temos inumeráveis oportunidades para a autorrealização. Aproveitá-las é o indicado. Desafortunadamente, nós reincidimos no erro incessantemente e o resultado, ao fim, sói ser o fracasso.

Resulta evidente e manifesto que nem todos os seres humanos querem trilhar a senda que há de conduzi-los à liberação final.

Os distintos mensageiros que vem do alto, profetas, avatares, grandes apóstolos, quiseram sempre sinalizar-nos, com precisão exata, a pedregosa senda que conduz à autêntica e legítima felicidade.

Desgraçadamente, as pessoas nada querem com a sabedoria divina. Encarceraram os mestres, assassinaram os avatares, banharam-se com o sangue dos justos, odeiam mortalmente tudo o que tenha sabor de divindade.

Não obstante, todos, como Pilatos, lavam as mãos. Creem-se santos, supõem que marcham pelo caminho da perfeição.

Não podemos negar o fato contundente e definitivo de que existem milhões de equivocados sinceros que, muito honradamente, se presumem de virtuosos e pensam de si mesmos o melhor.

No Tártaro vivem anacoretas de toda espécie, místicos equivocados, sublimes faquires, sacerdotes de muitos cultos, penitentes de toda espécie, que tudo aceitariam, menos a tremenda verdade de que estão perdidos e que marcham pelo caminho da maldade.

Com justa razão disse o Grande Kabir Jesus: “De mil que me buscam, um em encontra; de mil que me encontram, um me segue; de mil que me seguem, um é meu.”

O Bhagavad-Gita diz, textualmente, o seguinte: “Entre milhares de homens, talvez um intente chegar à perfeição; entre os que tentam, possivelmente um logra a perfeição; e, entre os perfeitos, quiçá um me conhece perfeitamente.”

Jesus, o Grande Kabir, põe ênfase na dificuldade para entrar no reino: “Mas, ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque cerrais o Reino dos Céus diante dos homens, pois não entraís vós, nem deixais entrar os que estão entrando. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque devorais as casas das viúvas e, como pretexto, fazeis longas orações. Por isto recebereis maior condenação.” Referindo-se ao Grande Kabir Jesus a tantos falsos apóstolos que andam por aí fundando diversas seitas, que jamais conduzirão a liberação final, diz: “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque percorreis mar e terra para fazer um prosélito e, uma vez feito, o fazeis duas vezes mais filho do Inferno que vós.”

O grava, distintos amigos, nobres irmãos, respeitáveis damas, é que aqueles que estão perdidos, os equivocados sinceros, pensam sempre que vão muito bem.

Como fazer compreender às pessoas que vão mal? Como fazer-lhes entender que o caminho que conduz ao Abismo está empredado de boas intenções? De que forma poderia demonstrar às pessoas de Consciência adormecida que a seita à qual pertencem ou a escola tenebrosa à qual se afiliaram há de conduzi-los ao Abismo e à morte segunda?

É inquestionável que ninguém pensa de sua seita o pior. Todos estão convencidos com as palavras dos cegos guias de cegos.

Certamente e em nome da verdade, temos que dizer, com grande franqueza, que só despertando Consciência poderemos ver o caminho angusto, estreito e difícil que conduz à luz.

Como poderiam ver a senda aqueles que dormem? Acaso a mente poderia descobrir a verdade?

Escrito está, com palavras de ouro, no grande livro da vida universal, que a mente não pode reconhecer o que jamais conheceu.

Credeis vós, acaso, que a mente conheceu alguma vez isso que é o real, a verdade?

É ostensível que o entendimento vai do conhecido ao conhecido, move-se dentro de um círculo vicioso, e sucede que a verdade é o desconhecido de instante em instante.

Rogo-vos, queridos irmãos, nobres amigos, distintas damas, que refletais um pouco.

A mente pode aceitar ou rechaçar o que queira, crer ou duvidar, etc., etc., etc., porém, jamais poderá conhecer o real.

Observai cuidadosamente o que acontece nos distintos rincões do mundo. É ostensível que por todo lugar circulam os livros sagrados e eles servem de fundamento a muitos cultos religiosos.

Não obstante, quem entende os conceitos de conteúdo desses livros? Quem tem plena Consciência do que em cada versículo está escrito? As multidões só se limitam a crer ou a negar, e isso é tudo.

Como prova disto que estou afirmando, vede quantas seitas se formaram com os versículos maravilhosos dos quatro evangelhos cristãos.

Se os devotos tivessem plena Consciência do crístico evangelho predicado pelo Grande Kabir Jesus, é óbvio que não existiriam tantas seitas. Em verdade, haveria uma só religião crística de tipo cósmico-universal. Não obstante, os crentes não conseguem pôr-se de acordo, porque têm a Consciência adormecida nada sabem, nada lhes consta, nunca observaram pessoalmente com um anjo, jamais entraram consciente e positivamente

nas regiões celestes. Andam, porque outros andam; comem, porque outros comem; dizem o que os outros dizem e, assim, marcham, desde o berço até o sepulcro, com uma venda nos olhos.

Desgraçadamente, o tempo passa com uma rapidez que aterra. Acaba o ciclo de existências humanas e, por último, convencidos os devotos de que vão pelo caminho reto, ingressam na morada terrível de Plutão, onde somente se escuta o pranto e o ranger de dentes.

O descenso das ondas humanas no interior do organismo planetário realiza-se baixando pelas escalas animal e vegetal, até ingressar definitivamente no estado mineral, no próprio centro do planeta Terra.

Quero que saibas, quero que compreendais que é no próprio centro deste planeta onde milhões de humanoides passam por essa morte segunda de que falara o Apocalipse de São João.

É evidente que a destruição do si mesmo, a aniquilação do ego, a dissolução do si mesmo nas regiões submersas do Averno é absolutamente indispensável para a destruição do mal dentro de cada um de nós.

Obviamente, só mediante a morte do ego faz-se possível a liberação final da Essência. Então esta ressurge, sai à superfície planetária, à luz do Sol, para reiniciar um novo processo evolutivo dentro da roda dolorosa do Samsara.

O reascenso se verifica sempre atravessando os estados mineral, vegetal e animal, até reconquistar o estado de humanoide que outrora se perdera.

É claro que, com o reingresso a este estado, novamente nos são atribuídas outra vez 108 existências que, se não as aproveitamos devidamente, nos conduzirão pelo caminho descendente de regresso ao Averno. Em todo caso, queridos irmãos, nobres damas que me escutam, é bom que saibais que a toda Essência, que a toda Alma, são atribuídas sempre 3.000 destes ciclos de manifestação cósmica.

Aqueles que fracassam definitivamente, aqueles que não sabem aproveitar as inumeráveis oportunidades que estes 3.000 períodos nos deparam, nos conferem, ficarão para sempre excluídos da maestria. Neste último caso, aquela chispa imortal que todos levamos dentro, a Mônada sublime, recolhe sua Essência, quer dizer, seus princípios anímicos, absorve-a em si mesma e submerge, logo, no Espírito Universal da Vida para sempre.

Assim, pois, as Mônadas sem maestria, aquelas que não a lograram ou não a quiseram definitivamente, ficaram excluídas de toda escala hierárquica. Aclaro: nem todas as chispas imortais, nem todas as Mônadas sublimes querem a maestria.

Quando alguma Mônada, quando alguma chispa divinas quer de verdade alcançar o sublime estado de Mônada Mestre, é indubitável que trabalha então a sua Essência, despertando, nesta alma, infinitos anéis de espiritualidade transcendente.

P. Querido Mestre, por tudo o que o senhor acaba de expor, parece ser, se não me equívoco, que isso é precisamente o que quis dizer o Senhor Krishna, quando falou da transmigração das almas, e também o Mestre Pitágoras, quando se referiu à metempsicose. É isto assim?

V.M. – Escuto a palavra do cavalheiro que fez a pergunta e é claro que me apresso a respondê-la. Amigos, senhoras! Certamente isto que estou afirmando esta noite tem documentação na Índia e na Grécia. A primeira, com a maravilhosa doutrina exposta por aquele antigo avatara hindustão chamado Krishna e, na segunda, a doutrina de Pitágoras.

Obviamente, a metempsicose daquele grande filósofo grego e a doutrina da transmigração das almas, ensinada pelo avatara hindu, são idênticas na forma e no fundo. Desafortunadamente, as pessoas tergiversam o ensinamento e, por último, o rechaçam de forma arbitrária.

P. Preclaro Mestre, o que não compreendo é a razão pela qual distintas figuras reconhecidas como mestres, tais como a senhora H.P.B. e Charles Leadbeater, assim como Annie Besant, fundadores da Sociedade Teosófica, e pessoas com faculdades de clarividência, clariaudiência e outros poderes nunca repararam nos fatos que tanto o Grande Kabir Jesus como Krishna, Pitágoras e o senhor, Mestre Samael, ensinaram, senão, pelo contrário, preconizaram, em vastos tratados de grande reconhecimento no mundo das escolas pseudoesotéricas, que o homem, inexoravelmente, caminha pela via ascendente da evolução, até que algum dia, no decorrer dos tempos, chega à perfeição e a ser uno com o Pai. Pode explicar-nos tal incongruência?

V.M. – Escuto a um senhor que faz uma pergunta muito importante e é inquestionável que me apresso a responder-lhe da melhor forma.

Certamente, as leis da evolução e da involução trabalham de forma harmoniosa e coordenada em toda a natureza.

É indubitável que a toda subida lhe sucede uma descida, a todo ascenso, um descenso. Seria, pois, absurdo supor que a lei da evolução fosse algo diferente.

Se ascendemos por uma montanha, indubitavelmente chegaremos ao cume, depois haveremos de descer. Assim é a lei da evolução e de involução, meus queridos irmãos.

Estas duas grandes leis constituem o eixo mecânico de toda a natureza. Se qualquer destas duas leis deixasse de funcionar sequer um momento, paralisariam, de fato, todos os mecanismos naturais. Há evolução no grão que germina, cresce e se desenvolve; existe involução no vegetal que murcha e morre.

Há evolução na criatura que se desenvolve dentro do ventre materno, na criança que nasce, no adolescente, no jovem; existe involução naquele que envelhece e morre.

Os processos evolutivos e involutivos se acham completamente ordenados dentro desta grande criação.

Desgraçadamente, aqueles que se engarrafaram no dogma da evolução não são capazes de compreender os infinitos processos destrutivos e decadentes de tudo o que é, de tudo o que foi e de tudo o que será.

Nem a evolução nem a involução poderão levar-nos jamais à autorrealização íntima do Ser.

Se nós de verdade queremos liberar-nos, se de forma séria anelamos a autêntica felicidade, necessitamos, de forma urgente e inadiável, meter-nos pela senda da Revolução da Consciência.

Não é demais enfatizar a ideia transcendental e transcendente de que não é possível chegar à grande realidade enquanto giremos incessantemente com a roda do Samsara.

De que serve, senhores e senhoras, retornar incessantemente a este vale de lágrimas, evolucionar e involucionar constantemente e baixar uma e outra vez aos mundos infernos?

É nosso dever despertar Consciência, para ver o caminho que há de conduzir-nos, com precisão absoluta, à liberação final.

Inquestionavelmente, muitas preclaras inteligências do saber oculto transmitiram à humanidade, em finais do século passado e princípios do presente, um ensinamento elementar, simples.

É claro que tais pessoas só se propuseram a ensinar publicamente as primeiras letras da doutrina secreta. Então, não se detiveram demasiado na análise das leis evolutivas e involutivas.

Já R. Steiner, em 1912, asseverou que eles, os Iniciados daquela época, só haviam entregue um ensinamento incipiente, elementar; porém que, mais tarde, se daria à humanidade uma doutrina esotérica superior, de ordem transcendental.

Agora nós estamos entregando este tipo de doutrina esotérica superior.

É, pois, indispensável não condenar ou criticar aqueles que no passado trabalharam de alguma forma pela humanidade. Eles fizeram o que puderam. Agora devemos nós elucidar e aclarar.

P. Mestre, o senhor dizia que algumas Mônadas têm interesse em autorrealizar-se e outras não, apesar de que todas emanam do Absoluto. Eu conceituava que todas tinham o dever de buscar sua autorrealização. Poderia explicar-me um pouco mais sobre isto?

V.M. – Escuto a palavra de um jovem e com o maior gosto vou responder. Antes de tudo, amigos, quero que compreendais que o divinal, Deus, o espírito Universal de Vida, não é ditatorial.

Se isso que é o real, se isso que é a verdade, se isso que não é do tempo fosse de tipo ditatorial, que sorte poderíamos nós aguardar?

Amigos, Deus respeita a si mesmo, sua própria liberdade. Com isto quero dizer-lhes que do seio do divinal não existem ditaduras. Toda chispa virginal, toda Mônada tem plena liberdade para aceitar ou rechaçar a maestria. Entendido?

P. – Com isto que nos acaba de explicar, Mestre, poderíamos dizer que a Mônada é responsável de que a Essência vá ao Inferno?

V.M. – Vejo no auditório uma dama que, com toda sinceridade, me fez uma pergunta e é evidente que alegre responder-lhe. Senhores e senhoras! Quando uma Mônada divinal quer a maestria, é ostensível que o logra trabalhando incessantemente a Essência desde dentro, desde o mais profundo.

Resulta evidente e manifesto que, se a Mônada não está interessada pela maestria, jamais despertará, na Essência incorporada, nenhuma aspiração íntima. Obviamente, neste caso, a Essência, desprovida de todo anelo, enfrascada no ego, embutida entre o mim mesmo, ingressará nos mundos infernos. Assim, pois, respondo de forma enfática, dizendo: A Mônada, sim, é culpável do fracasso de toda Essência.

Se a Mônada trabalhasse a Essência realmente, profundamente, é inquestionável que esta última jamais desceria fracassada ao Tártaro.

P. – Mestre, aterra-me pensar que tivesse minha Essência que passar em um sofrimento durante 108 vidas multiplicadas por 3.000, ou seja, 324.000 existências humanas, para que, ao final das contas, chegue a viver no Absoluta em forma de uma Mônada fracassada, ou seja, sem autorrealização. Nestas circunstâncias, bem vale a pena fazer todos os esforços e sacrifícios possíveis para me autorrealizar, por mais sofrimentos que isto implique, já que não são absolutamente nada em comparação com o que a natureza me imporá se escolho o caminho do fracasso. Não o crê o senhor assim?

V.M. – Distinto senhor, grande amigo! Permita-me dizer-lhe, de forma enfática, que toda chispa divinal, que toda Mônada pode eleger o caminho.

É indubitável que, no espaço infinito, existem trilhões de Mônadas absolutamente inocentes, mais além do bem e do mal.

Muitas destas tentaram lograr à maestria. Desafortunadamente fracassaram.

Milhões de outras jamais quiseram a maestria. Agora submergidas no seio do Espírito Universal de Vida, gozam da autêntica felicidade divina, porque são centelhas da divindade. Desafortunadamente, não possuem a maestria.

O cavalheiro que faz a pergunta é claro que tem enormes inquietudes; isto se deve a que sua Mônada interior o anima e o trabalha incessantemente. Seu dever é, pois, marchar com firmeza pela Senda do Fio da Navalha, até lograr a autorrealização íntima do Ser.

P. – Mestre, deve-se isto às quais muitas pessoas que se lhes fala dos ensinamentos gnósticos, apesar de que captam perfeitamente o que lhes explicamos, não se decidem a seguir o caminho da Revolução da Consciência? Quer dizer que sua Mônada não as trabalha para que sigam pelo caminho da autorrealização?

V.M. – Ao jovem que faz a pergunta, vou responder-lhe. Necessitamos de reflexão profunda para enfocar esta questão de diversos ângulos. Acontece que a muitas Mônadas agrada marchar lentamente, com o risco de que suas Essências fracassem em cada ciclo de humanas existências; outras preferem trabalhar suas Essências de forma intermitente, de quando em quando; e, por último, temos Mônadas que definitivamente não trabalham sua Essência jamais.

É, pois, este o motivo pelo qual nem todas as pessoas que escutam o ensinamento o aceitam realmente. Não obstante, é conveniente saber que alguém que, por exemplo, na presente existência, não aceitasse o evangelho da nova Era de Aquário poderia aceitá-lo em vidas subsequentes, sempre e quando não tenha chegado ainda às 108.

P. – Mestre, estas Mônadas que jamais estão interessadas por trabalhar a sua Essência pertencem nada mais que ao planeta Terra ou também existem em outros planetas?

V.M. – Jovem amigo! Recordai a lei das analogias filosóficas, a lei das correspondências e da numerologia; tal como é acima, é abaixo.

A Terra não é o único planeta habitado do espaço estrelado. A pluralidade dos mundos habitados é uma tremenda realidade. Isto nos convida a compreender que as Mônadas de outros planetas também gozam de plena liberdade para aceitar ou rechaçar a maestria.

Personalidade, Essência, é diferente. Com isto quero dizer, de forma enfática, o seguinte: Nem todas as humanas personalidades existentes nos outros mundos habitados do espaço infinito caíram tão baixo como nós, os habitantes da Terra.

Amigos! Nas diversas esferas do infinito existem humanidades planetárias maravilhosas que marcham de acordo com as grandes leis cósmicas. Porém, repito, nem todas as Mônadas querem a maestria.

Infernos existem em todos os mundos, em todas as galáxias; mas nem todos os infernos planetários estão habitados.

O Sol, por exemplo, é um astro maravilhoso que, com sua luz, ilumina a todos os planetas do sistema solar de Ors. Resulta interessante saber que os mundos infernos do astro-rei estão completamente limpos. Obviamente, neste brilhante sol não é possível encontrar fracassos cósmicos; nenhum de seus habitantes marcha na involução submersa. As criaturas que vivem no astro-rei são completamente divinas, espíritos solares.

É conveniente não esquecer que qualquer unidade cósmica que surge à vida possui, inevitavelmente, um reino mineral submerso nas infradimensões naturais.

Samael Aun Weor - Sim há Inferno, Sim há Diabo, Sim há Karma

Instituto Gnosis Brasil - www.gnosisbrasil.com

Existem mundos cujo reino mineral submerso está densamente povoado; entre eles, nosso planeta Terra. Isto indica, assinala o fracasso de muitas Mônadas.

Necessitamos, não obstante, aprofundar um pouco mais nesta questão e entender, com plena caridade, que o descenso de qualquer Essência à morada horripilante de Plutão nem sempre significa fracasso definitivo.

É ostensível que o fracasso final só é para as Essências, para as Mônadas que não lograram a autorrealização íntima em 3.000 ciclos ou períodos de existências. Melhor diríamos, em 3.000 voltas da roda do Samsara; pois, ao chegar à última destas, como já disse tantas vezes, as portas se fecham.

5 – Primeiro Círculo Infernal ou da Lua

Amigos meus! Hoje, aqui reunidos novamente, vamos estudar o primeiro círculo dantesco dos mundos infernos.

É indubitável que esta primeira região submersa corresponde ao “Limbus”, o Orco dos Clássicos, citado por Virgílio, o poeta de Mântua.

Foi-nos dito, com inteira claridade meridiana, que tal zona mineral se acha vivamente representada por todas as cavernas do mundo que, unidas astralmente, vêm complementando a primeira região submersa.

Diz Dante, o velho florentino, que em tal região encontrou todos aqueles inocentes que morreram sem haver recebido as águas do batismo. Deve-se entender tudo isto de forma estritamente simbólica.

Se nós estudamos cuidadosamente o Ramaiana, o livro sagrado dos indostânicos, com assombro místico podemos evidenciar o fato contundente e definitivo de que o Sacramento do Batismo é muito anterior à era cristã.

No Ramaiana podemos verificar o insólito caso de Rama, que certamente fora batizado por seu guru.

Inquestionavelmente, ninguém recebia, nos antigos tempos, a água batismal sem haver sido, antes, plenamente instruído sobre os mistérios do sexo.

É, pois, o Sacramento do Batismo um pacto de magia sexual.

Resulta extraordinário que, ao ingressar em qualquer escola de mistérios, o primeiro que se recebia era o Sacramento do Batismo.

É indispensável, é urgente transmutar as águas puras de vida no vinho de luz do alquimista. Só assim é possível lograr a autorrealização íntima do Ser.

No Orco dos clássicos, no Limbo, encontramos muitos homens ilustrados que morreram sem haver recebido as águas do batismo.

Equivocados sinceros, cheios de magníficas intenções; porém equivocados.

Pessoas que creram possível a liberação sem necessidade da magia sexual.

Assim, pois, na primeira região sublunar, debaixo da epiderme deste planeta em que vivemos, moram, frios e sepulcrais, os defuntos.

Sente-se verdadeira tristeza, suprema dor ao contemplar tantos milhões de desencarnados, vagando com a Consciência adormecida na região dos mortos.

Vede-os aí, como sombras frias, com a Consciência profundamente adormecida, como espectros da noite!

As sombras dos mortos vão e vêm por todas as partes, no primeiro círculo dantesco. Ocupam-se das mesmas atividades da vida que passou; sonham com as recordações do ontem; vivem no passado.

P. – Tem-nos explicado o senhor, Mestre, que, na primeira região subterrânea sublunar, denominada Limbo, habitam as almas dos que não foram batizados, entendendo-se por batismo um pacto de magia sexual, o que me move a fazer a seguinte pergunta: Acaso todos os seres que não tenham praticado magia sexual penetram na citada região automaticamente ao desencarnar?

V.M. – Distinto amigo! Sua pergunta resulta bastante interessante e me apresso a responder–lhe.

Quero que os senhores compreendam que a primeira região submersa é como a antessala do Inferno. Obviamente vivem ali as sombras de nossos seres queridos; milhões de seres humanos que jamais transmutaram as águas seminais no vinho de luz da alquimia.

São poucas aquelas Essências, aquelas almas que, depois da morte, logram realmente umas férias nos mundos superiores.

É indubitável que a maior parte dos seres humanos retorna de imediato a um novo organismo humano, passando uma temporada no Limbo, antes de se reincorporar novamente.

Não obstante, devido ao estado crítico em que atualmente vivemos, inumeráveis falecidos submergem definitivamente nos mundos infernos, passando pelas esferas tenebrosas da Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno.

A última destas regiões é definitiva. Ali passam os perdidos pela desintegração final, a morte segunda, tão indispensável. Graças a esta espantosa aniquilação, a Essência, a ala logra liberar–se das regiões do Tártaro, para ascender à superfície planetária e reiniciar uma nova evolução que haverá de recomeçar, inevitavelmente, desde o reino mineral.

P. – Como se deve entender, Venerável Mestre, o que, na linguagem da Igreja Romana, se diz que no Limbo entram os meninos inocentes?

V.M. – Distinto amigo. Isto dos meninos inocentes deve ser entendido de forma simbólica, alegórica.

Interprete–se a palavra “inocentes” não em sua forma prístina original, senão como ignorância radical.

Certamente, aquele que desconhece os mistérios do sexo é ignorante, ainda que se presuma de sábio e possua uma vasta erudição.

Recorde que há muitos ignorantes ilustrados que não somente ignoram, senão que, além disso, ignoram que ignoram. Entendido?

P. – Mestre, quer o senhor dizer que a pessoa que não tenha fabricado seus corpos solares não foi batizada?

V.M. – Distinto jovem! Alegra–me sua pergunta, o que nos dá base para uma bela explicação. As Sagradas Escrituras falam claramente do traje de bodas da alma, o To Soma Heliakon, o corpo de ouro do homem solar, viva representação dos corpos suprassensíveis que toda criatura humana deve formar.

Em nossos passados livros já falamos claramente sobre o trabalho relacionado com a criação dos corpos existenciais do Ser e, por isso, creio que nossos estudantes gnósticos poderão, agora, entender–nos.

É indubitável que o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não possui tais veículos e, portanto, deve criá–lo, trabalhando na Frágua Acesa de Vulcano (o sexo). Vem–me à memória, nestes instantes, o caso de um amigo que desencarnou há já alguns anos. Este era um gnóstico convencido. Contudo, não alcançou fabricar seus corpos existências do Ser. Isto o pude evidenciar na região dos mortos, no Limbo.

Fora do corpo físico o encontrei. Tinha aspecto gigantesco e seu rosto espectral era, certamente, do panteão ou cemitério.

Andava com ele por distintos lugares, por diversas ruas de uma cidade.

Inquestionavelmente, sob a região tridimensional de Euclides, no Limbo.

– Está você morto! Disse–lhe.

– Como? Impossível! Eu estou vivo! Tal foi sua resposta.

Ao passar perto de uma régia mansão, fi-lo entrar com o propósito de que se olhasse num espelho. Ele obedeceu minha indicação e, então, o vi muito surpreso.

– Trate de flutuar! Continuei dizendo. Dê um saltinho para que se convença você de que já está morto.

Aquele fantasma, obedecendo, quis voar; mas o vi precipitar-se de cabeça, ao invés de ascender como as aves. Neste instante, assumiu diversas figuras animalescas.

– Tem você agora forma de cavalo, de cachorro, de gato, de tigre, ... Assim lhe fui dizendo, conforme suas distintas facetas animalescas ressaltavam.

Certamente, aquele fantasma era formado por um conjunto de eus pendenciadores e gritões que se penetravam e compenetravam mutuamente, sem se confundir. Inúteis foram meus esforços. Aquele desencarnado não pôde entender-me; era um habitante da região dos mortos. Uma soma de eus personificando defeitos psicológicos.

Apesar daqueles amigo ter conhecido a Gnose, não havia conseguido fabricar seu corpo astral. Agora só tinha, ante minha vista, um conjunto de fantasmas, dando a impressão de uma personalidade de fachada. É óbvio que tal sujeito não havia recebido o Sacramento do Batismo. Com outras palavras, diremos que não havia transmutado as águas puras de vida no vinho de luz dos alquimistas.

P. – Mestre, quer dizer, então, que os que habitam a região dos mortos, ou seja, o Limbo, sempre terão a oportunidade de retornar a uma nova matriz?

V.M. – Distinto amigo! Não olvide você que o deus Mercúrio, com seu caduceu, tira sempre as almas submersas no Orco, com o propósito de reincorporá-las num novo organismo. Só assim é possível que, um dia qualquer, possamos ser batizados de verdade. Entendido?

P. – Querido Mestre! Eu entendo que no Limbo ingressam a Essência e os eus do defunto; porém, que não é uma região de sofrimentos. Estou no correto?

V.M. – Distinto cavalheiro! Já que você fala sobre Essência e sobre eus, é bom que coloquemos as cartas sobre a mesa de uma vez, para esclarecer conceitos e definir posições doutrinárias.

Muitos creem que o ego, o eu, o mim mesmo, o si mesmo, é algo demasiado individual. Assim o supõem, equivocadamente, os múltiplos tratadistas da moderna psicologia.

Nós, os gnósticos, vamos mais longe; gostamos de aprofundar, penetrar em todos os mistérios, inquirir, indagar, etc., etc., etc.

O eu não possui individualidade alguma; é uma soma de diversos agregados psíquicos que personificam nossos defeitos psicológicos; um punhado de erros, paixões, ódios, temores, vinganças, ciúmes, ira, luxúria, ressentimentos, apegos, cobiças, etc., etc.

Estes diversos agregados têm formas animalescas variadas nas regiões hipersensíveis da natureza.

Ao morrer, todo esse conjunto de eus pendenciadores e gritões, toda essa variada gama de agregados psíquicos continua mais além do sepulcro.

Dentro de tais valores negativos, acha-se enfrascada nossa Essência anímica, o material psíquico.

É, pois, ostensível que tal matéria anímica embutida dentro do ego submerge no Orco, no Limbo, para retornar, um pouco mais tarde, a este mundo físico.

P. – Mestre, para uma pessoa adormecida, comum e corrente, seria uma continuação de sua vida o Limbo?

V.M. – Amigo, jovem que faz a pergunta! Considero que está um pouco equivocada; é necessário perguntar melhor para esclarecer.

Não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto. Toda personalidade é filha de seu tempo; nasce em seu tempo, morre em seu tempo.

Aquilo que continua mais além do sepulcro é o ego, soma de diversos agregados psíquicos, animalescos e brutais. Quando eu contemplava o amigo do meu relato, com dor pude entender que a personalidade dele havia sido aniquilada. Tudo o que tinha, agora, ante minha vista, era uma soma de grotescas figuras animalescas, penetrando-se e compenetrando-se mutuamente, para dar uma falsa aparência de personalidade sepulcral, fria, espectral.

Que foi feito do meu amigo? Onde estava? Como não havia fabricado o corpo astral é óbvio que tinha deixado de existir. Se meu amigo tivesse fabricado um corpo astral, mediante a transmutação sexual, se tivesse praticado magia sexual realmente, é claro que, sim, teria fabricado o veículo sideral e então teria continuado com sua personalidade astral nas regiões hipersensíveis da natureza. Desgraçadamente, este não tinha sido o caso...

Ser batizado, pois, implica em haver praticado magia sexual. Quem não procedeu assim não recebeu as águas sacramentais; é um habitante do Limbo.

P. – Mestre, esta falsa personalidade, formada por estes grotescos eus, que num tempo era seu amigo, poderia chegar a ser seu inimigo nesta região sem futuro?

V.M. – Jovem amigo! É urgente que você compreenda que o ego é constituído por muitos eus e que alguns destes podem ser nossos amigos ou nossos inimigos. Indubitavelmente, alguns eus daquele fantasma ao qual me referi continuam sendo amigos meus, mas outros é óbvio que podem ser inimigos ou simplesmente grotescos fantasmas indiferentes.

Em todo caso, é o ego quem retorna desde a região do Limbo, para repetir, neste mundo físico, todos os dolorosos dramas das existências passadas.

A personalidade, como já disse, é perecedora, não retorna jamais; e isto é algo que você deve compreender claramente. Saiba diferenciar entre o ego e a personalidade. Compreendido?

P. – Devo entender, Mestre, que o verdadeiro Sacramento do Batismo o pode receber só o que se inicia no Caminho do Fio da Navalha?

V.M. – Distinto senhor! O autêntico Sacramento do Batismo, como já disse nesta conferência, é um pacto de magia sexual. Desgraçadamente, as pessoas passam pela cerimônia batismal, pelo rito, porém não cumprem o pacto jamais. Devido a isso é que ingressam no Limbo. Se as pessoas cumprissem com esse pacto religioso, entrariam de cheio na Sena do Fio da Navalha, naquele sendeiro citado por Cristo quando disse: “Estreita é a porte e difícil o caminho que conduz à luz e muitos poucos são os que o acham.” É indispensável saber que o caminho secreto que conduz as almas até a liberação final é absolutamente sexual.

P. – Mestre, então os desencarnados que têm direito a umas férias são os que começaram a praticar magia sexual?

V.M. – Distinta senhora que faz a pergunta! Convido-a a compreender que o ego jamais pode entrar nas regiões celestes. Para os agregados psíquicos só existe o Abismo e a morte segunda. Entendido?

Não obstante, vamos mais fundo para elucidar e esclarecer esta conferência. Quando o ego não é demasiado forte, quando os agregados psíquicos são muito débeis, consegue a Essência pura, a alma, liberar-se por algum tempo, para entrar nas regiões celestes e gozar de algumas férias, antes de retornar a este vale de lágrimas.

Desgraçadamente, hoje por hoje, o ego animal se faz muito forte em muitas pessoas e, por tal motivo, já as almas humanas não têm a dita de tais férias.

Certamente são muito raras, hoje em dia, aquelas almas que logram penetrar no Devachan, como dizem os teósofos, ou no causal.

Quero que todos os senhores compreendam o fato concreto daquelas almas, hoje por certo muito raras, que podem gozar, por um tempo, de tão felizes férias entre a morte e o novo nascimento, são o que poderíamos chamar no mundo de pessoas muito boas. Devido a isto, a Grande Lei os recompensa depois da morte. Entendido?

P. – Mestre, essas almas que conseguem escapar do ego para desfrutar de umas férias, ao reingressar em outra matriz, têm que voltar a engarrafar-se no ego?

V.M. – Amigos! O ego somente pode ser destruído, aniquilado de duas formas. Primeiro, mediante o trabalho consciente em nós mesmos e dentro de nós mesmos, aqui e agora. Segundo, nos mundos infernos, mediante a involução submersa, passando por espantosos sofrimentos.

Inquestionavelmente, as férias celestes não dissolvem o ego. Uma vez que a Essência, a alma, esgota os frutos de sua recompensa, ao retornar a este vale de lágrimas, ficará previamente engarrafada no seu ego, o eu, o mim mesmo.

P. – Mestre, quando a Essência retorna a uma nova matriz, engarrafada no ego, depois dessas férias, não traz o anelo de liberar-se para conseguir sua autorrealização?

V.M. – Distinta dama, sua pergunta é magnífica! Quero dizer à senhora, de forma enfática, o seguinte: O ascenso aos mundos superiores nos reconforta e ajuda.

Quando a Essência regressa de umas férias nos mundos superiores de consciência cósmica, vem fortalecida e com maior entusiasmo. Então, luta incansavelmente para conseguir sua liberação total. Não obstante, todo esforço resultaria inútil se não cumprisse com o pacto de magia sexual, contido no Sacramento do Batismo.

P. – Mestre, poderia dizer-nos como são as regiões do primeiro círculo dantesco ou da Luz, como se vive e que é que se faz?

V.M. – Ao cavalheiro que faz a pergunta passo a responder de imediato. O primeiro círculo dantesco, sublunar, representado por todas as cavernas da Terra, visto internamente, resulta bastante interessante.

Aí encontramos a primeira contraparte submersa de nossas cidades, ruas, aldeias, comarcas, regiões. Não é, pois, de estranhar que nesta região se viva uma vida semelhante à atual. De modo algum deve assombrar-nos o fato de que os falecidos visitem as casas onde viveram ou perambulem pelos lugares que antes conheceram, ocupando-se nos mesmos ofícios ou trabalhos que costumavam fazer.

Recordo o caso patético de um pobre carregador de fardos pesados. Seu ego andava, depois de morto, levando sobre suas espáduas uma carga, volume ou fardo. Quando lhe quis fazer compreender sua situação, quando lhe dei a entender que já estava bem morto e que não tinha por que estar carregando fardos pesados sobre seu corpo, olhou-me com olhos de sonâmbulo. Tinha a Consciência adormecida; foi incapaz de me compreender.

Os defuntos seguem vendendo em seus armazéns, ou comprando mercadorias, ou dirigindo automóveis, etc., etc., etc.; cada qual naqueles mesmos trabalhos em que antes estava ocupado. Resulta assombroso ver essas

cantinas cheias de embriagados desencarnados; essas casas de prostitutas fornicando mesmo depois de mortas, etc., etc., etc.

P. – Mestre, que processo seguem os que habitam o Limbo para retornar a este mundo tridimensional?

V.M. – Aqueles que habitam o Limbo devem recapitular a vida que acabam de passar, revivê-la lentamente. Concluído tal processo retrospectivo, todos os atos de nossa vida anterior ficam simplesmente reduzidos a matemáticas. Então, os juízes do carma nos fazem retornar a este vale de lágrimas, com o propósito de que emendemos nossos erros e busquemos o caminho que há de levar-nos à liberação final. Isso é tudo!

6 – Segundo Círculo Infernal ou de Mercúrio

Amigos meus! Vamos estudar agora, cuidadosamente, o segundo círculo dantesco. Quero referir-me, de forma enfática, ao aspecto negativo, ou melhor dizendo, submerso do planeta Mercúrio.

Não vamos falar sobre o céu de Mercúrio. Repito, é indispensável que investiguemos um pouco o relacionado estritamente com a antítese daquele brilhante céu.

Quando penetramos no interior da Terra com o corpo astral, podemos perfeitamente verificar, por nós mesmos e de forma direta, o que é o inferno de Mercúrio.

Ao penetrar nesta região submersa, sentimos, no fundo de nossa alma, o bulir perpétuo dessas forças passionais negativas que fluem e refluem incessantemente nesta zona subterrânea.

Não é demais dizer que ali sentimos o enfurecido vento de Mercúrio, certo elemento aéreo fatal.

É tal zona subterrânea o lugar onde vivem os fornicários, aqueles que gozam extraindo do seu organismo o esperma sagrado.

Essas infelizes criaturas do mundo soterrado, mergulhadas no vício, desesperadamente vão e vêm por aqui, por ali e acolá. Ficamos assombrados ao ver esses perdidos coabitarem incessantemente nos infernos atômicos da natureza.

Tais egos blasfemam incessantemente e odeiam de morte tudo aquilo que tenha sabor de castidade.

Ali encontramos a imperatriz Semíramis, terrível fornicária que estabeleceu, em seu país, leis que favoreceram as paixões animais.

Nessa morada de Plutão achamos também a rainha Dido, que se matou por paixão, depois de haver jurado fidelidade às cinzas de Ciqueu. Alí Páris, que sequestrara a bela Helena da antiga Tróia, e Aquiles, o impetuoso guerreiro destruidor de cidadelas.

Tártaro das desditas, abismos de iniquidade, espanto, horrores! Com profunda dor, podemos achar no segundo círculo dantesco os Bodhisattwas caídos, aqueles que assassinaram o deus Mercúrio, infelizes almas que trocaram seus direitos de primogenitura por um prato de lentilhas.

Que dor sentimos no fundo de nossa Consciência ao descobrir, nesses abismos mercurianos, os anjos caídos, citados pelas antigas teogonias religiosas.

Vão e vem pelos ares negros da submergida região aqueles que trocaram o cetro de poder pelo fuso de Ônfale.

Região onde o entendimento humano não trabalha; mundo de instintos brutais onde a lascívia se mescla com o ímpeto de violência.

Eis aí os mistérios de Minos ou de Minna! Profundidades espantosas onde vivem os tântricos negros que desenvolveram o abominável órgão Kundartiguador (causa de tantos males). Ah! Se o glorioso Arcanjo Sakaki, com sua comitiva sagrada, tivesse previsto com exatidão matemática os resultados fatais daquela cauda satânica, daquele órgão das abominações que outrora permitiu à humanidade desenvolver-se com propósitos planetários definidos, quão diferente seria o porvir da pobre humanidade doente!

É ostensível que cada ser humano é uma criatura que capta as distintas forças cósmicas para transformá-las e transmiti-las às camadas interiores da Terra.

Como no continente lemur, faz já uns 18 milhões de anos, a Terra tremia incessantemente, arrojando seus vulcões fogo e lava, certos indivíduos sagrados, encabeçados pelo Arcanjo Sakaki, permitiram o desenvolvimento do abominável órgão Kundartiguador, fogo luciferino terrivelmente negativo, projetando-se do cóccix para os infernos atômicos do homem.

Não é demais recordar que o citado Fohat negativo foi descoberto com a cauda física, tal como o vemos nos símios. Então, os moradores da Terra levaram em sua presença tal apêndice ou projeção de sua espinha dorsal.

As forças que naquela época passaram através dos humanos organismos sofreram, por isso, categóricas modificações que permitiriam a estabilidade da crosta terrestre.

Muito mais tarde na história dos séculos, outros indivíduos sagrados, considerando já desnecessário o abominável órgão Kundartiguador (cauda de Satã), eliminaram dos humanos corpos tal apêndice.

Desafortunadamente, os péssimos resultados do órgão dos conciliábulos de bruxos ficaram nos cinco cilindros da máquina orgânica conhecidos como intelecto, emoção, movimento, instinto, sexo.

Aprofundando neste tema, podemos descobrir, por nós mesmos, que tais resultados tenebrosos estão perfeitamente definidos como agregados psíquicos ou eus pendenciadores e gritões, personificando erros e constituindo o ego, o mim mesmo, o si mesmo.

Na esfera submersa de Mercúrio habitam milhões de humanas criaturas com o abominável órgão Kundartiguador totalmente desenvolvido.

Não quero com isto dizer que a cauda física dos símios se encontre atualmente desenvolvida na anatomia dos bípedes tricerebrados ou tricentrados. Certamente, aí existe um resíduo ósseo da abominável cauda, muito incipiente na anatomia humana. No entanto, o aspecto psíquico de tal órgão encontra-se na presença metafísica de milhões de humanoides racionais.

Isto o viemos a evidenciar de forma clara quando, vestidos com nosso corpo astral, penetramos nos domínios submersos de tipo mercurial, sob a epiderme do planeta Terra.

P. – Querido Mestre, desejo saber se as pessoas e os fatos que figuram em sua exposição do segundo círculo dantesco são simplesmente mitológicos ou reais; pois, ainda que Dante os menciona, entendemos que a obra dele é simplesmente uma peça literária de grande mérito.

V.M. – Nobre cavalheiro! Distintas damas! Seja-me permitido afirmar solenemente que a Divina Comédia de Dante é um texto iniciático esotérico que muito poucos seres humanos compreenderam.

Os personagens mitológicos citados neste texto, ou moradores da esfera submersa de Mercúrio, representam, simbolicamente, as vivas paixões animais de tal região.

O impetuoso Aquiles com seus terríveis desenfrenos sexuais, a Helena adúltera, Páris, o libidinoso de sempre, personificam, claramente, os habitantes da zona tenebrosa de Mercúrio.

Em particular quero dizer que um destes personagens, aquela Helena, raptada por Páris e causa de tantos males nos antigos tempos, tem outros simbolismos positivos mais formosos, sobre os quais não quero falar nestes momentos.

Olhemos unicamente seu aspecto abismal, a antítese do resplandecente, a face tenebrosa mercurial. Senhores, senhoras! Recordai que cada símbolo pode ser traduzido de sete formas diferentes. Esta noite só estamos estudando este abismo muito particular de tipo mercurial, debaixo da epiderme do planeta em que vivemos.

P. – Mestre, poderia dizer-me se este círculo mercurial é de uma escala mais densa e de maior sofrimento que a primeira?

V.M. – Amigo que faz a pergunta! Recorde o senhor o que já em passadas conferências dissemos, quando estudamos o raio da criação.

É evidente que a maior número de leis, maior número de mecanicidade e dor. A esfera submersa da Lua é governada exclusivamente por 96 leis. Não obstante, o aspecto tenebroso de Mercúrio, dentro da massa planetária em que vivemos, é constituído por 192 leis. Portanto a mecanicidade é ainda maior e, por isso, os sofrimentos são muitíssimos mais intensivos. Além do mais, os átomos desta tenebrosa esfera mercurial são muito mais pesados. Cada um destes contém, em seu interior, 192 átomos do Absoluto.

Isto quer dizer que a mercurial região tenebrosa é, portanto, mais densa que a lunar.

P. – Mestre, desta zona submersa de Mercúrio, não têm possibilidades de retornar as almas que aí ingressam?

V.M. – Distinta dama! Honoráveis senhores! Não esqueçam vocês que ao lado da justiça está sempre a misericórdia.

Nessas tenebrosas regiões abismais moram alguns Mestres da Grande Loja Branca, grandes Iniciados, seres divinos que renunciaram a toda felicidade para auxiliar os perdidos.

Quando alguma alma se arrepende na morada de Plutão, indubitavelmente, é sempre assistida por estes santos.

Inquestionavelmente, estes seres instruem, admoestam e mostram o caminho da luz a todos aqueles que de verdade se arrependem de suas perversidades.

De quando em quando, ainda que muito rara vez, logram os divinos seres tirar dos abismos de perdição alguma alma arrependida.

Quando isto sucede, esses que estavam condenados à perdição retornam, reingressam, reincorporam-se num novo organismo.

P. Por quê, Mestre, faz o senhor fincar pé em que a primeira região submersa lunar é a dos mortos e, por outro lado, não o afirma quanto à segunda zona submersa de Mercúrio?

V.M. – Bem, senhor, escute-me! Revise você, com cuidado, a Divina Comédia de Dante. Investigue por si mesmo, aprende a mover-se consciente e positivamente em corpo astral, experimente, veja.

Obviamente, o Orco dos clássicos, o “Limbus” dos cristãos e tão só a antessala do Inferno, ainda que corresponda ao primeiro círculo dantesco.

Todo Iniciado sabe que, em tal região, vivemos, depois de mortos, milhões de seres humanos.

O encontro com Minos, o demônio que marcara com as voltas de sua cauda o círculo onde devem ir os defuntos, só o achamos na esfera submersa de Mercúrio. Não é, pois, isto um capricho meu. Repito, quem queira investigar por si mesmo, de forma direta, e corroborará minhas afirmações.

P. – Mestres, não compreendo o que o senhor acaba de dizer. Por que no mundo soterrado de Mercúrio habitam os eus fornicadores que também constituem o mim mesmo, ou o eu sou, e o mesmo sucede no primeiro círculo dantesco?

V.M. – Bem, senhor! Indubitavelmente, quase todos os bípedes tricerebrados ou tricentrados, equivocadamente chamados homens, resultam, no fundo, mais ou menos fornicários. Não obstante, a Grande

Lei, como já disse em passadas conferências, assinala a toda alma 108 existências em cada ciclo de manifestação cósmica.

É evidente, é evidente e manifesto que ninguém pode ser arrojado ao abismo de perdição sem haver cumprido seu ciclo de existências.

Normalmente, os defuntos vivem no Limbo, representado, este último, por todas as cavernas da Terra. Só aqueles fornicários que já esgotaram seu ciclo de existências humanas ingressam definitivamente na submergida região negativa de Mercúrio.

Entretanto, rogo-vos, por favor, compreender-me. Existem sobre a Terra, algumas vezes, verdadeiros monstros humanoides que já não oferecem nenhuma possibilidade de redenção. São casos definitivamente perdidos e, ainda que não tenham esgotado o ciclo completo de 108 existências, inquestionavelmente entram nos mundos infernos.

P. – Mestre, sabemos que a esfera de Mercúrio é dos fornicários. Quer isto dizer que os eus se dividem nos diferentes círculos dantescos de acordo com os distintos agregados psíquicos?

V.M. – Jovem que faz a pergunta! É claro que o ego é uma soma de diversos agregados psíquicos que personificam erros. Alguns destes correspondem especificamente a um círculo dantesco e outros se acham intimamente vinculados com outros círculos mais submersos. Entretanto, a totalidade, a soma de valores negativos em seu conjunto, precipita-se, involuindo, dentro do reino mineral, até o centro de gravidade planetária.

A Consciência dos condenados deve experimentar, em cada círculo descendente, em cada infradimensão da natureza, sob a região tridimensional de Euclides, seus correspondentes defeitos psicológicos.

Esta noite estamos falando exclusivamente sobre o círculo segundo. Mais tarde, depois de haver revisado os nove círculos dantes, estudaremos detidamente a lei do movimento perpétuo. Então, todos vocês, senhores e senhoras, poderão aprofundar-se um pouco mais no tema que corresponde à pergunta que fez o jovem aqui presente.

P. – Mestre, quer dizer que neste círculo, que corresponde à luxúria, a fornicação se tornou terrivelmente mecânica e, por isso, dolorosa e asquerosa?

V.M. – Bom amigo, escute-me! Entre esse ar negro e fatal, a luxúria sói mesclar-se com a violência e, então, tudo se torna instintivo e brutal. Entendido?

P. – O que desconcerta tremendamente, Venerável Mestre, é que, apesar das torturas que nesse círculo se sofre, os que aí moram creem que vão muito bem. Quisera explicar-nos esta questão?

V.M. – Nobre senhor! As pessoas do Abismo pensam de si mesmas sempre o melhor; creem firmemente que marcham pela senda da retidão e do amor e consideram que aqueles que andamos pela senda da Revolução da Consciência marchamos, como dizem eles, até a nossa própria destruição.

Quero que os senhores saibam que os tenebrosos, movidos por boas intenções, nos tentam incessantemente, com o propósito, “diz que”, de nos salvar. Nessas regiões abismais vemos muitos anacoretas, penitentes, faquires, místicos, monges, etc., etc., etc., admoestando diversos grupos humanos e totalmente convencidos de que vão muito bem.

P. – Mestre, estas almas que estão tão convencidas de que vão muito bem não sabem que estão no Inferno?

V.M. – Nobre senhora que faz a pergunta! A palavra inferno vem do latim “infernus” que significa região inferior. No interior da Terra, achamos o mundo dos elementais naturais e é inquestionável que os perdidos jamais considerariam tais elementos ou as submergidas regiões como lugar de perdição.

As pessoas normais comuns e correntes têm a Consciência adormecida; mas aquelas que entram nas regiões abismais despertam no mal e para o mal. Tais pessoas têm uma idiossincrasia psicológica muito especial, uma lógica fatal de tipo diferente.

Não estranhe a senhora, não se assombrem os senhores de que, para os perdidos abismais, o branco é negro e vice-versa. Nomear a Jesus, o Grande Kabir, ou à Divina Mãe Kundalini nestas regiões submersas é, para tais condenados, uma blasfêmia, algo imperdoável e, conseqüentemente, isto equivaleria a provocar sua ira. Então, vê-los-íamos furibundos a nos atacar.

Não ignoram os perdidos o fato concreto de que devem passar pela morte segunda, mas não a temem. Imploram-na, pedem-na, sabem que essa é a porta de escape para retornar à superfície da Terra e reiniciar um novo ascenso evolutivo, que terá de marchar desde a pedra até o homem. Entendido?

P. – Mestre, uma pessoa como eu, que sigo uma abstenção sexual absoluta, estaria, acaso, livre de ingressar ao segundo círculo dantesco?

V.M. – Amigos, irmãos! É indispensável, é urgente e inadiável saber que a luxúria se processa nas 49 regiões do subconsciente.

Muitos santos que chegaram à suprema castidade no nível meramente intelectual fracassaram quando foram submetidos a provas nas regiões mais profundas do subconsciente.

Alguém poderia, por exemplo, ter conseguido a castidade em 48 regiões do subconsciente e falhar na 49.

Muitos homens e mulheres virtuosos, que se autoqualificaram de castos e inocentes, são, agora, habitantes do segundo círculo dantesco.

Milhares de religiosos, sacerdotes de todas as crenças, que creram haver conseguido a mais absoluta castidade, vivem, agora, no inferno de Mercúrio.

Que ninguém, pois, se autoqualifique de casto. “Quem se sinta segura que olhe para trás e não caia.”

P. – Mestre, o senhor está mencionando 49 regiões do subconsciente e, francamente, posso dizer que é a primeira vez que ouço tal número; pois, em nenhum dos tratados de psicologia, parapsicologia e psicanálise, onde são mencionados e estudados os processos da consciência, subconsciência e infraconsciência, etc., são mencionadas essas 49 divisões ou regiões que o senhor cita. Por que é isto?

V.M. – Distintos senhores! Damas que me escutam! Convém que recordemos a constituição setenária do homem autêntico.

Como o bípede tricerebrado ou tricentrado, equivocadamente chamado homem, ainda não despertou a Consciência, não criou os corpos existências do Ser, só possui, em verdade, estados subconscientes, subjetivos.

Multiplique o senhor o sétuplo aspecto por si mesmo e terá as 49 regiões subconscientes de todo humanoide.

Obviamente, despertando Consciência, estes 49 estados tornam-se conscientes e só então teríamos objetividade conscientiva, integral.

Necessitamos transformar o subconsciente em consciente, e isto somente é possível desintegrando os agregados psíquicos que constituem o ego, o mim mesmo, o si mesmo.

Recordemos que a Consciência está engarrafada em tais agregados. Desintegrando estes últimos, ela se torna desperta.

A luxúria, a fornicção do círculo submerso de Mercúrio, sob a crosta terrestre, é certamente o fundamento, a base do ego existencial.

P. – Alguns de seus livros, Mestre, explicam que, para despertar Consciência, deve-se dissecar, com o intelecto, o eu, ou defeito psicológico, que se deseja eliminar, e que isto se faça nos 49 departamentos do subconsciente. Porém, se ainda não temos a Consciência desperta, como podemos penetrar com o intelecto nessas 49 regiões? Quisera explicar-nos isto?

V.M. – Amigos! Não seria possível poder desintegrar radicalmente o ego de forma instantânea e simultaneamente em todas as 49 regiões subconscientes.

Convido-os a refletir, a investigar este assunto de forma clara e perfeita.

Quando queremos aniquilar qualquer defeito psicológico, a luxúria, por exemplo, ou qualquer outro, devemos, antes de tudo, compreendê-lo.

Não obstante, a compreensão unitotal do defeito em questão não poderia ser um fato imediato nas 49 regiões subconscientes. Isto significa um avanço progressivo no caminho do entendimento.

De forma gradual iríamos compreendendo e eliminando os eus do defeito em questão em cada uma das regiões subconscientes. Isto marcaria um desenvolvimento da Consciência metódico, profundo e ordenado.

Conforme a Consciência vai despertando, a compreensão se faz cada vez mais clara, até chegar ao nível final. Então, o defeito seria aniquilado radicalmente.

7 – Terceiro Círculo Dantesco ou Interior de Vênus

Amigos que esta noite me escutam!

Vamos diferenciar sobre os infernos venusianos, situados, como já é sabido, nas infradimensões da natureza, debaixo da epiderme da Terra.

Inquestionavelmente, trata-se de uma região muito mais densa que as duas anteriores, muito mais grosseira, porque cada átomo de matéria contém, em seu interior, 288 átomos do Absoluto.

Obviamente, trata-se de átomos mais pesados e, portanto, a materialidade é muitíssimo maior.

Ademais, o próprio fato de estar governada por 288 leis faz de tal zona subterrânea algo demasiado complicado e espantosamente difícil e doloroso.

Observemos, cuidadosamente, as cantinas, os cabarés, os prostíbulos, etc., etc., em nosso mundo tridimensional de Euclides.

Inquestionavelmente, a sombra vital de tudo isto, o aspecto sinistro das grandes orgias e bacanais, podemos encontrá-lo na esfera submersa de Vênus.

Aqueles que viveram sempre de orgia em orgia, de cantina em cantina, submergidos no lodo dos grandes festins, banquetes e bebedeiras, sabem muito bem o que se sente depois de uma noite de farra. Muitos, querendo afogar no vinho o estado desastroso em que ficam depois de uma bebedeira, continuam pelo caminho do vício até chegar à catástrofe total de seu organismo.

Ampliando esta questão, aprofundando um pouco mais este tema, posso afirmar aos senhores, de forma enfática, que, depois do prazer, vem a dor.

Agora poderão explicar, por si mesmos, qual há de ser a vida ou como há de ser a existência das almas perdidas na região submersa de Vênus.

Com justa razão, Dante encontrou, nos abismos submersos do terceiro círculo infernal, chuva incessante, frio espantoso, lodo, águas negras, podridão, etc. Não obstante, os defuntos, nestas regiões, escutam com horror os espantosos latidos de Cérbero, o cachorro infernal. Simbólico cão que, com suas três fauces cruéis, representa as paixões animais sexuais violentas, luciferinas, fora de todo o controle.

Ali, os prazeres da velha Roma dos césaes, convertidos em resultados fatias. Ali, Petrônio, que morrera no meio do bulício e da festa, amado por todas as mulheres e coroado com rosas e lauréis.

Ali, a deusa Lesbos e suas lesbianas. Ali, a poetisa Safo, que cantara todos os degenerados de sua época. Ali, a lira de Nero, feita em pedaços, e os orgulhosos senhores dos grandes festins.

Grotesca morada dos heliogábalos, glutões famosos, verdadeiros pavões reais, resplandecendo gloriosos nos antigos bulícios.

Que foi de seus copos de fino bacará? Em que ficaram as espadas dos cavalheiros, seus juramentos de amor, os beijos de sua dama, suas doces palavras, o aplauso dos convidados, as lisonjas, os louvores, as régias vestiduras, o perfume das damas, os bailes soberbos, as macias alfombras, os brilhantes espelhos, os régios poemas, a púrpura maldita e as belíssimas sedas?

Agora, só a pestilência do mundo soterrado, onde Ciacco profetizara a Dante a queda do partido vitorioso na bela Florença e o triunfo dos humilhados, os quais, depois, novamente vencidos, foram dominados de forma

mais tirânica pelos primeiros. Abominável zona de amarguras, onde este poeta, discípulo de Virgílio, de forma insólita, pergunta por Farinata e Tegghiaio e por outros que se dedicaram a fazer bem e que agora moram em regiões ainda mais profundas dos mundos infernos.

Muitos equivocados sinceros involucionando espantosamente nessas regiões abismais, pessoas que alegraram com sua lira as salas fastuosas dos grandes senhores, formosas donzelas virtuosas que cantaram poemas, infelizes bebedores de vinho nos subúrbios das cidades, etc., vivem, agora, nestes infernos do terceiro círculo dantesco.

P. – Querido Mestre, menciona o senhor que, neste terceiro círculo dantesco de Vênus, habitam muitos equivocados sinceros, quer dizer, muitas almas que indubitavelmente fizeram boas obras e que, não obstante a isso, padecem nesses infernos. Eu pergunto se acaso a sinceridade das citadas almas não constitui um atenuante que as salve de tão tenebroso castigo?

V.M. – Amigo, senhor que faz a pergunta! Muito bem podemos praticar na vida e pode você estar seguro de que as boas obras serão sempre pagas com acréscimo. O divinal jamais fica com nada, sempre paga a cada qual segundo suas obras.

Com paciência, rogo aos senhores pôr atenção, seguir o curso desta dissertação. Ouçam-me! Escutem-me! Todo aquele que esgotou o ciclo das 108 existências ingressa na involução submersa dos mundos infernos, se não logrou a autorrealização íntima do Ser.

Não obstante, é ostensível que, antes de entrar na morada de Plutão, nos pagam primeiro as boas obras.

Agora explicar-se-ão vocês, senhores e senhoras, o motivo pelo qual muitos perversos, em sua vida atual, vivem na opulência, enquanto alguns santos ou pessoas que se estão autorealizando apenas, sim, têm pão, abrigo e refúgio.

É inquestionável que, depois de serem bem pagas as boas obras, aqueles que estão sem autorrealização ingressam nos abismos subterrâneos.

Também há pessoas piedosas com delitos secretos inconfessáveis. O que de bom têm foi sempre bem pago pela lei do carma; porém, o mal as leva ao abismo de perdição.

Entenda, pois, amigo, o que é a lei de retribuição. Compreendam todos, por favor, compreendam.

P. – Venerável Mestre, quisera que o senhor me explicasse por que os fornicários habitam a região de Mercúrio, que é uma zona menos densa que a de Vênus, e os glutões e bêbados habitam a região de Vênus, que é ainda mais densa que a anterior?

V.M. – Senhores, senhoras, distinto cavalheiro que faz a pergunta! Compreendam-me, por favor!

Foi-nos dito, de forma enfática, que o pecado original é a fornicação e este é o embasamento das ondas involucionantes dos mundos infernos.

Não estou dizendo que, no terceiro círculo infernal, vivam exclusivamente os bêbados e os glutões; é óbvio que os perdidos são cem por cento fornicários irredentos. Agora explicar-se-ão os senhores, por si mesmos, o motivo pelo qual Dante encontrara o cão Cérbero, símbolo vivo dos poderes sexuais, ladrando lugubrememente nas tenebrosas regiões.

Isto significa claramente que os habitantes das submergidas regiões jamais estão livres da luxúria e sofrem espantosamente.

Entretanto, devemos especificar e assim o faz o discípulo de Virgílio e também nós. Em cada um dos nove círculos ou regiões infradimensionais da natureza, ressaltam determinados defeitos que levamos dentro e isso é tudo.

P. – Mestre, aprendemos, ao estudar as cartas do tarô egípcio, que o cão simboliza o Espírito Santo, enquanto nos guia para sair do Inferno, quando nos decidimos nos autorrealizar. Porém, o Cérbero do qual fala Dante, pelo que o senhor nos diz, simboliza a luxúria. Quisera o senhor esclarecer-nos esta dissertação?

V.M. – Cavaleiro! Seja-me permitido informar-lhe que o cão de Mercúrio é estritamente simbólico, pois alegoriza claramente o poder sexual.

Hércules o tirou do Abismo para que lhe servisse de guia e isso mesmo fazemos nós quando conseguimos a castidade. Então, trabalhando na Forja dos Ciclopes, praticando magia sexual, transmutando nossas energias criadoras, avançamos pela Senda do Fio da Navalha até a liberação final.

Ai do cavaleiro que abandona seu cão! Extraviar-se-á do caminho e cairá no abismo de perdição.

Desafortunadamente, o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não logrou a castidade; quer dizer, não tirou Cérbero dos domínios infernais.

Agora, explicar-se-ão os senhores, por si mesmos, o motivo pelo qual sofrem os defuntos nos abismos plutonianos, quando escutam os ladridos de Cérbero, o cão das três fauces famintas.

É óbvio que os perdidos sofrem com a sede insaciável da luxúria no espantoso Tártaro.

P. – Mestre, poderia dizer-nos como são os bacanais e as orgias no terceiro círculo dantesco ou região submersa de Vênus?

V.M. – Senhores, senhoras! Ao escutar esta pergunta, vêm à minha memória aqueles tempos da juventude.

Então, eu também concorri aos grandes festins, onde brilhava, no meio do bulício e da festa; noites de bebedeira e de orgia que só deixavam amarguras, remorsos de consciência, etc., etc., etc. Depois de uma dessas festas, fui levado ao terceiro círculo dantesco. Absolutamente consciente, vestido com meu corpo astral, sentei-me à cabeceira da mesa fatal, na festa dos demônios.

Crua realidade de uma materialidade espantosa, cuja só recordação comove as fibras mais íntimas de minha alma.

A mesa estava cheia de garrafas de licor e pratos imundos, muito especiais para glutões.

No centro daquela mesa havia uma grande bandeja, sobre a qual ressaltava uma cabeça de porco.

Horrorizado ante aquele festim macabro, horripilante, olhava com dor o lugar da orgia.

De repente, tudo mudou. Meu Real Ser divinal, o Íntimo, aquele anjo do Apocalipse de São João que tem em suas mãos a chave do Abismo, agarrando-me fortemente por um braço, arrancou-me daquela sala como por encanto e, arrojando-me sobre um branco lençol mortuário que ali havia, sobre o asqueroso piso cheio de lodo, com uma grande corrente me açoitou, ao mesmo tempo que me dizia: “Tu és meu Bodhisattwa, minha alma humana, e te necessito para entregar a mensagem da nova Era de Aquário à humanidade. Vais me servir ou o quê?” Então, eu, compungido de coração, lhe respondi: “Sim, senhor! Servir-te-ei, estou arrependido; perdoa-me, pois!”

Assim foi, amigos, como vim a aborrecer licores, festins, gluttonices, bebedeiras, etc., etc., etc. De toda essa imundície, o único que resulta são as lágrimas, simbolizadas pela chuva dessa horrível região, por essas águas pestilentas da amargura e pelo lodo horroroso da miséria.

8 – Quarto Círculo Infernal ou Esfera Submersa do Sol

Distintos amigos! Vamos esta noite estudar conscientemente o quarto círculo dantesco, situado nas infradimensões naturais, debaixo da região tridimensional de Euclides.

Os que passamos pelos diversos processos esotéricos transcendentais nas dimensões superiores pudemos verificar, por nós mesmos e de forma direta, o cru realismo do reino mineral submerso solar.

Inquestionavelmente, nos infernos solares do resplandecente astro que dá vida a todo este sistema solar de Ors, não vemos os grotescos espetáculos dantescos dos infernos terrestres.

É óbvio que no reino mineral submerso solar existe a pureza mineral mais perfeita.

Indubitavelmente, neste radiante astro que é o próprio coração deste grande sistema no qual vivemos, nos movemos e temos o nosso ser, só moram, ditosos, os espíritos solares.

Como existem indivíduos sagrados e eternos, não é possível pensar em fracassos contundentes e definitivos como os de nosso mundo terráqueo.

Resulta, pois, evidente o fato concreto de que não existem moradores tenebrosos nas infradimensões naturais do mundo solar.

Outro caso muito diferente é o das infradimensões de nosso planeta Terra.

Resultam patéticos, claros e manifestos para todo investigador esoterista os estados involutivos do quarto círculo, sob a crosta geológica de nossa Terra.

Como o Sol é a fonte de toda vida e o agente maravilhoso que sustenta nossa existência, de acordo com a lei do eterno trogo–auto–egocrático–cósmico–comum, obviamente a antítese fatal e negativa de tudo isto iremos encontrá-la, realmente, no aspecto antitético solar da quarta zona submersa terrestre.

Nessa tenebrosa região, nesses infernos atômicos da natureza, encontramos dois tipos específicos de pessoas involucionante; quero referir-me, de forma enfática, aos esbanjadores e aos avaros.

Duas classes de sujeitos que não se podem reconciliar entre si jamais e que uma e outra vez se atacam de forma incessante.

Analisando esta questão a fundo, devemos asseverar solenemente que é tão absurdo o desperdício como a avareza.

Dentro do processo meramente trogo–auto–egocrático–cósmico–comum, devemos permanecer sempre fiéis à balança. É claro que a violação da lei do equilíbrio traz consequências cármicas dolorosas.

No terreno da vida prática podemos verificar, conscientemente, as desastrosas consequências que decorrem da violação da lei da balança.

O pródigo, o esbanjador, aquele que malgasta seu dinheiro, ainda que no fundo se sinta muito generoso, é indubitável que está violando a lei.

O avaro, aquele que não faz circular o dinheiro, aquele que egoisticamente o retém de forma indevida, mais além do normal, ostensivelmente está prejudicando a coletividade, tirando o pão de muitas pessoas, empobrecendo os seus semelhantes. Por tal motivo, está violando a lei do equilíbrio, a lei da balança.

O esbanjador, embora aparentemente aja bem, fazendo circular a moeda de forma intensiva, é lógico que produz desequilíbrio, não somente em si mesmo, senão também com o movimento geral de valores. Isto, cedo ou tarde, ocasiona tremendos prejuízos econômicos aos povos.

Pródigos e avaros se transformam em mendigos e isto está comprovado.

É indispensável, é urgente cooperar com a lei do eterno trogo–auto–egocrático–cósmico–comum, não entorpecer o equilíbrio econômico, não se danar a si mesmo, não prejudicar os demais.

Como muitos ignoram o que é a lei do eterno trogo–auto–egocrático–cósmico–comum, convém esclarecer o seguinte: Esta grande lei se manifesta como recíproca alimentação de todos os organismos.

Se observamos cuidadosamente as entranhas da Terra, encontraremos o cobre como centro de gravidade de todos os processos evolutivos e involutivos da natureza.

Se aplicamos a força meramente positiva ao dito metal, veremos, com a clarividência objetiva, desenvolvimentos evolutivos extraordinários. Se aplicamos a força negativa, poderemos evidenciar, de forma direta, impulsos involutivos descendentes em todos os átomos do dito metal. Se aplicamos a força neutra, veremos processos de estabilização atômica em tal metal.

Muito interessante é, para os investigadores esoteristas, contemplar as radiações metálicas do cobre nas entranhas viventes do organismo planetário.

Assombramo–nos ao ver como as emanções do mencionado metal animam, por sua vez, a outros metais, ao mesmo tempo que, como recompensa, se alimenta também com as emanções dos mesmos.

Há, pois, intercâmbio de radiações entre os distintos metais que existem no interior da Terra. Há recíproca alimentação entre os metais; e o que mais assombra é o intercâmbio de radiações entre os metais que existem no interior da Terra e aqueles que subjazem dentro do reino mineral submerso em outros mundos do sistema solar. Eis aí a lei do eterno trogo–auto–egocrático–cósmico–comum em plena manifestação. Esta grande lei permite a convivência entre os mundos. Esta alimentação recíproca entre os planetas, este intercâmbio de substâncias planetárias vem originando o equilíbrio dos mundos ao redor de seus centros gravitacionais.

Com outras palavras, diremos o seguinte: Existe recíproca alimentação entre as plantas, entre os minerais, entre o organismo de toda espécie, etc., etc., etc.

Os processos econômicos humanos, as flutuações da moeda, o débito e o crédito financeiro, o intercâmbio de mercadorias e moedas, a economia particular de cada qual, o que cada um recebe e gasta, etc., etc., etc., pertence também à grande lei do eterno trogo–auto–egocrático cósmico–comum.

É claro, repetimos, é evidente que, em nosso sistema solar, o radiante astro que nos ilumina é, de fato, o administrador dessa suprema lei cósmica.

Não seria possível o funcionalismo de tal lei, violando todo o equilíbrio.

Agora podemos explicar claramente o motivo fundamental pelo qual prodígios e avaros alteram a balança de pagamentos e ocasionam funestas consequências no equilíbrio cósmico humano.

Aqueles que violam a lei de alguma forma devem receber seu merecido. Não é, pois, estranho encontrar na antítese solar, no quarto círculo dantesco, os prodígios e os avaros.

P. – Querido Mestre, fez–nos o senhor uma exposição em verdade transcendental, sobre o quarto círculo dantesco, informando–nos que ali moram tanto os prodígios como os avaros. Haveria inconveniente em explicar–nos que tipo de sofrimentos podem padecer os seres que aí habitam?

V.M. – Amigo meu! Sua pergunta me parece bastante interessante e me apresso em responder–lhe como nos mundos submersos só vemos resultados, convido–o à reflexão. Pergunte–se a si mesmo o que é a avareza? Em que se parece um avaro a um mendigo? Qual é a vida dos avaros? Suas enfermidades, seus padecimentos? De que forma morrem?

Vamos a outro extremo. Pensemos, por um instante, na pessoa que esbanjou toda sua fortuna, em que situação fica? Qual é a sorte de seus filhos, de sua família em geral? etc., etc., etc.

No Cassino de Montecarlo conheceram–se muitos casos de suicídio. Jogadores que ficaram na miséria, que perderam seus milhões, suicidaram–se da noite para o dia. Que diremos agora destes dois tipos de pessoas? Amigos! Nos mundos infernos só existem resultados e estes são catastróficos, terríveis, espantosos. No Averno, desesperados, os pródigos e os avaros blasfemam contra a divindade, maldizem, combatem–se mutuamente, submergem em espantosa desesperação.

P. – O que não entendo, Mestre, é que, se o quarto círculo dantesco é muito mais denso e material que o segundo, considerando que os culpados de luxúria são os maiores pecadores contra o Espírito Santo, não obstante, que pródigos e avaros cometem tanto dano, não crê o senhor que o castigo maior deveria ser para os primeiros?

V.M. – Cavalheiro! Senhores, senhoras! Quero repetir agora o que de forma enfática em uma conferência anterior. O pecado original é a luxúria e este serve de embasamento para todos os processos involutivos descendentes dos nove círculos dantescos submersos nas entranhas de nosso mundo. No entanto, é evidente que, dentro da soma total de todos os processos descendentes, ressaltam, em cada uma das nove infradimensões naturais, certos defeitos específicos definidos, intrinsecamente relacionados cada um com seu correspondente círculo.

É bom saber, amigos, damas e jovens que me escutam, que no quarto círculo acham–se perfeitamente definidos pródigos e avaros. Isso é tudo!

P. – Mestre, como tanto o esbanjamento como a avareza, no meu modo de ver, relacionam–se diretamente com a fome dos povos e dos indivíduos e que a grande lei do eterno trogo–auto–egocrático–cósmico–comum se relaciona com o equilíbrio, parece–me que isto nos pode levar diretamente ao problema da alimentação e que seguramente isto também tem a ver com os sofrimentos que no quarto círculo dantesco padeceremos, se não guardamos um equilíbrio na balança de nossa nutrição. Poderia o senhor dizer–nos algo a respeito?

V.M. – Distinto senhor que faz a pergunta! Já em nossa conferência passada, sobre o terceiro círculo, fizemos ênfase sobre o caso dos glutões.

Indubitavelmente eles, em si mesmos e por si mesmos, violam a lei do eterno trogo–auto–egocrático–cósmico–comum, levando ao interior de seus organismos excesso de alimentos e bebidas. É claro que toda violação da lei da balança ocasiona desequilíbrio e o resultado é a dor.

P. – Mestre, estes seres que ingressam no quarto círculo são somente os que já esgotaram o ciclo das 108 existências humanas?

V.M. – Respeitável senhora que faz a pergunta! Permita–me informar–lhe, de forma enfática, categórica e definitiva, que todo aquele que ingressa na involução submersa dos mundos infernos, incluindo os habitantes do quarto círculo dantesco, já esgotaram de fato o ciclo das 108 existências.

No entanto, já disse numa conferência anterior que havia casos excepcionais. Quis, então, referir–me, de forma enfática, aos definitivamente perversos, àqueles que, por sua demasiada malignidade, tiveram que ingressar na submersa involução infernal sem haver esgotado ainda seu ciclo de existências.

P. – Pelo exposto, chego à síntese de que no quarto círculo dantesco solar habitam todos aqueles que desequilibram a balança da economia mundial, ou seja, do ponto de vista puramente econômico. Estou correto, Mestre?

V.M. – Cavalheiro, amigo! Sua pergunta é correta. Certamente não se pode violar impunemente a lei da balança econômica mundial sem receber seu merecido. Lei é lei e a violação de toda lei traz dor.

P. – Querido Mestre, quando falava o senhor dos glutões, ao tratar do desequilíbrio da balança, por analogia pode-se dizer o mesmo dos que voluntariamente, por ignorância, carecem da nutrição adequada, especialmente por desconhecimento da lei do eterno trogo–auto–egocrático–cósmico–comum. Poderíamos, pois, considerar que os ortodoxos da religião de cozinha, ou seja, os vegetarianos, habitariam o círculo de que o senhor está tratando nesta conferência?

V.M. – Distinto cavalheiro que faz a pergunta! Permita-me dizer-lhe, com inteira claridade meridiana, que cada qual é livre para alimentar-se como queira. Existem vegetarianos insuportáveis que fizeram da comida uma religião de cozinha e existem também, sobre a face da Terra, carnívoros sanguinários, quase canibais, que destruíram seu organismo.

De tudo há nesta vida e todos pecam pelo desequilíbrio. Todos violam a lei da balança e o resultado de toda violação não é muito agradável.

Contudo, não é demais repetir que cada qual é livre para alimentar-se como queira. Entretanto, não devemos esquecer a lei; se destruímos nossos corpos, cabe-nos suportar as consequências.

Convém especificar que nos Abismos existem também muitos vegetarianos; no entanto, nenhum deles vive ali pelo delito de ser comedor de vegetais, senão por outras muitas causas e motivos.

Em questões de alimentação, que cada qual coma o que queira. O importante, repito, é não infringir a lei. Isso é tudo!

P. – Mestre! Poderia dizer-nos se há algum procedimento, ou sistema, que nos pudesse ensinar para ter um perfeito equilíbrio na balança?

V.M. – Distinta dama! É bom que a senhora entenda que sua Mônada interior, sua chispa imortal, seu Pai que está em secreto, como dissera o evangelho crístico, é o eterno regulador do processo trogo–auto–egocrático–cósmico–comum. Ele tem poder para nos dar e poder para nos tirar. Se nós atuamos de acordo com a lei, se vivemos em harmonia com o infinito, se aprendemos a obedecer ao Pai que está em secreto, assim nos Céus como na Terra, jamais nos faltará o pão de cada dia. Recorde, senhora, a magnífica oração do Pai Nosso. Medite profundamente nisto. Escute.

P. – Mestre, como podemos fazer a vontade do Pai se estamos adormecidos? Se não o podemos ver nem escutar?

V.M. – Senhora, senhores, amigos! A lei está escrita. Recorde o Decálogo de Moisés. Não infrinjais os mandamentos escritos! Vivei-os! Respeitai-os!

Se cada um dos aqui presentes, se toda pessoa de boa vontade se propõe a viver de acordo com as leis e os profetas, fará a vontade do Pai, tanto nos Céus como na Terra.

Um dia chegará em que o devoto do real caminho desperte Consciência. Então poderá ver o Pai e receber suas ordens diretas e obedecê-las conscientemente.

Primeiro temos que respeitar a lei escrita e depois conheceremos os mandamentos do Bendito.

P. – Mestre, que nos pode dizer sobre a materialidade e as leis que governam o quarto círculo dantesco solar?

V.M. – Respeitável cavalheiro! Amigos! Ouvi-me bem! O quarto círculo dantesco está constituído por átomos muitíssimos mais densos que aqueles que vêm dar forma e estrutura aos três círculos anteriores.

É evidente que cada átomo do quarto círculo tenebroso leva em seu ventre 384 átomos do Absoluta. Este tipo específico de átomos dá à quarta região submersa um aspecto terrivelmente grosseiro e material, imensamente mais pesado e doloroso que aquele que se vive e se respira nos três círculos anteriores.

Sem dúvida, não é de se estranhar o ver ali, naquelas regiões, lojas, armazéns de todo tipo, mercadorias, carros, coisas de toda espécie, que ao fim e ao cabo não são mais que simples formas mentais grosseiras, cristalizadas pelas mentes dos defuntos.

Ainda recordo um caso muito curioso. Uma noite dessas tantas, metido em meu corpo astral dentro dessa tenebrosa região do Tártaro, ante o mostruário de um luxuoso armazém (mera forma mental de uma comerciante submerso), tive que chamar Bael. Aquele terrível mago das trevas, vestido com túnica cor de sangue e turbante oriental de cor vermelha, veio até mim, sentado num carro. Atrás, seus sequazes traziam-no, empurrando sua carruagem. O esquerdo personagem, anjo caído, luzeiro do firmamento em outros tempos, mirando-me com ódio, lançou-se sobre mim, mordendo-me a mão direita. É claro que o conjurei e, por fim, aquele fantasma se perdeu entre as trevas da horrível morada de Plutão.

Ó amigos! Assombramo-nos nessas regiões ao ver tantos e tantos exploradores de corpos e de almas. Ali, jogadores de loterias e de baralhos; ali, muitos sacerdotes e jerarcas, místicos que, insaciáveis, cobiçavam os bens alheios.

Realmente nos enchemos com assombro ao ver tantos prelados e anacoretas, penitentes e devotos que amaram a humanidade, apesar de sua avareza.

Vivem, todos esses perdidos da quarta região submersa, crendo ainda que vão muito bem e o mais grave é que jamais aceitariam o fato concreto de que vão mal.

P. – Mestre, poderia dizer-nos se neste quarto círculo dantesco não há Mestres da Loja Branca que instruem os que ali habitam, com o propósito de que compreendam que vão mal?

V.M. – Hierofantes da Luz, Nirmanakayas de compaixão, Kabires esplendorosos, Filhos da Chama, existem em todas as partes e muitos deles renunciaram a toda a felicidade para viver nas profundidades do Abismo, com o propósito de ajudar aos decididamente perdidos.

Desafortunadamente, os habitantes do Tártaro odeiam os filhos da luz, qualificam-nos de perversos, chamam-nos com o qualificativo de demônios branco, maldizem-nos e jamais aceitariam a ideia de que vão mal.

Os decididamente perdidos sempre creem que marcham pelo caminho do bem, da verdade e da justiça.

P. – Mestre, poderia dizer-nos se no quarto círculo dantesco há ar, fogo, água, terra, ou quê?

V.M. – Distinta senhora! As pessoas muito avaras são pessoas que se materializam demasiado. Convido-a, pois, a compreender que o quarto círculo é essencialmente metálico ou mineral, extremamente denso.

Obviamente, as criaturas que vivem na água, os peixes, não veem o elemento em que vivem. Igualmente, aqueles que moramos no elemento ar não vemos tal elemento.

Assim, também, aqueles que vivem no elemento mineral poderão ver formas mentais, figuras de armazéns, cantinas, tabernas, bancos, etc., etc., mas não verão o elemento em que vivem. Este será para eles tão transparente como o ar.

Que diremos, agora, do elemento água? Obviamente é mediante este elemento que se cristaliza o eterno trogo–auto–egocrático–cósmico–comum, fazendo possível a recíproca alimentação de todas as criaturas. Se a Terra ficasse sem água, se os mares secassem, se os rios desaparecessem, morreriam todas as criaturas que habitam sobre a face da Terra. Com isto fica completamente demonstrado o fato concreto e definitivo de que a água é o agente mediante o qual se cristaliza a lei do eterno trogo–auto–egocrático–cósmico–comum.

No quarto círculo dantesco, as águas são negras e o elemento fundamental, repito, é o mineral.

Acaso não violam a lei os pródigos e os avaros? Acaso não alteram o equilíbrio da balança econômica dos povos? Acaso não alteram o “modus operandi” do eterno trogo–auto–egocrático–cósmico–comum? Refleti em tudo isto, queridos amigos, damas e cavalheiros!

9 – Quinto Círculo Dantesco ou Esfera Submersa de Marte

Amigos, senhores, senhoras!

Vamos agora conversar um pouco sobre a quinta infradimensão natural, ou de Marte, sob a crosta geológica de nosso mundo terráqueo.

Antes de tudo convém esclarecer, de forma enfática, que não estamos aqui citando o reino mineral do planeta Marte em si mesmo.

Estamo-nos referindo exclusivamente a essa seção infradimensional situada debaixo da epiderme da Terra, relacionada com a vibração de tipo marciano.

Não estou tampouco falando do céu de Marte, nem do citado planeta. O que estou dizendo refere-se exclusivamente à quinta infradimensão de nosso planeta Terra e isso é tudo.

Gosto de esclarecer tudo isto com o propósito de evitar más interpretações, pois a mente, como já é sabido, pode cair em muito sutis enganos.

No quinto círculo dantesco ressaltam, inquestionavelmente, as pessoas irônicas, furiosas, os soberbos, altaneiros e orgulhosos.

Nos infernos do planeta Marte em si mesmo, como já estudamos em nosso livro intitulado As Três Montanhas, descobre o investigador esoterista terríveis conciliábulos de bruxos, zangões espantosos, tenebrosas harpias, bruxas, feiticeiras ou como queira chamá-los.

Contudo, no quinto círculo dantesco, sob a epiderme da Terra, seção de tipo, diríamos, marciano, não ressaltam certamente os sequazes de Selene, com seus asquerosos zangões, que tanto assustaram os troianos nas Ilhas Estrófadas do Mar Egeu.

Aqui, Dante Alighieri, o velho florentino, discípulo de Virgílio, o poeta de Mântua, só vê, entre as águas turvas e o imundo lodo, muitos soberbos que aqui, sobre a face da Terra, brilhavam solenes nos ricos palácios e nas faustosas mansões.

O mais doloroso desta região abominável é ter que se encontrar os perdidos com suas próprias diabólicas criações milenárias.

Inquestionavelmente, a Consciência, engarrafada em todos esses agregados psíquicos que constituem o ego, o mim mesmo, o si mesmo, há de se enfrentar a si mesma com todos os seus componentes.

Eu vi, naquelas regiões submersas, muito lodo, estancadas águas e suprema dor.

Ainda recordo com horror certa desesperada criatura que, submersa naquela lama de amargura, desesperada, tratava de ocultar-se ante o olhar sinistro de certos monstros horripilantes que, no fundo mesmo de sua própria psique, eram eus personificando violências, partes de si mesma.

Fugir de si mesmo? O eu fugindo do eu? Espanto! Horror!

A Consciência, ante si mesma, enfrentava o suplício maquiavélico impossível de descrever com palavras.

Aqueles eus, partes das criaturas vivente que deles queriam fugir, não tinham os olhos na frente, como os demais mortais; esses, de nefastos, viam-se à direita e à esquerda, como os dos pássaros.

Eram agregados psíquicos da violência. Portanto simbólicos rifles, queriam atacar a criatura que se ocultava e, não obstante, esta última e seus atacantes eram todos agregados psíquicos, partes componentes de um mesmo ego, o eu pluralizado em sua totalidade. Revolver-se entre tanto lodo, fugir de si mesmo, sentir pavor de si mesmo, o eu enfrentando o eu, partes de mim mesmo enfrentadas a partes de mim mesmo, é certamente o horror dos horrores, o inqualificável, o espanto que não tem palavras para se expressar. É assim como a Consciência dos defuntos, na quinta infradimensão do planeta Terra, vem a conhecer suas próprias maldades, seus próprios horrores, suas insólitas violências, a ira nefasta ...

P. – Querido Mestre, observei que, ao se referir ao quinto círculo dantesco do planeta Marte, diz-nos que aí há conciliábulos de bruxos e convulsões de ira. Não obstante, quando se fere ao quarto círculo dantesco solar, informa-nos que, no que toca ao astro Sol, está limpo de eus, apesar de que Marte corresponde a um passo adiante no processo de Iniciação. Se entende minha pergunta, poderia o senhor esclarecê-la?

V.M. – Distinto amigo! Disse que no reino mineral submerso marciano, quer dizer, nos infernos do planeta Marte, não em seu céu, nem em sua superfície planetária, pode o investigador esoterista encontrar certamente as tenebrosas harpias e seus pavorosos conciliábulos. Disse também que no reino mineral submerso do Sol que nos ilumina e dá vida, dentro de suas infradimensões meramente naturais, tudo está limpo; ali não vemos as sequazes de Selene, nem os horripilantes zangões, nem os seguidores de Simão, o Mago, Seria absurdo supor, sequer por um instante, que pudessem viver, nas entranhas radiantes do Sol, os adeptos da mão esquerda e os adivinhos de Pítón. É ostensível que as vibrações solares destruiriam, aniquilariam de imediato qualquer criatura impura.

Repito o que antes dissera: No Sol somente podem morar, solenes, os espíritos solares, os seres inefáveis que estão mais além do bem e do mal.

P. – Diz o senhor que, na quinta infradimensão do organismo planetário, uns eus enfrentam a outros e que também a Consciência enfrenta a esses eus, terrivelmente malignos por sua natureza iracunda. Significa isso que a Consciência é um terceiro em discórdia, que forma parte do mim mesmo?

V.M. – Distinto senhor! Sua pergunta é importante e com o maior gosto nos apressamos em esclarecer.

Antes de tudo é urgente saber que o ego, o eu, o mim mesmo, o si mesmo, não é algo individual.

Certamente, o ego é um conjunto de agregados psíquicos; estes últimos podemos denominá-los também eus.

Nosso tal eu é, pois, uma soma de eus briguentos e gritões que levamos dentro. Se a estes denominamos demônios, não cometeremos erro específico definitivo.

Analisando cuidadosamente esta questão, podemos chegar à conclusão lógica de que tais eus demônios personificam claramente nossos eus psicológicos.

Eu os convido, senhores e senhoras, a compreender concretamente que cada um destes eus diabos leva em seu interior certa porcentagem bem definida de nossa própria Consciência.

Na quinta infradimensão natural de nosso planeta Terra, resulta que a Consciência se enfrenta a si mesma, se autoconhece, vendo-se com muitos olhos de diversos ângulos, de acordo com cada um de seus eus.

É indubitável que a Consciência trata de fugir de si mesma, de seus próprios defeitos representativos, de suas próprias criações diabólicas.

Nada agradável resulta para os defuntos tratar de fugir de si mesmos, sentir horror de si mesmos, tratar de ocultar uma parte dos terríveis e espantosos olhares de outra parte ou partes de si mesmo.

Quero ajudar de alguma forma a todos aqueles que me escutam, valendo-me, desta vez, de um símil exato.

Aqui, no México, na entrada do Castelo de Chapultepec, temos o salão dos espelhos; os visitantes se veem em cada um destes cristais de forma completamente diferente.

Alguns espelhos deste decompõem nossa figura, fazendo-nos aparecer como gigantes de outros tempos; outros nos dão o aspecto de insignificantes anões; aqueles, o de rechonchudas figuras espantosamente obesas; estes outros, o de alongadas figuras deformadas, delgadas e horripilantes, esses outros deformam nossa imagem, fazendo-a surgir com pernas e braços monstruosos, etc., etc.

Imaginaí, por um momento, que cada uma destas figuras fosse algum de nossos eus, viva personificação de nossos erros.

Que seria de todas essas criaturas dos múltiplos espelhos, parte do si mesmo, do mim mesmo, do ego que levamos dentro, se, horrorizadas, cada uma delas quisesse, cada qual independentemente, fugir das outras?

Nós, convertidos em todos estes múltiplos eus, cada uma de nossas partes espantada de cada uma de nossas partes, cada horror espantado de cada horror. Esse é um suplício pior que o de Tântalo. Eis aí, pois, a tortura no quinto círculo dantesco.

Certamente, senhores e senhoras, o ego que levamos dentro é constituído por milhares de demônios eus que representam nossos defeitos psicológicos.

É ostensível que tal enxame de diabos controla a máquina orgânica aqui, no mundo físico, e não guardam concordância alguma entre si.

Todos eles lutam pela supremacia, todos eles querem controlar os centros capitais de máquina orgânica. Quando algum deles governa por um momento, sente ser o amo, o chefe, o único. Não obstante, depois é destronado e outro passa a ser o chefe.

Agora vos explicareis, senhores e senhoras, o motivo pelo qual todos os seres humanos, estamos cheios de íntimas contradições.

Se nós pudéssemos ver num espelho de corpo inteiro, tal como somos, sentir-nos-íamos horrorizados de nós mesmos.

Este último é um fato concreto na quinta infradimensão natural do planeta Terra. Não obstante, na citada região tenebrosa, o espanto é ainda mais cru, mais realista, a tal ponto que cada uma das partes foge sem consolo, espavorida, tratando de ocultar-se de cada uma das outras partes.

A Consciência dividida em múltiplos pedaços. Horror do Averno! Mistério! Coisas terríveis das trevas de Minos! Ai!, Ai!, Ai!.

P. – Ainda que seja evidente que esta quinta dimensão natural de nosso planeta Terra é muito mais densa e material que as anteriores, quisera o senhor explicar-nos que elementos são característicos de sua densidade?

V.M. – Cavalheiro, amigos! Certamente o quinto círculo dantesco resulta mais denso que os quatro anteriores devido à sua composição atômica.

É de saber que cada átomo da quinta região submersa leva em seu ventre 480 átomos do Sagrado Sol Absoluto.

É evidente, pois, que a quinta região submersa resulta muito mais grosseira que as anteriores. Por conseguinte, o sofrimento é, ali, maior.

Milhões de condenados habitam nessa zona da Terra; pessoas que se ferem mutuamente entre si, blasfemos que maldizem o eterno Deus vivo, pessoas cheias de ódio e de vingança, soberbos, iracundos, impetuosos, assassinos e malvados. Todas essas pessoas creem que vão muito bem; nenhum supõe, sequer por um instante,

que marcha pelos caminhos das trevas e do horror e que vai mal. Todos eles se sentem santos e virtuosos. Alguns deles se autoconsideram, qualificando-se de vítimas da injustiça. Todos, em geral, presumem-se de justos.

P. – Com relação aos nove trabalhos que são realizados na Segunda Montanha da Ressurreição, quisera o senhor dizer-nos qual é a diferença entre o trabalho na quinta infradimensão do planeta Marte e do quinto círculo dantesco do planeta Terra?

V.M. – Amigos, amigos! Convido-os a compreender o que é o trabalho da dissolução do ego. Indubitavelmente, ao nos submergirmos, por meio da meditação, em nossos próprios infernos atômicos, com o propósito de compreender tais ou quais defeitos psicológicos, é inquestionável que nos pomos em contato com tal ou qual infradimensão natural.

Sendo a quinta região submersa a seção fundamental da ira, obviamente, ao tratar de compreender de forma íntegra os diversos processos da zanga, da coragem, da violência, da soberba, etc., etc., etc., pomo-nos em contato com o citado quinto círculo dantesco.

É indispensável fazer uma clara diferenciação entre aqueles elementos inumanos que se relacionam com os nove círculos dantesco do planeta Terra, sob a epiderme deste aflito mundo, e os elementos infraconscientes que dentro de nossa psique guardam íntima relação com os infernos da Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno.

Porém, ouvi-me bem, senhores e senhoras, para que não existam confusões. Distingui entre céus e infernos: O céu de cada um destes citados planetas é totalmente diferente do inferno de cada um dos mesmos.

Apreendi sempre a situar qualquer inferno planetário dentro do reino mineral submerso do mesmo.

Céu é diferente; é região de luz, harmonia, felicidade.

Não poderíamos ingressar em qualquer destes céus planetários sem antes haver trabalhado em seus correspondentes infernos.

Olhai as coisas deste ângulo. É claro que jamais poderíamos ingressar no céu de Marte sem antes haver trabalhado no inferno marciano, nas entranhas viventes de seu próprio reino mineral submerso.

No inferno de Marte, em suas infradimensões naturais, devemos eliminar certos estados psíquicos bruxescos, infraconscientes e inumanos.

Esta classe de trabalhos só é possível para aqueles indivíduos sagrados conhecidos como Potestades e que se preparam para alcançar, no céu de Marte, o estado de Virtudes.

Não obstante, qualquer trabalho nas entranhas dos outros mundos do sistema solar guarda alguma relação psíquica com suas correspondências seções infernais do planeta Terra.

Não olvideis, senhores e senhoras, as leis das correspondências, das analogias e das numerologias.

De todas as maneiras, é urgente saber que, se nos infernos do planeta Marte devemos eliminar psíquicos estados bruxescos infraconscientes, na quinta seção correspondente e infernal do planeta Terra só nos limitamos a eliminar os processos da ira, soberba, etc., etc.

10 – Sexta Esfera Submersa ou de Júpiter

Distintos amigos! Vamos hoje estudar com inteira claridade o sexto círculo dantesco, ou de Júpiter, submerso sob a epiderme do planeta Terra.

Inquestionavelmente, esta região infradimensional é ainda muito mais densa que as cinco anteriores, devido à sua constituição atômica.

É bom saber que cada átomo do sexto círculo dantesco leva em seu ventre 576 átomos do Sagrado Sol Absoluto.

Indubitavelmente, tal tipo de átomos, extremamente pesado, é a “causa causorum” de uma materialidade tremenda.

As pessoas que vivem submersas nesta região infernal, obviamente, estão controladas por 576 leis, as quais fazem de suas existências algo demasiado complicado e difícil.

O tempo se torna espantosamente lento nestas regiões; cada minuto parece séculos e, por conseguinte, a vida se faz tediosa e insuportável.

Se analisamos cuidadosamente a vibração jupiteriana em seu aspecto transcendental planetário, descobrimos essa força misteriosa que dá o cetro aos reis e a mitra aos jerarcas das diversas religiões confessionais.

É, pois, o planeta Júpiter, no espaço infinito, extraordinariamente místico, régio e sublime.

Sua antítese, na infradimensão submersa, sob a crosta geológica de nosso mundo, resulta de fato convertida na morada dos ateus materialistas, inimigos do Eterno.

Vivem também nessa região os blasfemos, aqueles que odeiam tudo o que pode ter sabor de divindade, e os hereges, esses que cultivam o dogma da separatividade.

Sentimo-nos cheios de dor ao contemplar, como Dante, tantos mitrados cétricos e ateus metidos no sepulcro de suas próprias paixões, ódios e limitações.

Quando pensamos nos grandes legisladores, soberanos e senhores que regem os conglomerados sociais, obviamente descobrimos tiranos e tiranetes que originam complicações e dores por aqui, lá e acolá.

O resultado de tão nefastos procederes corresponde exatamente ao sexto círculo dantesco.

Não é, pois, de se estranhar que, nessa referida região tenebrosa da morada de Plutão, encontre o investigador esoterista a todos esses jerarcas que abusaram de seu poder; é claro que tais pessoas sofrem, por conseguinte, o indizível.

Júpiter, como paternal amigo, sempre generoso, tem sua antítese nefasta nesses péssimos pais de família, que, possuindo bens aos montões, negam pão, abrigo e refúgio a seus filhos.

Indubitavelmente, é na nefasta região sexta abismal onde essas sombras pecadoras, depois da morte, encontram sua morada.

Comove-se a consciência do investigador ao contemplar, na tenebrosa região jupiteriana submersa, tão cruéis pais de família. Contudo, o mais curioso é que sempre eles, aqui no mundo, sob a luz do Sol, creram-se virtuosos, justos e bondosos, e alguns destes até foram profundamente religiosos.

Há também, nessa morada sinistra, chefes de família que aspiraram a autorrealização íntima do Ser, apesar de todas as suas crueldades. Seus contemporâneos os creram muito bons; sua conduta, aparentemente, era reta, das portas da sua casa para fora, é claro, embora dentro de sua morada houvesse pranto e aflições.

Pietistas extraordinários com fingidas mansidões e poses de comediantes; vegetarianos insuportáveis, desses que fazem da comida uma religião de cozinha.

Eu lhes diria hipócritas, fariseus, sepulcros caiados, para falar com o tom do Grande Kabir Jesus. Não obstante, o mesmo não o diriam jamais os seus sequazes, ou aqueles que os tivessem visto em formosos salões de tipo pseudoesotérico ou pseudo-ocultista.

Não é estranho, tampouco, achar, na sexta região infradimensional submersa, chefes de família muito honrados e sinceros, porém, terrivelmente equivocados. O que deveriam ter feito não o fizeram e o que não deveriam ter feito, isso fizeram. Alguns desses senhores foram extraordinariamente fanáticos no mundo onde viviam, e com paus e açoites ensinaram religião a seus filhos, como se isto se pudesse aprender com lategações. Nefastos sujeitos que ensombreceram lares, amargando a vida de suas criaturas.

Júpiter, generoso como sempre, dadivoso e altruísta, há de ter seu contraste sob a epiderme da Terra, na infradimensão sexta submersa.

Qual seria a antítese da generosidade? O egoísmo, a usura, o peculato, isso é óbvio.

Não é, pois, estranho achar, na referida região infra-humana, aquele que açambarca todos os bens da Terra para si, como um Sanagabril e seus sequazes.

Assim pois, toda antítese religiosa, todo contraste jupiteriano, há de se encontrar, inevitavelmente, no sexto círculo infernal, sob a epiderme da Terra.

P. – Querido Mestre, observei que menciona o senhor que o tempo é tremendamente longo, que os minutos parecem séculos, devido à grande densidade desta região submersa de Júpiter. É o tempo longo pelos sofrimentos, ou são os sofrimentos longos pelo tempo?

V.M. – Distinto cavalheiro que faz a pergunta! Permita-me informar-lhe que o tempo só existe do ponto de vista meramente subjetivo, porque certamente não tem uma realidade objetiva.

Partindo deste princípio básico, chegamos à conclusão lógica de que o tempo é uma criação subconsciente submersa.

Inquestionavelmente, o tempo, em cada zona infraconsciente ou, melhor diríamos, naquilo que existe de inumano em cada um de nós, há de tornar-se cada vez mais lento nos fundos mais profundos da materialidade.

Com outras palavras, direi o seguinte: No nível meramente intelectual, o tempo não é tão lento como nos níveis subconscientes mais fundos. Isto é, quanto mais subconsciente seja a região do universo onde habitamos, mais lento será o tempo; tomará uma maior aparência de realidade.

Aqui no mundo físico onde vivemos, sobre a superfície da Terra e à luz do Sol, há minutos que parecem séculos e séculos que parecem minutos. Tudo depende do estado de ânimo em que nos encontremos.

É claro que, em plena felicidade, doze horas parecem um minuto. É óbvio que um instante de suprema dor parece séculos.

Pensemos agora no Abismo, nas regiões submersas abismais, na cidade de Dite, a cidade maldita no fundo do tenebroso Tártaro. Ali os perdidos sentem que cada minuto se converte em século de abominável amargura.

Creio que agora o cavalheiro que fez a pergunta entenderá a fundo minha resposta.

P. – Assim é com efeito, Mestre; porém, como o senhor menciona estados de consciência – como subconsciência, inconsciência e infraconsciência – quer acaso dizer isto que, quando falamos de infradimensões, referem-se estas também a estados de consciência?

V.M. – As infradimensões da natureza e do cosmos existem não somente no planeta Terra, senão também em qualquer unidade cósmica do espaço infinito; sóis, luas, planetas, galáxias, estrelas, antiestrelas, antigaláxias de antimatéria, etc., etc., etc.

Não são, pois, estas infradimensões naturais exclusivos produtos da subconsciência, inconsciência e infraconsciência de humanoides intelectivos, senão o resultado de leis matemáticas que têm sua origem em todo raio de criação existencial.

P. – Mestre, quer dizer, pois, que, quando nos referimos à Consciência em si mesma, devemos pensar que esta está livre do tempo?

V.M. – Cavalheiro, senhores, senhoras! Quero dizer-lhes, de forma enfática, que no Sagrado Sol Absoluto o tempo é 49 vezes mais rápido que aqui na Terra.

Analisando este enunciado judiciosamente, dizemos: Sendo o tempo criação meramente subjetiva do humanoide intelectual, é óbvio que resulte 49 vezes mais lento que no Sagrado Sol Absoluto.

Com outras palavras, aclaro que a mente do humanoide possui 49 departamentos subconscientes e por isso se diz que o tempo aqui, entre os bípedes tricerebrados ou tricentrados, equivocadamente chamados homens, é 49 vezes mais lento que no Sagrado Sol Absoluto.

Valendo-nos agora do processo indutivo ensinado por Aristóteles em sua “Divina Entelequia”, concluiremos: Se o tempo, no Sagrado Sol Absoluto, é 49 vezes mais rápido que no nível intelectual do humanoide, obviamente isto significa que no Sagrado Sol o tempo não existe. Ali, tudo é um instante eterno, um eterno agora.

Mirando, agora, isso que chamamos Consciência, estudando-a judiciosamente, descobriremos o Ser original paradisíaco, virginal, livre de todo processo subconsciente, mais além do tempo.

Quer dizer: A Consciência, em si mesma, não é um produto do tempo.

P. – Perdoa-me, Mestre, se pareço um tanto insistente. Porém abriguei o conceito de que, conforme vamos despertando Consciência, os estados infraconscientes e subconscientes vão deixando de existir, porque estes se convertem em conscientes. É equivocado isto?

V.M. – Cavalheiro! Esta pergunta me parece bastante interessante. Ostensivelmente, os estados submersos de Plutão – chamemo-los infraconsciência, inconsciência, subconsciência – são eliminados radicalmente quando a Consciência desperta.

Na sexta dimensão submersa, o tempo se faz demasiado longo, devido ao fato claro e evidente dos estados subconscientes, inconscientes e infraconscientes. Contudo, no Nirvana não existe o tempo, devido ao fato contundente e definitivo de que nesta região divinal não existe o ego, nem o subconsciente, nem os citados estados abismais.

P. Com esta dissertação que, francamente, me surpreende, porque nunca antes havia relacionado o tempo com os estados de subconsciência, chego à conclusão de que o inconsciente, o infraconsciente e o subconsciente, de que tanto nos falam os psicólogos, são, na realidade, estados negativos e satânicos, e que são obstáculos para que o homem se autorrealiza. Estou correto, Mestre?

V.M. – Foi–nos dito, de forma solene, que necessitamos transformar o subconsciente em consciente. Nós incluímos dentro desses conceitos transformativos também os estados infraconscientes e inconscientes.

Despertar Consciência é o radical! Só assim poderemos ver o caminho que há de nos conduzir até a liberação final.

Obviamente, o conceito tempo, que tão amarga faz a vida na sexta dimensão submersa e nos diversos círculos dantescos do Tártaro, é eliminado definitivamente quando a Consciência desperta.

P. – Diz–nos que a sexta região submersa de Júpiter é a antítese do planeta Júpiter que gira ao redor do Sol. Observo, Mestre, que não se referiu o senhor, quando falou dos outros círculos dantescos, como eram as antíteses dos planetas com que se correspondem. Poderia esclarecer–nos isso?

V.M. – Cavalheiros, senhores, senhoras! Obviamente os nove círculos infernais são sempre o aspecto negativo antitético das esferas da Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. Creio que já algo disse em passadas existências sobre este tema e que temos pintado a relação existente entre aqueles mundos e as nove zonas submersas sob a epiderme de nosso planeta Terra. Buscando um símil a tudo isto, vereis que toda pessoa sob a luz do Sol projeta, por toda parte, sua própria sombra; algo semelhante achareis entre cada um destes nove mundos do sistema solar e suas correspondentes sombras ou zonas escuras, tenebrosas, nas entranhas do planeta em que vivemos. Entendido?

P. – Mestre, poderia dizer–nos se está habitada a zona submersa do planeta Júpiter?

V.M. – Distinta Senhora! Permito–me informar–lhe e informar a todas as pessoas que me escutam que nas infradimensões naturais do reino mineral submerso do planeta Júpiter existem demônios terrivelmente perversos, criaturas involucionantes, gentes que se dirigem à morte segunda. (Esclareço: não estou falando do céu de Júpiter, limito–me exclusivamente a citar o reino mineral submerso desse planeta).

P. – Podemos considerar que, apesar de nos mundos infernos de Júpiter existirem seres involucionantes, terrivelmente malignos, são ditos infernos antitéticos com os infernos do sexto círculo dantesco do planeta Terra?

V.M. – Amigos, o tenebroso se corresponde com o tenebroso, não existe antítese alguma entre os infernos jupiterianos e o sexto círculo dantesco submerso sob a crosta geológica de nosso mundo Terra.

Devemos buscar antíteses exclusivamente entre os aspectos luminosos e obscuros de Júpiter.

Indubitavelmente, os esplendores jupiterianos têm seu oposto, suas sombras, não somente nas entranhas daquele planeta radiante, senão, também, sob a crosta de nosso afligido mundo.

P. – Mestre, poderia o senhor dizer–nos quais são os materiais ou elementos que compõem esta zona tenebrosa da sexta dimensão submersa de nosso organismo planetário?

V.M. – Amigos! Já dissemos em passadas conferências que os habitantes de tal ou qual elemento natural não percebem jamais o elemento em que vivem.

Os peixes jamais veem a água. Nós, os habitantes deste mundo tridimensional de Euclides, nunca percebemos o ar que respiramos, não o vemos. As salamandras não veem o fogo. Assim, também aqueles que moram entre o elemento pétreo, rochoso, jamais veem tal elemento, unicamente percebem objetivos, pessoas, sucessos, etc., etc., etc.

Obviamente, a densidade pétreo da sexta morada de Plutão resulta insuportável, terrivelmente densa. Agora nos explicaremos o motivo pelo qual Dante via tantos condenados metidos entre seus sepulcros.

Samael Aun Weor - Sim há Inferno, Sim há Diabo, Sim há Karma

Instituto Gnosis Brasil - www.gnosisbrasil.com

Não se trata de sepulcros no sentido literal da palavra, só se quer dizer com isto estados sepulcrais, condições demasiado estreitas, limitadas de subconsciência e infraconsciência, etc., etc., etc. São condições dolorosas da vida na sexta região abismal.

11 – Sétima Esfera Submersa ou de Saturno

Amigos!

Reunidos outra vez aqui, haveremos de conversar profundamente em relação à esfera submersa de Saturno.

Certamente não estamos falando sobre condenação eterna ou castigos sem fim.

Inquestionavelmente, a condenação eterna em si mesma não existe e todo castigo, por grave que este seja, há de ter um limite, mais além do qual reine a felicidade.

Diferimos, pois, em relação à ortodoxia clerical neste sentido, radicalmente.

Indubitavelmente, os processos involutivos da vida, realizados nas entranhas da Terra, nas infradimensões submersas, sob a crosta geológica de nosso mundo, concluem com a morte segunda, depois da qual, libertada a Essência, restaurada a prístina pureza do material psíquico, reiniciar-se-ão, inevitavelmente, novos processos de tipo completamente evolutivo.

Resulta, pois, manifesto e evidente nossa oposição ao dogma de uma condenação absolutamente eterna.

Surge à simples vista nosso modo de compreender a expiação de culpas. Jamais poderíamos conceber que alguma conta expiatória, por grave que esta fosse, não chegasse, por último, a um final.

É claro que a Justiça Divina jamais falharia. Toda culpa, por grave que esta seja, tem seu equivalente matemático exato expiatório. Não é possível pagar mais do que se deve e, se a divindade cobrasse mais do que o devido, obviamente não seria justa.

Comecei assim nossa conferência de hoje, meus queridos amigos, em forma de preâmbulo, antes de entrar na esfera submersa de Saturno, com o propósito iniludível de que vós compreendais nosso ponto de vista esotérico-ocultista, oposto radicalmente a todo dogmatismo sectário. Vamos, pois, agora, aprofundar um pouco mais nesta questão de esferas submersas.

Em nossa passada conferência estudamos detidamente o sexto círculo dantesco e hoje convém que penetremos ousadamente no sétimo ou de Saturno.

Se lemos cuidadosamente a Divina Comédia de Dante, encontraremos tal região convertida num oceano de sangue e fogo.

Permita-se-nos à liberdade de dizer que este ponto de vista é completamente alegórico ou simbólico; sim, quer-se significar o fato concreto e definitivo de que na mencionada região saturnina prevalece, de forma definitiva, certa cor avermelhada sanguinolenta que caracteriza marcadamente a paixão animal violenta.

Quando falamos em cores, devemos saber que por cima do espectro solar, nas dimensões superiores da natureza e do cosmos, resplandece toda a gama do ultravioleta e que por baixo do espectro solar, brilha fatalmente a gama do infravermelho. Este último é característico das infradimensões da natureza, sob a crosta geológica de nosso mundo.

Assim, pois, aquela cor vermelha passionária sanguinolenta da submersa região saturnina não poderia ser exibida em nosso mundo tridimensional de Euclides.

Tal cor encontra seu oposto em outra similar da gama do ultravioleta, sobre a citada região tridimensional.

Resulta interessante saber que todo aquele que ingressa no sétimo círculo dantesco leva, em sua aura radiante, a citada cor de sangue abominável, que o torna certamente afim com essa zona submersa de nosso planeta Terra.

É, pois, o sétimo círculo dantesco, a morada dos violentos contra a natureza, dos violentos contra a arte, dos fraudulentos, dos violentos contra Deus, dos violentos contra si mesmos, contra seus próprios bens ou contra os bens alheios.

Movendo-me com o corpo astral de forma consciente e positiva nesta região submersa, pude evidenciar a violência reinante em tão espantosa zona de amarguras.

Ainda recordo dois demônios notáveis, dos quais me acerquei diplomaticamente, com o propósito de não ferir susceptibilidades e provocar reações psicológicas desnecessárias. Pronunciaram-se estes contra o Cristo Cósmico, negaram-no enfaticamente, sentindo-se perversamente satisfeitos de sua miserável condição satânica.

Por todo lugar reinava a violência no ambiente sangrento submerso. Viam-se aqui, lá e acolá destroços desnecessários, golpes espantosos contra as coisas, contra as pessoas, contra tudo.

Senti como se a influência saturnina, com suas forças definitivamente centrífugas, se propusesse, nessa região, desintegrar tudo, reduzir a poeira cósmica pessoas, móveis, portas, etc., etc., etc.

Muito me assombrei ao encontrar aí uma criatura muito respeitável, cujos olhos ainda ferem a suave luz do dia.

Tratava-se de um médico muito famoso, um verdadeiro samaritano, que em vida só se propôs curar os enfermos com verdadeiro amor e sem exploração alguma.

Causaria assombro isto que estou dizendo. Muitos poderiam objetar, dizendo-me: Como é possível que, sendo alguém bom, vá dar na região dos maus? Também se poderia argumentar sobre a questão até da vida e da morte. Aquele bom senhor de outrora ainda vive, ainda respira sob o sol. Então, por que mora no sétimo círculo dantesco?

É necessário dar resposta a tais enigmas, aclarar, indagar com precisão, inquirir, investigar.

Se pensamos na multiplicidade do eu, não é estranho que qualquer destes agregados psíquicos, relacionado com o delito da violência contra a natureza, esteja vivendo em sua correspondente região submersa, mesmo que a personalidade ainda viva sobre a face da Terra.

Obviamente, se este doutor não dissolve o eu pluralizado, terá que descer com a onda involutiva às entranhas do mundo, para ressaltar, muito especialmente, no sétimo círculo dantesco.

Há muita virtude nos malvados e há muita maldade nos virtuosos. Concluído o ciclo de 108 existências que são atribuídas a toda alma sobre a face da Terra, é inquestionável que se desce com a onda involutiva, ainda quando se tenha formosas virtudes.

Não é demais que recordemos Brunetto Latini, aquele nobre senhor que com tanto amor ensinara ao Dante Florentino o caminho que conduz à imortalidade do homem. Nobre criatura submergida naquele abismo pelo delito de violação contra a natureza.

P. – Mestre, poderia explicar-nos quando cometemos o delito de violência contra a natureza?

V.M. – Com o maior prazer me apresso a dar resposta à dama que fez a pergunta. Existe violência contra a natureza quando violentamos os órgãos sexuais. Existe tal delito quando o homem obriga sua mulher a efetuar

a cópula, não estando ela com disposição de fazê-lo. Existe tal delito quando a mulher obriga o homem a efetuar a cópula, não se achando este com disposição de fazê-lo.

Existe tal delito quando o homem se auto-obriga, violentando-se a si mesmo, para efetuar o coito, não se encontrando o organismo em condições aptas para isso. Existe tal delito quando a mulher se auto-obriga para efetuar a cópula, não se achando seu organismo em condições realmente favoráveis.

Existe tal delito naqueles que cometem o crime de violação sexual, posse de outra pessoa contra a vontade da mesma.

Como entre as cadências do verso também se esconde o delito, não é, pois, de estranhar que se cometam violências contra a natura quando se obriga o falo a entrar em ereção, não se achando este último em condições realmente favoráveis para o coito.

Existe violência contra a natura quando, com o pretexto de praticar magia sexual, ou ainda com as melhores intenções de se autorrealizar, auto-obriga-se o varão a realizar a cópula química, ou obrigue sua mulher com este propósito, não se achando os órgãos criadores no momento amoroso preciso e em condições harmoniosas favoráveis, indispensáveis para a cópula.

Existe violência contra a natura naquelas damas que, necessitando de autorrealização íntima, violentam sua própria natureza, auto-obrigando-se desapiedadamente para realizar a cópula, não se achando certamente nas condições requeridas para a mesma.

Existe violência contra a natura nos masturbadores, ou naqueles que realizam a cópula química, estando a mulher na menstruação.

Existe violência contra a natura quando os cônjuges realizam a união sexual, achando-se a mulher em estado de gravidez.

Existe violência contra a natura quando se pratica o Vajroli Mudra de tipo forte várias vezes ao dia ou à noite, não se achando os órgãos sexuais em condições realmente favoráveis e harmoniosas.

Existe violência contra a natura quando se pratica magia sexual duas vezes seguidas, violando as leis da pausa magnética criadora.

P. – Mestre, no caso de que o cônjuge não tenha a potencialidade cabal e esteja praticando magia sexual, está violentando assim também a natureza?

V.M. – Com o maior gosto me apresso a dar resposta ao cavalheiro que faz a pergunta. Sucede que órgão que não se usa se atrofia. Se alguém, se qualquer varão permanecesse abstinência de forma radical e absoluta, é ostensível que se prejudicaria a si mesmo, porque se tornaria impotente.

Obviamente, se tal varão quisesse curar-se de tão nefasto mal, bem poderia logrã-lo praticando magia sexual: Conexão do falo e do útero sem ejacular o sêmen.

É claro que, no princípio, tal conexão resultaria quase impossível, devido, precisamente, à falta de ereção do falo.

Não obstante, ao tratar de fazê-la, acercando o falo ao útero, com o mútuo intercâmbio de carícias, não existe violação contra a natura, senão terapêutica médico-erótica, indispensável para realizar tal cura.

No princípio, esta classe de pacientes pode usar algum tratamento médico-clínico, baseado nos conselhos do doutor, com o propósito precisamente de conseguir as primeiras conexões sexuais.

É ostensível que, se o casal se retira antes do orgasmo para evitar a ejaculação do sêmen, este último é reabsorvido no organismo, fortificando extraordinariamente o sistema sexual, cujo resultado vem a ser exatamente a cura.

Em todo esse processo, repito, não há violência contra a natureza.

P. – Mestre, quando fala o senhor de violência contra a natureza, refere-se exclusivamente à violência do organismo humano?

V.M. – Distinto amigo! Quero que o senhor saiba, de forma clara e definitiva, que, quando falamos de violência contra a natureza, estamos referindo, de forma enfática, a todo tipo de violência sexual, especificando claramente aos órgãos sexuais dos seres humanos.

Não quero dizer com isto que não existam outros tipos de violências contra a natureza. Se alguém obrigasse, por exemplo, as criaturas inferiores da natureza a efetuar cópulas artificiais, violentando o livre arbítrio, existiria violência contra a natureza. Se alguém inseminasse artificialmente os animais, como é costume hoje em dia, existiria violência contra a natureza.

Existe violência contra a natureza quando adulteramos os vegetais e as frutas com os famosos enxertos, que inventaram os sabichões desta idade negra do Kali Yuga.

Existe violência contra a natureza quando nos castramos ou quando fazemos castrar os animais.

São, pois, inumeráveis os delitos que entram nesta ordem de violência contra a natureza.

Ó amigos, cavalheiros e damas que me escutam! Pessoas que recebem esta mensagem de natal 1973–1974! Recordai que, entre o incenso dos templos, também se esconde o delito; entre os belos quadros que o pintor plasma em suas telas, também se esconde o delito; entre as mais deliciosas harmonias com que o músico nos deleita aqui neste planeta Terra, também se esconde o delito; que, entre o perfume da prece que sussurra deliciosa nos templos, também se esconde o delito.

O delito se veste de santo, de mártir, de apóstolo e, ainda que pareça incrível, disfarça-se com vestes sacerdotais e oficia nos altares.

Recordai, amigos, senhores e senhoras, Guido Guerra, citado por Dante, neto da pudica Gualdrata, nobre senhor, que durante sua vida fez tanto com seu talento e com sua espada. Recordai também Tegghiaio Aldobrandi, cuja voz deveria ser agradecida no mundo. Nobres varões que agora vivem neste sétimo círculo infernal pelo delito de violência contra a natureza.

P. – Mestre, se desintegramos o eu da violência contra a natureza ou quase todos os eus que mantêm engarrafada a nossa Essência, porém nos resta algum, cairemos também em qualquer destes círculos dantescos?

V.M. – Distinta dama! Alegro-me sua pergunta que resulta muito oportuna. Alguém poderia eliminar de sua psique aqueles agregados psíquicos relacionados com o delito da violência contra a natureza e, não obstante, cair em qualquer dos outros círculos dantescos. Enquanto o ego animal exista em nós, é óbvio que somos candidatos seguros para o abismo e à morte segunda.

P. – Mestre, se já chegamos à última das 108 existências, que são atribuídas a todo ser humano, e estamos trabalhando na Senda do Fio da Navalha, dar-nos-iam outra oportunidade para terminar nosso trabalho?

V.M. – Nobre senhora, muito me apraz escutá-la! Saiba a senhora, com inteira claridade, que as leis da natureza não estão governadas por tiranos, senão por seres justos e perfeitos.

Se alguém, apesar de haver cumprido seu ciclo de 108 existências, entra na Senda do Fio da Navalha e desencarna, achando-se no real caminho, obviamente será ajudado, atribuindo-se-lhe novas existências, com o propósito de que consiga sua autorrealização íntima. Mas, se se desviasse do caminho secreto, se renegasse, se não dissolvesse o ego e reincidisse em seus meus delitos, inevitavelmente cairia no abismo de perdição.

P. – Pelo antes exposto no curso desta conferência, chego à conclusão de que, uma vez que involucionamos nos abismos atômicos da natureza, somos realmente habitantes de todos os círculos dantescos de nosso organismo planetário. Estou no correto. Mestre?

V.M. – Quero dizer ao senhor que faz a pergunta que certamente está no justo. Quando alguém ingressa na involução submersa da natureza, desce no tempo lentamente, de círculo em círculo, ressaltando muito especialmente naquela zona onde especificamente se encontra seu pior delito.

P. – Mestre, que nos diz o senhor dos homossexuais e lésbicas? Estes cometem violência contra a natura?

V.M. – Distinto senhor! Sua pergunta me parece bastante interessante. É urgente compreender que homossexuais e lésbicas submergem inevitavelmente, no sétimo círculo dantesco, ou de Saturno, precisamente pelo delito de violência contra a natura.

Quero que os senhores compreendam que esta classe de degenerados, inimigos do Terceiro Logos, são realmente casos perdidos, sementes que não germinam.

P. – Mestre, as lésbicas e os homossexuais vêm assim por lei cármica ou tem alguma relação o engendro desses filhos, como hereditário? Qual dos dois fatores impera?

V.M. – Escuto a pergunta que faz o missionário gnóstico internacional Efrain Villegas Quintero aqui, na Sede Patriarcal do Movimento Gnóstico, na cidade do México. Senhores, senhoras! Convém saber que aqueles humanoides que em vidas anteriores se precipitaram violentamente pelo caminho da degeneração sexual, obviamente involucionando de existência em existência, vêm, por último, como homossexuais e lésbicos, antes de entrar nos mundos infernos.

É, pois, o lesbianismo e o homossexualismo o resultado da degeneração em vidas precedentes, consequência cármica fatal ... Isso é tudo!

P. – Mestre, se uma lésbica ou um homossexual lograsse, por um momento, ter conhecimento de seu castigo, pelo carma de sua degeneração, pedisse à lei uma ajuda, esta poderia conceder-lhes a graça de voltar ao seu estado normal, ou não têm a suficiente força para pedir esse benefício?

V.M. – Senhores, senhoras! Existe um provérbio que diz: “A Deus rogando e com o malho dando”. A misericórdia divina está ao lado da justiça; porém, “obras são amores e não boas razões”.

Se qualquer um desses degenerados do infrassexo se arrependesse de verdade, que o demonstre com fatos concretos, claros e definitivos. Que se case imediatamente com uma pessoa do sexo oposto e que de verdade se meta pelo caminho da autêntica e legítima regeneração sexual.

Que este tipo de delinquentes clame, ore e suplique é correto; porém que faça, que demonstre com fatos seus arrependimentos. Só assim é possível a salvação para esta classe de criaturas.

Não obstante é muito difícil que homossexuais e lésbicas tenham já ânimo, anelo verdadeiro de superação.

Indubitavelmente se trata de pessoas completamente degeneradas, nas quais já não trabalham certas áreas do cérebro. Sementes apodrecidas, onde é quase impossível encontrar um anelo de regeneração.

Alguns sujeitos desta classe fizeram de seu delito uma mística disfarçada com roupagem de santidade. Estes últimos expoentes da podridão humana são ainda piores e mais perigosos.

Não devemos, pois, forjar ilusões sobre essas pessoas. São casos perdidos, abortos da natureza, fracassos rotundos.

P. – Mestre, segundo isso, aqueles que rechaçam o sexo oposto perderam toda a esperança de realização, ou fica alguma porta aberta?

V.M. – Distinto amigo, escute! O infrassexualismo está simbolizado, na cabala antiga, pelas duas mulheres de Adão: Lilith e Nahemah. Lilith, em si mesma, alegoriza, francamente, o mais monstruoso da degeneração sexual.

Na esfera de Lilith achamos muitos ermitões, anacoretas, monges e monjas enclausuradas, que odeiam mortalmente o sexo.

Também achamos, na citada esfera, todas aquelas mulheres que tomam abortivos e que assassinam suas criaturas recém-nascidas, verdadeiras hienas de perversidade.

Outro aspecto da esfera de Lilith corresponde aos pederastas, homossexuais e lésbicas.

Inquestionavelmente, tanto os que rechaçam o sexo violentamente, como os que abusam dele, caindo no homossexualismo e no lesbianismo, são casos perdidos, criaturas terrivelmente malignas. Para esta classe de pessoas, todas as portas estão cerradas, menos uma, a do arrependimento.

A esfera de Nahemah está representada por outro tipo de violentos contra a natura, os fornicários irredentos, os fornicários da abominação, etc. Pessoas que se acham muito bem definidas no tipo Don Juan Tenório ou Casanova e até no tipo Diabo, que é o pior do pior.

Senhores e senhoras! Continuemos agora falando um pouco sobre a violência contra Deus. Ao chegar a esta parte de nossa conferência quero recordar Capaneu, o ancião de Creta, um dos sete reis que sitiaram Tebas e que agora vive na zona submersa, ou de Saturno, sob a crosta geológica de nossa Terra.

O Dante Florentino, discípulo de Virgílio, o grande poeta de Mântua, em sua Divina Comédia, cita este caso terrível, relacionado com tal tema particular.

Aquela sombra gritou: “Tal qual fui em vida, sou depois de morto. Ainda quando Júpiter cansasse seu ferreiro, de quem tomou em sua cólera o agudo raio que me feriu no último dia de minha vida; ainda quando fatigasse um após outro todos os negros obreiros do Mongibello, gritando: Ajuda-me, ajuda-me, bom Vulcano! Segundo fez no combate de Flegra, e me alvejasse com todas as suas forças, não lograria vingar-se de mim completamente”. A soberba e o orgulho dos violentos contra o divinal é, na sétima infradimensão submersa, a pior tortura. Existe violência contra a divindade quando não obedecemos às ordens superiores; quando atentamos contra nossa própria vida; quando blasfemamos iracundos.

Existem muitos modos sutis de violência contra o divinal. Indubitavelmente, o violento contra Deus, o que não quer nada com assuntos místicos ou espirituais, o que supõe que pode existir sem a misericórdia divina e que, no fundo de sua alma, se subleva contra tudo aquilo que tenha odor de divindade. Existe violência contra Deus naquele sujeito autossuficiente que sorri estupidamente e de forma cética, quando escuta assuntos que de alguma forma tenham a ver com os aspectos espirituais da vida.

Existe violência contra Deus nos velhacos do intelecto, nesses sabichões que negam toda possibilidade espiritual do homem, nesses que creem haver monopolizado o saber universal, nos modelos de sabedoria, nos ignorantes ilustrados que não somente ignoram, senão, além disso, ignoram que ignoram. Nos iconoplastas

que fazem mesa rasa quando analisam princípios religiosos, porém que deixam seus sequazes sem uma nova base espiritual. Existe violência contra Deus nos marxistas-leninistas, pseudossapientes que tiraram da humanidade os valores espirituais.

Vem-me à memória, nestes momentos, um encontro, nos mundos submersos, com Karl Marx.

Encontrei-o nessas regiões tenebrosas. Aquele sujeito havia despertado no mal e para o mal. Sem dúvida, era um Bodhisattwa caído.

Seguia-o Lênin, como uma sombra nefasta, inconsciente, profundamente adormecido.

Interoguei Marx com as seguintes palavras: “Faz já muitos anos que o senhor desencarnou; seu corpo se tornou pó na sepultura e, não obstante, o encontro vivo nestas regiões. Então, em que ficou sua dialética materialista?”

Aquele sujeito, olhando o relógio de pulso que levava no braço, não se atreveu a dar-me resposta alguma; deu as costas e se retirou. Porém, a poucos metros de distância, lançou uma gargalhada sarcástica horripilante. Mediante a intuição logrei capturar a essência viva de tal gargalhada. Nela estava a resposta que poderíamos resumir com a seguinte frase: “Essa dialética não foi mais que uma farsa; um “prato” para enganar incautos”.

É curioso saber que, quando Karl Marx desencarnou, recebeu honras fúnebres religiosas de grão rabino.

Na Primeira Internacional Comunista, Karl Marx se pôs de pé, dizendo: “Senhores, eu não sou marxista!” Houve então assombro entre os assistentes, gritos, alaridos e disso nasceram muitas seitas políticas, bolcheviques, mencheviques, anarquistas, anarco-sindicalistas, etc., etc. Assim, pois, resulta interessantíssimo saber que o primeiro inimigo do marxismo foi Karl Marx.

Numa revista de Paris podemos ler o seguinte: “Mediante o triunfo do proletariado mundial, criaremos a República Socialista Soviética Universal, com capital em Jerusalém e nos adornaremos de todas as riquezas das nações, para que se cumpram as profecias de nossos santos profetas do Talmud.”

Certamente, estas não podem ser frases de um materialista, nem de nenhum ateu. Marx era um fanático religioso judeu.

Não quero agora, nesta conferência, criticar assuntos políticos, estou me referindo, de forma enfática, a questões essencialmente ocultistas.

Karl Marx, movido certamente por fanatismo religioso, inventou uma arma destrutiva para reduzir a poeira cósmica todas as religiões do mundo. Tal arma é, fora de toda dúvida, um jargão que jamais resistiria a uma análise de fundo. Refiro-me à dialética materialista.

Os velhacos do intelecto sabem muito bem que, para a elaboração de tal “prato” mentirosos, de tal farsa, valeu-se Marx da dialética metafísica de Hegel.

Evidentemente despojou esta obra de todos os princípios metafísicos que lhe deu seu autor e com ela elaborou seu “prato”. Não é demais repetir nesta conferência que Marx, como autor de tal mentira, de tal farsa, de tal dialética comunistóide, não acreditou jamais nela e por isso não teve nenhum inconveniente em confessar seu sentir em plena assembleia, exclamando: “Senhores, eu não sou marxista!”

Indubitavelmente, este senhor só cumpriu com um dos protocolos dos sábios de Sião, que diz: “Não importa que nós tenhamos que encher o mundo de materialismo e de repugnante ateísmo. O dia que nós triunfemos, ensinaremos a religião de Moisés universalmente codificadamente e de forma dialética e não permitiremos, no mundo, nenhuma outra religião.”

Não quero, com isto, condenar nenhuma raça em particular. Estou aludindo, francamente, a alguns personagens semitas com planos maquiavélicos. Esses são os Marx, os Lenin, os Stalin, etc., etc., etc.

Do ponto de vista rigorosamente ocultista, pude evidenciar que o citado Bodhisattwa caído lutou pela divindade a seu modo, usando uma arma astuta para destruir as demais religiões.

Marx foi um sacerdote, um rabino da religião judaica, fiel devoto da doutrina de seus antepassados.

O que, sim, assombra é a credulidade dos néscios que, crendo-se eruditos, caem na trama cética posta por Karl Marx.

Estes ingênuos da dialética materialista marxista-leninista obviamente se tornam violentos contra a divindade e por tal motivo ingressam no sétimo círculo dantesco.

P. – Venerável Mestre, na ordem maçônica a que pertenço, se diz que a religião ajuda o homem a bem morrer e que a maçonaria ajuda o homem a bem viver. Portanto, creio eu que a maioria dos maçons que conheço desconhecem o que é a religião e a confundem com algo totalmente negativo. Já que estamos tratando sobre a violência contra Deus, quisera o senhor dar-nos o conceito correto do que significa religião?

V.M. – Bom amigo que faz a pergunta! Estimado senhor, pessoas que me escutam! Religião vem da palavra latina “religare”, que significa voltar a ligar a alma com Deus.

A maçonaria não é propriamente religião, é mais uma confraria do tipo universal. Não obstante, seria muito recomendável que essa benemérita instituição estudasse a ciência da religião.

De modo algum sugerimos que alguém se afilie a tal ou qual seita, cada qual é livre de pensar como quiser. Nós só nos limitamos a aconselhar o estudo da ciência da religião.

Esta última é precisamente gnosticismo em sua forma mais pura, sabedoria de tipo divinal, esoterismo analítico profundo, ocultismo transcendental.

P. – Permita-me insistir, querido Mestre, já que escutei em alguma conferência, dentro do ensinamento gnóstico, que o universo foi criado por sete lojas maçônicas e isto, indubitavelmente, ligou a maçonaria primigênia com o Pai, razão pela qual tenho o conceito de que, em síntese, a maçonaria é o denominador comum de todas as religiões e, portanto, procede a Gnose. Quisera o senhor esclarecer-me isto?

V.M. – Estimável senhor! Aqueles que estudaram profundamente a maçonaria de um Ragón ou de Leadbeater sabem muito bem que a Maçonaria Esotérica Oculta existiu não somente sob os pórticos do templo de Jerusalém, senão também no antigo Egito e na submersa Atlântida. Desafortunadamente, essa honorável instituição entrou no círculo involutivo descendente com a idade do Kali Yuga ou idade de ferro, em que atualmente nos encontramos.

Não obstante, é ostensível que na futura sexta grande raça terá uma brilhante missão a cumprir, precisamente quando ressuscitem as poderosas civilizações esotéricas do passado.

Não negamos a origem divinal de tal instituição. Já sabemos que os sete cosmocratores oficiaram com liturgia santa no amanhecer do grande dia, quando fecundaram a matéria caótica para surgisse a vida.

De século em século, através das distintas rondas cósmicas, as oficinas se foram tornando cada vez mais e mais densas, até chegar, por último, ao estado em que atualmente se encontram.

Nós recomendamos aos irmãos maços que estudem a fundo o esoterismo de Salomão e a sabedoria divina da terra dos faraós.

É necessário, é urgente que os irmãos maçons não caiam no ceticismo marxista-leninista, dialética dos tontos, não se pronunciem contra a divindade, porque isto, além de ser contrário a uma ordem esotérica de origem divina, conduzi-los-ia, inevitavelmente, ao sétimo círculo dantesco, tenebrosa região dos violentos contra Deus.

P. – Venerável Mestre, como se cataloga o caso concreto de alguns gnósticos que, crendo estar identificados com a doutrina de Cristo, também estão identificados com a parte oposta, que é o ateísmo marxista?

V.M. – Distinto cavalheiro! Sucedem que não deixam de existir nas correntes de tipo ocultista ou esotérica, alguns elementos sinceros que anelam, de verdade, trabalhar por um mundo melhor.

É inquestionável que estes, envenenados pela propaganda vermelha e desejando criar aqui, no mundo ocidental, o “paraíso soviético”, trabalham com entusiasmo para lograr a realização total desse grande anelo.

Equivocados sinceros e pessoas de magníficas intenções; porém, equivocados. Recorde que o caminho que conduz ao Abismo está empedrado de boas intenções.

Se estes sujeitos vivessem, por um tempo, como operários na União Soviética, estou seguro de que, ao regressar a esta região do mundo ocidental, manifestar-se-iam raivosamente anticomunistas.

Resulta muito interessante saber que no hemisfério ocidental há mais comunistas que na União Soviética. O que sucede é que lá, atrás da cortina de ferro, já as pessoas conhecem a realidade comunista, viveram-na e, portanto, não podem ser enganadas pela propaganda vermelha. Em troca, como aqui ainda não temos governo de tipo marxista-leninista, os agitadores vermelhos podem jogar com os incautos, da mesma forma que o gato joga com o rato antes de devorá-lo.

Do ponto de vista rigorosamente esoterista, podemos afirmar, de forma enfática, o seguinte: Nos mundos submersos, nas regiões tenebrosas da sétima infradimensão dantesca, os comunistas vestem túnicas negras, são verdadeiramente personagens da mão esquerda, sacerdotes da magia negra.

Concluirei dizendo: A Venerável Grande Loja Branca qualificou o marxismo-leninismo como autêntica e legítima magia negra.

Aqueles que viram o caminho secreto que conduz à liberação final não poderiam militar nas fileiras da mão esquerda sem cair, por tal motivo, no delito de violência contra Deus.

P. – Querido Mestre, ainda que todos saibamos o que é a fraude e que sempre a relacionamos com as coisas de tipo econômico, abarca outro tipo de fraudes este delito que se purga no sétimo círculo dantesco?

V.M. – Amigos! Existem muitas formas de fraude e é bom esclarecer tudo isto. Dante simboliza a fraude com uma imagem tenebrosa, horripilante. Dante nos pinta o monstro da fraude da forma seguinte: “Seu rosto era o de um varão justo, tão bondosa era sua aparência, a exterior; e o resto do corpo, o de uma víbora venenosa. Tinha duas caras abomináveis, cheias de pelo até os sovacos, o peito e os costados de tal modo rodeados de laços e rodela, que não houve tecido turco, nem tártaro tão rico em cores, não podendo ser comparado, tampouco, àqueles, o das teias de aracne.”

Diz Dante que na cauda desta figura existia um terrível agulhão. Este símbolo expressa muito bem o delito da fraude. Pensemos, por um momento, nos variados laços de cores com que o fraudulento envolve sua vítima; no rosto venerável com que aparecem os fraudulentos; em seu corpo de víbora venenosa; em suas horripilantes garras e no agulhão com que ferem suas vítimas.

São tão variados os tipos de fraude que nos assombramos realmente. Existe fraude naquele que forma um círculo esotérico e logo o abandona.

Existe fraude naquele que abre um lumisial e logo o desconcerta com seus delitos. Já namorando a mulher alheia, já seduzindo com o propósito de praticar magia sexual, adulterando às escondidas, desejando a Ísis do templo, explorando os irmãos do santuário, prometendo o que não pode cumprir, predicando o que não pratica, fazendo o contrário do que ensina, escandalizando, bebendo álcool, ante o assombro dos devotos, etc., etc., etc.

Existe fraude no homem que promete a uma mulher matrimônio e não cumpre sua palavra; na mulher que dá a palavra ao homem e logo o defrauda, enamorando-se de outro homem; no pai de família que promete ao filho ou à filha tal regalo, tal ou qual ajuda e que não cumpre a sua promessa, etc., etc., etc. Todas estas formas de fraude são violência contra a Arte; por isso Dante as alegoriza com o espantoso monstro de rosto venerável.

Existe fraude no indivíduo que pede emprestado e não devolve o dinheiro. Existe fraude nos vendedores de loterias e jogos de azar, pois as vítimas, convencidas de que podem ganhar, perdem seu dinheiro e se sentem defraudadas.

P. – Venerável Mestre, entendemos que o sétimo círculo dantesco é mais denso que todos os anteriores, pelo que nos agradaria que nos explicasse a constituição material de dita infradimensão.

V.M. – Amigos! A sétima região submersa, ou de Saturno, é de uma densidade material que nos assombra, pois cada átomo, nessa região submersa, possui em seu ventre 672 átomos do Absoluto.

Obviamente, este tipo específico de átomos é demasiado pesado e, por tal motivo, a sétima região submersa resulta demasiado grosseira e dolorosa.

Como igual número de leis (672) governa essa tenebrosa zona submersa sob a crosta geológica de nosso mundo, a vida se torna aí insuportável, difícilíssima, terrivelmente complicada e espantosamente violenta.

P. – Mestre, desejaria saber se o elemento ou elementos em que se movem os habitantes de dito círculo tampouco é visto por eles e se creem que também vão muito bem.

V.M. – Honoráveis amigos! Quero que saibam que essa região cavernosa de nosso planeta é uma mescla de mineral e fogo.

Não obstante, ali as chamas só são conhecidas pelos seus efeitos, pela violência, pelos rudes golpes instintivos e brutais, etc.

Repito o que antes dissera, no princípio dessa conferência: O que Dante simbolizara com sangue é exclusivamente a cor sanguinolenta da violência sexual na aura dos perdidos e na atmosfera infra-humana dessa zona.

Indubitavelmente, jamais pensaria um habitante dessa saturnina região de si mesmo algo mau. Eles supõem sempre que marcham pelo caminho da retidão e da justiça. Alguns destes sabem que são demônios, mas se autoconsolam com a ideia de que todos os seres humanos o são.

Contudo, estes que não ignoram que são demônios nunca admitiriam a ideia de que são maus, pois eles creem, com firmeza, ser pessoas de bem, justos e retos.

Se alguém os repreendesse por seus delitos, se os admoestassem, se os chamassem ao arrependimento, sentir-se-iam ofendidos, caluniados, e reagiriam com atos de violência.

12 – Oitavo Círculo Dantesco ou de Urano

Amigos meus! Novamente reunidos nesta noite, 18 de novembro do ano de 1972, décimo ano de Aquário, com o propósito de estudar o oitavo círculo dantesco, submerso sob a crosta terrestre, nas infradimensões da natureza.

Ao entrar nas explicações, temos que começar por repassar o que já dissemos, em outros textos, com relação ao tantrismo negro.

Obviamente existem três tipos de tantrismo. Primeiro, tantrismo branco. Segundo, tantrismo negro. Terceiro, tantrismo cinza.

Os indostânicos nos falam francamente sobre a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes, esse poder eletrônico solar que ascende pela medula espinhal dos ascetas.

É claro que Fohat transcendente se desenvolve, exclusivamente, com o tantrismo branco. A chave a temos dado em nossos livros anteriores. Não obstante, repeti-la-emos: “Conexão do Lingam–Yoni (falo–útero), sem ejaculação do esperma sagrado.”

Tantrismo negro é diferente. Existe conexão do Lingam–Yoni, ritos mágicos e ejaculação seminal. O resultado, nesse caso concreto, é o despertar da Serpente Ígnea em sua forma estritamente negativa.

É evidente que o Fogo Sagrado, no tantrismo negro, precipita-se desde o cóccix até os infernos atômicos do homem. Então aparece a cauda de Satã, o abominável órgão Kundartiguador.

Tantrismo cinza tem outros propósitos: Gozo animal sem anelos transcendentes.

Ocupar-nos-emos agora, pois, de forma explícita, do abominável órgão Kundartiguador.

Existem duas serpentes. A primeira, a do tantrismo branco, é a Serpente de Bronze que sanava os israelitas no deserto, ascendendo vitoriosa pelo canal medular espinhal. A segunda é a Serpente Tentadora do Éden, a horrível Píton, que se arrastava pelo lodo da terra e que Apolo, irritado, feriu com seus dardos.

A primeira, a Serpente de Bronze, o fogo ascendente, tem o poder de despertar os chacras da espinha dorsal. Abre, diríamos, as sete igrejas do Apocalipse de São João e nos converte em deuses terrivelmente divinos.

A segunda abre sete chacras que estão no baixo ventre, as sete portas do Inferno, como dizem os maometanos.

Muito se falou sobre o Kundalini, o poder serpentino anular que se desenvolve maravilhosamente no corpo de todo tântrico branco. Entretanto, nós asseveramos solenemente que ninguém poderia gozar dos poderes da Serpente Luminosa sem ter sido devorado antes pela mesma.

Agora vos explicareis, amigos e irmãos do Movimento Gnóstico, qual é o motivo pelo qual os adeptos da Índia foram qualificados como najas (serpentes).

Os grandes hierofantes da Babilônia, Egito, Grécia, Caldéia, etc., etc., chamavam-se a si mesmos serpentes.

No México serpentino, Quetzalcoatl, o Cristo mexicano, foi devorado pela Serpente e, por isso, recebeu o título de Serpente Voadora.

Wotan era uma Serpente, porque havia sido tragado pela Serpente.

Resulta evidente e manifesto que o matrimônio profundo, a fusão integral da Mãe Divina com o Espírito Santo, quer dizer, da Cobra Ígnea de Nossos Mágicos Poderes com Shiva, o Terceiro Logos, o

Arqui-Hierofante e o Arquimago, só é possível quando tivermos sido devorados pela Cobra. Então advém, gloriosa, a ressurreição do Mestre Secreto dentro de nós mesmos, aqui e agora.

Convido, agora, a todo este auditório que me escuta e a todo o Movimento Gnóstico em geral, para uma reflexão profunda sobre a antítese... É inquestionável que a horrível serpente Píton é o oposto negativo e fatal, a sombra, diríamos, a antítese radical da Serpente de Luz.

Indubitavelmente, no Abismo a verdade se disfarça de trevas.

Se, nas dimensões superiores da natureza e do cosmos, somos devorados pela Serpente de Bronze que sanava os israelitas no deserto, obviamente, no oitavo círculo dantesco, os condenados são devorados pela horrível Serpente Tentadora do Éden. Então se convertem em víboras venenosas, espantosamente malignas.

Quero que compreendais integralmente que a Serpente sempre há de nos devorar, seja no seu aspecto luminoso ou no oitavo círculo infernal tenebroso.

Resulta patética a cena fatal da horrível Serpente Tentadora do Éden, devorando os perdidos, com o propósito de destruí-los, desintegrá-los, reduzi-los a poeira cósmica, para liberar a Essência, para restaurar a pristina pureza original da mesma.

Só assim logra a alma emancipar-se do doloroso Tártaro.

É interessantíssimo saber que a Cobra sempre destrói o ego, já pela via luminosa, à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, ou já pela via tenebrosa, no oitavo círculo das fatalidades.

É maravilhoso saber que o ego sempre deve ser dissolvido, custe o que custar, com a nossa vontade ou contra a nossa vontade, e que a Serpente inevitavelmente nos deve tragar, os vitoriosos ou fracassados.

Essa Serpe Tentadora do Éden, essa horrível Píton é o aspecto negativo da Mãe Divina. Cumprindo seu labor no Averno, volta à sua polarização positiva na luminosa região.

Vede, pois, amigos e amigas, de que forma a Mãe Divina ama seu filho. Aqueles que andam perdidos, os tântricos negros, ao desenvolver a Serpente das Fatalidades, condenam-se à morte segunda inevitavelmente.

Bonzos e dugpas de turbante vermelho não poderão fugir jamais da Mãe Divina Kundalini; ela os devorará inevitavelmente, custe o que custar.

No oitavo círculo infernal moram, desgraçadamente, os falsos alquimistas (os tântricos negros), os falsificadores de metais, aqueles que cristalizaram negativamente. Para ser mais claro, aqueles que, em vez de fazer cristalizar o hidrogênio sexual Si-12 nos corpos existenciais superiores do Ser, fizeram-no cristalizar negativamente, para se converter realmente em adeptos da face tenebrosa, que, inevitavelmente, vêm a ser devorados pela horrível Serpente das Fatalidades.

Quero que todos se deem conta que há dois tipos de alquimia, dois tipos de morte do ego e dois tipos de banquete que se dá a Serpente.

Vós podereis escolher o caminho. Elegei-o! Dá-se o conhecimento. Estais ante o dilema do ser ou não ser da filosofia.

Ai de vós, os candidatos à morte segunda! Vossas torturas serão espantosas! Só assim podereis morrer no tenebroso Averno.

De que outra forma se poderia emancipar a Essência? De que outra forma poderia ficar livre para reiniciar um novo ciclo evolutivo, que indubitavelmente começará desde a dura pedra?

No oitavo círculo infernal encontramos também os falsificadores de moeda, os falsários, os aproveitadores de pessoas, os incestuosos, os semeadores de discórdia, os maus conselheiros, os que prometem e não cumprem, os que fazem escândalos e também os que formam cismas, gente falsa e mentirosa, etc., etc., etc.

Esta oitava região submersa é a antítese, o oposto, o aspecto negativo de Urano.

Muito interessante é este planeta do nosso sistema solar. Foi-nos dito que os polos norte e sul de Urano apontam alternadamente para o Sol.

Quando o polo negativo deste mundo se orienta para o resplandecente Sol, então, a força feminina manda em nosso aflito mundo.

Cada ciclo ou período magnético de Urano é de 42 anos. Assim pois, homens e mulheres alternam seu mando aqui na Terra em ciclos ou períodos de 42 anos.

O período completo de Urano consta de 84 anos, 42 de tipo masculino e 42 de tipo feminino.

Observemos bem os costumes das pessoas, a história, e veremos épocas intensivas de atividade masculina, como da pirataria, por exemplo, quando todos os mares da Terra se encheram de corsários; e épocas como a presente ou como aquela em que as amazonas estabeleceram seus cultos lunares e governaram grande parte da Europa, fazendo estremecer o mundo.

A cada ciclo masculino, pois, segue um feminino e vice-versa. Tudo depende da polarização de Urano e do tipo de energia que deste planeta vem à Terra.

É bom saber, para o bem da Grande Causa, que as glândulas sexuais são governadas por Urano.

Necessitamos compreender integralmente que os ovários femininos também são controlados por Urano.

Este planeta, como regente da nova Era de Aquário, traz uma revolução completa ao nosso aflito mundo.

Não é, pois, de estranhar que, na submersa região de Urano, sob a crosta da nossa Terra, definam-se os aspectos sexuais dos definitivamente perdidos e a Serpente Tentadora do Éden trague os caídos, para iniciar o processo destrutivo em grande escala, até concluir na morte segunda.

Em nosso passado livro, intitulado As Três Montanhas, dissemos que, no reino mineral submerso do planeta Urano, o Iniciado tem que desintegrar o mau ladrão, Caco ou Gestas, como aparece no Evangelho cristão.

Agato ou Dimas, o bom ladrão, é aquele poder íntimo que, do fundo do nosso Ser, rouba o hidrogênio sexual Si-12 para nossa própria autorrealização íntima.

Caco, o mau ladrão, o horrível Gestas, é aquele poder sinistro, tenebroso, que rouba a energia criadora para o mal.

Não é demais informar que o abominável órgão Kundartiguador, resultado do mau uso da energia criadora roubada por Caco, não somente se desenvolve nos alquimistas negros ou tântricos tenebrosos, senão também nos decididamente perdidos, ainda que estes não tivessem nenhum conhecimento mágico.

Passando, agora, à esfera antitética de Urano, nos fundos abismais do planeta Terra, pela lei dos contrastes e de analogia dos contrários e de simples correspondência, também deve ser destruído o horripilante Caco.

Vejam vocês, pois, senhores e senhoras, estes aspectos luminosos e tenebrosos antitéticos, de que forma se correspondem e de que modo se desenvolvem...

P. – A Serpente Tentadora do Éden é a mesma Serpente Sagrada, Mestre?

V.M. – Meu estimável fráter! Muito interessante me parece sua pergunta e me apresso em responder–lhe.

É claro que, no Averno, a verdade se disfarça de trevas. Resulta algo insólito saber que a Cobra pode polarizar–se de forma positiva ou negativa.

Isto quer dizer que a Serpente Tentadora do Éden, ainda que sendo o contraste tenebroso da Serpente de Luz, é, indubitavelmente, a polarização negativa da Serpente de Bronze que sanava os israelitas no deserto.

Assombra saber que a radiante Serpente se polariza nesta forma fatal e isto nos convida a compreender que o faz pelo bem de próprio filho, para destruir, no Averno, os elementos infra-humanos que levamos dentro e nos liberar das garras espantosas da dor. Assim é o amor de toda Mãe Divina.

P. – Querido Mestre, como é evidente que a maior parte dos habitantes deste planeta não pratica nem o tantrismo branco nem o negro, senão o tantrismo cinza, que é a prática sexual com derrame do Ens Seminis e sem nenhum anelo transcendente, pergunto se toda essa maioria automaticamente ingressa no oitavo círculo dantesco como os que praticam o tantrismo negro?

V.M. – Distinto cavalheiro! Sua pergunta é muito inteligente e quero que entenda minha resposta. É bom que o senhor saiba que todo tantrismo cinza se converte em negro, inevitavelmente.

Quando alguém desce no Averno, desperta negativamente.

Esse despertar fatal se deve ao desenvolvimento do abominável órgão Kundartiguador.

É, pois, de saber, de forma contundente, que todo fornicário, ainda que desconheça o tantrismo negro, é tântrico de fato e sobrevém, inevitavelmente, como personalidade tenebrosa, com a Serpente Tentadora do Éden completamente desenvolvida.

P. – Mestre, quando se falou do segundo círculo infradimensional, explicou–nos que ali moram os fornicários e, somente para esclarecer o conceito, desejaria saber que diferença há entre os fornicários que habitam no círculo de Mercúrio e os que ingressam no oitavo círculo dantesco?

V.M. – Amigos, amigas! A luxúria é a raiz do ego, do eu, do mim mesmo, do si mesmo. Isto nos convida a compreender que a lubricidade, a fornicação existe inquestionavelmente em cada uma das nove infradimensões naturais debaixo da crosta geológica de nosso mundo.

Não obstante, há uma diferença em tudo isto. Na esfera submersa de Mercúrio, a espantosa Coatlicue, ou Prosérpina, a Serpente Tentadora do Éden, não devora ainda seus filhos. Só na oitava região submersa vem a dar–se ela seu espantoso banquete.

Agora nos explicaremos porque o Dante florentino vê, no oitavo círculo, milhões de seres humanos feitos pedaços, sangrando, ferindo–se com suas unhas e com seus dentes, decapitados, etc., etc.

É ostensível que em tal região submersa se inicia o processo de ossificação, cristalização, mineralização e destruição de todo ego.

P. – Venerável Mestre, é verdadeiramente impressionante a narração que o senhor nos fez sobre o amor da Divina Mãe, que, já seja no aspecto de luz ou no de trevas, libera seu filho, a Essência, inclusive, pela via da mais tremenda dor, dentro das entranhas da Terra. Como é, pois, que muitos magos negros com Consciência desperta, sabendo da dor que têm que passar, persistem no caminho do tantrismo negro e da morte segunda?

V.M. – Distinto cavalheiro! É bom que todos os aqui presentes saibam que uns despertam para a luz e outros para as trevas, como já o disse em passados livros.

Não obstante, existe uma diferença radical entre os que despertam positivamente e os que o fazem de forma negativa.

Indubitavelmente, os perdidos, aqueles que despertaram no mal e para o mal, mesmo sabendo que devem involuir nas entranhas do mundo até a morte segunda, antes de lograr a restauração da prístina pureza original do material psíquico, não se arrependem do caminho escolhido, porque fizeram de sua involução e da rota fatal do Samsara uma religião, uma mística ... Não é demais informar a este auditório que os adeptos da mão esquerda têm templos nas regiões submersas, onde rendem culto ao aspecto negativo da Serpente. Certamente, esses seres infra-humanos jamais desconhecem a sorte que lhes está reservada. Ao contrário, desejam apressá-la, para emancipar-se e sair livres à luz do Sol, com o propósito de voltar a começar uma nova evolução, que haverá de se reiniciar, como já disse, começando pela dura pedra e continuando pelo vegetal e pelo animal, até reconquistar o estado de humanoide intelectual.

Quando alguém conversa com Javé, pode evidenciar claramente que os perdidos aborrecem o Logos Solar e que se acham plenamente enamorados da roda do Samsara (círculo vicioso e fatal).

P. – Não compreendo, Venerável Mestre, como é possível que um habitante dessa infradimensão submersa do oitavo círculo dantesco, cuja Essência engarrafada no tremendo eu da luxúria, possa nem sumariamente despertar Consciência, já que, para que isto suceda, a Essência deve estar liberada do Ego.

V.M. – Distinto cavalheiro! Repito o que antes já dissera, que uns despertam para a luz e outros, para as trevas. Ao chegar a esta parte de nossa conferência desta noite, vamos citar um versículo de Daniel, o Profeta. Vejamos a Bíblia (Daniel XI, XII): “E muitos do que dormem no pó da terra serão despertados, uns para a vida eterna e outros para a vergonha e confusão perpétua”. “Os entendidos resplandecerão como o resplendor do firmamento e os que ensinaram a justiça à multidão, como as estrelas, para a perpétua eternidade”. “Porém tu, Daniel, cerra as palavras e sela o livro até o tempo do fim. Muitos correrão daqui para lá e a ciência aumentará.”

Como já estamos nos tempos do fim e como a ciência aumentou escandalosamente, convém tirar o selo do livro e esclarecer a profecia.

Repito, o abominável órgão Kundartiguador tem poder para despertar a Consciência naqueles que ingressam no Abismo, onde somente se escuta o pranto e o ranger dos dentes.

Podemos, pois, despertar a Consciência de forma luminosa e positiva, mediante a dissolução voluntário do ego, ou despertá-la no mal e para o mal, mediante o desenvolvimento do abominável órgão Kundartiguador.

Cada qual pode escolher seu caminho. A profecia de Daniel foi declarada.

P. – Venerável Mestre, conheço muitos mentores espirituais que, com toda sinceridade, vivem alijados das práticas sexuais, ou seja, que são celibatários e que, portanto, segundo posso entender, não estão classificados em nenhum dos três tantras de que o senhor nos falou. Acaso estas pessoas não ingressarão nesta região do Averno?

V.M. – Ai de vós, hipócritas fariseus! Sepulcros caiados! Perversa geração de víboras, que o prato e o copo limpais, ainda que por dentro estejais cheios de podridão!

O eu fariseu acha-se ativo no fundo de muitos devotos. Eles se presumem de santos e de sábio, de castos e perfeitos; porém, no fundo, são espantosamente fornicários.

O eu fariseu bendiz os alimentos ao sentar-se à mesa, tem atitudes pietistas, autoengana-se, crendo-se virtuoso; mas, na profundidade de si mesmo, oculta desígnios inconfessáveis e propósitos maquiavélicos que justifica as boas intenções.

No oitavo círculo dantesco, tais beatos são devorados irremediavelmente pela Serpente Tentadora do Éden.

P. – Mestre, que nos pode o senhor dizer da densidade e elementos que integram esta infradimensão?

V.M. – Distintos amigos! O oitavo círculo dantesco é uma região pétrea e ígnea ao mesmo tempo. Ali o fogo tortura realmente os perdidos.

Esta zona submersa de Urano, sob a crosta geológica do planeta Terra, tem cristalizações de insuportável materialidade.

Não é demais recordar, com inteira clareza que assombra, que, na mencionada zona, cada átomo leva em seu ventre 768 átomos do Sagrado Sol Absoluto.

Assim, pois, cada átomo desses é terrivelmente denso e, por isso, não é de se estranhar que nessa região a materialidade é ainda mais densa que nos sete círculos anteriores.

Igual número de leis (768) controla todas as atividades do oitavo círculo infernal e, por isso, a vida nesta zona submersa do Averno resulta evidente complicada e difícil. Por conseguinte, os sofrimentos se intensificam terrivelmente na zona tenebrosa do aspecto negativo de Urano, sob a epiderme da Terra.

13 – Nono Círculo Dantesco ou de Netuno

Muito estimados amigos! Reunidos esta noite, propomo-nos a estudar o nono círculo dantesco, com o propósito de aprofundar mais nesta questão.

Chegamos, através destas conferências, ao próprio centro da Terra, o qual é de uma inércia espantosa, porque é próprio núcleo de nosso planeta.

Ao chegar a esta parte, Dante, em sua Divina Comédia, cita inusitadamente a lança de Aquiles. Foi-nos dito que tal lança, se a princípio feria e ocasionava danos ou amarguras, depois resultava numa verdadeira benção.

Isto vem a nos recordar claramente a lança de Longibus, com o qual o centurião romano ferira o costado do Senhor.

Esta mesma lança empunhada por Parsifal, o herói maravilhoso da dramaturgia wagneriana, veio sanar o costado de Anfortas.

Já em nossos passados textos falamos, de forma concreta, sobre esta arma de Eros.

Então, dissemos que tal hasta é de tipo fálico, que, sabiamente manejada, pode ser utilizada para a desintegração do eu pluralizado.

É muito notório o fato de que Dante mencionasse precisamente a lança de Aquiles na nona esfera e isto é algo que nos deve fazer meditar.

Convém recordar que a lança santa é o próprio emblema do falo, onde radica o princípio de toda a vida, a eletricidade sexual transcendente, com a qual podemos desintegrar, reduzir a poeira cósmica o eu pluralizado.

Quero, nesta conferência, citar também o Santo Graal, aquela divina taça ou cálice milagroso em que o Grande Kabir Jesus bebera na última ceia.

É claro que tal joia é o símbolo vivo do útero ou yoni divinal do eterno feminino.

Como entramos no tema da nona esfera, não poderíamos esquecer, nesta conferência, de mencionar o cálice e a lança dos grandes mistérios arcaicos.

Na nona esfera são desintegradas definitivamente as criaturas involucionantes. Que foi de Nemrod e sua torre de Babel? Que será dos modernos fanáticos de tal torre? Em vão tentarão assaltar o céu com seus foguetes; as viagens cósmicas não são permitidas aos animais intelectuais; tentá-las é um sacrilégio. Tais viagens são exclusivas do homem autêntico, legítimo e verdadeiro.

Depois da grande catástrofe que se avizinha, os velhacos intelectuais da torre de Babel ingressarão nos mundos infernos, para serem reduzidos a poeira cósmica na nona esfera.

Que foi de Efilto? Logrou comover os deuses encarnados da antiga Atlântida. Não obstante, foi reduzido a pó no nono círculo dantesco.

Que foi de Briareu, o dos cem braços? Viva representação alegórica dos senhores da face tenebrosa que outrora povoavam a submersa Atlântida.

No nono círculo infernal, ou de Netuno, foi dissolvido, convertendo-se em pó da terra.

Nesta zona netuniana submersa são reduzidos a cinzas os traidores. Ai de Bruto, Cássio e do Judas interior de cada vivente!

E que foi de ti, Alberigo de Manfredi, senhor de Faenza, de que serviram tuas boas intenções e haveres ingressado na Ordem dos Irmãos Gozosos?

Bem sabem os divinos e os humanos o horroroso crime que cometeste. Não foste acaso tu aquele que assassinou teus parentes em pleno festim?

Diz a lenda dos séculos que, fingindo reconciliar-te com eles, fizeste assassiná-los em célebre banquete, precisamente ao final, no exato instante em que se serviam as sobremesas.

Não obstante, continuaste vivendo! Assim parecia às pessoas. Mas, na verdade ingressaste no nono círculo infernal no exato momento em que se consumou o delito.

Quem ficou habitando teu corpo? Não foi acaso um demônio?

Ai dos traidores? Ai daqueles que cometem semelhantes crimes! Estes são julgados de imediato pelos Tribunais de Justiça Objetiva e sentenciados à morte. Os verdugos cósmicos executam a sentença e tais desditados desencarnam de imediato, passando ao nono círculo dantesco, ainda que seus corpos físicos não morram, pois sabido é que qualquer demônio, substituindo o traidor, fica metido em seu corpo, com o fim de que não sejam alterados os processos cármicos daquelas pessoas ou familiares que, de uma ou outra forma, estejam relacionados com tais perversas personalidades.

Ainda que pareça incrível, atualmente perambulam pelas ruas das cidades muitos mortos-vivos, cujos verdadeiros proprietários agora vivem nos mundos infernos.

P. Venerável Mestre, se a Essência engarrafada no eu pluralizado é a que transmigra aos mundos infernos, esta substituição de que o senhor fala significa, acaso, que outra Essência toma o corpo do morto-vivo?

V.M. – Amigos, repito! Qualquer demônio pode substituir o ex-proprietário do corpo. Pode dar-se também o caso que o demônio que fica dono da situação, amo e senhor de tal veículo abandonado, seja um dos demônios menos prejudiciais que formaram parte do ego precipitado no Averno.

Assim pois, os Juízes da Justiça Celestial condenam os delitos de alta traição com a pena de morte.

P. – Mestre, que se entende por delito de alta traição?

V.M. – Amigos! Existem muitos gêneros de traição, mas há alguns tão graves que, de fato, são pagos com pena de morte.

Isso de convidar tal ou qual pessoa ou pessoas a um banquete e logo assassiná-las no mesmo, alegando este ou aquele motivo, é um crime tão grave que não se pode pagar de outra forma. Neste caso, o traidor desencarna de imediato e seu corpo fica nas mãos de algum demônio.

É evidente que as pessoas de modo algum se dão conta do que sucedeu no fundo da personalidade do traidor; porém, aos Juízes da Justiça Celestial o que lhes interessa é que se cumpra a sentença e isto é tudo!

P. – Mestre, não entendi suficientemente o relacionado à Essência, pois não compreendo que o demônio que substitua o ex-proprietário do corpo do traidor tenha vida física carente de Essência.

V.M. – Amigos! Vem-me à memória aquele versinho que diz: “Mortos não somente são aqueles que dormem na tumba fria; mortos são também aqueles que têm a alma morta e ainda vivem todavia.”

O demônio que substitui o dono de um corpo pode já não ter Essência de nenhuma espécie e, com isto, fica esclarecida completamente minha explicação. Estes são os casos dos desalmados, citados por H.P.B. em sua Doutrina Secreta. Não sou o primeiro a mencionar este assunto, nem tampouco o último; mas, sim, sou o primeiro a esclarecê-lo totalmente. P. – Que nos diz o Mestre G. sobre o particular?

V.M. – O Mestre G. diz que há muitas pessoas nas ruas só com sua personalidade; porém, carentes de Essência, quer dizer que andam vivos e, não obstante, estão mortos.

P. – Venerável Mestre, quisera dar-me uma explicação acerca do que fala anteriormente, relacionado com o verdugo cósmico?

V.M. – Vejo aqui, no auditório, um missionário gnóstico internacional que, muito sinceramente, formulou a pergunta.

Os Tribunais da Justiça Objetiva (para diferenciá-los da justiça subjetiva deste mundo vão em que vivemos) têm a seu serviço verdugos cósmicos. Nestes momentos vêm-me à memória dois deles, muito famosos, que trabalharam no antigo Egito dos faraós.

Esta classe de verdugos atua de acordo com a Grande Lei e estão mais além do bem e do mal, tem poder sobre a vida e poder sobre a morte.

Recordo, com inteira claridade meridiana, algo insólito que me aconteceu em minha presente existência. Depois de haver concluído todos os processos esotéricos iniciáticos, fui submetido a muitíssimas provas; mas, havia uma na qual falhava lamentavelmente. Quero referir-me, de forma enfática, ao problema sexual.

Por aquela época, faz já muitíssimos anos, sucedia-me sempre o inevitável. Falhava nos momentos decisivos e tragava as maçãs do jardim das Hespérides. Lamentavelmente.

No mundo físico guardava a mais absoluta castidade. O desastre sempre me sucedia fora do corpo, nos mundos superiores. Na presença de muitas damas inefáveis, fracassava.

Um e outra vez sucumbia nos processos impudicos de Gundrigia, Kundry, Salomé, a Eva sedutora da mitologia hebraica.

O grave do caso é que, apesar de haver saído triunfante em todas as provas esotéricas iniciáticas anteriores, vinham suceder-me esses fracassos precisamente ao final da Montanha da Iniciação.

Meu caso era verdadeiramente lamentável e em todas essas cenas de tipo erótico, sob a Árvore da Ciência do Bem e do Mal, não era eu dono de mim mesmo. Um demônio metia-se-me na mente, adonava-se de meus sentidos, controlava minha vontade e, assim, falhava desgraçadamente.

Eu sofria o indizível, a ferida de Anfortas sangrava em meu costado e o remorso era espantoso.

Sucedeu-me que por fim, um dia, mortalmente ferido no fundo de minha alma, clamei a minha Divina Mãe Kundalini, solicitando auxílio, e este não se fez esperar...

Uma noite qualquer, minha Mãe adorável me tirou do corpo físico e me levou ante os Tribunais da Justiça Objetiva.

Grande foi meu terror quando me vi na presença dos juízes no Tribunal do Carma.

Muitas pessoas encheram a sala e havia pavor em todos os rostos e angústia em todos os corações.

Avancei alguns passos na estância da verdade-justiça e o juiz abriu o livro e leu: Crimes contra a deusa Lua, aventuras de Don Juan Tenório, na época dos trovadores medievais e dos cavaleiros andantes e das cidades feudais.

Logo, com voz tremenda, pronunciou a sentença de morte e ordenou ao verdugo cósmico, de forma imperativa, que a executasse de imediato.

Ainda recordo o indizível terror destes instantes. Minhas pernas tremiam no preciso momento em que o verdugo, desembainhando sua Flamejante espada, a dirigia ameaçadora contra minha indefesa pessoa.

Nesses segundos, que me pareceram séculos de tortura, passaram por minha mente os sacrifícios pela humanidade, minhas lutas pelo Movimento Gnóstico, os livros que havia escrito, etc., etc., etc., e disse a mim mesmo: E esta é a sorte que agora me aguarda! Tanto que sofri pela humanidade! Este é o pagamento que os deuses me dão? Ai! Ai! Ai!

De repente sinto que em meu interior algo se move e se agita violentamente, enquanto o verdugo dirigia a ponta de sua espada para mim...

Logo vejo, com assombro místico, um demônio luxurioso, terrivelmente perverso, que, saindo de meu corpo pela espinha dorsal, toma a forma de um cavalo que relincha...

O verdugo dirige, agora, sua espada para a besta maligna e esta mergulha de cabeça para o fundo do negro precipício; suas patas e cauda ficam para cima e, por último, o corpo inteiro daquela abominação espantosa penetra totalmente sob a epiderme do globo planetário, para se perder nas entranhas tenebrosas do Averno...

Assim foi, amigos meus, como fiquei livre daquele eu luxurioso que na Idade Média criara, quando andava como Bodhisattwa caído, sobre régia cavalgada, nos empedrados caminhos que, de castelo em castelo, me levaram pelas terras dos senhores feudais.

Já livres dessa abominação da natureza, senti-me ditoso. Não voltei a falhar nas provas sexuais, fui dono de mim mesmo e pude prosseguir pela Senda do Fio da Navalha.

Eis aqui, senhores e senhoras, o bem tão grande que a mim me fez o verdugo cósmico...

Inquestionavelmente, esta classe de seres está mais além do bem e do mal e são terrivelmente divinos.

De modo algum quero fazer demagogia; não pretendo, por isto, louvar, nem remotamente, os verdugos infames da justiça subjetiva, da justiça terrenal, dessa vã justiça que se compra e se vende. Estou-me referindo exclusivamente a indivíduos sagrados da justiça objetiva, da justiça celestial e isto é radicalmente diferente ...

P. – Mestre, no princípio de sua impressionante narração sobre os seres que ingressam no nono círculo dantesco, refere-se aos atuais construtores da torre de Babel e mencionava os homens de ciência que enviam foguetes ao espaço. Quisera esclarecer-me de que são culpáveis estes sábios da ciência moderna?

V.M. – Distinto cavalheiro! Com o maior gosto me apresso a responder a pergunta. Velhos textos da sabedoria antiga dizem que os Titãs da submersa Atlântida quiseram assaltar o Céu e foram precipitados ao Abismo.

Quero que vocês, senhores e senhoras, se deem conta cabal que os sábios do século XX não são os primeiros a lançar foguetes ao espaço, nem, tampouco, os únicos terrícolas que puderam enviar astronautas à Lua.

Nemrod e seus sequazes, os fanáticos da torre de Babel, habitantes da submersa Atlântida, criaram melhores foguetes, impulsionados por energia nuclear, e enviaram homens à Lua.

Isto me consta a mim; eu o vi e disse dou testemunho, porque eu vivi na Atlântida.

Ainda recordo um aeroporto do submerso continente... Muitas vezes, de um restaurante vizinho, caravanchará, ou pousada, vi muitas vezes partir essas naves entre os gritos de entusiasmo das excitadas multidões... Em que ficou tudo isto? Que foi dos Titãs? Agora só podemos achar pó no nono círculo infernal.

Amigos, senhoras! Não esqueçam vocês que o espaço é infinitamente sagrado e que, por conseguinte, a navegação interplanetária é controlada por leis cósmicas muito severas.

O erro destes modernos sequazes da torre de Babel consiste, precisamente, em sua autossuficiência... Estes ignorantes ilustrados, estes sabichões partem do princípio equivocado de que já são homens. Não se querem dar conta de que ainda não chegaram a estatura de tais. São unicamente homúnculos racionais, humanoides intelectivos.

Para ser homem, necessita-se haver-se dado ao luxo de criar, para seu uso pessoal, um corpo astral, um corpo mental, um corpo causal.

Só aqueles que criaram tais veículos suprasensíveis poderão encarnar realmente seu Real Ser, que os colocaria, de fato, dentro do reino dos homens.

Absurdo é, pois, que os animais racionais abandonem o zoológico (o planeta Terra), para viajar através do espaço infinito.

É, pois, de saber que estes sabichões da torre de Babel serão fulminados com o raio terrível da Justiça Cósmica e perecerão no nono círculo dantesco.

Vestido com o Eidolon (corpo astral), passei horas inteiras nas entranhas da Terra, no próprio centro de gravidade permanente, no núcleo de nosso mundo.

É tal região terrivelmente densa, pois cada átomo da citada zona leva, em seu ventre, 864 átomos do Sagrado Sol Absoluto.

Igual número de leis (864) controlam as infelizes criaturas que, em processo de franca desintegração, se encontram nessa zona.

Caminhando por ali, vi uma pedra, sobre a qual havia uma cabeça semelhante à humana. Esta se movia muito lentamente, repetindo mecanicamente tudo aquilo que a mim ocorria dizer.

Tratava-se de alguém que já se havia mineralizado totalmente e que, inquestionavelmente, se estava decompondo e desintegrando, para se reduzir, por fim, a poeira cósmica.

Continuando meu caminho nas entranhas do mundo, senti de repente, sobre meus ombros, como se um ente diabólico tivesse pousado sobre mim. Sacudi-me com força e aquela criatura caiu, então, ao solo pouco mais adiante.

Depois, prosseguindo pelo caminho solitário do tenebroso Tártaro, naquelas espantosas profundezas onde o tempo é terrivelmente longo e tedioso, entrei num quarto imundo, onde havia uma prostituta que se revolia no leito de Procusto, desintegrando-se lentamente.

Aquela rameira perdia dedos, braços, pernas, lentamente, pouco a pouco, e copulava incessantemente com quanta larva se acercasse dela...

Sai dali, dessa horrível alcova, terrivelmente comovido... Por último, algo insólito sucede; vejo um par de bruxas vestidas de negro que, flutuando lentamente sobre o piso, se dirigem a uma cozinha...

Ali, essas harpias preparam suas beberagens, seus filtros, seus feitiços, para causar dano a outros infelizes do tenebroso Tártaro...

O tempo vai passando e eu começo a me sentir enfastiado em tão grosseira materialidade. Anelo, então, sair dela, subir à superfície da Terra, voltar a ver a suave luz do dia...

Minha aspiração não é vã, prontamente sou auxiliado e meu Real Ser me tira outra vez daqueles abismos, para contemplar novamente as formosas montanhas, os profundos mares, a luz do Sol e as rutilantes estrelas.

Amigos, recordai a cidade de Dite, o nono círculo infernal. Aí exalam seu derradeiro alento aqueles que involuíram no tempo.

Lúcifer–Prometeu, o Adversário, esse vil gusano que atravessa o coração do mundo, teve o rosto mais belo, ainda que agora se ache encadeado à rocha fatal da impotência.

Não pensemos em um Lúcifer dogmático, senão no Lúcifer interior de cada qual, naquele reflexo do Logos que se encontra no fundo íntimo de toda pessoa.

Diz-se que chora com seis olhos e este número convida à reflexão. 666 é o número da Grande Rameira e, somando cada número entre si, teremos o resultado 18. Continuando com novas adições chegaríamos à seguinte síntese: $1 + 8 = 9$, a nona esfera, o nono círculo dantesco.

Lúcifer é, pois, essa força revolucionária que se acha no fundo de nosso sistema sexual e que, sabiamente manejada, pode transformar–nos em deuses.

Aqueles que não sabem manejar a força luciférica, com quem os compararei? Possivelmente, aos aprendizes de eletricidade ou aos incautos que, não tendo tal profissão, ignorando o perigo, ousam brincar com cabos elétricos de alta tensão. Indubitavelmente são fulminados e precipitados no Abismo.

O aspecto negativo de Lúcifer–Prometeu nos conduz ao fracasso inevitavelmente e por isso se diz que ele é o Adversário que mora no coração do mundo.

A antítese de Lúcifer, ou o aspecto superior do mesmo, é o Logos Solar, o Cristo Cósmico.

Lúcifer é escada para baixar ao Averno e escada para subir. Compreensão é indispensável; recordai que nosso lema–divisa é Thelema (vontade).

É necessário aprender a distinguir o que é uma queda do que é uma descida. Nós necessitamos baixar à nona esfera (o sexo), para fabricar os corpos existenciais superiores do Ser e dissolver o ego.

No nono círculo está o poço do universo, o centro de gravidade planetária.

Não é demais recordar que, na nona esfera submersa, têm os órgãos criadores da humana espécie sua plena representação.

Ninguém poderia subir sem haver tido, antes, a moléstia de baixar. A toda exaltação antecede uma terrível e espantosa humilhação.

Baixar à nona esfera é indispensável. Uns o fazem em vida, por sua própria vontade, espontaneamente e para sua autorrealização íntima; e outros, a maioria, as multidões, fazem–no de forma inconsciente quando descem ao abismo de perdição.

P. – Venerável Mestre, quisera que nos explicasse o porquê ao sexo também se chama nona esfera. Acaso guarda relação com o centro da Terra?

V.M. – Amigos! É urgente compreender que nas dimensões superiores da natureza, submersas sob a epiderme da Terra, existe, por lei de antíteses, um nono círculo de glória, onde os Iniciados da Fraternidade Universal Branca podem ver, de forma concreta, traçado o signo do infinito, o santo oito, colocado este horizontalmente.

Aqueles que estudaram a cabala esotérica conhecem muito bem o significado íntimo desta mágica figura.

O extremo superior de tal signo simboliza o cérebro, o extremo inferior alegoriza o sexo e o centro desta magnífica figura é o atômico ponto onde gravitam as nove regiões submersas.

Eis aí, pois, o cérebro, coração e sexo do gênio planetário. A luta é terrível; cérebro contra sexo, sexo contra cérebro.

Quando o sexo vence o cérebro, quando fica sem controle algum, somos precipitados de cabeça ao Abismo.

Quando o cérebro e o sexo se equilibram mutuamente, autorrealizamos-nos intimamente.

Todas as criaturas que existem sobre a face da Terra foram criadas de acordo com este santo símbolo do infinito. Agora vos explicareis, pois, por que o sexo corresponde à nona esfera.

Nove meses permanece a criatura no ventre materno; nove idades esteve a humanidade metida dentro do ventre da grande natureza, Reia, Cibele, etc., etc., etc. Com isto creio, muito seriamente, haver dado resposta à pergunta do cavalheiro.

P. – Venerável Mestre! Queria saber como sai à luz do Sol a Essência, uma vez que o ego foi reduzido a poeira cósmica neste nono círculo do centro de nosso planeta.

V.M. – Voltemos agora, pois, às questões das dimensões infernais, ou infradimensões da natureza, depois de haver falado sobre o signo do infinito e as dimensões da natureza.

Depois de exalar o pósterio alento nessa região onde se encontra o trono de Dite, a Essência, o material psíquico, aquilo que temos de alma, fica livre, sem ego; pois, como já dissemos, este último é reduzido a poeira cósmica.

Emancipa a Essência, assume uma formosíssima figura infantil, cheia de radiante beleza. Este é o instante solene em que os devas da natureza examinam a Essência liberada.

Depois de haverem eles comprovado, até a saciedade, que já não possui nenhum elemento infra-humano, concedem-lhe bilhete de liberdade.

Quero dizer, com isto, que outorgam à alma a dita da liberação.

Instantes felizes são aqueles em que a alma do falecido penetra por certas portas atômicas luminosas, que lhe permitem, de imediato, a saída à luz do Sol.

Já livre a criatura sobre a epiderme de nosso mundo, reinicia uma nova evolução. Então se converte em gnomo, ou pigmeu, do reino mineral; prosseguirá, mais tarde, sua evolução, ascendendo pelas escalas vegetal e animal, até reconquistar, em um longínquo dia, o estado de humanoide intelectual que outrora foi perdido.

14 – O Movimento Contínuo

Estimável auditório! Distintos cavalheiros! Honoráveis senhoras! Vamos conversar um pouco sobre o movimento contínuo.

De quando em quando, os velhacos do intelecto se preocupam com o movimento contínuo e é claro que se agita intensamente a opinião pública.

Quis-se sempre inventar algum mecanismo que funcione perpetuamente; mas, isto não é possível devido ao gasto inevitável de materiais.

É claro que, se as peças de uma máquina qualquer se desgastam, o movimento contínuo desaparece.

Algumas pessoas, tratando de descobrir a lei do movimento contínuo, foram parar no manicômio.

Não podemos mais que rir ao contemplar tantos artefatos que não deram resultado algum.

Que mecanismos engenhosos não inventaram os velhacos do intelecto? E, não obstante, o problema segue sem solução.

Nós, francamente, já descobrimos a lei do movimento contínuo no cilindro maravilhoso do Arcanjo Hariton. Diz-se que sua parte principal é feita de âmbar com eixos de platina, enquanto que os painéis interiores das paredes são feitos de “anfrocita”, cobre e marfim e de um cimento muito forte a prova de frio, de calor e de água e inclusive de radiações das concentrações cósmicas.

Para nosso modo de ver e de entender as coisas, é óbvio que tanto as alavancas exteriores, como as rodas dentadas, devem ser renovadas de tempo em tempo, pois, ainda que sejam feitas de metal mais forte, o uso prolongado as desgasta.

Estamos falando, inquestionavelmente, da roda do Samsara, a qual gira eternamente.

Todos nós, sem exceção alguma, giramos muitas vezes com esta grande roda e, se o movimento contínuo não se interrompeu, deve-se exclusivamente à infinita quantidade de elementos residuais.

Pensemos, por um momento, no eixo desta grande roda, esse que se diz que é platina. Poderia também afirmar-se, de forma enfática, que é de prata.

Qualquer um sabe que a prata e a platina são de tipo completamente lunar. É óbvio que não poderia ser de outro material o eixo da roda fatal.

Quanto ao âmbar, é claro que este último se encontra diluído em todo o criado. Não devemos olvidar que esta substância unifica completamente as três forças universais.

Resulta extraordinário que as três forças primárias da criação, apesar de trabalharem independentemente cada uma, e por sua conta, mantêm-se unificadas graças a esta substância magnífica denominada âmbar.

Cada um de nós não somente passou pelo moinho muitas vezes, senão, também, por cada um dos dentes do moinho.

Com esta expressão quero enfatizar a informação de que incessantemente giramos, através de sucessivas eternidades, na roda do Arcanjo Hariton, quer dizer, na roda extraordinária do Samsara.

O material residual são os egos que, descendo com a trágica roda, desintegram-se no Averno.

Pela direita ascende sempre Anúbis evolucionante e pela esquerda desce Tifão involucionante.

Temos repetido em todas estas conferências, até a saciedade, que a cada um de nós são consignadas sempre 108 existências. É claro que, terminado o ciclo de vidas sucessivas, se não logramos a autorrealização íntima do Ser, giramos com a roda do Arcanjo Hariton, descendo dentro do reino mineral submerso.

Com isto queremos falar bem claro e dizer: Evoluciona-se até um ponto perfeitamente definido pela natureza e logo se involuciona.

Subimos, evolucionando, pelo lado direito da roda e descemos, involucionando, pelo lado esquerdo da mesma.

O ascenso evolutivo começa, propriamente dito, desde o reino mineral.

Qualquer investigador esoterista com Consciência desperta poderá verificar a crua realidade das criaturas evolucionantes no reino mineral superior (para diferenciá-lo do inferior submerso).

Muitas vezes, movendo-me fora do corpo físico com o Eidolon, abri determinadas brechas ou fragmentos de pedra, para estudar essas múltiplas criaturas que habitam nesse reino mineral superior.

Posso dizer aos senhores, sem temor de exagerar, que tais criaturas inocentes estão mais além do bem e do mal.

Em certa ocasião, quando abri um fragmento de rocha, pude ver muitas damas e cavalheiros elegantemente vestidos que, quando muito, teriam um tamanho de 5 a 10 centímetros de estatura. Não há dúvida de que a estes pequenos elementais minerais lhe agrada disfarçar — se com nossas vestimentas de humanoides.

Viajando por distintos caminhos do México de automóvel, vi, com assombro místico, certos elementais superiores das rochas, os quais me advertiram sobre perigos ou me aconselharam precaução nas rodovias.

Este segundo tipo de elementais minerais inquestionavelmente é mais avançado que o primeiro tipo e assume figuras muito semelhantes às do humanoide intelectual, ainda que usem vestimentas com a cor das rochas em que habitam.

Um terceiro tipo de elementais minerais mais avançados é aquele que se conhece com o nome de gnomos ou pigmeus. Esta classe de criaturas parece verdadeiros anões de longa barba branca e cabelo cano.

Não há dúvida de que esta última classe conhece a fundo a alquimia dos metais e coopera na obra da natureza.

Obviamente se trata de criaturas mais avançadas e sobre estas falam claramente muitos textos de ocultismo.

Basta-nos recordar, por um momento, os elementais de Franz Hartman, o qual menciona estas criaturas.

Não há dúvidas de que os elementais minerais avançados ingressam no reino vegetal.

Cada planta é o corpo físico de um elemental vegetal.

Toda árvore, toda erva, por insignificante que esta seja, possui seu elemental particular.

Não quero dizer, com isto, que os elementais das plantas, árvores e flores, etc., estão metidos a toda hora dentro de seu corpo imóvel; isto seria absurdo e injusto demais.

Os elementais vegetais têm plena liberdade para entrar e sair de seus corpos à vontade. Assombramo-nos quando os encontramos na quarta coordenada, na quarta vertical.

Normalmente, as criaturas elementais do reino vegetal se encontram classificadas na forma de famílias.

Uma é a família das laranjeiras, outra a da hortelã-pimenta, outra a dos pinheiros, etc., etc., etc.

Cada família tem seu templo próprio no Éden, na quarta dimensão.

Muitas vezes, vestido com o Eidolon, entrei nestes templos paradisíacos.

Para citar algo destes últimos, quero referir-me, agora, ao santuário das laranjeiras.

Achei, dentro do sancta de dita família vegetal, muitos meninos inocentes. Estes se achavam ocupados, atentando para os ensinamentos que seu Guru Deva lhes compartia.

Aquele instrutor, vestido com um traje como de noiva, parecia uma beldade feminina deliciosamente espiritual.

Similares visitas fiz a outros templos vegetais situados na Terra Prometida, nessa terra onde os rios de água pura de vida manam leite e mel...

Os elementais avançados do reino vegetal ingressam, mais tarde, nos diversos departamentos do reino animal.

Estas criaturas, distribuídas em múltiplas famílias ou espécies, têm também seus guias e seus templos, situados no paraíso terrenal, quer dizer, na quarta coordenada, chamada pelos ocultistas de mundo etérico.

Em certa ocasião, achando-me em meditação, pude verificar claramente o sentido inteligente da linguagem das aves.

Recordo claramente certa ave que, pousada sobre a copa de uma árvore, discutia com outra. A primeira esta muito tranquila, quando foi, de repente, interrompida pela chegada da segunda. Esta última pousou ameaçadora sobre a copa da árvore, fazendo muitas recriminações à primeira.

Eu estava alerta, escutando, em meditação, o que acontecia. Recordo claramente os impropérios da ave ameaçadora: “Tu me feriste uma pata faz alguns dias e eu tenho que te castigar por esta falta.”

A criatura ameaçada se desculpava, dizendo: “Eu não tenho culpa do acontecido! Deixa-me em paz...” Desafortunadamente, a ave agressora não queria entender razões e, picando com força a sua vítima, recordava-lhe incessantemente sua ferida pata.

Em outra ocasião, encontrando-me também em profunda meditação interior, pude escutar o ladrido de dois cães vizinhos. O primeiro contava ao segundo tudo o que acontecia em sua casa. Dizia-lhe: “Meu amo me trata muito mal. Aqui, nesta casa, me dão constantemente com paus e açoites e a alimentação é péssima; todos, em geral, me insultam e eu vivo uma vida muito infeliz” O segundo contestava com seus ladridos, dizendo: “A mim me vai muito melhor; dão-me boa alimentação e me tratam muito bem.”

As pessoas que iam e vinham pela rua unicamente escutavam o ladrido de dois cães, não entendiam a linguagem dos animais. Não obstante, para mim tal idioma foi sempre bem claro.

Em certa ocasião, um cão vizinho me advertiu que me aguardaria um grande fracasso se eu realizasse certa viagem para o norte do México. O aludido animal gritava, dizendo-me: “Um fracasso, um fracasso, um fracasso!”. E eu não lhe quis fazer caso.

Por aqueles dias, ao chegar a certo povoado muito próximo do deserto de Sonora, disse ao condutor do veículo em que viajávamos que se fazia indispensável buscar um hotel, pois de modo algum queria eu continuar a viagem naquela noite.

Não obstante, aquele bom senhor de Consciência adormecida não quis obedecer. Então o adverti da seguinte forma: “O senhor será responsável pelo que vai acontecer! Advertido fica! Ouça bem, advertido fica!...”

Horas mais tarde, o carro tombava no deserto e, se houve feridos, não houve mortos... Então, recordei àquele cavalheiro o erro que havia cometido ao não me obedecer... Não há dúvida de que aquele homem reconheceu seu delito e pediu perdão; mas, já tudo era tarde, o fato havia sucedido.

Assim são, desafortunadamente, as pessoas de Consciência adormecida; assim andam pelo mundo, desde que nascem, até que morrem.

Poderá parecer aos senhores um pouco estranho isto que estou dizendo; pois, de modo algum notam alguma diferença, ouvindo o canto de uma ave. Nunca entenderão a sua linguagem e, muito menos, a de um cão.

Os senhores somente escutam sons da natureza, ladridos, silvos, cantos, etc., e nada mais.

Outro tanto pode acontecer a essas criaturas animais. Quando eles escutam a linguagem humana só percebem subidas e descidas de voz, sons mais ou menos agudos, mais ou menos graves, chiados, rugidos, relinchos, roncoss, bufares e crocitarss.

Não obstante, nós nos entendemos; temos nossos idiomas terrenos, etc.

As criaturas elementais mais avançadas ingressam no reino dos humanoides intelectuais. Não há dúvida de que estes bípedes tricerebrados ou tricentrados são muito mais perigosos...

A todo aquele que ingressa no reino dos homúnculos racionais são atribuídas sempre 108 existências, como já o temos dito até a saciedade; mas aquele que fracassa, aquele que não logra a autorrealização íntima dentro do ciclo de existências que lhe foi assinalado deixa de retornar ou de se reincorporar em organismos de humanoides e se precipita, involucionando, nas entranhas da Terra, nas infradimensões da natureza.

Através de nossas investigações de tipo esotérico, pudemos comprovar, com inteira claridade meridiana, o que são os processos involutivos.

É claro que nos cabe desandar o andado e baixar pelos degraus por onde antes subíamos.

Depois de recapitular, no Averno, experiências passadas de humanoide, devemos repetir estados animais e vegetaloides, antes da fossilização total e da morte segunda.

Recordo um caso muito interessante. Em certa ocasião adverti uma dama do Abismo do seguinte: “Pelo caminho involutivo que a senhora anda, terá que se desintegrar na nona esfera, tornar-se poeira cósmica. Assim é a morte segunda.” Aquela dama me respondeu: “Não o ignoro, nós o sabemos e precisamente isto é o que queremos.”

“O demônio que a acompanhava, enfurecido, atacou-me com seus poderes psíquicos infernais e eu tive que me defender com a espada Flamejante.

Javé fez de toda esta roda do Samsara uma mística, uma religião, e seus sequazes lhe são fiéis.

Quando se conversa com Javé, pode-se verificar que este anjo caído possui uma faiscante intelectualidade, com a qual pode seduzir totalmente a qualquer um.

Todas as conferências de Javé são iniciadas falando contra o Cristo Cósmico. Este tal demônio é terrivelmente perverso e odeia mortalmente o Logos Solar.

Aqueles que se querem autorrealizar intimamente, com o propósito de evitar o descenso aos mundos infernos, devem meter-se pela senda da Revolução da Consciência. Isto significa separar-se da roda do Samsara e apartar-se completamente das leis da evolução e da involução.

Agora vos explicareis, claramente, por que o Cristo Cósmico, em sua passagem pela Terra, nos falou da porta estreita e do caminho apertado e difícil que conduz à luz.

O ego jamais é imortal; tem um princípio e um fim; ou o aniquilamos voluntariamente ou a natureza se encarrega de desintegrá-lo no Averno.

Nós devemos escolher; estamos ante o dilema do ser ou não-ser da filosofia e os que não nos querem escutar agora terão que sofrer mais tarde, as consequências.

Muito interessantes resultam os processos voluntários da dissolução do eu, aqui e agora.

A princípio devemos eliminar as debilidades do humanoide; logo, continuar dissolvendo ou desintegrando todos esses agregados animais, ou bestiais, que levamos dentro e, muito mais tarde, é indispensável trabalhar com a acha de duplo fio dos antigos mistérios, para quebrantar e reduzir a pó as recordações vegetaloideas de todas as luxúrias e morbosidades do passado.

Por último, devemos trabalhar com as ferramentas do lavrador, para quebrantar os estados fósseis ou mineraloideas dos distintos ontens, que dormem entre o fundo profundo do subconsciente.

Com isto quero dizer que o que a natureza há de fazer conosco no Abismo podemos nós fazê-lo aqui e agora, se é que de verdade queremos evitar as amarguras infernais.

P. – Querido Mestre, quando nos autorrealizamos intimamente e nos separamos da roda do Samsara, significa isto que deixamos de estar dentro do movimento contínuo?

V.M. – Escuto uma pergunta do auditório e me apresso a respondê-la com o maior agrado. Distinto cavalheiro! É urgente que o senhor compreenda o que é o movimento contínuo da roda do Samsara em todos e cada um de seus aspectos.

Indubitavelmente, o movimento contínuo não somente existe no cilindro do Arcanjo Hariton, senão também em qualquer cilindro cósmico.

Recorde o senhor, claramente, que existem os dias e as noites cósmicas. Tudo flui e reflui, vai e vem, sobe e baixa, cresce e decresce...

Em tudo há um ritmo e o espaço abstrato absoluto é vibração elétrica e, portanto, movimento contínuo.

Francamente, eu não admito a imobilidade absoluta. O que se sucede é que existem múltiplas e infinitas formas de movimento contínuo.

P. – Venerável Mestre, o senhor nos fala de três tipos de elementais e eu quero lhe perguntar se estes existem na roda do Samsara, tanto na involução como na evolução, ou são exclusivos da evolução?

V.M. – Distinto fráter! Observe o senhor, em detalhe, todos os fenômenos da natureza e terá a resposta.

Muitos pensam que os macacos, símios, monos, orangotangos, gorilas, etc., etc., são de tipo evolutivo. Alguns até supõem que o homem vem do macaco, mas tal conceito cai estrepitosamente, quando observamos os costumes dessas espécies animais. Ponha-se um símio dentro de um laboratório e observe-se o que ocorre.

Inquestionavelmente, as diversas famílias de símios são involuções que descendem do humanoide intelectual.

O humanoide não vem do macaco; a verdade disto é o inverso; os símios são humanoides involucionantes, degenerados.

Passemos agora a observar a família dos porcos. No tempo de Moisés, os israelitas que chegassem a comer a carne deste animal eram decapitados.

É claro que este tipo de elementais se encontra em franco processo involutivo.

Estados análogos de involução podemos descobri-los nas plantas e nos minerais.

O cobre, por exemplo, no interior do organismo planetário em que vivemos, é o centro de gravidade específico de todas as forças involutivas e evolutivas.

Se aplicamos a força positiva do universo ao cobre, podemos contemplar, então, com o sentido especial, múltiplos processos evolutivos maravilhosos.

Se aplicamos a força negativa universal a dito metal, poderemos perceber, com a clarividência integral, infinitos processos involutivos muito similares aos das multidões que habitam as entranhas da Terra.

Se aplicamos a força neutra ao cobre, tanto os processos evolutivos como os involutivos ficam em estado estático.

As leis de evolução e da involução constituem o eixo mecânico de toda a natureza, o eixo de prata da roda do Samsara...

As leis da evolução e da involução trabalham de forma coordenada e harmoniosa em todo o criado...

Obviamente, os elementais dos reinos minerais, vegetal e animal evoluem e involuam em suas próprias escalas naturais; jamais poderíamos conceber a ideia descabida de que os elementais da natureza, pelo fato de fracassar em tal ou qual espécie viva, possam fazer girar a roda ao revés, para retornar ao Abismo pela porta por onde saíram.

Quero que todos vocês, cavalheiros e senhoras, compreendam que no Tártaro se entra por uma porta e se sai por outra.

Isto significa, entre outras coisas, que pela direita sempre subirá Anúbis evolucionante e que pela esquerda descenderá perpetuamente Tifão involucionante.

O chakra do Samsara não gira ao revés. Entendido?

P. – Venerável Mestre, existe uma crença, entre os que entendemos estas leis, sobre certas espécies de animais e nos agradaria uma explicação só no caso concreto dos corvos, ratos e demais espécies mais ou menos repugnantes.

V.M. – Com o maior prazer vou dar resposta à nova pergunta do auditório. Fora de toda dúvida, há criaturas repugnantes na natureza que acusam uma marcada involução.

Os antigos egípcios, por exemplo, aborreciam os ratos e é óbvio que estes se encontram em estado de franca involução; outro é o estado dos corvos e estes, ainda que se alimentem da morte, pelo fato de se desenvolverem no raio de Saturno, possuem certos poderes maravilhosos que indicam evolução.

Eu pude evidenciar o que são as faculdades do corvo. Em certa ocasião, achando-me num pequeno povoado da Venezuela, em certa casa onde um pequeno menino se encontrava gravemente enfermo, vi, com assombro, um grupo de corvos que, muito tranquilos, haviam pousado sobre o teto daquela casa.

Aquelas pessoas simples, então, me esclareceram o seguinte: “Este menino morrerá.”

Quando perguntei o motivo de tal sentença, eles, como resposta, me assinalaram aquelas aves negras; então compreendi.

O caso não teve remédio e realmente a criatura morreu. O que mais me assombrou foram as faculdades daqueles elementais. Sabiam que a criatura iria morrer e, pousados sobre o telhado daquela morada, aguardavam o momento supremo para o festim... Indubitavelmente, a cena macabra nunca pôde ocorrer, porque à criatura foi dada cristã sepultura. Não obstante, as aves chegaram e a lei se cumpriu.

P. – Mui amado Mestre, pelos aspectos que o senhor nos explicou amplamente, isto significa que todas aquelas criaturas animais como gatos, cachorros, porcos, etc., passaram alguma vez pela forma humana e se encontram a caminho da desintegração. É possível que estas mesmas criaturas se encontrem a caminho da forma humana?

V.M. – Distinto irmão! Seja-me permitido informar-lhe que muitos elementais da natureza passaram pelos mundos infernos. Com outras palavras, esclareço: Depois da morte segunda, toda alma converte-se em elemental da natureza e inicia seus processos evolutivos, como já disse tanto, desde a dura pedra, para continuar pelo vegetal e animal, até o estado de humanoide intelectual.

Nesse ínterim, os elementais dos distintos reinos evoluem e involuam, mas não poderiam regressar ao Averno, posto que não possuem o ego. Só podem ingressar no Averno os humanoides, porque estes, sim, têm em seu interior o ego. Com isto fica esclarecida a pergunta e dada a resposta.

P. – Mestre, que relação há entre a Essência e os elementais?

V.M. – É bom que o honorável auditório que me escuta entenda plenamente que não existe, certamente, nenhuma diferença entre a Essência e os elementais.

É claro que a Essência é o próprio elemental e o elemental é a própria Essência.

Quando o ego se desintegra nos mundos infernos, convertemo-nos em elementais da natureza.

Contudo, quando o ego se desintegra aqui e agora, mediante trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, em vez de converter-nos em elementais, convertemo-nos em Mestres. Eis aqui o importante!

P. – Mestre, tenho curiosidade de saber, à raiz do que nos explicou a respeito de que os elementais estão mais além do bem e do mal e que, portanto, são inocentes, se esta inocência chega a se perder.

V.M. – Distinto cavalheiro! Honorável auditório que me escuta! Rogo-lhes compreender minhas palavras.

Há dois tipos de inocência, a dos vitoriosos e a dos fracassados.

A alma que escapa do Averno, depois da morte segunda, para se converter em elemental da natureza, obviamente está fracassada, ainda que tenha reconquistado sua inocência.

A alma que desintegra o ego de forma voluntária e consciente, aqui e agora, reconquista sua inocência de forma vitoriosa e se converte em um Buda.

Há elementais que pela primeira vez entram na roda do Arcanjo Hariton, nunca foram humanos, anelam alcançar o estado de humanos.

Existem elementais que, antes de sê-lo, viveram como humanoides e involuam nos mundos infernos.

Eis aqui dois extremos, dois aspectos dos elementais: primeiro, elementais que começam; segundo, elementais que repetem os processos elementais.

P. – Amadíssimo Mestre, queria saber, já que se apresenta a oportunidade de sua sabedoria, que nos explicasse o senhor se um elemental, quando ingressa pela primeira vez numa matriz humana, pelo fato de vir sem ego, é-lhe mais fácil lograr sua autorrealização?

V.M. – Honrável auditório que esta noite me escuta. É urgente saber que a Essência, a alma vinda dos três reinos inferiores à humana matriz, não tem ainda a experiência necessária e indispensável que se requer para chegar à autorrealização íntima do Ser.

Normalmente, toda Essência que ingressa pela primeira vez num organismo humano cai em muitos erros, forma ego, adquire carma e sofre, depois, o indizível.

Só mais tarde essa alma pode, se assim o quer, conseguir a autorrealização.

Não obstante, repito agora o que já disse em passadas conferências: Nem todas as almas conseguem a maestria. Para que isto aconteça, faz-se indispensável certa inquietude íntima e isto só é possível quando a Mônada, quer dizer, a chispa imortal do espírito, se propões, de verdade, a trabalhar a sua humana alma.

É claro que nem todas as Mônadas, espíritos ou chispas virginais têm interesse na maestria e, como isto já o dissemos em passadas cátedras, não é necessário seguir fazendo esclarecimentos sobre o particular.

P. – Venerável Mestre, em todo caso considero que, ao ir eliminando voluntariamente o ego, realmente estamos num processo de evolução, porque sempre entendemos que a evolução significa ascenso, pelo que sustento que não estão equivocados aqueles que afirmam que, sim, existe a evolução permanente até chegar à perfeição unitotal. O senhor tem alguma objeção a este conceito?

V.M.– Agrada-me a pergunta que vem do auditório. Obviamente esta, em si mesma, tem um fundo completamente reacionário. Não obstante, apresso-me em respondê-la.

Pensam acaso vocês, senhores, que o ego pode evolucionar? Supõem que dissolvê-lo é evolução? Qualquer clarividente educado poderá verificar os processos involutivos do eu, do mim mesmo, do si mesmo.

É assombroso verificar como se precipita o ego pelo caminho involutivo, descendo pelas escalas animal, vegetal e mineral, quando percorremos a Senda da Revolução da Consciência.

Ou é que pensais, amigos, que, com a dissolução do ego, a Essência reinicia um novo aspecto evolutivo, aderida à roda do Samsara?

Ou é que vós credes que o Ser, o espírito, há de viver perpetuamente engarrafado nos processos evolutivos da natureza e do cosmos?

Nos jamais negamos as leis de evolução e involução; unicamente as esclarecemos.

Os processos evolutivos e involutivos correspondem exatamente à grande roda do Samsara. Tais processos não se poderiam repetir infinitamente no mundo do espírito, porque isto significaria, de fato, escravidão perpétua.

Recordai, amigos, que Jesus, o Grande Kabir, jamais se quis engarrafar no dogma da evolução.

Aquela grande hierofante só nos falou da senda da Revolução da Consciência, do caminho apertado, estreito e difícil que nos conduz à luz e que muito poucos são os que o acham.

Quando ireis entender isto? Em que época? Quando vós ireis resolver entrar pela porta estreita e pelo caminho apertado? Ou é que acaso vós quereis corrigir a Jesus, o Cristo?

Aqueles que dissolvem o ego alcançam a transformação radical e isto é revolução total.

P. – Mestre, parece-me um conceito de total injustiça e contrário ao amor com o qual se identifica o Grande Arquiteto do Universo, o que admite que, depois de haver alcançado o estado humano e desenvolvido o intelecto, nas alturas que atualmente nos encontramos, em que maravilham os progressos e as proezas dos

homens de ciência modernos, tenhamos que regressar ao estado de cavalos, cachorros e porcos. Como pode, sequer sumariamente, aparecer tal conceito na mente do homem racional e inteligente?

Francamente, creio que isto insulta a eminente dignidade do homem feito à imagem e semelhança de Deus.

V.M. – Vejo, ali no auditório, um cavalheiro que intenta corrigir o autor da doutrina da transmigração das almas, o Grande Avatara Krishna, o qual viveu mil anos antes de Cristo.

Jamais disse o grande avatara hindu que o chacra do Samsara girasse ao revés, que a roda do Arcanjo Hariton se processasse ao inverso, detendo sua marcha para girar em sentido contrário.

Senhores e senhoras! A roda do Arcano 10 do Tarô sempre segue seu curso, jamais retorna.

Qualquer automóvel pode retroceder, mas a roda do Samsara nunca retrocede.

Repetição de ciclos, de acordo com a lei de recorrência, é diferente e isto o vemos comprovado nos dias e noites de Brahma, com sua repetição sempre incessante; nas estações que cada ano se repetem; nos diversos “yugas” cosmológicos que nunca deixam de se repetir, etc., etc., etc.

Nada disso é retrocesso, amigos meus! Tudo isto se move de acordo com a roda, tudo isto forma parte do movimento contínuo.

Não obstante, é necessário entender que a lei de recorrência se repete em espiral, já mais elevada, já mais baixa; a espiral é a curva da vida.

Se esgotamos os diversos processos do humanoide, obviamente devemos subir ou baixar. Alguns sobem, outros caem na involução submersa.

Ascendem aqueles que dissolveram o ego; descem aqueles que não o dissolveram.

Os vitoriosos convertem-se em Budas, em Mestres. Os fracassados, depois da morte segunda, anunciada por Nosso Senhor, o Cristo, por João no Apocalipse, transformam-se em elementais da natureza.

Não existem retrocessos, senão continuidade de ciclos ou períodos de manifestação cósmica.

Já dissemos em passadas conferências que todos estes ciclos ou períodos estão contados e nisso não há retrocesso.

A roda avança, jamais retorna. Começa-se pelo ciclo número um e se termina com o três mil. A contagem dos ciclos ou períodos de manifestação nunca marcham ao inverso; portanto, a matemática demonstra claramente que a doutrina da transmigração das almas é exata.

Grave seria, senhores e senhoras, se o ego não tivesse um limite e continuasse eternamente se desenrolando e se desenvolvendo. Pensem os senhores no que isso significaria, jamais teria o mal do mundo um limite, estender-se-ia vitorioso pelos espaços infinitos e dominaria todos os sete cosmos.

Neste caso, sim, haveria injustiça. Distintos senhores e senhoras!

Afortunadamente o Grande Arquiteto do Universo, citado pelo cavalheiro que fez a pergunta, pôs um dique ao mal.

15 – A Dissolução do Ego

Distintos amigos! Estimáveis damas! Hoje, 9 de dezembro do ano décimo de Aquário (1972), reunimo-nos novamente aqui, neste lugar, com o anelo de estudar profundamente o tema da dissolução do eu psicológico.

Antes de tudo, é indispensável que analisemos cuidadosamente esta questão do ego.

Diversas escolas de tipo pseudoesoterista e pseudo-ocultista enfatizam a ideia descabida de um eu duplo. Ao primeiro o denominam eu superior, ao segundo qualifica-se-o como eu inferior.

Nós dizemos que superior e inferior são duas seções de uma mesma coisa.

Muito se falou sobre o alter ego e até se o exalta e se o deifica, considerando-se-o divino.

Em nome disso que é a verdade, faz-se indispensável dizer que eu superior e inferior são dois aspectos do mesmo ego e que, portanto, exaltar o primeiro e subestimar o segundo resulta, fora de toda dúvida, algo incongruente.

Enfocando diretamente esta questão, olhando o ego tal como é em si mesmo e sem essa classe de arbitrárias divisões (superior e inferior), é claro que nós fazemos uma diferenciação correta entre o que é o eu e o que é o Ser.

Poder-se-ia objetar-nos que tal diferenciação não é mais que outro conceito emitido pelo intelecto.

Aqueles que nos escutam até buscarão escapatórias, asseverando que um conceito a mais ou um conceito a menos, em questões de alta filosofia, é algo que não tem a menor importância.

Há aqueles que, inclusive, podem dar-se ao luxo de escutar estas afirmações e logo esquecê-las para pôr atenção em algo que, sim, consideram de importância.

As pessoas de Consciência adormecida costumam passar por autoafirmações deste tipo, porque já estão cansadas com tanta teoria.

Essas pessoas se dizem a si mesmas: “Que importa uma teoria a mais? Que importa uma teoria a menos?”

Nós devemos falar com plena franqueza e baseados em fatos, em experiências diretas, e não em simples opiniões de tipo subjetivo.

Vou dizer-lhes, amigos meus, o que me consta, o que tenho visto e ouvido, e, se vocês querem aceitar minhas asseverações, bem o fazem; mas, se querem rechaçá-las, é coisa dos senhores.

Todo ser humano é livre para aceitar ou rechaçar ou interpretar os ensinamentos como bem queira.

No princípio de minha atual reencarnação, eu também, como muitos dos senhores, havia lido vários livros pseudoesotéricos e pseudo-ocultistas.

Buscando como os senhores o têm feito, passei por diversas escolas e conheci multidões de teorias.

É ostensível que, à força de tanto ler e reler, cheguei também a crer na existência de dois eus, o superior e o inferior.

Os distintos preceptores me diziam que devia dominar o eu inferior por meio do eu superior, para poder chegar, algum dia, ao adepto.

Confesso, francamente e sem rodeios, que eu estava completamente convencido da existência dos tais dois eus.

Afortunadamente, um acontecimento místico transcendental veio sacudir-me intensamente no fundo de minha alma.

Sucedeu que uma noite qualquer, não importa a data, nem o dia, nem a hora, achando-me fora do corpo físico, de forma completamente consciente e positiva, veio a mim meu Real Ser Interno, o Íntimo.

Sorrindo, o Bendito me disse: “Tu tens que morrer.” Estas frases do Íntimo me deixaram perplexo, confundido, aniquilado.

Com um pouco de temor, interroguei meu Ser Interior (Atman), dizendo-lhe: “Por que tenho que morrer? Deixa-me viver um pouco mais; eu estou trabalhando pela humanidade...” Ainda recordo aquele instante em que o Bendito, sorrindo, repetiu-me pela segunda vez ... “Tu tens que morrer.”

Depois, o Adorável mostrou-me, na luz astral, aquilo que devia morrer em mim mesmo. Então vi o eu pluralizado formado por multidões de entidades tenebrosas, verdadeiro enxame de sujeitos perversos, agregados psíquicos de diferentes classes, demônios vivos personificando erros.

Assim foi, amigos meus, como vim saber que o eu não é algo individual, senão uma soma de agregados psíquicos, um total de múltiplos eus briguentos e gritões.

Alguns destes representam a ira; outros, a cobiça; aqueles, a luxúria; estoutros, a inveja; essoutros, o orgulho; depois continuam a preguiça, a gula e todos seus infinitos derivados.

Não vi realmente no ego nada digno de ser adorado, nenhum tipo de divindade, etc.

Ao chegar a esta parte de minha exposição, não seria estranho que alguns assistentes objetassem minhas palavras, dizendo-me: “Possivelmente você, senhor, viu seu eu inferior, soma de agregados psíquicos, como afirma o budismo oriental. Bem distinto seria seu conceito se tivesse percebido o eu superior em toda sua grandeza.”

Conheço muito bem, amigos, as diversas formas de intelectualização que vocês têm, suas escapatórias, suas evasivas, suas distintas justificativas, suas reações, suas resistências, o desejo de fazer ressaltar sempre tudo o que tenha sabor de ego.

É claro que o ego não tem ganas de morrer e que quer continuar de alguma forma refinadamente sutil, se não nas formas mais densas e grosseiras.

A ninguém pode agradar ver seu querido eu reduzido a poeira cósmica, assim porque sim, porque um fulano qualquer o disse em uma sala de conferências.

É apenas normal que o ego não tenha ganas de morrer e que busque filosofias consoladoras que lhe prometam um lugarzinho no céu, um posto nos altares das igrejas, ou um mais além cheio de infinita felicidade.

Lamentamos de verdade ter que desiludir as pessoas; porém não nos resta mais remédio que ser, diríamos, lapidários, francos e sinceros nestas questões tão graves.

Como aos gnósticos nos agrada falar com fatos concretos, claros e definitivos, não terei agora nenhum inconveniente em narrar outro acontecimento insólito, com o propósito de demonstrar-lhe que o eu superior não existe.

Outro dia, estando em profunda meditação, de acordo com todas as regras que manda o Gnana Yoga, entrei em algo que se conhece como Nirvi Kalpa Samadhi. Então abandonei todos os corpos suprasensíveis e penetrei no mundo do Logos Solar, convertido em um dragão de sabedoria.

Em tais momentos lógicos, mais além do corpo, dos afetos e da mente, quis saber algo sobre a vida do Grande Kabir Jesus. Foi, precisamente neste instante, quando me vi a mim mesmo convertido em Jesus de Nazaré, fazendo milagres e maravilhas na Terra Santa.

Ainda recordo aquele instante em que fora batizado por João no Jordão. Vi-me dentro de um templo às margens desse rio. O Precursor estava vestido com formosa túnica e, ao me acercar dele, olhando-me fixamente, exclamou: “Tira, Jesus, tua vestidura, porque vou batizar-te”.

Passei ao interior do santuário e, vertendo sobre minha cabeça o azeite da unção e depois um pouco de água, orou e eu me senti transformado.

O que seguiu depois foi maravilhoso. Sentado em um salão, vi três sóis divinais; o primeiro era o azul do Pai; o segundo, o amarelo do Filho e o terceiro, o vermelho do Espírito Santo.

Eis aí os três Logos: Brahma, Vishnu e Shiva. Ao sair daquele estado extático, ao regressar ao meu corpo físico, minha confusão foi tremenda. Eu, Jesus de Nazaré? Eu, o Cristo? Valha-me Deus e Santa Maria! Um mísero pecador, um gusano do lodo da terra, que nem sequer é digno de desatar as sandálias do Mestre, convertido, assim porque sim, em Jesus de Nazaré?

Bastante preocupado com tudo isto, resolvi voltar a entrar em meditação e repetir a experiência mística, mudando unicamente o motivo dela. Agora, em vez de quer saber algo sobre a vida de Jesus, interessei-me por João e o batismo do Nazareno.

Veio, depois, o estado místico anterior; abandonei todos os corpos suprasensíveis e fiquei novamente no estado lógico.

Uma vez que já voltei a tal estado, fixei minha atenção com maior intensidade em João, o Batista, e eis aqui que me vi, então, convertido em João, fazendo as coisas do Precursor, batizando Jesus, etc., etc., etc.

Ao perder o êxtase, ao regressar ao corpo físico, então compreendi que, no mundo do Logos, no mundo do Cristo, não existe nenhum tipo de eu superior, nem de eu inferior.

É urgente que todos os aqui presentes compreendam que, no Cristo, todos somos um e que a heresia da separatividade é a pior das heresias.

Amigos meus, tudo neste mundo em que vivemos passa; as ideias passam, as pessoas passam, as coisas passam. O único estável e permanente é o Ser e a razão de ser do Ser é o próprio Ser.

Distingam os senhores, pois, entre o que é o eu e o que é o Ser.

P. – Mestre, de que substância são feitos os agregados psíquicos que constituem o mim mesmo?

V.M. – Senhoras e senhores! É indispensável que vocês compreendam o que é a mente e suas funções.

O animal intelectual, equivocadamente chamado homem, ainda não possui uma mente individual, não a criou, não a fabricou.

O corpo mental propriamente dito somente pode ser criado mediante as transmutações sexuais.

Quero que todos os aqui presentes entendam que no esperma sagrado existe o hidrogênio sexual Si-12.

Indubitavelmente, o esoterista que não derrama o vaso de Hermes (que não ejacula o sêmen), de fato, origina, dentro de seu organismo, maravilhosas transmutações da libido, cujo resultado é a criação do corpo mental individual.

O Manas, a substância mental propriamente dita, encontra-se no interior de qualquer sujeito, porém está desprovido de individualidade, possui diversas formas, acha-se constituído em forma de agregados, que nunca foram desconhecidos para o budismo esotérico.

Rogo ao amável auditório que me escuta seguir com paciência o curso de minha dissertação.

Todos esses múltiplos eus brigões e gritões, que em seu conjunto formam o mim mesmo, o si mesmo, são constituídos por substância mental mais ou menos condensada.

Agora poderão explicar-se os senhores os motivos pelos quais todo sujeito muda constantemente de opiniões. Somos, por exemplo, vendedores de casas e bens imóveis. Um cliente se acerca, falamos com ele, convencemo-lo da necessidade de comprar uma formosa residência; o sujeito se entusiasma e assegura, de forma enfática, que a compra é um fato, que ninguém poderá fazê-lo desistir de seu desejo.

Desafortunadamente, depois de uma quantas horas, tudo muda. A opinião do cliente já não é a mesma, outro eu mental controla agora seu cérebro e o entusiasta eu, que horas antes se havia apaixonado pela compra do imóvel, é substituído pelo novo eu, que nada tem a ver com o negócio, nem com a palavra empenhada. Então, o castelo de naipes vai ao solo e o pobre agente de vendas sente-se defraudado.

O eu que jura amor eterno a uma mulher amanhã é substituído por outro que nada tem a ver com o juramento e, então, o sujeito se retira, deixando a mulher decepcionada.

O eu que jura lealdade ao Movimento Gnóstico amanhã é substituído por outro eu que nada tem a ver com o juramento e o sujeito se retira da Gnose, deixando a todos os irmãos do santuário confundidos e assombrados.

Vejam os senhores, meus queridos amigos e amigas, o que são as infinitas formas da mente, de que maneira controlam os centros capitais do cérebro e como jogam com a máquina humana.

P. – Mestre, neste planeta em que vivemos, os eus fazem a vida tolerável, á que é fácil compreender que, se os dissolvemos e nos apartamos de tudo o que são nossos desejos, nossa vida seria terrivelmente triste e aborrecedora. Não é assim?

V.M. – Distintos senhores e senhoras! A autêntica felicidade estriba-se radicalmente na revalorização do Ser.

É inquestionável que, cada vez que o Ser passa por uma revalorização íntima, experimenta a autêntica felicidade.

Desafortunadamente, as pessoas de hoje em dia confundem o prazer com a felicidade e gozam bestialmente com a fornicação, o adultério, o álcool, as drogas, o dinheiro, o jogo, etc., etc., etc.

O limite do prazer é a dor e toda forma de gozo animal se transforma em amarguras.

Obviamente, a eliminação do ego revaloriza o Ser, dando, como resultado, a felicidade. Desafortunadamente, a Consciência engarrafada no ego não entende, não compreende a necessidade da revalorização íntima e prefere os gozos bestiais, porque crê firmemente que essa é a felicidade.

Dissolvam os senhores o eu pluralizado e experimentem a dita da revalorização do Ser.

P. – Mestre, por tudo antes exposto, mostra-se evidente e inadiável a necessidade de formarmos um corpo mental, para não ter tantas mentes.

V.M. – Escutei a pergunta de um cavalheiro e me apresso a respondê-la.

Certamente, o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não possui mente individual, como já o dissemos nesta conferência. Em vez de uma mente, tem muitas mentes e isto é diferente.

O que estou afirmando pode contrariar muito os pseudoesoteristas e pseudo-ocultistas plenamente convictos das teorias que leram, as quais asseveram que o homúnculo racional possui corpo mental.

Permita-se-nos à liberdade de dissentir de tais asseverações. Se o animal intelectual tivesse mente individual, se não possuísse realmente os diversos agregados mentais que o caracterizam, teria continuidade de propósitos; todo mundo cumpriria sua palavra; ninguém afirmaria hoje para negar amanhã; o presumido comprador de bens imóveis voltaria no outro dia com o dinheiro na mão, depois de haver empenhado a palavra, e a Terra seria um paraíso.

Criar o corpo mental e dissolver o eu pluralizado é urgente quando se quer a autêntica revalorização do Ser Íntimo. Só isto, só tais revalorizações sagradas podem outorgar-nos a verdadeira felicidade.

P. – Venerável Mestre, será possível que uma pessoa que doe dinheiro à igreja, que lê a Bíblia, que se confessa, que faz obras de caridade a instituições, que difunde os Evangelhos, que somente tem sua esposa própria e demais virtudes, tenha também eus?

V.M. – Distintos senhores e senhoras! Seja-me permitido informar-lhes que o eu se disfarça de santo, de mártir, de bom esposo, de boa esposa, de místico, de penitente, de anacoreta, de caridoso esplêndido, etc., etc., etc.

Entre as cadências do verso também se esconde o delito; entre os perfumes do templo se esconde o delito; à sombra da cruz também se adultera e se fornicava, e os criminosos mais abjetos assumem poses pietistas, figuras sublimes, semblantes de mártir, etc.

É bom saber que muitas pessoas virtuosas possuem agregados psíquicos muito fortes. Recordem os senhores que há muita virtude nos malvados e muita maldade nos virtuosos.

No abismo, nos nove círculos dantescos, existem muitos místicos, anacoretas, penitentes que creem que vão muito bem. Não estranhem, pois, os senhores que também no Averno existam sacerdotes exemplares e devotos que os seguem.

P. – Mestre, onde fica o valor espiritual que têm as boas intenções de um sincero que vive equivocado?

V.M. – Muito amigos meus! A pergunta do auditório me parece muito interessante e me agrada dar resposta.

Recordem que o caminho que conduz ao Abismo está empedrado com boas intenções: “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.”

Os malvados de todas as épocas tiveram boas intenções: Hitler, cheio de magníficas intenções, atropelou muitos povos e, por sua culpa, morreram milhões de pessoas nas câmaras de gás ou nos campos de concentração, ou nos paredões de fuzilamento, ou em imundas masmorras.

Indubitavelmente, esse monstro queria o triunfo da grande Alemanha e não poupava esforços de nenhuma espécie nesse sentido.

Nero incendiou Roma em aras de sua arte, com místicas intenções de fazer ressonar a lira universalmente e lançava os cristãos aos circos romanos para que os leões os devorassem, com o anelo de livrar seu povo do que ele considerava uma epidemia ou uma calamidade, o Cristianismo.

O verdugo que executa uma ordem injusta, cheio de magníficas intenções, assassina seu semelhante.

Milhões de cabeças rolaram na guilhotina durante a Revolução Francesa e os verdugos trabalharam com magníficas intenções, porque queriam o triunfo do povo.

Robespierre, cheio de magníficas intenções, levou muitos inocentes ao cadafalso.

Não devemos esquecer o que foi a Santa Inquisição. Então, os inquisidores, com magníficas intenções, condenaram muitos infelizes à fogueira, ao potro, ao martírio.

Quero, pois, que vocês, senhores e senhoras, compreendam que o importante são as boas obras e não as boas intenções, que podem ser mais ou menos equivocadas.

Os senhores do carma, nos Tribunais da Justiça Objetiva, julgam as almas por suas obras, pelos fatos concretos, claros e definitivos, e não pelas boas intenções.

Os resultados são sempre os que falam. De nada serve ter boas intenções, se os fatos são desastrosos.

P. – Mestre, qual é o procedimento a seguir para me libertar dos defeitos psicológicos que martirizam tanto nossa mente?

V.M. – Honrável público! É urgente, inadiável, impostergável aniquilar o ego, reduzi-lo a cinzas de forma voluntária e consciente, se é que de verdade queremos evitar o descenso aos mundos infernos.

Quero que os senhores saibam que, na relação com as pessoas, na convivência com nossos familiares ou com os companheiros de trabalho, etc., etc., os defeitos escondidos afloram espontaneamente e, se nós nos encontramos em estado de alerta percepção, alerta novidade, então os vemos tal qual são em si mesmos.

Defeito descoberto deve ser submetido judiciosamente à análise, à meditação profunda, com o propósito de ser compreendido de forma íntegra, unitotal.

Não basta compreender um defeito, deve-se ir ainda mais fundo; é indispensável autoexplorar-nos, encontrar as íntimas raízes do defeito que compreendemos, até chegar ao seu profundo significado.

Qualquer centelha de Consciência nos pode iluminar de imediato e, em milésimos de segundo, capturar realmente o profundo significado do defeito compreendido.

Eliminação é diferente. Alguém poderia ter compreendido algum erro psicológico e até ter penetrado em seu profundo significado e, não obstante, continuar com ele nos diferentes departamentos da mente.

Não é possível ficar livre de tal ou qual erro sem a eliminação.

Esta última é vital, cardeal e definitiva, quando se quer morrer de instante em instante, de momento em momento.

Não obstante, não é com a mente como podemos extirpar erros. Com o entendimento podemos rotular nossos diversos defeitos psicológicos, pondo-lhes distintos nomes, passando-os de um a outro nível do subconsciente, escondendo-os de nós mesmos, julgá-los, desculpá-los, etc., etc., mas não é possível alterá-los fundamentalmente, nem extirpá-los.

Necessita-se de um poder superior à mente, necessitamos apelar a uma potência transcendental, se é que de verdade queremos eliminar erros e morrer em nós mesmos, aqui e agora.

Afortunadamente, tal poder superior se encontra latente em todas as criaturas humanas. Quero referir-me ao Kundalini, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes.

Em plena cópula química podemos suplicar à nossa Mãe Divina particular elimine aquele erro psicológico que não somente compreendemos, senão que, além disso, sentimos seu profundo significado.

Podeis estar seguros de que nossa Mãe Cósmica particular, empunhando a lança de Eros, ferirá de morte o agregado psíquico que personifica o erro que precisamos eliminar.

É precisamente esta hasta santa, emblema maravilhoso da energia criadora, a arma com a qual Devi Kundalini eliminará de nós mesmos, aqui e agora, o defeito que queremos aniquilar.

Naturalmente, a eliminação destes agregados se realiza de forma progressiva, pois muitos deles processam-se nos 49 níveis do subconsciente.

Isto significa que qualquer defeito psicológico é representado por milhares de agregados psíquicos que se gestam e se desenvolvem nos 49 níveis subscientes da mente.

Alguém poderia não ser fornicário na zona intelectual e, não obstante, sê-lo nas zonas mais profundas do subconsciente.

Muitos místicos que foram sumamente castos no nível meramente intelectual e até em 20 ou 30 níveis subscientes fracassaram em níveis mais profundos, quando foram submetidos a provas esotéricas.

Alguém poderia não ser ladrão no nível meramente racional e até em 48 níveis subscientes e, não obstante, sê-lo no nível 49.

Assim, pois, os defeitos são polifacéticos e sujeitos muito santos podem ser espantosamente perversos nos níveis mais profundos da subsciência.

Através de provas esotéricas, os iniciados se autodescobrem.

Os fracassos nas provas assinalam, indicam os diversos estados psicológicos em que nos encontramos.

P. – Venerável Mestre, poderia dizer-nos como podemos realizar estes trabalhos os que estamos solteiros?

V.M. – Distintos senhores e senhoras! A lança de Eros, a hasta santa sempre pode ser manejada por Devi Kundalini, nossa Divina Mãe Cósmica particular.

Entretanto, há diferença entre casados e solteiros. Quando a hasta é manejada durante o transe sexual, tem um poder elétrico maravilhoso muito superior.

Quando a lança não é utilizada durante o transe erótico, possui um poder maravilhoso, porém inferior.

O solteiro, a solteira, pode também avançar, ainda que seu trabalho seja um pouco mais lento; contudo, casando-se, o trabalho se fará mais forte, mais poderoso no sentido completo da palavra.

Solteiros e solteiras podem avançar até certo ponto profundamente definido pela natureza. Mais além desse limite, não é possível avançar sem a magia sexual.

16 – O Diabo

Amigos meus! Reunidos nesta noite, 18 de dezembro, ano 1972, décimo ano de Aquário, entramos na segunda parte de nossas dissertações.

Muito se falou sobre o Diabo, bastante se escreveu sobre este tema; porém, são poucos os que o explicaram realmente.

A origem deste mito deve-se buscá-la nas criptas iniciáticas do passado e nas cavernas arcaicas.

Reflitamos por um momento no que é o Sol. Inquestionavelmente, o astro rei nos ilumina e dá vida; não obstante, faz contraste com as trevas.

Qualquer meio-dia, por resplandecente que seja, tem suas sombras, já sob as frondosas árvores do caminho solitário, já dentro das grutas das montanhas, ou simplesmente atrás de qualquer corpo móvel ou imóvel.

Cada um de nós projeta sua sombra por aqui, por lá e por acolá.

Luz e sombras, em antítese harmoniosa, marcam um completo dualismo, cuja extraordinária síntese é a sabedoria.

Vamos agora um pouco mais longe, penetremos no profundo, no ignoto de nosso Ser.

Sabemos que mais além do corpo, dos afetos e da mente está o Logói interior, divinal... Inquestionavelmente, isto que é o inefável, isto que é o real projeta seu próprio reflexo, sua sombra particular, dentro de nós mesmos, aqui e agora.

Indubitavelmente, o sol íntimo de cada um de nós tem também sua sombra e esta cumpre uma missão específica no fundo mesmo de nossa própria Consciência.

Obviamente, tal sombra, tal reflexo logóico é o treinador psicológico, Lúcifer, o tentador...

No ginásio psicológico da existência humana, requer-se sempre um treinador, com o propósito de produzir poderes, faculdades, virtudes extraordinárias, etc., etc., etc.

De que forma poderiam brotar em nós as virtudes se não existisse a tentação?

Só mediante a luta, o contraste, a tentação e a rigorosa disciplina esotérica podem brotar em nós as flores da virtude.

Não é, pois, o Diabo esse personagem tenebroso criado pelo dogmatismo de algumas seitas mortas e contra o qual o marquês de Merville lançara todos os seus anátemas.

Não é tampouco o Diabo aquela entidade fabulosa que mereceria perdão, tal como escreveu Giovanni Papini em seu famoso livro intitulado “O Diabo”, obra esta pela qual foi excomungado o compassivo escritor. Bem sabemos todos que Giovanni Papini era o menino mimado do Vaticano. Não obstante, foi desqualificado nos tempos de Pio XII.

Senhores e senhoras! Satanás, o Diabo, é algo mais que tudo isso; é o reflexo de nosso próprio Ser íntimo em nós mesmos e dentro de nossa Consciência, aqui e agora.

Revisando velhas mitologias dos antigos tempos, viemos a evidenciar, claramente, que tal mito satânico foi divulgado em todos os rincões do mundo pelos sacerdotes da religião heliólatra ou heliocêntrica, que antes fora definitivamente universal.

Recordemos que houve épocas no passado em que se levantaram por toda parte, em todos os lugares do planeta Terra, templos ao Sol e ao Dragão.

Então existiram os cultos dragonianos e os sacerdotes da citada religião universal diziam-se a si mesmos “filhos do Dragão” ou, simplesmente, qualificavam-se de dragões.

O símbolo do dragão foi tomado daqueles répteis voadores gigantescos que existiram nas épocas da Atlântida e Lemúria.

Resulta interessante que tal símbolo tenha sido usado para alegorizar toda sombra do Sol, todo reflexo do astro rei, incluindo o Lúcifer íntimo particular de cada ser humano.

No Egito dos faraós, o Sol do Meio-Dia, o Sagrado Sol Absoluto esteve sempre simbolizado por Osíris, enquanto sua sombra, seu reflexo, seu Lúcifer, acha-se alegorizado por Tifão.

Nos mistérios gregos, O Sol Espiritual, a Estrela de Natal, o Demiurgo Criador, foi sempre representado por Apolo, enquanto que sua sombra, seu Lúcifer, seu Satã, seu reflexo divino, alegoriza-se definitivamente por Píton.

No Apocalipse de São João, o Cristo Sol resplandecente acha-se sempre simbolizado por Miguel, a divindade guerreira, enquanto sua sombra cósmica é personificada pelo Dragão Vermelho.

Na Idade Média, alegorizava-se o Logos com a personalidade de São Jorge, enquanto sua sombra é simbolizada pelo Dragão.

Observemos o que é Bel e o Dragão, o Sol e sua sombra, o dia e a noite.

Não é, pois, o Diabo esse personagem que algumas seitas mortas sentaram num trono de ignomínia para atemorizar os débeis.

Com justa razão, Goethe põe na boca de seu Deus aquela frase com que se dirigira a divindade de Mefistóteles: “De todos os de tua espécie, gênios à minha lei rebeldes, o menos daninho e prejudicial tu és.”

Muito se disse sobre o mito satânico e alguns supõem que o mesmo chegou ao mundo ocidental desde a terra do Egito.

Não negamos, de forma alguma, a vinda à terra dos faraós de muitos deuses solares com seus correspondentes dragões, provenientes do Hindustão. Tampouco negamos que a alegoria de Osíris e Tifão tivesse sido representada na velha Europa. Não obstante, vamos mais longe; temos direito a pensar nos hiperbóreos e em seus cultos solares, junto com seus dragões e infernos.

Não foi a Índia pré-védica exclusivamente a única que enviou ao Egito seus deuses solares e seus cultos. Fora de toda dúvida, a Atlântida submersa também deixou, no país de Saís e nas margens do Nilo, arcaicos cultos ao Sol e seus dragões.

Vencer o Dragão, matar o Dragão, é urgente, quando queremos ser tragados pela Serpente, quando desejamos converter-nos em Serpente.

Isto significa sair triunfante em todas as tentações posta pelo Dragão, sair vitoriosos, eliminar o ego, desintegrar todos os agregados psíquicos que o compõem, reduzir a poeira cósmica todas as recordações do desejo, etc., etc.

Indubitavelmente, depois de havermos sido devorados pela Serpente, nos transformamos em Serpentes. Mais tarde, a Águia, o Terceiro Logos, o Arquí-Hierofante e o Arquimago, nosso Real Ser, o Mestre Secreto, traga

a Serpente. Então nos convertemos em Serpentes Emplumadas, no Quetzalcoatl mexicano, no Mahatma, e a Obra fica realizada.

Ao chegar a estas alturas transcendentais do Ser, a estas revalorizações íntimas, o reflexo do Logos, sua sombra particular dentro de nós mesmos, o Diabo, volta ao Logos, mescla-se com Ele, funde-se com Ele, porque, no fundo, Ele é Ele...

P. Mestre, se devo esquecer até as recordações do desejo, que estímulo vou utilizar para meu trabalho na frágua acesa de Vulcano?

V.M. – Com o maior prazer resposta a esta pergunta que sai do auditório.

As sagradas escrituras afirmam, de forma enfática, que primeiro é o animal e depois o espiritual.

Indubitavelmente, quando se começa o trabalho na forja dos Ciclopes, há de se necessitar do desejo (uste, em sânscrito), porque ainda não se realizaram as profundas revalorizações do Ser.

Seria impossível exigir dos principiantes Maithuna, sexologia transcendental, Sexo-Yoga ou Kundalini-Yoga, com exclusão radical do desejo.

Não obstante, mais tarde, com a dissolução do eu psicológico, é inquestionável que tal fator, “desejo”, resulta desnecessário. Motivo: eliminado todo agente animal, subconsciente, o desejo não pode existir radicalmente.

Ao chegar a estas alturas transcendentais do Ser, podemos trabalhar na nona esfera exclusivamente com a força de Eros, com o poder do hidrogênio sexual Si-12, com a eletricidade transcendente dos zoospermas.

Assim pois, amigos meus, em última instância, o desejo não é indispensável para o trabalho na frágua acesa de Vulcano.

P. Querido Mestre, sendo Satã o reflexo de Deus e, portanto, sendo Satã amor, não seria incongruente dizer que o ego é satânico?

V.M. – Distinto cavalheiro! Amigos, senhoras! Recordai que existem dois tipos de trevas. A primeira a denominaremos obscuridade do silêncio e do segredo augusto dos sábios. A segunda qualificaremos de obscuridade da ignorância e do erro.

Obviamente, a primeira é a superobscuridade; indubitavelmente, a segunda é a infraobscuridade.

Isto quer dizer que as trevas se bipolarizam e que o negativo é tão só o desdobramento do positivo.

Por simples indução lógica, convido-os a compreender que Prometeu-Lúcifer, encadeado à dura rocha, sacrificando-se por nós, submeteu-se a todas as torturas. Ainda que seja o fiel da balança, o doador da luz, a medida e o peso, o guardião das sete mansões, que não deixa passar senão aqueles que forma ungidos pela sabedoria, que portam em sua direita a lâmpada de Hermes, desdobra-se, inevitavelmente, no aspecto fatal da multiplicidade egóica, nesses agregados psíquicos sinistros que compõem nosso eu e que foram devidamente estudados pelo esoterismo tântrico budista.

Com esta explicação, senhores, considero que vocês entenderam minhas palavras.

P. – Mestre, a prática do Maithuna-Yoga existe desde tempo imemorial, porque na Índia vedanta se oferece, à vista do público, estímulos eróticos complexos como os baixos-relevos dos próprios templos. Parece-me que estes estímulos fazem a prática do Maithuna ainda mais difícil.

V.M. – Com o maior prazer vou dar resposta precisa à pergunta que um distinto cavalheiro esoterista formulou com inteira clareza.

Certamente, no Kama Kalpa indostânico aparece uma fotografia tântrica de uma escultura sagrada existente em um templo antiquíssimo...

Quero referir-me agora, de forma enfática, a tal obra de magia sexual.

Se observamos cuidadosamente a fotografia do citado livro hindu, veremos uma mulher em Sidar Shana. Sua cabeça se acha para baixo, suas pernas para cima, com a particularidade de que estas não se encontram na figura de lótus, mas abertas à direita e à esquerda, embora os joelhos se dobrem, ficando a parte inferior das pernas na forma horizontal. A cabeça sustém-se sobre as mãos e antebraços, tal como se conhece este asana sagrado no mundo da ioga.

O mais interessante é o seguinte: um mago, praticamente sentado entre suas pernas, com o falo introduzido forçadamente dentro do útero, pratica o Maithuna.

Indubitavelmente aquela mulher tântrica não poderia sustentar-se em tal posição, com a cabeça para baixo, se duas mulheres mais não a ajudassem à direita e à esquerda.

Ali se vê claramente um par de jovens mulheres ajudando a sustentar o corpo da ioguina.

Estas mulheres auxiliares, semidesnudas, sentem terrível luxúria e isto se adivinha claramente em seus olhos.

O mago goza acariciando os peitos de uma e de outra, enquanto mantém seu falo conectado com o yoni feminino.

Indubitavelmente, esta prática tântrica, complicada e difícil, entre quatro pessoas, resulta desnecessária e é rechaçada totalmente pela Fraternidade Universal Branca.

Não é demais recordar ao auditório que estas complicadas práticas sexuais, realizadas entre mais de duas pessoas, correspondem, certamente, ao tantrismo negro e isto o podemos evidenciar quando estudamos os sinistros ensinamentos do clã de Dag-Dugpa, na igreja de sacerdotes de capacete vermelho, região dos Himalaias, Tibet Oriental.

É óbvio que os adeptos da igreja amarela, tântricos brancos, ou verdadeiros Urdhvaretas iogues, só praticam o Sahaja Maithuna de acordo com os mandatos da Igreja Gnóstica (união sexual de esposo e esposa em lares legitimamente constituídos).

Assim pois, os atos sexuais ou Maithuna entre mais de duas pessoas, tal como ilustrado pelo Kama Kalpa, é, inquestionavelmente, magia negra.

Obviamente, o tantrismo esquerdo é diferente do tantrismo branco e esta ilustração do Kama Kalpa é manifestamente sinistra e tenebrosa. Jamais poderia ser aceito pela iniciação tantra branca da igreja amarela budista.

Não há dúvida de que os asanas múltiplos de tântricos negros, em vez de despertar o Kundalini ou prana sagrado, para fazê-lo subir pelo canal medular, estimulam e desenvolvem o abominável órgão Kundartiguador, convertendo-se, então, o aspirante em uma personalidade tenebrosa, em um mago negro da pior espécie.

Não desconhecemos o Kama Sutra e o Kama Kalpa. Desafortunadamente, o primeiro foi adulterado de forma vergonhosa, para lhe dar circulação no mundo ocidental e, quanto ao segundo, está manchado com tantras negros ou sadanas de bonzos e dugpas.

Que sejam corroboradas minhas afirmações, que sejam verificados claramente, prévio estudo de cânones budistas e livros secretos ocultos em criptas subterrâneas da Ásia Central.

Como sou um Adepto e estou em contato direto com os Mestres da Loja Branca, tais como K.H., Moria, Hilarion, etc., etc., é claro que posso fazer estes esclarecimentos de forma completamente consciente e precisa.

P. – Mestre, como poderíamos diferenciar quando atua em nós Lúcifer e quando atua o ego?

V.M. – Com o maior prazer vou dar resposta a esta pergunta.

Falamos já claramente sobre a superobscuridade luciferina e sobre a infraobscuridade da ignorância e do erro. Lúcifer, o tentador, o grande treinador do ginásio psicológico da existência, trabalha tentando-nos e estas impressões internas costumam polarizar-se negativamente ou fatalmente mediante a atividade egóica.

Indubitavelmente, só mediante a autorreflexão serena e a meditação interior podemos fazer clara diferenciação entre as impressões íntimas luciferinas diretas e as impressões egoístas bestiais.

Normalmente, as pessoas de Consciência adormecida não estão devidamente preparadas para fazer tal diferenciação de impressões; isto requer muito treinamento psicológico.

P. – Mestre, ao diabo se alegoriza sempre com o tridente. Tem algum significado especial este símbolo?

V.M. – Esta pergunta do auditório me recorda o tridente da mente que usam os brâmanes do Hindustão. Não obstante, nós vamos mais longe, chegamos às três forças primárias do universo, alegorizadas pelo tridente. É claro que, vencendo o Dragão, podemos cristalizar, dentro de nós mesmos, estas três forças e, então, nos converteremos, de fato, em verdadeiros deuses solares.

Não é, acaso, o Dragão o reflexo do Sol? Compreendei, então, o que significa o tridente.

P. – Querido Mestre, ao trabalhar com Lúcifer na nona esfera para eliminar o ego, estamos-lo fazendo com as forças tanto positivas como negativas de Lúcifer?

V.M. – Distinto cavalheiro, senhoras! Obviamente Lúcifer é escada para baixar e escada para subir e para poder trabalhar e dissolver o ego no laboratório da alquimia sexual.

Indiscutivelmente, só mediante o fogo luciferino podemos reduzir a cinzas as cristalizações negativas de nossa psique, os elementos infra-humanos, os agregados psíquicos, infelizes desvios do poder luciférico.

É assim, amigos, como o Fohat transcendente, a eletricidade sexual, o poder maravilhoso do Christus-Lúcifer, redime, trabalha, desintegra o inútil, a fim de liberar a Essência, a Consciência, o Buddhata.

17 – O Dragão das Trevas

Amigos meus! Reunidos esta noite, depois do Natal de 1972, vamos conversar um pouco sobre o Dragão das Trevas.

Recordem os senhores que estes ensinamentos constituirão a mensagem natalina de 1973–74.

Indubitavelmente, a questão esta do diabo inquieta hoje bastante a opinião pública e se faz necessário esclarecer, indicar, assinalar com precisão, o cru realismo satânico.

Francamente, eu não creio no diabo esse das religiões dogmáticas e penso que os senhores tampouco aceitariam esse fetiche do clero profano.

É óbvio que, na Atlântida, antes da segunda catástrofe transalpaniana, existiu, na terra de Um, um réptil voador de tipo mais netuniano e cheio de escamas.

Os caldeus quiseram sempre simbolizar as trevas da noite, o reflexo do Logos no universo e dentro de cada um de nós, com o famoso anfíbio atlante.

H.P.B. conceitua que tal criatura é Makara, o décimo signo do zodíaco. Não obstante, nós vamos um pouco mais longe neste ponto, porque estou firmemente convencido de que essa misteriosa criatura, especificamente, é de tipo completamente netuniano.

Em todo caso, o escamoso, o réptil voador dos caldeus, foi tomado, mais tarde, pelos judeus e, repito, pelos cristãos.

O mais lamentável desta questão é que tal alegoria, ou símbolo, tenha sido convertido na figura essa, espantosa e horripilante, do diabo ortodoxo.

Convém, agora, recordar a seita gnóstica dos naassênios, adoradores da Serpente. Os adeptos de tal ordem simbolizaram o Dragão, ou reflexo do Logos, com a brilhante constelação de sete estrelas. Quero me referir, de forma enfática, clara e precisa, à constelação do Dragão.

Alguns supõem que João, o vidente do Apocalipse, é o autor de tal alegoria. Tal suposição é, de fato, equivocada, porque o dragão é de Netuno, da magia atlante...

Ressaltam as sete estrelas da constelação do Dragão na mão do Alfa e do Ômega, aquele Verbo do Apocalipse que aparecera a João.

É, pois, o Dragão, o Lúcifer, Prometeu, Satã ou o Diabo, em seu aspecto superior, o próprio Logos, “O Nascido por Si”, o Aja hindu. Em seu aspecto inferior é o Dragão ou Diabo esotérico, autêntico e legítimo (diferente do da ortodoxia dogmática). Todo hierofante, todo verdadeiro autorrealizado é um dragão de sabedoria.

Quero, pois, amigos meus, que compreendais o que é esse fetiche dogmático ou diabo fantástico ortodoxo e o que é, realmente, o reflexo do Logos, a sombra de Deus dentro de cada um de nós, o Diabo real ou Lúcifer, ou Prometeu sagrado.

Sinto que há algo de resistência no fundo de vós, em vossa própria subconsciência, devido à educação e às ideias equivocadas que até esta data todos vós tendes sobre o diabo.

Não me surpreende de modo algum este preconceito que condiciona vosso intelecto. Ensinaam-vos a crer num diabo terrível, sentado num trono de ignomínia, com um garfo de aço em sua destra, dominando o mundo inteiro; e, agora, é claro que, ao escutar minhas palavras, ao dizer-vos que o diabo das seitas dogmáticas é

mera fantasia que não existe e que o que verdadeiramente, sim, existe é o Diabo da boa lei, a sombra do Sol espiritual dentro de cada um de nós, a sombra da noite em oposição ao dia, a sombra das árvores à beira do caminho, etc., é óbvio que vos comove e até surpreende; porém, sem deixar esse receio próprio de uma falsa crença que vos inculcaram desde os primeiros anos da infância.

Como poderia ser má a sombra do eterno Deus vivo? Refleti nisto um pouco, por favor!... No Museu Britânico há uma representação do escamoso, por certo, bastante interessante.

Também existe, no citado museu, uma pintura arcaica, antiquíssima, onde aparece a Árvore da Ciência do Bem e do Mal, a macieira do Éden...

Resulta interessante que, próximo a essa árvore, se vê, na pintura, Adão e Eva, o homem e a mulher, tentando atrair as maçãs com o propósito de devorá-las.

Atrás do tronco daquela árvore, está o Dragão–Serpente e, no alto, nas nuvens, aparecem alguns seres maldizendo a árvore, viva representação de todo clero exoterista ou profano, desconhecedor dos mistérios sexuais.

Não cabe dúvida de que os dois seres humanos, homem–mulher estão, pois, diante da Árvore da Ciência do Bem e do Mal.

A Serpente–Dragão é o Iniciador e isto devemos saber entender profundamente.

Vou explicar–lhes francamente, vou dizer o que é tudo isto, para que vós entendais e marcheis com firmeza pelo caminho estreito e difícil que conduz o Iniciado até a liberação final.

Inquestionavelmente, a Serpente é o fogo sexual que deve ascender pelo canal medular espinhal, de grau em grau, até o cérebro.

Naturalmente, tal elemento ígneo possui poderes extraordinários e, quando sobe pela espinha dorsal, transforma–nos radicalmente.

Quanto ao Dragão, indubitavelmente, é o treinador psicológico mais extraordinário que cada um de nós carrega dentro.

O divino Daimon, citado tantas vezes por Sócrates, a própria sombra do nosso espírito individual, coloca–nos em tentações, com o propósito de nos treinar, de nos educar. Só assim é possível que brotem em nossa psique as gemas preciosas das virtudes.

Agora me pergunto e pergunto aos senhores, onde está a maldade de Lúcifer? Os resultados são os que falam. Se não há tentação, não há virtudes. Quanto maiores sejam as tentações, maiores serão as virtudes. O importante é não cair em tentação e, por isso, devemos rogar ao Pai, dizendo: “Não me deixes cair em tentação”.

Vistos, pois, estes dois aspectos que se escondem atrás da Árvore da Ciência do Bem e do Mal, chegamos à conclusão lógica de que o Dragão e a Serpente, ou a Serpente–Dragão, para falar em síntese, é, fora de toda dúvida, o grande Iniciador prático.

Muitas vezes temos dado a chave e não nos cansaremos de repeti–la até a saciedade: Conexão do falo e do útero sem ejaculação do sêmen. Só assim se põe em marcha o fogo sagrado do sexo que, elevando–se pelo canal medular espinhal, de grau em grau, de vértebra em vértebra, vem, por último, a nos transformar radicalmente.

Que o Dragão nos tente durante o trabalho é seu dever. Ele nos deve tornar fortes; ele nos deve educar no ginásio sexual; ele nos deve converter em atletas da Magia Sexual.

Muito mais tarde, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes deve tragar-nos e, então, nos converteremos, de fato, em serpentes.

Não obstante, antes desse acontecimento extraordinário, antes desse banquete do fogo serpentino, devemos vencer o Dragão, quer dizer, devemos sair vitoriosos da tentação.

No fim, o escamoso Lúcifer, a sombra do Eterno, o reflexo íntimo de nosso verdadeiro Ser divino, voltará a Ele, fusionar-se-á com Ele, resplandecerá n'Ele.

Ao chegar a estas alturas, poderemos exclamar com os antigos iniciados: “Eu sou um Dragão! Eu sou Ele, Ele, Ele!”

P. – Mestre, o divino Daimon só nos tenta no trabalho do sexo, ou também no trabalho da dissolução do ego?

V.M. – Distinta dama! É urgente que a senhora entenda que a raiz do ego se encontra no abuso sexual, na luxúria, na fornicção, no adultério. Se a uma árvore lhe tiramos suas raízes, é claro que esta última morre. Algo semelhante acontece ao ego. Desafortunadamente, Lúcifer deve educar-nos no sexo; ali nos deve submeter a um treinamento rigoroso, mediante as mais severas tentações; é claro que, se ali, no sexo, saímos vitoriosos, a desintegração do ego se precipita inevitavelmente.

Não quero dizer com isto que todos os defeitos psicológicos não devam ser trabalhados com o propósito de reduzi-los a cinzas; unicamente estou pondo certa ênfase na questão sexual por tratar-se de que na fornicção está o pecado original.

P. – V.M. Ouvi dizer que, em algum dos Evangelho, o Grande Kabir Jesus disse: “Filhos de Satã sois, mas não filhos de Deus.” Poderia explicar-nos isto?

V.M. – Distinto cavalheiro! Escuto sua pergunta e com o maior prazer me apresso a responder-lhe.

Obviamente, todos somos filhos do Dragão, de Satã, do Diabo das trevas.

Se alguém se quer fazer filho de Deus, deve vencer o Dragão, o tentador, o escamoso; então nos teremos convertido em filhos de Deus e em dragões de sabedoria.

Sem dúvida, o Grande Kabir Jesus não maldisse jamais a sua sombra. Em nenhum dos quatro Evangelhos foi dito que Jesus tivesse estendido sua destra para maldizer sua própria sombra.

Quando Jesus, o grande sacerdote gnóstico, foi tentado por Satã, só exclamou: “Satã, Satã, escrito está: ao Senhor teu Deus não tentarás e a Ele só obedecerás.”

Fica, pois, esclarecido que Satã, Lúcifer–Prometeu, deve obedecer a Deus.

Seu dever é tentar o Iniciado. Absurdo seria que a sombra do Eterno tentasse o Eterno ou, em outras palavras, que o Diabo tentasse Deus.

Vê-se claramente, pelas palavras do Grande Kabir Jesus, que Lúcifer é o ministro do Altíssimo, o guardião das sete mansões, o servo da divindade.

Aqueles que anatematizam a sombra do eterno Deus vivo, obviamente, estão anatematizando o próprio Deus, porque Deus e sua sombra são um. Entendido?

P. – Mestre, não será que esse diabo da ortodoxia dogmático com seu cornos, cauda e garfo, na realidade, existe como uma representação dos agregados psíquicos que constituem o ego?

V.M. – Distinto cavalheiro! Já disse, em passadas conferências, que devemos fazer uma clara diferença entre o que é o divino Daimon e o que é o ego.

Indubitavelmente, o ego em si mesmo, com todos os seus agregados psíquicos, é luz astral pervertida, mente maligna; nada tem a ver com Lúcifer. É, ao contrário, a antítese dele, seu oposto fatal.

P. – Entendo, Mestre, que são totalmente diferentes o divino Daimon e o ego, porém, como este é formado pelos diabos vermelhos de Set, creio que o diabo que todos conhecemos, do tridente, bem poderia representar o ego. Não crê o senhor assim?

V.M. – Distinto cavalheiro! O transfundo de sua pergunta está equivocado; fundamenta-se num erro, num preconceito. Não sei por que, senhores e senhoras, se quis converter um réptil voador da antiga Atlântida num fetiche maligno.

Não me parece, pois, correto que tal erro sirva de embasamento para uma pergunta. Não estou de acordo que um pobre anfíbio inocente tenha forçosamente que representar a perversidade do ego.

Que tal réptil simbolize a sombra do Eterno estou de acordo; porém, que alegorize nossos defeitos psicológicos, francamente, parece-me incongruente.

Bem poderíamos alegorizar o ego de qualquer outra forma. Recordemos as Três Fúrias clássicas, ou a Medusa, etc. Com tais figuras clássicas poderíamos simbolizar o ego e seus agregados psíquicos.

P. – Mestre, a religião católica, por exemplo, não coloca o Dragão como diabo, senão que o representa com um homem com cornos, cauda, cascos e tridente, Que me diz o senhor disto?

V.M. – Aqui no auditório vejo uma dama que faz uma pergunta interessante e é claro que a vou responder-lhe com toda clareza.

Senhores, senhoras! O diabo, este da religião católica, não é mais que um desvio do mesmo dragão pictórico dos caldeus, inspirado num pobre réptil voador do continente atlante.

Convido-os a compreender que esse inocente animal foi pintado, mais tarde, em forma de dragão e, por último, na mais recente figura do fetiche esse de cascos, cornos e asas negras que tanto atemoriza os ignorantes.

É necessário deixar a ignorância, inquirir, indagar, estudar...

P. – Venerável Mestre, quando se fala da Árvore da Ciência do Bem e do Mal, o que é que realmente significa o mal e o que é que significa o bem?

V.M. – Esta pergunta que sai do auditório me pareceu muito interessante e sinto agrado em contestá-la.

Amigos! Quero que os senhores saibam que bem, no sentido mais objetivo da palavra, é tudo aquilo que fazemos conscientemente e de acordo com a Grande Lei, e que mal é tudo aquilo que, depois de feito, nos produz remorso.

P. – Mestre, há muita gente, que, ainda que faça mal, isto não lhe produz remorso. Poderia dizer-nos por quê?

V.M. – Distinta dama! Sua pergunta merece ser examinada detidamente. Antes de tudo, que é o remorso?

Se os aspectos transcendentais de nosso Ser Íntimo se enfrentam ante nosso próprio Logói, ou ante o Sagrado Sol Absoluto, então podemos verificar, por nós mesmos, os erros psicológicos das partes inferiores da nossa psique e isto nos produz remorso.

Normalmente, o citado processo, o que acabo de dizer, realiza-se em todos os seres normais, ainda que estes, no mundo físico, o ignorem radicalmente. De todas as maneiras, sentem remorso depois de uma má ação.

Muito diferente é a sorte dos decididamente perversos. Estes últimos, como já se alijaram demasiado do Sagrado Sol Absoluto, devido às suas maldades, é claro que, em seus foros íntimos, já não são realizados tais processos e, por conseguinte, o remorso se faz impossível.

P. – Mestre, explicou-nos o senhor que o Dragão das Trevas, em síntese, é o grande treinador no ginásio da vida e ao qual devemos vencer para criar as virtudes; porém, como, ao vencer o Dragão, o que estamos fazendo é decapitando o ego e como neste processo tem importância primária o trabalho com a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes que, indubitavelmente, é nossa Divina Mãe, não posso evitar de relacionar o Dragão das Trevas com a nossa Divina Mãe, ou seja, Devi-Kundalini. É isto incongruente?

V.M. – Escuto a pergunta e a ela vou dar resposta com o maior prazer.

Senhores e senhoras! Volto a trazer à colação, nestes instantes, a pintura caldéia do Museu Britânico. Atrás da Árvore da Ciência do Bem e do Mal aparece o Dragão-Serpente, quer dizer, o grande Iniciador efetivo e prático.

Obviamente, o Dragão somente respeita a Serpente e isto é inquestionável.

Diz-se que temos que vencer o Dragão ou matar o Dragão, simbólica afirmação da vitória na tentação.

Conforme somos treinados e educados, conforme as gemas preciosas das virtudes vão resplandecendo no fundo de nossa alma, o ego vai-se dissolvendo e isto é irrefutável, irrefutável.

Em todo caso devemos vencer o Dragão, para sermos devorados pela Serpente. Ditoso aquele que se converte em Serpente!

P. – Mestre, poderia o Dragão interior drasticamente realizar um milagre, por exemplo, fazer algo espetacular com o propósito de corrigir alguém?

V.M. – Amigos meus! Vem-me à memória, nestes momentos, um relato, por certo bastante interessante, de um irmão gnóstico da Costa Rica.

Diz-nos o narrador que, num povoado de seu país, aconteceu um caso insólito e insuspeitado.

Trata-se de uma mulher prostituta. Esta se embriagava incessantemente com toda classe de bebidas alcólicas e, em meio à sua bebedeira, exclamava: “Eu me deito com dez ou quinze homens por dia e todo homem que me atravessa o caminho com ele me deito; e, se o diabo o atravessasse, também me deitaria com ele.” Sucedeu que, em certa ocasião, um marinheiro chegou à sua porta, o qual tinha formosa presença. A mulher aquela não teve inconveniente algum em revolver-se com ele no leito de Procusto...

Depois da fornicação, aquela mulher, sentada à porta do lenocínio, dirigiu seus olhares à rua... De repente, o mancebo, de dentro, chamou-a, dizendo: “Tu não me conheces! Volta-te e olha-me, para que me conheças!” A infeliz, obedecendo às indicações do amante levantou-se para dirigir-se outra vez ao interior da abominável recâmara, e logo, olhando aquele que havia sido seu instrumento de prazer viu algo horripilante, terrível, tenebroso.

O escamoso, disfarçado com a forma aquela que lhe deram os ortodoxos do catolicismo romano, a olhava fixamente, ao mento tempo em que um forte cheiro de enxofre enchia o lugar...

A mulherzinha não pode resistir e caiu no piso, desmaiada, ao mesmo tempo em que dava alguns alaridos muito agudos...

Os vizinhos, ao escutar tais gritos, vieram para auxiliá-la; porém, o cheiro de enxofre os fez fugir espavoridos.

Mais tarde, a infeliz, depois de haver relatado, no hospital, o sucedido, morria ao terceiro dia. Levou-a o diabo.

Conta o narrador que aquele cheiro de enxofre persistiu por algum tempo no lenocínio e que as pessoas evitavam, por tal motivo, passar pela rua onde estava essa casa.

Analisando judiciosamente tal relato, descobrimos praticamente uma operação de assepsia moral, um método de urgência, tomado pelo próprio Lúcifer interior para essa mulher.

Não há dúvida que seu Deus Íntimo ordenou à sua sombra, ao seu Lúcifer, ao seu Dragão particular interior, materializar-se dessa forma diante da infeliz, fazer-se visível e tangível diante dela e até copular com ela...

Obviamente, seu Divino Sol Íntimo não poderia ter realizado tal cópula, tal aparição; porém, sua sombra particular, como está polarizada negativamente com respeito à luz positiva, resulta evidente e manifesto que, sim, pôde realizar concretamente tudo isto.

O resultado será, mais tarde, maravilhoso. A infeliz aquela desencarnou cheia de terror e, quando volte a reincorporar-se, quando renasça neste mundo, quando tome um novo corpo, é muito difícil que possa voltar à prostituição. Ficou-lhe na Consciência esse terror, esse choque psíquico.

O mais seguro é que, em sua futura existência, resolva seguir pelo caminho reto, pela senda da castidade.

Assim é como o Dragão pode trabalhar e operar drasticamente num momento dado.

18 – Criptas Subterrâneas

Vejo hoje, com alegria, um grupo muito seletivo de visitantes gnósticos que vieram ao México depois de assistir ao Congresso Gnóstico Internacional na República de El Salvador.

Vamos continuar com nossas conferências e espero que todos vós tireis delas os maiores benefícios.

Depois deste preâmbulo, vamos entrar no tema que hoje nos ocupa.

Na Caldéia antiga e no Egito existiram catacumbas maravilhosas, criptas subterrâneas, onde se cultivaram os mistérios.

Não é demais recordar as criptas de Tebas e Mênfis. Inquestionavelmente, as primeiras foram ainda mais famosas.

Do lado ocidental do Nilo existiram, naqueles tempos, longos passadiços profundos que chegavam até o deserto da Líbia.

Em tais criptas cultivaram-se os segredos relacionados com o Kuklos Anankes, o ciclo inevitável, o círculo da necessidade.

Nos instantes em que conversamos isto, vem-me à memória o Templo das Serpentes em San Juan de Teotihuacán.

O investigador esoterista poderá ver ali, em detalhe, esculpida na rocha, a serpente cascavel e o mais assombroso de tudo isto é que, junto à víbora sacra dos mistérios astecas, ressalta, também lavrado em pedra viva, o caracol.

Variados caracóis, de lado a lado da serpe divinal, resplandecem formosamente.

Não há dúvida de que nas criptas subterrâneas da Caldéia, Tebas e Mênfis se cultivasse realmente a sabedoria da Serpente.

É também muito notório o estudo transcendental do ciclo inevitável ou círculo da necessidade que, em forma espiralóide ou de caracol, se processa durante a manifestação cósmica.

Vejam os senhores, queridos irmãos gnósticos que esta noite me acompanham, a íntima relação que existe sempre entre a serpente e o caracol. Refleti, por um momento, no profundo significado que ambos, serpente e caracol, possuem intrinsecamente.

Obviamente, a serpente é o poder sexual transcendente, o poder maravilhoso que nos traz à existência, a força que origina toda vida.

Qualquer esoterista autêntico sabe muito bem que o poder serpentino sexual em todo o universo tem poder sobre os Tattwas, por conseguinte, sobre os elementais da natureza.

O poder serpentino universal origina infinitas criações. Devi Kundalini cria o corpo mental, o astral, o etérico e o físico.

Agora, bem, Maha Kundalini ou, em outras palavras, a Mãe Cósmica, a Mãe Natureza, criou todo o universo ou tomou a forma do mundo. Obviamente realizou também todos os seus processos sobre a base da linha espiralóide, tão vivamente alegorizada pelo caracol.

Qualquer progresso interior, todo desenvolvimento íntimo se baseia na espiral da vida.

Nós, pois, falando já de forma pessoal, podemos dizer que cada um de nós é um mau caracol no seio do Pai.

A cada alma são outorgadas ou assinaladas 108 existências para sua autorrealização e estas se processam em espirais, ora mais elevadas, ora mais baixas. Eis aqui o caracol!

Mas aprofundemos um pouco mais, queridos irmãos que esta noite assistem a nossa conferência. Vamos estudar o Kuklos Anankes, o ciclo inevitável ou círculo da necessidade.

Muito interessante resulta o fato concreto de que tal tema, tão profundo, só fosse estudado nessas criptas subterrâneas.

Indubitavelmente, esta é a mesma doutrina da transmigração das almas, que mais tarde ensinou o Avatara Krishna do Hindustão.

Não obstante, é notório que o Kuklos Anankes egípcio fosse ainda mais específico... Já dissemos muito, já afirmamos nestas conferências o que é o descenso aos mundos infernos; pusemos certa ênfase ao dizer que, cumprido o ciclo das 108 vidas que se assinala a cada alma, se não nos autorrealizamos, entramos nos mundos infernos.

Obviamente, nessas regiões submersas involuímos espantosamente, até chegar ao nono círculo, situado no coração do mundo. Ali são desintegrados os perdidos, são reduzidos a poeira cósmica.

Depois da morte segunda (e isto é coisa que já dissemos em todas as nossas passadas conferências), a alma ou as almas fracassadas ressurgem, saem outra vez à luz do Sol, para recomençar a jornada, começando uma nova evolução que iniciará inevitavelmente desde o escalão mais baixo, que é o reino mineral.

O interessante do Kuklos Anankes egípcio são, precisamente, as especificações, as diversas análises e sínteses.

É claro que devemos ter em conta o raio em que se desenvolve cada Essência que brota do Abismo e, por conseguinte, sua linha de desenvolvimento particular.

Variadas são as famílias vegetais, variadas as espécies animais, diferentes os elementos minerais, etc., etc., etc.

Os reitores da natureza não poderão fazer passar todas as Essências que brotaram do Abismo por um mesmo elemento mineral, já seja este ferro, cobre ou prata, etc., ou por uma determinada família vegetal, ou através de determinada espécie animal. Os Gurus Devas têm que distribuir sabiamente, porque algumas Essências podem viver no ferro, outras no cobre, outras na prata, etc. Nem todas poderiam passar pelo mesmo elemento mineral.

As famílias elementais vegetais estão muito bem organizadas no mundo etérico e nem todos os elementais poderiam ser pinheiros ou hortelã-pimenta. Cada família vegetal é diferente; há plantas lunares, mercurianas, venusianas, solares, marcianas, jupiterianas, saturninas, etc., etc., etc.

As Essências, de acordo com seu raio de criação, cada um terá que relacionar-se com tal ou qual departamento vegetal e solucionar tudo isto, sabê-lo distribuir, é algo que corresponde aos reitores da natureza.

As espécies animais são variadíssimas e seria absurdo reincorporar determinadas Essências em organismos animais que não correspondem ao seu raio de criação. Certas Essências podem evoluir no reino das aves, outras nos quadrúpedes, outras entre os peixes do imenso mar. Os reitores da vida devem saber, pois, manejar estas correntes elementais sabiamente, para evitar confusões, anarquias, destruições desnecessárias.

Por último, a entrada das correntes de vida no reino dos humanoides racionais é muito delicada. Necessita-se de muita sabedoria para evitar catástrofes.

Vejam os senhores, pois, o que é esta doutrina da transmigração das almas, estudada a fundo pelos egípcios.

Wotan nos fala também de uma cova de serpente, na qual ele teve a dita de haver penetrado.

É notória a relação entre esta cova de serpe, ou cobra, mencionada por Wotan, aqui no México, e as criptas do Egito e da Caldéia.

Esta tal cova de cobra, ou de serpe, não é mais que uma caverna subterrânea, uma cripta de mistérios, onde este grande iniciado entrou triunfalmente...

Diz Wotan que ele pôde penetrar nessa cova de serpe, no interior da Terra, e chegar até as raízes do Céu, porque ele mesmo era uma serpente, uma cobra.

Os druidas da região celta britânica, na Europa, também se chamavam, a si mesmos, de serpentes.

Não é demais recordar o Karnak egípcio e o Carnac britânico, símbolos vivos do Monte da Serpente.

Não há dúvida que os senhores, meus amigos visitantes, já sabem muito bem o que é a Serpente, já têm tal informação, por isso não me parece, pois, que esta notícia seja nova.

Os indostânicos falam claramente sobre a Serpente. Trata-se de um poder elétrico sexual maravilhoso, o fogo sagrado que se acha oculto em cada um de nós.

É indubitável que este poder ígneo, ou poder serpentino, parece uma cobra realmente. Assim a veem os clarividentes.

Do ponto de vista anatômico oculto poderia afirmar aos senhores, de forma enfática, que parece uma serpente de fogo enroscada três vezes e meia dentro do centro magnético do cóccix, base fundamental da espinha dorsal.

Às vezes temo que não me entenderam, mas sei que os senhores leram meus livros e, por isso, de modo algum lhes pode estranhar o ensinamento que esta noite estamos dando.

Primeiro devemos despertar o fogo e fazê-lo subir pelo canal medular até o cérebro; só assim nos poderemos transformar radicalmente.

Depois, e isto é o mais tremendo, devemos ser tragados pela Serpente. Só assim poderemos converter-nos em serpentes. Este é o ensinamento de Wotan, esta é a doutrina dos maias e dos astecas.

Jamais poderíamos gozar dos poderes da Cobra sem antes haver sido tragados por ela e isto é algo que, desafortunadamente, desconhecem muitos escritores pseudoesoteristas e pseudo-ocultistas.

Não obstante, quero que os senhores entendam que não é possível ser devorado pela Cobra sem haver vencido, antes, o Dragão.

Em meu passado livro intitulado As Três Montanhas, cito também o dragão; mas, antes quis fazer referência a um monstro abominável que todo ser humano leva dentro, junto com os três traidores, e que devemos desintegrar nos infernos lunares inevitavelmente.

Agora estou falando de um dragão diferente. Estou-me referindo ao reflexo do Logos dentro de nós mesmos, aqui e agora, ao autêntico Diabo, ao Dragão sagrado dos dracontes, que nada tem de mau nem de perverso, como supõem as pessoas ignorantes.

Esse Dragão Vermelho, essa sombra do Logos Solar em nós, esse treinador psicológico que cada qual leva em seu interior, mete-nos nos becos da tentação, com o propósito de nos treinar no caminho da virtude.

Já dissemos, e não me cansarei de repeti-lo até a saciedade, que sem tentação não há virtude. Quanto mais fortes sejam as tentações, maiores serão as virtudes, se logramos sair vitoriosos.

A tentação é fogo; triunfo sobre a tentação é luz. Não olhemos, pois, com desprezo para Tifão Bafometo, o Diabo, porque cada qual o carrega dentro de si mesmo e é a sombra do Deus íntimo.

Recordai, irmãos, que diabo é todo contraste; diabo é a sombra do Sol, a sombra de toda árvore à luz do astro rei, a noite, etc., etc., etc. Olhado de outro ângulo, vista esta questão de outro aspecto, poderíamos dizer que, como o diabo é o anverso de toda medalha, para os tenebrosos, para as pessoas que vivem no Abismo, para os demônios, diabo são os anjos, os deuses, a luz, a bondade, a beleza, etc., etc.

Se as pessoas que vivem na luz se assustam quando veem os demônios, é claro que também os demônios se assustam quando veem as pessoas que vivem na luz, quando veem os anjos, os arcanjos.

Estou falando de algo que me consta, de algo que pude vivenciar, experimentar por mim mesmo de forma direta.

Muitas vezes, ao entrar nos mundos infernos, vi os tenebrosos horrorizados; escutei-os exclamar: “Entrou um demônio, defendamo-nos!” Eles certamente sentiram pavor ante minha presença. Eu sou um demônio branco para eles e eles são demônios negros para mim. Assim pois, o diabo é questão de contrastes, de oposições, etc., etc., etc.

Nas dracontias se reverenciava o Dragão, quer dizer, a sombra do Logos, a sombra do Sol Espiritual, seu reflexo no universo e dentro de nós mesmos.

Não olvidem os senhores que atrás deste sol que nos ilumina está o Elon fenício ou Elion judeu, o sol central deste universo no qual vivemos, nos movemos e temos nosso ser.

Que este Sagrado Sol Absoluto tenha seus contrastes e oposições é normal. Em todo caso, sua sombra em nós e dentro de nós é Lúcifer, o grande treinador psicológico que temos para o nosso bem.

Porém, por favor, rogo aqui, aos irmãos que me escutam, compreender o que estou dizendo. Não temam; as resistências que há em alguns dos que me estão ouvindo neste momento são devidas aos preconceitos, ao temor, à informação equivocada de alguns sacerdotes dogmáticos.

Todos, desde crianças, recebemos certa educação e, então, inculcaram-nos ideias negativas e prejudiciais, errôneas e absurdas.

Foi-nos dito que Lúcifer era um diabo terrível que mandava em toda a Terra, que nos levava a um inferno ortodoxo para nos torturar em caçarolas ou caldeiras com fogo, etc., etc., etc.

Quero, amigos meus, que de uma vez saibam que o diabo esse das religiões ortodoxas não existe; o verdadeiro diabo o leva cada qual em seu interior.

Na Idade Média existiu a seita gnóstica dos satanianos. Também existiu a dos iscariotes. Os adeptos de tais seitas foram queimados vivos na fogueira da Inquisição.

É lástima que a seita dos satanianos não possa agora ser restaurada, devido ao fato concreto de que a documentação foi destruída.

Também causa certa dor o fato concreto de que Judas Iscariotes, até a data atual, seja considerado realmente como um discípulo traidor.

Se analisamos judiciosamente o que é Satã, o Diabo, Lúcifer, se compreendemos que é só o reflexo de Deus dentro de nós, a sombra do Sol íntimo dentro de cada qual, situado no fundo de nossa alma para o nosso bem, de fato e por direito próprio vamos fazendo justiça a tal seita gnóstica.

Senhores e senhoras! O satã ortodoxo, dogmático, das seitas clericais não existe; o autêntico Lúcifer está dentro de cada pessoa e só assim deve ser entendido.

Judas Iscariotes é outro caso muito interessante. Realmente, este apóstolo jamais atraçou a Jesus, o Cristo. Só representou um papel e este lhe ensinou seu Mestre Jesus.

O drama cósmico, a vida, paixão e morte do nosso Senhor, o Cristo, foi representado desde os antigos tempos por todos os grandes avatares.

O Grande Senhor de Atlântida, antes da segunda catástrofe transalpalniana, representou, em carne e osso, o mesmo drama de Jesus de Nazaré em certa ocasião, um missionário católico que chegou à China encontrou o mesmo drama cósmico entre a gente de raça amarela. “Eu acreditava que nós, os cristãos, éramos os únicos conhecedores deste drama!” Exclamou o missionário. Confundido, pendurou os hábitos.

Tal drama foi trazido à Terra pelos Eloim. Qualquer homem que busca a autorrealização íntima do Ser terá que vivê-lo e converter-se no personagem central da cena cósmica.

Assim, pois, cada um dos doze apóstolos de Jesus de Nazaré teve que representar seu papel na cena. Judas não queria executar o que lhe tocou; solicitou o de Pedro; mas Jesus já havia estabelecido firmemente a parte que cada discípulo tinha que simbolizar.

O papel que Judas teve que aprendê-lo de memória e lhe foi ensinado por seu Mestre.

Judas Iscariote nunca, pois, traiu o Mestre. O Evangelho de Judas é a dissolução do ego; sem Judas não é possível o drama cósmico. É pois, este apóstolo o mais exaltado adepto, o mais elevado de todos os apóstolos do Cristo Jesus.

Indubitavelmente, cada um dos doze teve seu próprio evangelho. Não poderíamos negar a Patar, Pedro. Ele é o hierofante do sexo, aquele que tem as chaves do reino em sua destra, o grande iniciador.

E que diremos de Marcos, que guardara com tanto amor os mistérios da unção gnóstica. E que de Felipe, aquele grande iluminado, cujo evangelho nos ensina a sair em corpo astral e a viajar com corpo físico em estado de Jinas. E que de João, com a doutrina do Verbo. E que de Paulo, com a filosofia dos gnósticos. Seria muito longo narrar aqui tudo o que se relaciona com os doze e o drama cósmico.

Chegou o momento de eliminar de nossas mentes a ignorância e os velhos preconceitos religiosos; chegou o instante de estudar a fundo o esoterismo crístico.

P. – Mestre, quando aos demônios que dizem que atemorizam e atormentam as pessoas nas estradas, é isto certo?

V.M. – Com o maior gosto darei resposta à pergunta que sai do auditório. Quando nós negamos o diabo dos ortodoxos dogmáticos, não recusamos o diabo autêntico que existe dentro de cada pessoa; tampouco negamos os demônios tenebrosos do Averno que atormentam as pessoas.

Não obstante, devemos fazer plena diferenciação entre o que é a sombra do Logos dentro de nós mesmos (Lúcifer) e o que são os demônios ou agregados psíquicos ou anjos caídos, etc., etc., etc.

Existem demônios por onde quer que seja, dentro e fora de nós. Demônios são nossos agregados psíquicos; demônios são os agregados psíquicos do próximo; demônios são Bael, Moloque, Belial e muitos milhões, bilhões e trilhões e mais. Estes existem inevitavelmente e temos que lutar contra eles.

P. – Querido Mestre, qual é a maneira eficaz para defender-nos dos diabos que nos atacam?

V.M. – Amigos! Existem muitas conjurações antiquíssimas, mediante as quais é possível defender-nos dos ataques dos tenebrosos. Recordemos a Conjuração dos Sete do Sábio Salomão, a Conjuração dos Quatro, o Pentagrama, etc., etc., etc.

De forma muito especial convém saber que o Pentagrama com o ângulo superior para cima e os dois ângulos inferiores para baixo faz fugir os tenebrosos.

P. – Mestre, quero que vossa mercê me diga se o quinto anjo, que vem em guerra para dar a sabedoria íntima do Ser, pode liberar e dar o grande ensinamento sobre o Judas Iscariotes à humanidade?

V.M. – Amigos que esta noite me escutam! Distinta dama gnóstica que fez a pergunta! Na Idade Média, certos elementos reacionários, compreendendo que Samael, meu Real Ser Interior, o Quinto dos Sete, ensina a sabedoria oculta revolucionária, deram à sombra do Logos o nome de Samael; quer dizer, trataram-me de diabo pelo delito de não me encaixar em seus moldes tão tremendamente estritos.

A mim cabe agora desvelar, indicar com claridade o caminho, fazer a dissecação de muitas palavras e conceitos, para ver o que é que têm de verdade.

Não sou o único iniciado que conhece os mistérios do drama cósmico, tampouco sou o único que tem a honra de saber o papel de Judas, pois já sabemos que existiu a seita gnóstica dos iscariotes, especializada precisamente no evangelho do grande Mestre Judas, fiel discípulo de Nosso Senhor, o Cristo.

Os ignorantes ilustrados, os velhacos do intelecto, os sequazes de muitas seitas mortas lançaram-se contra nós pelo fato mesmo de haver divulgado estas questões. Entretanto, cumprimos com o nosso dever e com o maior prazer jogamos a luz nas trevas, custe o que custar.

Para Judas, repito, não se fez justiça, apesar de ser o mais excelso de todos os doze.

O que sucede é que à humanidade desagrade horivelmente eliminar o ego e, como a doutrina do Iscariotes é precisamente contra o eu, contra o mim mesmo, então o mais natural é que até os próprios eruditos das diversas escolas pseudoesotéricas e pseudo-ocultistas o odeiem mortalmente.

Em todo caso, os quatro Evangelhos não podem ser tomados à letra morta; estão escritos em chave. Foram precisamente elaborados por iniciados e para iniciados.

P. – V.M. Então, se Judas Iscariotes foi o mais excelso dos discípulos do Grande Kabir Jesus, então quem foi o traidor?

V.M. – Respondo esta pergunta que sai do auditório. Amigos e irmãos gnósticos que me escutam! O verdadeiro traidor do Cristo está dentro de cada um dos senhores. Isto quer dizer que não somente traíram o Cristo, senão que, além disso, o estão traindo diariamente, de instante em instante e de momento em momento.

Bem sabem os irmãos maçons o que são os três traidores de Hiram Abif. Judas é o demônio do desejo, que trai o Cristo Íntimo de segundo em segundo; Pilatos é o demônio da mente, que sempre se anda desculpando, justificando-se, lavando as mãos, declarando-se inocente, etc., etc.; Caifás é o demônio da má vontade, cada qual o leva bem dentro, aquele que não sabe fazer a vontade do Pai, esse que sempre faz o que quer o que lhe vem na gana, sem lhe importar uma vírgula os mandamentos do Bendito.

Os três traidores assassinaram Hiram Abif, o Mestre Secreto.

Jesus, o Grande Kabir, antes de cristalizar, em si mesmo, as três forças primárias do universo, teve que eliminar o Judas íntimo; como tereis que fazê-lo cada um de vós.

Entendido tudo isto, compreendendo que o Iscariotes só cumpriu com um dever, obedecendo a seu Mestre e representando um papel que havia aprendido de memória, devemos agora fazer justiça a esse adepto ante o veredito solene da consciência pública.

P. – Mestre, desde o início do cristianismo, a Sagrada Bíblia, conhecida como o livro da verdade divina, não menciona os apóstolos como o senhor os denomina, nem tampouco ensina que Lúcifer é a sombra de Deus. Por que devemos dar mais crédito a suas palavras que ao que se lê nos santos Evangelhos?

V.M. – Com o maior prazer vou dar resposta à pergunta que saiu do auditório.

Distinto cavalheiro! Os Quatro Evangelhos foram escritos 400 anos depois de Cristo, não pelos apóstolos, senão pelos discípulos dos apóstolos e, como já disse, estão escritos em chave.

Certamente, esses são quatro tratados de alquimia e cabala.

Analisando judiciosamente as palavras do Grande Kabir Jesus, vendo nelas a parábola caldéia e egípcia, a matemática pitagórica e a moral budista.

Indiscutivelmente, o Grande Kabir viajou pela Índia, Caldéia, Pérsia, Grécia, Egito, etc., etc., etc.

Só aqueles que estudamos o gnosticismo, só aqueles que aprofundamos no esoterismo cainita, sataniano, iscariote, naassênio, essênio, pedatissênio, etc., etc., etc., conhecemos, certamente, o que são os mistérios de Lúcifer e o papel que Judas realizou e o que teve que fazer cada um dos apóstolos do Mestre Jesus no drama cósmico.

Não é a Bíblia, precisamente, a que vai explicar o papel de cada um dos doze. Comece o senhor, distinto cavalheiro, por conhecer a fundo o esoterismo dos doze signos zodiacais e logo se oriente mediante o estudo das religiões comparadas e das escrituras gnósticas.

Muito poderá o senhor intuir estudando a Pistis Sophia. É lástima que só encontremos esse livro em inglês. Entretanto espero que algum dia seja traduzido para o espanhol.

Em todo caso, não devemos estudar à letra morta a Bíblia, pois está escrita de forma simbólica e só a podem entender os iniciados.

Não sou eu o único que conhece todos estes mistérios, porém sim, sou o primeiro a desvelá-los, a fazê-los públicos para o bem da humanidade.

P. – Mestre, faça-me o favor de explicar-nos por que Pedro negou três vezes o Cristo?

V.M. – Com o maior gosto darei resposta a esta pergunta. diz-se que Pedro negou Cristo três vezes e convém conhecer seu significado. Obviamente, isto é completamente simbólico. Com isto se quer dar a entender que o iniciado uma e outra vez cai em tentação, já seja no mundo físico ou nos mundos internos, e chora e sofre o indizível; mas se persevera, se é firme, se ao fim elimina o ego e o reduz a poeira cósmica, então se converte em mestre e chega à autorrealização íntima.

19 – Guerra nos Céus

Amigos meus! Damas e cavalheiros que me escutam! Vamos esta noite estudar o tema relacionado com a Guerra nos Céus.

Tem-se falado muito sobre a grande rebelião dos anjos contra o Eterno; tem-se afirmado que Miguel, com suas hostes de luz, teve que pelejar contra o Dragão e seus sequazes.

Tudo isto, amigos meus, é completamente simbólico; devemos saber entendê-lo, para não cair no erro.

Em passadas conferências demos amplas explicações sobre o Diabo, o Dragão, e agora entraremos mais a fundo em toda esta questão.

Entre parênteses, quero contar a todos os aqui presentes que eu tenho uma aposta com o Diabo e isto poderá surpreendê-los um pouco...

Em certa ocasião, não importa agora a data nem a hora, sentados os dois, frente a frente, ante uma mesa, escutei, dos lábios do meu próprio Lúcifer íntimo, as seguintes afirmações: “Eu a ti te vencerei na castidade e vou te demonstrá-lo. Tu comigo não podes...”

“Queres fazer uma aposta comigo?” Sim, respondeu Satã, estou disposto a casar a aposta.”

“Por quanto casamos a aposta?...” “Por tanto e está feito.”

Afastei-me daquele personagem, que não é mais que o reflexo de meu próprio Logos íntimo, tratando-o, em verdade, um pouco mal...

Em nome da verdade, quero dizer aos senhores, amigos meus, que até o momento atual estou ganhando a aposta, pois o Diabo comigo não pôde; de nenhuma maneira logrou fazer-me cair em tentação, ainda que tenha tido que travar com ele tremendas batalhas.

A guerra, pois, é tremenda. E estou vencendo o Dragão e posso dizer que o tenho derrotado.

Isto é o mesmo que fez Miguel contra Lúcifer; a mesma luta de todo iniciado contra seu Dragão.

Assim como Miguel venceu todos os anjos rebeldes, assim também cada um de nós deve vencer e desintegrar todos os eus diabos ou agregados psíquicos que personificam nossos erros.

Visto de outro ângulo este assunto da Guerra nos Céus, encontramos que tal alegoria representa, também, a luta que houve entre os adeptos primitivos da raça ária e os bruxos da Atlântida, os demônios do oceano, etc., etc., etc.

É inquestionável que, depois da submersão daquele velho continente, os magos negros da terra antiga, tragada pelas águas, continuaram atacando incessantemente os adeptos da nova raça, à qual nós todos pertencemos.

A alegoria, pois, da Guerra nos Céus tem variados significados. Pode simbolizar acontecimentos religiosos, astronômicos, geológicos e, além disso, possui um sentido cosmológico muito profundo.

Na terra sagrada dos Vedas, fala-se muito das batalhas de Indra contra Vitra.

Obviamente, o resplandecente Deus Indra é chamado pelos sábios Vitrahan, por ser o matador do Dragão; da mesma forma que Miguel é o vencedor do mesmo.

É claro que todo iniciado que mate ou vença o Dragão é tragado pela Serpente e, de fato, se converte em Serpente, como Wotan.

Não obstante, as tentações sexuais soem ser espantosas; raros são aqueles que não caem em tentação.

Satã, o Dragão, Lúcifer ou como queiramos chamá-lo, faz tremendo superesforços para fazer cair em tentação o iniciado e é claro que quase todos falham. Por isso é que é muito difícil conseguir pessoas autorrealizadas. A debilidade das pessoas se encontra precisamente aí, no sexo, e, por muitos fortes que se sintam, com o tempo sucumbem.

É, pois, isso da Guerra no Céu algo terrível, quase impossível de descrever com palavras. As tentações sexuais não são qualquer coisa... É, acaso, muito fácil vencer o Dragão? O mais grave de tudo isto é que as pessoas têm vivo o ego; os demônios vermelhos de Seth não morreram e a Consciência de cada qual, embutida entre seus agregados sinistros, funciona, em verdade, dentro de seu próprio condicionamento e até se justifica, lavando as mãos como Pilatos, ou adiando o erro, dizendo: “Hoje não pude; porém, depois, com o tempo, triunfarei”, etc., etc., etc.

Assim, desta forma, são muito raros os Miguéis que vencem o Dragão; temos que buscá-los com a lanterna de Diógenes. Essas pessoas são demasiado débeis, frágeis, ignorantes e absurdas.

Tem-se falado, também, muito sobre os anjos caídos nos velhos textos da antiguidade clássica, mas isto não o entendem os ignorantes ilustrados, nem os velhacos do intelecto.

Qualquer Guru Deva que caia na geração animal se converte, de fato, num anjo caído e até em um demônio.

É inquestionável que, quando algum adepto comete o crime de derramar o vaso de Hermes, ressuscitam, dentro de si, todos os elementos inumanos que antes havia desintegrado e, por tal motivo, faz-se, de fato, um demônio a mais.

Chegamos, pois, à raiz de um tema muito discutido, demasiado estudado e raras vezes compreendido.

O que acontece é que, para poder compreender esta questão, necessita-se havê-la vivido; de nada servem aqui as suposições ou os vãos racionalismos.

Como eu vivi tudo isto num remotíssimos passado arcaico, quando multidões de Bodhisattvas lêmures cometeram o erro de cair na geração animal, por isso posso dar testemunho sobre tudo isto e explicar-lhes cruamente tal como é e sem suposições nem utopias de nenhuma classe.

A mim não me importa que as pessoas me creiam ou não me creiam; estou dizendo o que vivi e isto é tudo. Além do mais, ali descubra cada qual com sua vida. Afirmo o que me consta, o que pude ver, ouvir, tocar e palpar.

A questão dos anjos caídos está representada no Hindustão com as lutas religiosas de irânios contra brâmanes, deuses contra demônios, deuses contra Asuras, tal como figura na guerra do Maabárata, etc., etc.

Isto das batalhas contra o Dragão podemos vê-lo também nos Edas escandinavos, onde aparecem os Ases guerreando contra os gigantes gelados. Asathor contra Jotums.

Quero, pois, amigos meus, que compreendam a necessidade de pelejar contra o Dragão. Quero que entendam que devem vencê-lo em batalhas campais, se é que de verdade aspiram os senhores converter-se em Serpentes de Sabedoria e em deuses terrivelmente divinos.

Por favor, rogo-lhes que saiam da ignorância em que se encontram; suplico-lhes que estudem estes livros e que os vivam. Dói-me, em verdade, vê-los a todos vocês convertidos em sombras débeis e miseráveis.

P. – Mestre, quisera explicar-me se, ao cair uma pessoa que esteja trabalhando na frágua acesa de Vulcano, ressurgem nela o eu ou os eus que conseguira desintegrar?

V.M. – Distinta irmã gnóstica! É inquestionável que com qualquer queda sexual ressuscita, de fato e por direito próprio, algum elemento subjetivo infra-humano. Por isso Nosso Senhor, o Cristo, disse: “O discípulo não se deve deixar cair, porque o discípulo que se deixa cair em tentação tem depois que lutar muitíssimo para recuperar o perdido.”

P. – Mestre, fala-nos o senhor da Guerra nos Céus e sabemos pelos ensinamentos, que as lutas contra o Inimigo Secreto devem ser feitas no Averno, quer dizer, descendo aos Infernos. Poderia esclarecer-me isto?

V.M. – Amigos! É inquestionável o sentido alegórico de todos os escritores religiosos; sejam estes cristãos, budistas, maometanos, etc., etc. O assunto este dos céus refere-se a estados de Consciência. Indubitavelmente, nossos distintos estados conscientivos são alterados na luta. A batalha contra o Inimigo Secreto pode levar-nos à liberação definitiva ou ao fracasso total.

Certamente resultaria incongruente supor, sequer por um momento, tentações passionais em regiões divinas inefáveis; por este motivo devemos traduzir aqui a palavra céus como estados de Consciência ou como funcionalismos da Essência, etc., etc., etc.

P. – Mestre, quando o senhor falava que casou aposta com seu Lúcifer íntimo, podemos entender que o montante desta é sua própria alma?

V.M. – Amigos, irmãos gnósticos! Existem as valorizações e as desvalorizações do Ser. Existem também capitais cósmicos equivalentes a virtudes. O montante de tal aposta se baseia em determinado capital cósmico; este se valoriza de forma similar a como se valorizam as moedas do mundo e, portanto, ficaria desprovido de certa quantidade de virtudes e depreciado ou desvalorizado intimamente. Creio que, como o aqui exposto, os irmãos deste auditório me entenderam.

P. – Mestre, fala-se-nos que, trabalhando na frágua acesa de Vulcano, pode-se desintegrar o ego. Que nos pode dizer a respeito?

V.M. – Distinta dama! Já em passadas conferências falamos muito amplamente sobre o *modus operandi* para a dissolução do mim mesmo, do si mesmo.

Também fizemos amplas explicações sobre o mesmo tema em nosso livro intitulado o Mistério do Áureo Florescer. Então dissemos que havia necessidade de trabalhar com a lança de Eros durante o coito químico ou cópula metafísica.

Creio, pois, que este auditório já não ignora nossos procedimentos gnósticos esotéricos; o mais importante consiste precisamente em saber orar durante o Sahaja Maithuna.

Em tais instantes devemos suplicar à Divina Mãe Kundalini particular (porque cada qual tem a sua), para que ela elimine o erro que necessitamos erradicar ou extirpar de nossa própria psique.

É indiscutível que a eletricidade sexual transcendente pode reduzir a cinzas qualquer defeito psicológico.

Indubitavelmente, nossa Mãe Divina Kundalini, manejando com destreza a lança santa, poderá tornar pó qualquer agregado psíquico, qualquer defeito íntimo.

Também dissemos em passadas cátedras que se faz necessário primeiro haver compreendido o defeito que queremos extirpar de nossa natureza. É ostensível que só por meio da técnica da meditação podemos compreender, de forma íntegra, qualquer erro.

Compreensão e eliminação são básicas para a dissolução do mim mesmo, do si mesmo.

P. – Mestre, quisera explicar-nos se, derramando o vaso de Hermes, desenvolve-se o órgão Kundartiguador?

V.M. – Distintas damas e cavalheiros! É urgente compreender que, quando se derrama o vaso de Hermes de forma contínua e habitual, desenvolve-se também o abominável órgão Kundartiguador, a famosa cauda satânica dos tenebrosos, o Fohat negativo, sinistro, que por fim nos conduz pela via descendente, infra-humana, até o Abismo e a morte segunda.

P. – Mestre, quisera dizer-nos se, trabalhando na frágua acesa de Vulcano sem derrame do vaso de Hermes, porém sem desintegrar o eu pluralizado, por fim também se desenvolve o órgão Kundartiguador?

V.M. – Amigos, distinta dama que faz a pergunta! Faz-se muito necessário compreender a necessidade de uma conduta reta quando se trabalha na forja dos ciclopes.

Aquele que não morre em si mesmo, aquele que não dissolve o ego, com o tempo desenvolve o abominável órgão Kundartiguador, ainda que esteja trabalhando na frágua acesa de Vulcano (o sexo-ioga).

Já dissemos em precedentes capítulos que o abominável órgão de todas as fatalidades se desenvolve nos adúlteros, nos que traem o Guru, nos sinceros equivocados acostumados a justificar delitos, nos iracundos e perversos, etc., ainda que estejam trabalhando com o tantrismo branco, ainda que não derramem o vaso de Hermes.

Só morrendo em si mesmo e trabalhando de verdade na nona esfera e sacrificando-se por nossos semelhantes é como podemos desenvolver, em nossa natureza íntima, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes.

Muito mais tarde, temos que vencer o Dragão totalmente, se é que de verdade anelamos ser devorados pela Serpente, para converter-nos em Serpentes.

P. – Mestre, a batalha que travou o arcanjo Miguel contra o Dragão e os anjos rebeldes, devemos entender que o fez com a lança de Longibus?

V.M. – Meus amigos! A lança de Longibus é a mesma lança de todos os pactos mágicos, a mesma com que São Jorge ferira seu dragão.

Não há dúvida de que esta lança santa, esta hasta de Aquiles é o emblema maravilhoso da energia sexual, com a qual podemos incinerar, queimar, destruir radicalmente as diversas partes do mim mesmo, do ego, do eu psicológico.

P. – Venerável Mestre, o que é que alegorizam os anjos rebeldes?

V.M. – Amigos! Diz-se que Miguel pelejou contra o Dragão e seus anjos rebeldes, como temos que fazê-lo nós contra o Lúcifer íntimo e os agregados psíquicos; trata-se de lutas interiores, secretas, terríveis e muito dolorosas.

Cada um de nós deve converter-se, pois, em um Miguel, pelejando incessantemente contra o Dragão e suas hostes fatais.

20 – A Lei do Eterno Retorno

Amigos meus! Reunidos esta tarde nesta casa, vamos hoje estudar a lei do eterno retorno de todas as coisas.

Na hora da morte chega sempre, ante o leito, o anjo da morte. Destes há legiões e todos eles trabalham de acordo com a grande lei.

Três coisas vão ao panteão ou cemitério: Primeiro, o cadáver físico. Segundo, o corpo vital (este escapa do corpo físico com a última exalação); tal veículo flutua ante o sepulcro e se vai decompondo lentamente à medida que o corpo físico se desintegra. Terceira a ex–personalidade. Esta, indubitavelmente, pode, às vezes, escapar de dentro da tumba e perambular pelo panteão ou se dirigir a alguns lugares que lhe são familiares.

Não há dúvida de que a ex–personalidade se dissolve lentamente através do tempo. Não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto, esta, em si mesma, é perecedora.

Aquilo que continua, aquilo que não vai ao sepulcro, é o ego, o mim mesmo, o si mesmo.

A morte em si mesma é uma subtração de quebrados. Terminada a operação matemática, só restam os valores.

Obviamente, as somas de valores se atraem e se repelem de acordo com a lei da imantação universal, flutuam na atmosfera do mundo.

A eternidade abre suas fauces para tragar o ego e logo o expelle, arroja-o, devolve-o ao tempo.

Foi-nos dito que, no instante preciso da morte, no momento em que o defunto exala seu derradeiro alento, projeta um desenho eletropsíquico de sua personalidade. Tal desenho continua nas regiões suprassensíveis da natureza e, mais tarde, vem a saturar o ovo fecundado. Assim é como, ao retornar, ao regressar em um novo corpo físico, voltamos a possuir características pessoais muito similares às da vida anterior.

Isto que continua depois da morte não é, pois, algo muito formoso. Aquilo que não é destruído com o corpo físico não é mais que um montão de diabos, de agregados psíquicos, de defeitos. O único decente que existe no fundo de todas entidades cavernárias que constituem o ego é a Essência, a psique, isso que temos de alma.

Ao regressar a um novo veículo físico, entra em ação a lei do carma, pois não existe efeito sem causa, nem causa sem efeito.

Os anjos da vida encarregam-se de conectar o cordão de prata com o zoosperma fecundante. Inquestionavelmente, muitos milhões de zoospermas escapam no instante da cópula, mas só um deles goza do poder suficiente para penetrar no óvulo, a fim de realizar a concepção.

Esta força, de tipo muito especial, não é um produto do acaso ou do azar. O que acontece é que é impulsionado de dentro em seu energetismo íntimo pelo anjo da vida, que em tais instantes realiza a conexão da Essência que retorna.

Os biólogos sabem muito bem que os gametas masculino e feminino levam, cada um, 24 cromossomas. Somados estes entre si, dão a soma total de 48, que vêm compor a célula germinal.

Isto de 48 cromossomas vem a nos recordar 48 leis que governam o corpo físico.

A Essência vem ficar, pois, conectada com a célula germinal por meio do cordão de prata e, como tal célula se divide em duas e as duas em quatro e as quatro em oito e assim sucessivamente para o processo de gestação fetal, é claro que a energia sexual se converte de fato no agente básico de tal multiplicação celular. Isto significa que de modo algum se poderia realizar o fenômeno da mitose sem a presença da energia criadora.

O desencarnado, aquele que se prepara para tomar um novo corpo físico, não penetra no feto. Só vem a se reincorporar no instante em que a criatura nasce, no momento preciso em que realiza sua primeira inalação.

Muito interessante resulta que com a última exalação do moribundo vem a desencarnação e que com a primeira inalação reingressamos num novo organismo.

É completamente absurdo afirmar que se escolhe de forma voluntária o lugar onde se deve renascer. A realidade é muito diferente. São precisamente os senhores da lei, os agentes do carma aqueles que selecionam para nós o lugar exato, lar, família, nação, etc., onde devemos reincorporar, retornar.

Se o ego pudesse escolher o local, lugar ou família, etc., para sua nova reincorporação, então os ambiciosos, orgulhosos, avaros, cobiçosos, buscariam os palácios, as casas dos milionários, as ricas mansões, os leitos de rosas e de plumas e o mundo seria toda riqueza e suntuosidade. Não haveria pobres, não existiria a dor nem a amargura; ninguém pagaria carma; todos poderíamos cometer os piores delitos sem que a justiça celestial nos alcançasse, etc., etc., etc.

A crua realidade dos fatos é que o ego não tem direito a escolher o lugar ou a família onde deve nascer. Cada um de nós tem que pagar o que deve. Escrito está que o que semeia raios colherá tempestades. Lei é lei e a lei se cumpre!

É pois, muito lamentável que tantos escritores famosos da espiritualidade contemporânea afirmem, de forma enfática, que cada qual tem direito a escolher o lugar onde deve renascer.

O que há mais além do sepulcro é algo que somente podem conhecer os homens despertos, aqueles que já dissolveram o ego, as pessoas verdadeiramente autoconscientes.

No mundo existem muitas teorias, já de tipo espiritualizado ou já de tipo materializado, e a razão dos humanoides intelectuais dá para tudo; a mesma tanto pode criar teorias espiritualizadas, quanto materializadas.

Os homúnculos racionais podem elaborar dentro de seu encéfalo cerebral, mediante a processos lógicos mais severos, uma teoria materialista como uma espiritualista e, tanto uma como na outra, tanto na tese como na antítese, a lógica de fundo é realmente admirável.

Inquestionavelmente, a razão, com todos os seus processos lógicos como faculdade de investigação, tem um princípio e um fim; é demasiado estreita e limitada; pois, como já dissemos, presta-se para tudo, serve para tudo, tanto para a tese como para antítese.

Ostensivelmente, os processos de cerebrização lógica não são por si mesmos convincentes, pelo fato concreto de que com eles se pode elaborar qualquer tese espiritualizada ou materializada, demonstrando ambas o mesmo vigor lógico, certamente plausível para todo raciocinador humanoide.

Não é possível, pois, que a razão conheça verdadeiramente algo do que há do telhado para cima, do que está mais além, disso que continua depois de morte.

Já Dom Emmanuel Kant, o grande filósofo alemão, demonstrou, com sua grande obra intitulada “A Crítica da Razão Pura”, que a razão, por si mesma, não pode conhecer nada sobre a verdade, sobre o real, sobre Deus, etc., etc., etc.

Não estamos nós, pois, lançando no ar ideias a priori. O que estou dizendo com tanta ênfase pode ser documentado com a citada obra do filósofo mencionado.

Obviamente temos que descartar a razão como elemento de cognição idôneo para o descobrimento do real.

Arquivados os processos raciocinativos nesta questão de metafísica prática, assentaremos, desde agora mesmo, uma base sólida para a verificação disso que está mais além do tempo, daquilo que continua e que não pode ser destruído com a morte do corpo físico.

Estou asseverando algo que me consta, algo que experimentei na ausência da razão. Não é demais recordar a este honorável auditório que eu recorro todas as minhas vidas anteriores.

Nos antigos tempos, antes da submersão do continente atlante, as pessoas tinham desenvolvida essa faculdade do Ser conhecida com o nome de “percepção instintiva das verdades cósmicas”.

Depois da submersão desse antigo continente, essa preciosa faculdade entrou no ciclo involutivo descendente e se perdeu totalmente.

É possível regenerar esta faculdade mediante a dissolução do ego. Atingido tal propósito, poderemos verificar por nós mesmos, de forma autoconsciente, a lei do eterno retorno de todas as coisas.

Indubitavelmente, a citada faculdade do Ser nos permite experimentar o real, isso que continua, o que está mais além da morte, do corpo físico, etc., etc., etc.

Como eu possuo esta faculdade desenvolvida, posso afirmar com plena autoridade o que me consta, o que vivi, o que está mais além, etc., etc.

Falando sinceramente e com o coração na mão, posso dizer-lhes o seguinte: Os defuntos vivem normalmente no Limbo, na antessala do Inferno, na região dos mortos, astral inferior, região plenamente representada em todas essas grutas e cavernas subterrâneas do mundo, que, unidas ou entrelaçadas intimamente, formam um todo em seu conjunto.

É lamentável o estado em que se encontram os defuntos. Parecem sonâmbulos, têm a Consciência completamente adormecida, perambulam por todas as partes e creem firmemente que estão vivos. Ignoram sua morte.

Depois da desencarnação, os vendedores continuam em suas vendas, os ébrios, nas cantinas, as prostitutas, nos prostíbulos, etc., etc.

Seria impossível que as pessoas assim, sonâmbulos desta classe, inconscientes, pudessem dar-se ao luxo de escolher o lugar onde devem renascer.

O mais natural é que estes nasçam sem saber a hora, nem como, e morrem completamente inconscientes.

As sombras dos falecidos são muitas. Cada desencarnado é um montão de sombras inconscientes, um montão de larvas que vivem no passado, que não se dão conta do presente, que estão engarrafadas em todos os seus dogmas, nas coisas rançosas do ontem, nas ocorrências dos tempos idos, nos afetos, nos sentimentalismos de família, nos interesses egoístas, nas paixões animais, nos vícios, etc., etc., etc.

Ao renascer, a Essência se expressa durante os primeiros três ou quatro anos da infância e, então, a criatura é formosa, sublime, inocente, feliz. Desafortunadamente, o ego começa a se expressar, pouco a pouco, ao nos acercarmos da idade de sete anos e vem de todo a se manifestar quando a nova personalidade foi totalmente criada.

É indispensável compreender que a nova personalidade é criada precisamente durante os primeiros sete anos da infância e que se robustece com o tempo e com as experiências.

A personalidade é energética, não é física, como pretendem muitas pessoas, e depois da morte decompõe-se lentamente no cemitério, até se desintegrar radicalmente.

Antes que a nova personalidade se forme totalmente, a Essência se pode dar ao luxo de se manifestar com toda a sua beleza e até faz com que as crianças sejam certamente psíquicas, sensitivas, clarividentes, puras, etc., etc., etc.

Quão felizes seríamos se não tivéssemos ego, se só se expressasse em nós a Essência. Indiscutivelmente, então não haveria dor, a Terra seria um paraíso, um éden, algo inefável e sublime.

O retorno do ego a este mundo é verdadeiramente asqueroso, horripilante, abominável.

O ego em si mesmo irradia ondas vibratórias sinistras, tenebrosas, nada agradáveis.

Eu digo que toda pessoa, enquanto não tenha dissolvido o ego, é mais ou menos negra, ainda que esteja caminhando pela senda da iniciação e ainda que se presuma cheia de santidade e de virtude.

O incessante retorno de todas as coisas é uma lei da vida e o podemos verificar de instante a instante e de momento a momento. Retorna a Terra ao seu ponto de partida cada ano, e então celebramos o ano novo. Retornam todos os astros ao seu ponto de partida original; retornam os átomos dentro da molécula ao seu ponto inicial; retornam os dias, retornam as noites, retornam as quatro estações: primavera, verão, outono e inverno; retornam os ciclos, Kalpas, Yugas, Mahamvantaras, etc.

É, pois, a lei do eterno retorno algo indiscutível, irrefutável, irrefutável.

P. – Mestre, disse-nos o senhor que não há nenhum amanhã para a personalidade do morto e que o corpo etérico vai-se desintegrando pouco a pouco. Quisera saber se a personalidade dura mais que o corpo físico na desintegração.

V.M. – A pergunta que sai do auditório me parece interessante e com o maior prazer apresso-me a respondê-la.

Inquestionavelmente, a ex-personalidade é de maior duração que o fundo vital eliminado.

Quero com isto afirmar que o corpo vital se vai decompondo conforme o físico vai-se desintegrando na sepultura.

A personalidade é diferente, como se vigoriza através do tempo com as diferentes experiências da vida, obviamente dura mais. É uma nota energética mais firme; sói resistir durante muitos anos.

Não é exagerado, de modo algum, afirmar que a personalidade descartada pode sobreviver por séculos inteiros. Resulta curioso contemplar várias personalidades descartadas conversando entre si.

Estou falando agora de algo que aos senhores pode parecer estranho. Pude comprovar até dez personalidades descartadas correspondentes a um mesmo dono, quer dizer, a dez retornos de um mesmo ego.

Vi-as num intercâmbio de opiniões subjetivas, reunidas entre si por afinidade psíquica.

No entanto, quero esclarecer um pouco mais isto para evitar confusões. Eu disse que não nascemos com a personalidade; que devemos formá-la; que isto é possível durante os sete primeiros anos da infância. Também afirmei que no instante da morte tal personalidade vai ao panteão e que, às vezes, perambula dentro do mesmo ou se esconde na sua sepultura.

Pensai, agora, por um momento, num ego que depois de cada retorno escapa do corpo físico. É claro que ele deixa para trás de si a personalidade.

Se reunimos, por exemplo, dez vidas de um mesmo ego, teremos dez personalidades diferentes e estas se podem reunir por afinidade para conversar nos panteões e fazer intercâmbio de opiniões subjetivas.

Indubitavelmente, tais ex-personalidades vão-se debilitando pouco a pouco, vão-se extinguindo extraordinariamente, até se desintegrar, por último, radicalmente.

Entretanto, a recordação de tais personalidades continua no mundo causal, nos arquivos acássicos da natureza.

Nos instantes em que converso com os senhores aqui, esta noite, vem-me à memória uma antiga existência que tive como militar durante a época do Renascimento da velha Europa. Em qualquer instante, enquanto trabalhava no mundo das causas naturais como homem causal, ocorreu-me tirar dos arquivos secretos, nessa região, a recordação de tal ex-personalidade. O resultado foi certamente extraordinário. Vi então aquele militar, vestido com o uniforme da época em que viveu. Desembainhando sua espada, atacou-me violentamente. Não me foi difícil conjurá-lo para guardá-lo, novamente, entre os arquivos.

Isto significa que, no mundo das causas naturais, toda recordação está viva, tem realidade, e isto é algo que pode surpreender a muitos estudantes esoteristas e ocultistas.

P. – Mestre, disse-nos que a personalidade não nasce com o ego. Que nos pode dizer sobre o nascimento do corpo vital?

V.M. – Amigos! Quero que vocês compreendam que o corpo vital, assento básico da vida orgânica, foi desenhado pelos agentes da vida de acordo com a lei das causas e efeitos.

Aqueles que na sua passada existência acumularam dívidas muito graves poderão nascer com um corpo vital defeituoso, o qual, como é muito natural, servirá de base para um corpo também defeituoso.

Os mentirosos podem nascer com um corpo vital deformado, dando, como resultado, um veículo monstruoso ou enfermigo.

Os viciados poderão nascer com corpo vitais manifestamente degenerados, os quais darão base para corpos físicos também degenerados.

Exemplo: O abusador passionário sexual, com o tempo, pode nascer com um corpo vital indevidamente polarizado. Isto motivará um veículo homossexual ou uma forma feminina lesbiana.

Indubitavelmente, homossexuais e lésbicas são o resultado do abuso sexual em passadas existências.

O alcoólico pode nascer com um cérebro vital anômalo, defeituoso, o qual poderia servir de fundamento a um cérebro também defeituoso.

O assassino, o homicida, aquele que incessantemente repete tão horrendo delito, com o tempo, pode nascer inválido, coxo, parálítico, cego de nascimento, deformado, horripilante, asqueroso, maníaco ou definitivamente louco.

É bom saber que o assassinato é o pior grau de corrupção humana e que de nenhuma maneira poderia o assassino retornar com um veículo são.

Seria, pois, muito extenso falar mais, neste instante, sobre este ponto relacionado com a pergunta que me foi feita.

P. – Mestre, os que nascem com defeitos físicos, então não são taras hereditárias?

V.M. – Distinta dama! Sua pergunta é muito importante e merece que a examinemos em detalhe. As taras hereditárias ostensivelmente estão postas a serviço da lei do carma. Vêm a ser o mecanismo maravilhoso mediante o qual se processa o carma.

Evidentemente, a herança está nos genes do sexo. Ali a encontramos e, mediante estes, trabalha a lei com todo o mecanismo celular.

É bom compreender que os genes controlam a totalidade do organismo humano; acham-se nos cromossomas, na célula germinal, são o fundamento da forma física.

Quando estes genes se encontram em desordem, quando não existe a formação natural legítima deles, indiscutivelmente originam um corpo defeituoso e isto é algo que já está demonstrado.

P. – Mestre, os egos desencarnados que estão profundamente adormecidos nas regiões dos mortos e creem que ainda vivem, como podem representar as cenas de sua vida se carecem de corpo mental?

V.M. – A pergunta que o senhor faz está equivocada no fundo. Isto significa que está mal feita. O ego pluralizado é a mente. Já falamos claramente, já dissemos que o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não tem mente, senão mentes.

Indubitavelmente, os diversos agregados psíquicos que compõem o ego não são mais que diversas formas mentais, pluralização do entendimento, etc.

Ao retornar todo esse conjunto de mentes ou de eus brigões e gritões, costuma suceder que nem todos se conseguem reincorporar. De uma soma total de agregados psíquicos, alguns destes ingressam na involução submersa do reino mineral, ou se reincorporam em organismos animais, ou se aderem a determinados lugares, etc., etc., etc.

Depois da morte, cada um destes agregados vive em suas próprias ocorrências e desejos, sempre no passado, nunca no presente. Não esqueçam os senhores, amigos meus, que o eu é memória, que o eu é tempo, que o eu é um livro de muitos tomos.

P. – Pelo que o senhor nos acaba de dizer, Mestre, sendo nós legião de eus, devo concluir que tampouco temos realidade, por sermos também forma mental. Estou correto?

V.M. – Distinto amigo! Senhores e senhoras! Devem os senhores entender que o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, ainda não é um ser realizado. Isto significa que nós somos um ponto matemático no espaço, que acede em servir de veículo a determinadas somas de valores.

Cada sujeito é um pobre animal pensante, condenado à pena de viver, uma máquina controlada por múltiplos agregados psíquicos infra-humanos e bestiais.

O único digno que há dentro de cada um de nós é a Essência, o material psíquico, a matéria-prima para fabricar alma, e esta desafortunadamente está engarrafada em todos estes agregados psíquicos inumanos.

Ser homem é algo muito diferente. Para isto é necessário desintegrar o ego e fabricar os corpos existenciais superiores do Ser. Creio que agora me entenderam.

P. – Mestre, quer o senhor dizer, então, que de fato somos formas mentais sem uma realidade objetiva?

V.M. – Amigos, por favor, entendam-me! Quando falo de agregados psíquicos, refiro-me a formas mentais. É claro que tais agregados são, certamente, cristalizações da mente e isto creio que os senhores o entendem. Não me parece necessário seguir explicando isto... Já foi dito.

P. – Vai-me o senhor dizer, querido Mestre, que todos esses muito distintos expoentes do poder mágico da mente, que exaltam a grande importância de ter uma mente positiva, estão pois no erro?

V.M. – Amigos! Por estes tempos do Kali–Yuga, a idade de ferro, as pessoas dedicaram–se ao mentalismo e por aqui, por lá e acolá encontramos nas livrarias milhares de livros falando maravilhas sobre o burrico da mente.

O interessante de tudo isto é que Jesus, o Grande Kabir, montou no burrico (a mente), para entrar na Jerusalém Celestial do Domingo de Ramos. Assim o explicam os Evangelhos, assim o dizem. Porém, as pessoas crucificam a Jesus, o Cristo, e adoram o burro. Assim é a humanidade, meus caros irmãos, assim é esta época de trevas em que vivemos.

O que querem desenvolver os mentalistas? A força mental? A força do burro? Melhor seria que os compreensivos montassem nesse animal com o látego da vontade. Assim mudariam as coisas e nos faríamos bons cristãos. Verdade?

O que querem desenvolver os mentalistas? A força do ego mental? Melhor é que o desintegrem, que o reduzam a poeira cósmica, assim resplandeceria o espírito em cada um deles.

Desafortunadamente, as pessoas destes tempos já não querem nada com o espírito. Agora, prostados de joelhos, beijam as patas do burrico, do asno, e, em vez de purificar–se, envelhecem miseravelmente.

Se as pessoas soubessem que não têm corpo mental e que a única coisa que possuem é uma soma de agregados psíquicos, asquerosas cristalizações mentais, e se, em vez de fortificar e de robustecer esses eus bestiais, os desintegrassem, então, sim, trabalhariam para o bem de si mesmas e para sua própria felicidade.

Entretanto, desenvolvendo a força da besta, o poder sinistro do ego mental, o único que conseguem é tornar–se cada dia mais tenebrosos, esqueléticos e abismais.

Eu lhes digo aos meus amigos, eu lhes digo aos irmãos do Movimento Gnóstico que reduzam a cinzas seu ego mental, que lutem incansavelmente para se libertar da mente. Assim alcançarão a bem–aventurança.

P. – Não lhe parece, Mestre, que uma Essência sem ego daria como resultado uma vida extremamente aborrecida neste planeta que é tão belo?

V.M. – Amigos! Ao ego lhe parece aborrecida a existência quando não tem o que quer.

No entanto, quando é que o ego está satisfeito?

O ego é desejo e o desejo, com o tempo, se converte em frustração, em cansaço, em fastio ... e a vida se torna então aborrecedora.

Com que direito, pois, se atreve o ego a falar contra o aborrecimento, quando ele mesmo, no fundo, se converte em tédio, em amargura, em desilusão, em desencanto, em frustração, em aborrecimento?

Se o ego não sabe o que é plenitude, como poderia lançar conceitos sobre a mesma?

Inquestionavelmente, morto o ego, reduzido a cinzas, o único que fica em nós é a Essência, a beleza, e desta última advém a felicidade, o amor e a plenitude.

O que acontece é que os amantes do desejo, os que querem satisfações passionais, as pessoas superficiais, pensam equivocadamente, supões que sem o ego a vida seria terrivelmente aborrecedora.

Se essas pessoas não tivessem ego, pensariam de forma diferente, seriam felizes e então exclamariam: A vida do ego é espantosamente aborrecedora! Credes, acaso, amigos, que é muito delicioso retornar incessantemente a este vale de amargura para chorar e sofrer continuamente?

É necessário eliminar o ego para nos libertarmos da roda do Samsara.

21 – A Reencarnação

Amigos meus! Reunidos agora, vamos estudar a lei da reencarnação. Espero que todos vós tireis o maior proveito destas conferências.

É urgente que, em conjunto, tratemos de compreender, de forma íntegra, o que é esta grande lei.

Certamente, a palavra reencarnação é muito exigente; recordemos as dez reencarnações de Vishnu, o Cristo Cósmico.

Krishna, o grande avatara hindu, nascido uns mil anos antes de Cristo, jamais disse que todos os animais intelectuais que povoam a face da Terra se reencarnariam. Ele afirmou, de forma enfática, que só os budas, os grandes deuses, os devas, os reis divinos, etc., etc., se reencarnam.

Entrando nós de forma mais detalhada no estudo da lei da reencarnação, podemos dizer, com inteira clareza, que não é possível a reencarnação daqueles que não possuem uma individualidade sagrada.

Inquestionavelmente, só os indivíduos sagrados se reencarnam e, por isso, no Tibet secreto foram celebradas sempre as reencarnações humanas com grandes festas religiosas.

Em nome da verdade, queremos afirmar, claramente e sem rodeios, a crua realidade de que unicamente se faz possível a reencarnação ou reincorporação das almas quando se possui o embrião áureo, a flor áurea.

Analisando esta questão com grande detenção, vimos a entender que tal embrião deve ser fabricado de forma deliberada a base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

Dentro do terreno meramente retrospectivo, descobrimos a origem de todos esses elementos infra-humanos, entre os quais está enfrascado o material psíquico ou matéria-prima, mediante a qual é possível elaborar a flor áurea, o embrião áureo.

Já sabemos, porque assim o explicamos aqui, em outras conferências, que, num remoto passado, a humanidade desenvolveu em seu organismo o abominável órgão Kundartiguador (a cauda satânica).

Quando a humanidade perdeu tal órgão, ficaram, nos cinco cilindros da máquina orgânica (mente, emoção, movimento, instinto e sexo), as más consequências do citado órgão.

Indubitavelmente, esses péssimos resultados vieram a constituir uma espécie de segunda natureza subjetiva e inumana, que todos os animais racionais carregam dentro. É inquestionável que entre essa dupla natureza ficou enfrascada a Essência, a matéria-prima com a qual devemos elaborar o embrião áureo.

Dissolver tais agregados subjetivos e infra-humanos é vital, quando se trata seriamente de elaborar a flor áurea.

Em outros tempos, quando os péssimos resultados do abominável órgão Kundartiguador não se haviam desenvolvido especificamente, foi possível apelar ao fator íntimo que origina os impulsos da fé, da esperança e do amor, para motivar a força ou forças que poderiam desintegrar elementos subjetivos incipientes.

Desafortunadamente, aquele básico fator de tais impulsos citados passou por diversos processos degenerativos, devido ao desenvolvimento exorbitante das más consequências do abominável órgão Kundartiguador.

É certamente doloroso que aquele fator originador dos íntimos impulsos relacionados com a fé, a esperança e o amor se houvesse degenerado radicalmente.

É por este motivo que temos que apelar, agora, ao único fator que ainda não se perdeu.

Quero referir-me, de forma enfática, à Essência, ao material psíquico, que é certamente o fundamento, a base de toda nossa organização psíquica.

Liberar tal Essência é urgente, inadiável, impostergável, se queremos elaborar seriamente a flor áurea, o embrião áureo.

Desgraçadamente, esta matéria-prima, este material psíquico não toma parte nas atividades rotineiras de nosso mal chamado estado de vigília.

É lástima que este fator, sobre o qual estão estabelecidos todos os processos psíquicos, se encontre enfrascado nas zonas subscientes.

Conseguir que tal fator saia do estado meramente subjetivo, para manifestar-se de forma autoconsciente e objetiva dentro de nossas atividades da vida diária, é vital, urgente, necessário.

É, pois, o ego, com todos os seus agregados psíquicos, essa dupla natureza anti-humana, esse apêndice infra-humano, dentro do qual está engarrafada a Consciência.

Se queremos possuir uma individualidade sagrada, devemos apelar ao bisturi da autocrítica, para fazer a dissecação de todos esses falsos valores que constituem o mim mesmo.

Falou-se muito sobre compreensão criadora. É indispensável conhecer, de forma íntegra, unitotal, todos os defeitos psíquicos que possuímos.

Compreender intelectualmente não é tudo. É indiscutível e irrefutável que qualquer defeito psicológico se processa em 49 níveis subscientes e infraconscientes e até inconscientes.

A compreensão em tal ou qual nível não é suficiente; necessita-se com urgência entender a fundo nossos defeitos; faz-se indispensável perfurá-los, se é que realmente exterminá-los, aniquilá-los.

No entanto, a compreensão criadora, apesar de ser urgente e inadiável, não é tudo.

Nós, os gnósticos, vamos muito mais longe; queremos capturar, apreender o profundo significado daquilo que compreendemos integralmente.

Não é possível originar aqueles impulsos íntimos que provocarão mudanças radicais em nossa psique quando não conseguimos capturar o profundo significado de tal ou qual defeito psicológico.

Obviamente, nós viemos a ficar devidamente preparados para tal ou qual mudança íntima quando compreendemos este ou aquele erro de nossa psique. Depois vem a eliminação e, então, apelamos para forças de tipo superior.

Alguém poderia, por exemplo, ter compreendido o defeito da ira e até poderia ter-se dado ao luxo de capturar seu profundo significado e, no entanto, continuar com ela.

Eliminar é diferente, porque a mente pode provocar diversos modos de ação. Pode rotular os defeitos, passá-los de um departamento a outro do entendimento; porém, não pode alterá-los fundamentalmente.

Necessitamos apelar a um poder superior à mente, se é que queremos extirpar defeitos. Afortunadamente, tal poder existe; quero referir-me agora ao fogo serpentino, a esse fogo sagrado que se desenvolve normalmente no corpo do asceta.

Se dito poder ígneo pôde, no passado, dividir os hermafroditas divinos em sexos opostos, é ostensível que também pode extirpar de nossa psique os elementos inumanos que, como apêndices, constituem em nós uma dupla natureza esquerda, sinistra, terrivelmente perversa.

Já dissemos, em nossa obra intitulada O Mistério do Áureo Florescer, que, com os primeiros percentuais de Essência liberada, se formava a pérola seminal.

Já afirmamos, em tal obra, à medida que os distintos elementos subjetivos do próprio homem são reduzidos a poeira cósmica, a pérola seminal se desenvolvia, convertendo-se no embrião áureo, na flor áurea. Eis aí o mistério do áureo florescer!

O modus operandi o expliquei demasiado, tanto nestas conferências como em meus passados livros.

Então disse que devemos aprender a dirigir esse fogo serpentino, ou raio do Kundalini, contra tais ou quais agregados inumanos, a fim de pulverizá-los, com o propósito de libertar a Essência.

Expliquei que, precisamente na frágua acesa de Vulcano, tínhamos a oportunidade de trabalhar com a lança de Aquiles.

Só com a hasta santa, emblema maravilhoso da eletricidade sexual transcendente, podemos desintegrar defeitos de tipo psicológico.

Quem possua o embrião áureo, quem o tenha elaborado mediante trabalhos deliberados e mortificações conscientes, tem direito a se reencarnar.

É evidente que a flor áurea nos confere a individualidade sagrada; é indubitável que o embrião áureo vem estabelecer, em nós, um completo equilíbrio entre o espiritual e o material.

Aqueles que ainda não possuem tal embrião retornam, regressam, reincorporam-se em novos organismos, porém não se reencarnam. Distinga-se, pois, entre reencarnação e retorno. Raros são os que se reencarnam; milhões, os que retornam.

P. – Mestre, poderia dizer-nos quando se desenvolveu na humanidade o órgão Kundartiguador e com que propósito?

V.M. – Com o maior prazer vou dar resposta à pergunta que nossa irmã secretária formulou.

Durante a época do continente Mu, ou Lemúria, situado, como já dissemos em passadas conferências, no Oceano Pacífico, foi necessário o desenvolvimento de tal órgão, com o propósito de dar estabilidade à crosta geológica da Terra. Como a máquina humana transforma automaticamente as energias cósmicas, para retransmiti-las às camadas interiores do organismo planetário em que vivemos, qualquer mudança que se opera em tais máquinas origina determinados resultados no interior de nosso planeta Terra.

Foi então, por aquela época, faz uns 18 milhões de anos ou algo mais, que os cosmocratores deixaram plena liberdade ao Lúcter interior de cada qual, a fim de que se desenvolvesse essa cauda dos símios, esse abominável órgão Kundartiguador, em cada organismo humano.

Indubitavelmente, com tal proceder dos cosmocratores, alterou-se a transformação energética no interior humano, originando resultados magníficos para a crosta geológica do mundo (pois esta se estabilizou), porém, sinistros para a humanidade.

Muito mais tarde no tempo, os deuses eliminaram do organismo o apêndice nefasto; porém, não puderam eliminar suas consequências, pois estas, como já dissemos, converteram-se numa segunda natureza inumana e perversa dentro de cada um de nós.

P. – Mestre, então os cosmocratores tiveram a culpa das consequências inumanas que hoje carrega a humanidade em seus organismos?

V.M. – Esta pergunta me parece interessante. Os deuses que nisso interviram cometeram alguns erros de cálculo e, por tal motivo, tiveram a culpa. Quero que os senhores saibam que os deuses também se equivocam.

É claro que, num futuro dia cósmico, esses inefáveis terão que pagar seu correspondente carma cósmico.

P. – Sendo a Essência o único que constitui nossa organização psíquica, dizia o senhor, Mestre, que afortunadamente não se perdeu, quer isto dizer que haveria perigo de que se perdesse a Essência?

V.M. – Com o maior prazer vou responder a pergunta do cavalheiro. Com todo respeito, permito-me dizer ao auditório que me escuta que a pergunta está um pouco mal formulada. Não disse que a Essência seja nossa organização psíquica, só quis afirmar que esta é o fator básico de toda nossa organização psíquica e isto é um pouco diferente.

Ostensivelmente, não é possível que a Essência se perca. Por isso afirmo que é o único fator que, afortunadamente, não se perdeu.

Ainda que a Essência, enfrascada no ego, tivesse que involucionar no tempo, dentro dos mundos infernos, é evidente que jamais se perderia, porque, dissolvido o ego, ela ficaria livre e disposta, como já o dissemos tanto, para entrar em novos processos evolutivos.

P. – Venerável Mestre, faz o senhor finca-pé não somente na compreensão, senão em descobrir o profundo significado de nossos defeitos psicológicos. Eu entendo que a compreensão tem por objetivo identificar esses defeitos e o profundo significado tem por objetivo descobrir o dano que o descobrir o dano que o defeito nos pode causar como obstáculo para nossa autorrealização. Estou certo?

V.M. – A pergunta que saiu do auditório vale a pena ser respondida. Compreensão não é identificação. Alguém poderia identificar um defeito psicológico sem havê-lo compreendido; distingamos, pois, entre compreensão e identificação.

Isto da compreensão é muito elástico. Os graus de compreensão variam; pode que hoje compreendamos tal ou qual coisa de certo modo e de certa maneira, de forma relativa e circunstancial, e amanhã compreendamos melhor.

A apreensão do profundo significado de tal ou qual defeito só é possível mediante todas as partes de nosso Ser íntegro.

Se algumas partes de nosso Ser capturaram o profundo significado, mas outras partes do nosso próprio Ser não o capturaram, então o significado íntegro e profundo tampouco foi apreendido unitotalmente.

Sobre aquilo que é o profundo significado, sobre seu sabor específico, não devemos formar preconceitos. O que é o significado profundo de tal ou qual erro só podemos vivenciá-lo diretamente o momento preciso, no instante adequado. É por isso que de modo algum poderíamos formar ideias preconcebidas sobre aquilo que poderia ser o profundo significado de nossos erros psicológicos.

P. – Obrigado, Mestre, por esta explicação, a qual nos revela que a compreensão realmente é uma função da mente e o profundo significado uma função da Consciência, é isso correto?

V.M. – Amigos! A mente com todos os seus funcionalismos é feminina, receptiva; absurdo torná-la positiva. Néscio seria elaborar ideias, preconceitos, teorias.

Sendo, pois, a mente um instrumento meramente passivo por natureza, não poderia por si mesma ocupar o posto da compreensão.

Distingam os senhores entre o que é a compreensão e o que é o instrumento que usamos para nos manifestar no mundo.

Obviamente, a compreensão pertence mais à Essência, aos funcionalismos íntimos da Consciência, e isto é tudo.

O profundo significado de tal ou qual erro psicológico difere da compreensão pelo próprio fato de pertencer às diversas percepções ou experiências diretas, vividas pelas diversas partes do ser unitotal.

P. – Mestre, o homem que reencarna pode escolher o lugar e a família onde regressa com a Consciência desperta?

V.M. – Com o maior prazer vou dar resposta a esta nova pergunta.

Permita-se-me informar, a todos os aqui presentes, que aquele que possui o embrião áureo, de fato, também tem Consciência desperta; neste caso, lhe é dável eleger voluntariamente o signo zodiacal sob o qual deseja reincorporar-se, reencarnar-se, reencarnificar-se. Não obstante, não lhe é possível alterar seu carma.

Poderia selecionar diversos tipos de nascimento, família, nação, etc., etc., porém sempre de acordo com suas dívidas cármicas.

Isto significa que poderia resolver pagar tal ou qual dívida de acordo com sua livre eleição, mas de modo algum poderia evitar estas dívidas. Só teria direito a escolher entre tal ou qual dívida quer pagar primeiro, e isso é tudo.

P. – Mestre, o Bodhisattwa caído perde seu embrião áureo?

V.M. – Esta pergunta é certamente muito original e por tal motivo convém que a respondamos concretamente.

Faz-se necessário compreender que o embrião áureo é imperecedor, imortal, eterno.

Assim, pois, o Bodhisattwa caído pode aniquilar-se na nona esfera, passar pelo processo da destruição dos corpos existenciais superiores do Ser; entretanto, jamais perderia o embrião áureo. Este, depois da destruição radical ou aniquilação definitiva do ego, ressurgiria, voltaria à superfície da Terra, à luz do sol, para reiniciar ou começar uma nova evolução.

P. – Mestre, ao Bodhisattwa caído lhe dorme a Consciência?

V.M. – Distintos amigos! É claro que, ao cair um Bodhisattwa, ressuscitam nele as más consequências do abominável órgão Kundartiguador e, então, o embrião áureo, a Consciência, vem a ficar indiscutivelmente engarrafada em tais fatores infra-humanos. O resultado é que a Consciência, neste caso, perde uma boa porcentagem de sua lucidez habitual, ainda que não durma radicalmente.

P. – Mestre, o homem que adquiriu a individualidade sagrada carece totalmente de desejos?

V.M. – Amigos! Se alguém dissolveu o ego, se se desegoistizou, indiscutivelmente se individualizou; porém, desejo é algo mais profundo.

Poderia qualquer um dos aqui presentes eliminar o ego radicalmente e adquirir, por tal motivo, a individualidade sagrada e, no entanto, continuar com o desejo.

Isto parece verdadeiramente paradoxal, contraditório e até absurdo, porém devemos analisá-lo um pouco.

Amigos! O tempo reclama muitas coisas. Aniquiladas as más consequências do abominável órgão Kundartiguador, ficam as fitas Teleoghinooras. Estas últimas podem conservar-se plenamente nos mundos suprasensíveis durante todo o período terrestre, se é que não nos preocupamos por desintegrá-las, aniquilá-las, reduzi-las a poeira cósmica.

Obviamente, tais fitas, como de filmes vivos, correspondem, certamente, a todas as cenas do desejo, a todos os atos luxuriosos desta e de todas nossas vidas anteriores, e, se não as desintegramos radicalmente, tampouco logamos os cem por cento de Consciência Objetiva, porque, dentro destas, está enfrascada parte da Consciência.

Evidentemente, desintegrar tais fitas é um trabalho de ordem superior que só pode ser realizado com o machado de duplo fio, que figurava nos tempos antigos no centro de todo labirinto sagrado, símbolo que muitos poucos compreenderam e sobre o qual se escreveu em algumas obras pseudoesotéricas e pseudo-ocultistas, de forma mais ou menos equivocada.

Em todo caso, a eletricidade sexual transcendente deve também reduzir a pó as fitas Teleoginooras.

Já estão vendo os senhores, meus queridos amigos, quão difícil é poder dar à Consciência plena lucidez e objetividade.

É lamentável que a Essência esteja tão enfrascada dentro de tão variados elementos subjetivos e infra-humanos.

Desgraçadamente, muitos creem que isto de despertar Consciência é coisa fácil e me escrevem constantemente, queixando-se porque ainda não saem em corpo astral, protestando porque, depois de alguns meses, ainda não tem poderes, exigindo de imediato a capacidade para viver de forma lúcida e plena fora do corpo físico, etc., etc., etc. Comumente os que iniciam em nossos estudos andam em busca de poderes e, quando não se transformam em indivíduos onipotentes de imediato, então buscam o caminho subjetivo do espiritismo ou se afiliam a diversas escolas de psique subjetiva, com o propósito de conseguir instantaneamente as cobiçadas faculdades psíquicas.

Objetividade plena implica em destruição radical de todo o inumano que carregamos dentro, aniquilação de átomos subconscientes, morte absoluta da dupla natureza infra-humana, pulverização radical de todas as recordações do desejo.

Assim, pois, queridos amigos, qualquer um pode ter conseguido a individualidade sagrada, sem que por isto esteja completamente livre do processo do desejo. Destruir as fitas Teleoghinooras e alguns outros princípios, que mais tarde mencionarei, significa extirpar de nossa psique até os mais ínfimos desejos.

P. – Mestre, vale a pena exercer o direito de reencarnar, uma vez que este tenha sido adquirido?

V.M. – Distintos cavalheiros e damas que me escutam! Toda ilusão é permitida às almas reencarnantes. Contudo, é preferível exclamar com Jesus: Pai meu! Se é possível, afasta de mim este cálice, mas não se faça a minha vontade, senão a tua.”

Nos instantes em que converso com os senhores, aqui dentro deste estúdio de minha própria casa, que é a de vocês, vem-me à memória algo muito interessante. Sucedeu que, certa noite, fui chamado telepaticamente por um grupo de Mestres da Venerável Grande Loja Branca.

Abandonei o corpo físico e todas as partes de meu ser íntimo, integradas e revestidas com os corpos existenciais do Ser, concorreram ao chamado.

Flutuando no espaço, pousei suavemente sobre o terraço de um grande edifício. Receberam-me os adeptos da Fraternidade Oculta com exclamações de júbilo, dizendo: “Chegou o arcanjo Samael”, e, depois dos efusivos abraços e saudações, fui interrogado da seguinte forma: “Tu, como avatara da nova era de aquário, deves responder sobre a conveniência ou inconveniência de entregar à humanidade terrestre as naves cósmicas. É de grande responsabilidade vossa resposta.”

Ajoelhado, vi então, com meu sentido espacial, o uso que os terrícolas poderiam fazer no futuro com tais naves.

O olho de Dhagma permitiu-me, então, ver, dentro de tais naves, num futuro imediato, comerciantes, prostitutas, ditadores, etc. viajando aos outros planetas do Sistema Solar, levando a discórdia a outros rincões do universo, etc., etc., etc.

Sentindo nesses momentos a responsabilidade que pesava sobre meus ombros, dirigi-me ao meu Pai que está em secreto, dizendo: “Pai meu! Se é possível, afasta de mim este cálice, mas não se faça a minha vontade, senão a tua.”

Aquelas palavras vibraram nos nove céus, de esfera em esfera, de mundo em mundo.

Passaram os anos e tudo ficou resolvido. Meu Pai que está em secreto deu a resposta adequada: Seleção do pessoal humano. Entregar essas naves a certos grupos muitos seletos da humanidade. Não é demais dizer a nossos amigos que já certos grupos humanos isolados possuem este tipo de veículos espaciais.

Em uma região inacessível do Himalaia, onde jamais os invasores comunistas poderão chegar, existe uma comunidade de lamas que receberam certa quantidade de tais naves cósmicas, com os quais viajam a outros mundos do espaço.

Estes lamas que tiveram a dita de receber tão preciosos presentes, são indivíduos sagrados pessoas com o Embrião Áureo desenvolvido, seres que reencarnam.

Assim, pois, amigos meus, nós devemos fazer sempre a vontade do Pai, jamais a nossa. Aqueles que se reencarnam, podem escolher, de acordo com a lei do carma as condições de vida que queiram, sem sair, é claro, da lei cármica. Mas é preferível que nosso Pai que está em secreto escolha para nós o mais conveniente.

P. – Mestre, tem-nos dito que os deuses também se equivocam. Quem seria então aquele que não se equivoca?

V.M. – Amigos! Esta pergunta me parece verdadeiramente importante e vamos lhe dar conveniente resposta. Rogo atenção a todo o auditório.

Só o Pai que está em secreto não se equivoca. Ele é infalível, onisciente e onipotente.

Por isso é que insisto na necessidade de fazer a vontade do Pai, tanto nos Céus como na Terra.

Quando nos esquecemos do nosso Pai que está em segredo, cometemos erros. Melhor é consultar e deixar tudo nas mãos do Pai.

P. – Mestre, disse a Mestra H. P. B. que a única maneira de não sofrer neste mundo é deixar de reencarnar. Que nos pode dizer a respeito?

V.M. – Quero que vocês saibam, cavalheiros, que a felicidade absoluta somente é conseguida quando temos a Deus dentro. Poderíamos viver no Nirvana, o mundo da felicidade, mas, se não temos a Deus dentro, não seríamos felizes.

Poderíamos deixar de reencarnar-nos e, se não temos a Deus dentro, tampouco seríamos felizes.

Samael Aun Weor - Sim há Inferno, Sim há Diabo, Sim há Karma

Instituto Gnosis Brasil - www.gnosisbrasil.com

Ainda que vivêssemos numa masmorra imunda, no meio das desgraças mais terríveis, ou estivéssemos nos mundos infernos, tendo a Deus dentro, seríamos infinitamente felizes.

Não é demais recordar-lhes, amigos, que aí, nos mundos infernos, vivem alguns mestres de compaixão, trabalhando pelos decididamente perdidos, ajudando, auxiliando; porém, como têm a Deus dentro, são felizes.

22 – Lei de Recorrência

Amigos meus! A conferência de hoje versará sobre a lei de recorrência.

Ao retornar o ego, ao reincorporar-se, tudo volta a ocorrer tal como sucedeu, mais as consequências boas ou más.

Indubitavelmente existem variadas formas da grande lei de recorrência. Nesta conferência nos proporemos a estudar essas variadas formas.

Repetem-se diversas cenas de nossas vidas anteriores, ora em espirais mais elevadas, ora em espirais mais baixas.

A espiral é a curva da vida e está simbolizada sempre pelo caracol. Nós somos maus caracóis no seio do Pai.

Obviamente nos desenvolvemos, evolucionamos e involucionamos na linha espiral da existência.

Outra forma de recorrência podemos evidenciar na história da Terra e de suas raças.

A primeira sub-raça de nossa atual raça se desenvolveu na meseta central da Ásia e teve uma poderosa civilização esotérica. A segunda sub-raça floresceu no sul da Ásia, na época pré-vedica e então se conheceu a sabedoria dos Rishis do Hindustão e os esplendores do antigo império chinês, etc., etc. A terceira sub-raça desenvolveu-se maravilhosamente no Egito, Pérsia, Caldéia, etc. A quarta sub-raça resplandeceu com as civilizações da Grécia e Roma. A quinta foi perfeitamente manifesta com a Alemanha, Inglaterra e outros países. A sexta resultou da mistura dos espanhóis com as raças autóctones da Indo-América. A sétima está perfeitamente manifestada no resultado de todas essas mesclas de diversas raças, tal como hoje o podemos evidenciar no território dos Estados Unidos.

Ostensivelmente, os sete ramos do tronco ário já existem plenamente e isto está completamente demonstrado.

Os estudos que temos realizado no mundo causal nos permitiram verificar corretamente fatos concretos, assombroso para nossa humanidade atual.

Como cada uma das grandes raças que existiram no mundo terminaram sempre com um grande cataclismo, podemos deduzir, logicamente, que esta nossa raça ária terminará muito em breve também com outro tremendo cataclismo.

Estamos falando da lei da recorrência numa forma superior e seguiremos concretizando para melhor compreensão.

Depois da grande catástrofe que se avizinha, a Terra voltará a ser habitada com pessoas seletas.

Ao chegar a esta parte de nossa conferência, devo dizer-lhes, de forma enfática, que a futura raça que haverá de povoar a face da Terra está agora sendo criada, intencionalmente, pelos irmãos da Fraternidade Oculta.

O modus operandi desta criação nova é muito especial.

Quero que os senhores saibam que viajantes cósmicos, provenientes de outros mundos, visitam-nos constantemente e que já estão levando a semente seleta dos humanoides.

Faz algum tempo, alguns jornais do Brasil deram um informe muito interessante: Certo camponês brasileiro, que febrilmente trabalhava arando a terra, foi, de repente, surpreendido por alguns extraterrestres que o conduziram ao interior de uma nave cósmica, pousada esta num lugar próximo, dentro da selva.

Cientistas extraordinários, irmãos do espaço, examinaram-no cuidadosamente e até lhe extraíram um pouquinho de sangue com o propósito de análise. Logo, colocaram o camponês dentro de uma recâmara espacial da nave. O lavrador, perplexo, atônito, confundido, deitado sobre um leito, aguardava um não sei quê.

Algo inusitado sucede logo. Uma estranha mulher de cabelo dourado e pele amarela como a dos chineses, desprovida de sobrancelhas, deitou-se junto àquele trabalhador e o seduziu sexualmente. Consumado o ato, o camponês foi tirado da nave e esta se afastou através do espaço infinito.

Muitos outros casos similares ocorreram em diversos lugares do mundo.

Além disso, fala-se constantemente de desapareções misteriosas, tripulações aéreas ou marítimas que se perderam para sempre e sem explicação alguma.

Tudo isto nos convida à reflexão; tudo isto nos faz compreender que os irmãos maiores da humanidade estão levando a semente para cruzá-la com pessoas de outro mundo.

Assim é como os deuses santos já estão criando a futura grande raça, a sexta raça raiz, que haverá de povoar a Terra depois da grande catástrofe que se avizinha.

Será um tipo de gente nova, mescla de terrícolas com extraterrestres, humanidade resplandecente. Eis aqui, pois, distintos irmãos, o pessoal com o qual haverá de se formar a futura Jerusalém da qual fala o Apocalipse de São João.

É inquestionável que então ressuscitarão as gloriosas civilizações esotéricas da antiguidade.

Na primeira sub-raça da futura grande raça raiz, por lei de recorrência, surgirão, dentre o caos, as poderosas culturas da primeira sub-raça ária, porém, em uma espiral de tipo superior. Na futura segunda sub-raça ressuscitará a civilização que floresceu na Índia milenária, ante dos Vedas, e na China antiquíssima. Na terceira sub-raça haverá um novo Egito, novas pirâmides, novo Nilo e ressuscitará a civilização egípcia; então se reencarnarão os antigos faraós e milhares de almas provenientes daquela gloriosa cultura regressarão do Amendi, com o propósito de reviver os mistérios hieráticos do país ensolarado de Kem. Também voltarão a resplandecer, naquela idade, os mistérios da Caldéia, Assíria, Babilônia, Pérsia, etc., porém, em uma espiral superior, dentro da grande linha espiral da vida.

Na quarta sub-raça da Terra do amanhã ressuscitarão os mistérios da Grécia e de Roma, com a vantagem da espiral superior da existência. Na quinta sub-raça voltará a aparecer certa mecanicidade perigosa; ressuscitará a civilização dos ingleses, alemães, etc., com a vantagem de ser mais espiritual, pelo fato concreto de estar colocada sobre um espiral superior. Na penúltima sub-raça daquela grande raça raiz do amanhã, poder-se-á ver algo parecido ao mundo latino, porém, com um aspecto mais elevado, mais digno, mais espiritual. A sub-raça final daquela futura raça raiz, ainda que muito tecnificada, não terá o grosseiro materialismo desta idade negra do Kali Yuga. Assim é, pois, amigos, como trabalha a lei de recorrência, movendo-se na espiral da existência.

Pensemos agora na lei da recorrência dos mundos, nos espaços estrelados, no inalterável infinito.

Tudo o que sucedeu na velha Lua, nesse satélite que ilumina a face da Terra durante as horas noturnas, está se repetindo agora mesmo em nosso planeta Terra.

Com outras palavras, afirmarei o seguinte: Toda a história da Terra e de suas raças, desde o amanhecer da vida, é uma repetição da história dos selenitas, que outrora habitaram aquele satélite quando ainda estava vivo e tinha vida em abundância.

Vede, pois, senhores e senhoras, como trabalha a lei de recorrência em todos os rincões do espaço infinito.

Passemos agora a estudar o modus operandi dessa grande lei no animal intelectual, equivocadamente chamado homem.

Ao nos reincorporar, ao regressar, ao retornar, repetimos detalhadamente todos os acontecimentos de nossa passada e passadas existências.

Existem sujeitos de rigorosa repetição, casos concretos de egos que retornam durante muitos séculos no seio de uma mesma família, cidade e nação.

Esses são os que, devido à incessante repetição do mesmo, podem predizer com absoluta clareza o que os aguarda no futuro. Esses são os que podem dizer, por exemplo: “casarei aos trinta anos, terei uma mulher de tal cor, de tal estatura, tantos filhos. Meu pai morrerá em tal idade, minha mãe em tal outra, meu negócio frutificará ou fracassará, etc., etc.” e é claro que tudo isso vem depois a suceder com exatidão assombrosa.

São pessoas que sabem seu papel à força de tanto repeti-lo; que não o ignoram, e isso é tudo.

Entram neste assunto também os meninos prodígios, que tanto assombram as pessoas de sua época. Comumente se trata de egos que já sabem seu ofício de memória e que, ao retornar, fazem-no maravilhosamente, desde os primeiros anos de sua infância.

É assombrosa a lei de recorrência. As pessoas normais, comuns e correntes repetem sempre seus mesmos dramas; os cômicos, uma e outra vez, em cada uma de suas vidas sucessivas, repetem suas mesmas palhaçadas; os perversos se reincorporam continuamente para repetir incessantemente as mesmas tragédias.

Todos esses eventos, próprios das existências repetidas, vêm acompanhados sempre das boas ou más consequências, de acordo com a lei de causa e efeito.

Voltará o assassino a se ver na horripilante ocasião de assassinar, mas será assassinado. Voltará o ladrão a se ver com a mesma oportunidade de roubar, porém será metido no cárcere. Sentirá o bandido o mesmo desejo de correr, de usar suas pernas para o delito, porém não terá pernas; nascerá inválido ou as perderá em qualquer tragédia.

Quererá o cego de nascença ver as coisas da vida, aquelas que possivelmente o conduziram à crueldade, etc., porém não poderá ver. Amará a mulher o mesmo marido de sua vida anterior, aquele que possivelmente abandonou no leito de enfermidade para ir com qualquer outro sujeito; mas agora o drama repetir-se-á ao inverso e o sujeito de seus amores partirá com outra mulher, deixando-a abandonada. Voltará o salteador de caminhos a sentir o desejo de correr, de fugir, clamará, possivelmente em estado de delírio mental, revestido com um novo corpo de natureza possivelmente feminina, terá delírios estranhos, não poderá fugir de si mesmo, enlouquecerá, será um enfermo mental, etc., etc. Assim, amigos, assim trabalha a lei de recorrência incessantemente.

P. – Mestre, um país que foi afetado pela violência tanto tempo, deve-se à lei de recorrência?

V.M. – Obviamente, a violência das multidões nesse país foi a repetição de violências similares ocorridas num passado caótico. Pensem nas guerras civis ocorridas em épocas anteriores à sucedida violência; guerra de partidos políticos de direita e esquerda repetindo-se no presente, como resultado do passado. Eis aí a lei de recorrência.

P. – Mestre, se uma pessoa foi correta, se se comportou como todo cidadão no cumprimento de seus deveres, como operaria nele a lei de recorrência em seu próximo retorno?

V.M. – Amigo, amigos! Não me digam os senhores que esse fulano foi um exemplo de virtudes, um poço de santidade. Por magnífico cidadão que tenha sido, teve seus muito humanos erros, suas cenas, seus dramas, etc., e é claro que em tudo isto há repetição em sua nova existência, mais as consequências. Assim é como opera a lei de recorrência.

P. – Venerável Mestre, há certa confusão quanto à relação entre a lei do carma e a lei de recorrência, porque tenho o conceito de que, com o término do carma, terminará a lei de recorrência. Quisera esclarecer-me este ponto?

V.M. – Amigos! De modo algum pode existir confusão entre as leis de recorrência e carma, posto que ambas são o mesmo com diferente nome. Indubitavelmente, o carma trabalha sobre bases firmes; não é senão um efeito da causa que nós mesmos semeamos. Portanto, tem que se repetir o fato em si mesmo, mais os resultados bons ou maus.

P. – Mestre, pessoas que aparentemente não fizeram mal a ninguém sofrem de carências econômicas. Tem isto a ver com a lei de recorrência?

V.M. – Distintos amigos, senhores e senhoras! O Pai que está em secreto pode estar próximo de nós ou distante. Quando o filho anda mal, o Pai se afasta e então aquele cai em desgraça; sofre por falta de dinheiro, passa terríveis necessidades, não se explica por si mesmo o motivo de sua miséria. Ostensivelmente, tais pessoas creem não ter feito mal a ninguém; se estes recordassem suas vidas anteriores, poderiam evidenciar, por si mesmos, o fato concreto de que andaram por passos perdidos, possivelmente se entregaram ao álcool, à luxúria, ao adultério, etc.

O Pai que está em secreto, nosso próprio espírito divino, pode dar-nos ou nos tirar. Ele sabe muito bem o que merecemos e, se não temos atualmente dinheiro, é porque Ele não no-lo quer dar; castiga-nos para o nosso bem.

“Bem-aventurado o homem a quem Deus castiga.” O pai que quer a seu filho o castiga sempre para o seu bem.

No caso concreto desta pergunta, a vítima de sofrimentos repetirá as cenas do passado, mais as consequências: pobreza, dor, etc., etc.

P. – Mestre, a lei de recorrência termina com as 108 vidas?

V.M. – Amigos! Concluído o ciclo de humanas existências atribuídas a toda alma, conclui também a lei de recorrência nos abismos infernais, repetindo-se cenas humanóides, estados animais, vegetais e mineralóides.

Antes de alcançar o estado humanoide, passamos pelos reinos mineral, vegetal e animal; porém, ao entrar no Abismo, vencido o ciclo de humanas existências, repetem-se novamente os estados animais, vegetais e mineralóides. Assim trabalha a lei de recorrência.

P. – Mestre, o que logra liberar-se da roda do Samsara já não repete a lei da recorrência?

V.M. – com o maior gosto vou responder à dama que fez a pergunta. Quero que vocês saibam, senhores e senhoras, que a lei de recorrência, em sua forma superior, corresponde à lei de Katância, carma superior.

Têm os deuses santos que repetir cenas cósmicas de antigos Mahamvantaras em cada novo grande dia que amanhece, mas as consequências.

Recordai que os deuses também se equivocam. Aqueles indivíduos sagrados que, no presente período terrestre, deram o abominável órgão Kundartiguador à humanidade, repetindo dramas semelhantes, pagarão seus equívocos no futuro Mahamvantara.

Nossa Terra atual, junto com a humanidade que a povoa, é o resultado do carma cósmico e repete incessantemente os períodos históricos da Lua antiga, junto com os resultados cósmicos.

Qualquer grande iniciado poderá verificar, por si mesmo, o fato concreto, claro e definitivo de que antigos habitantes de Selene foram certamente cruéis e desapiedados.

Os resultados os temos à vista nas páginas negras da negra história de nosso aflito mundo terráqueo.

P. – Mestre, quais são os que estão livres da lei de recorrência?

V.M. – Olhai a lei de recorrência em seus aspectos superiores e inferiores da grande vida. Podemos asseverar que só ficam livres da lei de recorrência aqueles que logram cristalizar, em sua natureza íntima, as três forças primárias do universo.

O Sagrado Sol Absoluto quer cristalizar em cada um de nós essas três forças primárias. Colaboremos com ele e seus santos desígnios e ficaremos para sempre livres da lei de recorrência.

23 – O Caracol da Existência

Amigos meus! Vamos hoje falar amplamente sobre a linha espiral da vida.

Muito se tem dito sobre a doutrina da transmigração das almas, exposta pelo Sr. Krishna na terra sagrada dos Vedas, faz uns mil anos antes de Jesus Cristo.

Já em passadas conferências expusemos todos os processos da roda do Samsara.

Dissemos com inteira claridade, repetimos até a saciedade, que a cada alma são atribuídas 108 vidas para sua autorrealização íntima.

Inquestionavelmente, aqueles que fracassam durante seu ciclo de manifestação, aqueles que não conseguem a autorrealização dentro do número de existências assinaladas, é óbvio que descem dentro do reino mineral submerso, ao Avitchi indostânico, ao Tártaro grego, ao Averno romano.

Resulta evidente e manifesto que a involução, nas entranhas do planeta em que vivemos, é terrivelmente dolorosa.

Recapitular processos animalescos, vegetaloides e mineraloides, em via francamente degenerativa, não é, certamente, muito agradável.

Afirmamos também em nossas passadas conferências que, depois da morte segunda, a Essência, isso que temos de alma, reascende evolutivamente desde o reino mineral até o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, passado pelas etapas vegetal e animal.

Não obstante, há nesta lei da transmigração das almas algo que não dissemos. Citamos a lei do eterno retorno, mencionamos essa outra lei conhecida como recorrência; mas devemos esclarecer que essas duas citadas leis se desenrolam e desenvolvem sobre a linha espiral da vida.

Isto significa que cada ciclo de manifestação se processa em espiras ou curvas cada vez mais altas da grande linha espiral do universo.

Como isto também sói ser um pouco abstrato, vejo-me na necessidade de esclarecer melhor, a fim de que todos os senhores possam compreender profundamente o ensinamento.

Ao escapar a Essência depois da morte segunda, ao ressurgir, ao sair novamente à luz do Sol, obviamente transformada em gnomo, haverá de reiniciar um novo processo evolutivo, porém, dentro de uma oitava superior. Isto significa que tal criatura elemental mineral se achará indubitavelmente, dentro do reino mineral, com um estado de Consciência superior ao que tinha quando iniciava evolução similar no anterior ciclo de manifestação.

Ao prosseguir com estas explicações, não devem esquecer que qualquer ciclo de manifestação inclui evoluções nos reinos mineral, vegetal, animal e humano (neste último nos atribuem 108 existências). Se examinamos um caracol, veremos, curva sobre curva, algo semelhante a uma escada de tipo espiralóide. É evidente que cada um destes ciclos de manifestação se desenvolve em curvas cada vez mais altas.

Agora vos explicareis por que motivo existe tanta variedade de elementais minerais, vegetais, animais e diversos graus de inteligência entre humanoides.

Inquestionavelmente é muito grande a diferença entre os elementos minerais que pela vez primeira começam como tais e aqueles que já repetiram o mesmo processo muitas vezes.

O mesmo podemos dizer sobre os elementais vegetais e animais, os sobre os humanoides.

Como os ciclos de manifestação são sempre três mil, o último destes realmente se encontra numa oitava muito alta.

Aquelas Essências que dentro das três mil voltas da roda não lograram a maestria são absorvidas em sua chispa virginal, para submergirem definitivamente no seio do Espírito Universal da Vida.

É notório, evidente e manifesto que, durante os ciclos de manifestação cósmica, temos de passar por todas as experiências práticas da vida.

Indubitavelmente, qualquer Essência que tenha passado pelos três mil ciclos de manifestação experimentou, também, três mil vezes os horrores do Abismo e, por conseguinte, tem melhorado e adquirido autoconsciência.

Assim, pois, tais Essências têm, de fato, pleno direito à felicidade divina. Desafortunadamente, não gozarão da maestria; não a adquiriram e por isso não a têm.

Já em conferências anteriores dissemos que nem a todas as Mônadas divinas, ou chispas virginais, lhes interessa a maestria.

Ostensivelmente não são as chispas virginais, ou Mônadas divinas, as que sofrem, senão a Essência, a emanção das citadas chispas, o que de alma temos cada um de nós.

As dores passadas por toda Essência certamente vêm a ser bem recompensadas, porque, em troca de tantos sofrimentos, adquire-se autoconsciência e felicidade sem limites.

Maestria é diferente. Ninguém poderia conseguir o adeptado sem os Três

Fatores da Revolução da Consciência, expressados claramente por Nosso Senhor, o Cristo: “Quem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e me siga”.

Negar-se a si mesmo significa dissolução do eu. Tomar a cruz e lançá-la sobre nossos ombros significa trabalhar com o sexo-ioga, com o Maithuna, com a magia sexual. Seguir o Cristo equivale a se sacrificar pela humanidade, a dar a vida para que outros vivam.

As chispas virginais que não alcançaram a maestria durante os três mil ciclos de manifestação veem os mestres, os deuses, de forma similar ao modo que as formigas veem os humanoides.

Dizem as tradições astecas que, no amanhecer da vida, reuniram-se os deuses lá em Teotihuacán, com o propósito de criar o Sol. Asseveram que acenderam um grande fogo e que logo convidaram o deus do caracol para que se lançasse naquela fogueira. Mas este, depois de três tentativas, teve grande pavor.

Os cantos sagrados asseveram solenemente que o deus Purulento, cheio de grande coragem, lançou-se ao fogo. Ao ver isto, o deus do caracol imitou seu exemplo e, então, toda a assembleia de deuses, silenciosos, aguardaram para ver o que acontecia.

Contam as lendas que, de dentro do fogo vivo, brotou, outra vez formado, Purulento, convertido no Sol que hoje em dia nos ilumina.

Minutos depois, naquela grande fogueira, ressurgiu o deus do caracol, convertido na Lua que de noite nos ilumina.

Isto significa, queridos amigos, que, se queremos transformar-nos em deuses, em mestres, devemos imitar Purulento, incinerar o ego, o eu, mediante o fogo sexual. Só mediante o fogo morre Purulento, o mim mesmo, o si mesmo.

Só mediante o fogo podemos converter-nos em deuses solares terrivelmente divinos.

Desafortunadamente, nem a todas as chispas virginais lhes interessa a maestria; a maior parte, os milhões de criaturas que vivem sobre a face da Terra preferem a senda do caracol, o caminho lunar.

P. – Venerável Mestre, no princípio desta importante dissertação nos diz que, ao descer a Essência aos mundos infernos, vai-se recapitulando estados mineraloides, vegetaloides e mineraloides. Teria a amabilidade de nos explicar a palavra recapitular?

V.M. – Com o maior prazer darei resposta à pergunta do cavalheiro. Quero que os senhores, amigos meus, compreendam bem o que é a recapitulação animaloide, vegetaloides e mineraloide abismal.

Descer involucionando entre as entranhas do mundo soterrado é radicalmente diferente do ascenso evolutivo sobre a superfície da Terra.

A recapitulação animálica no Abismo é de tipo degenerativo, involutivo, descendente, doloroso.

A recapitulação vegetaloides, entre as entranhas da Terra, é espantosa. Os que por tais processos passam parecem mais sombras que deslizam por aqui, por lá e por acolá, em sofrimentos inenarráveis. A recapitulação involutiva descendente mineral, entre as entranhas do mundo em que vivemos, é mais amarga que a própria morte. As criaturas se fossilizam, se mineralizam e se desintegram lentamente entre tormentos impossíveis de explicar com palavras.

Depois da morte segunda, a Essência escapa, ressurge à luz do Sol, para recapitular processos similares de forma evolutiva, ascendente, inocente e feliz.

Eis aqui, pois, amigos meus, a diferença entre recapitulações involutivas e evolutivas.

Em todo caso, todos estes infinitos processos involutivos e evolutivos são de tipo exclusivamente lunar e se desenvolvem claramente dentro do caracol universal.

P. – Mestre, explica-nos o senhor que, com cada ciclo de existências, os elementais, no processo evolutivo, vão despertando Consciência, porque vai se processando em oitavas mais elevadas. Esse despertar de Consciência é, acaso, o resultado dos sofrimentos pela involução, ou é o resultado do processo ascendente?

V.M. – Distinto amigo! É bom que o senhor entenda que a Consciência sofre tanto nos processos evolutivos como nos involutivos e que, portanto, à base de tantos esforços e sacrifícios, vai despertando progressivamente.

Milhões de humanoides têm a Consciência profundamente adormecida, mas, ao entrar no Abismo, depois das 108 existências de qualquer ciclo de manifestação, despertam, inevitavelmente, no mal e para o mal.

O interessante, neste caso, é que de todas as maneiras desperta, ainda que seja para justificar seus erros nos mundos internos.

Qualquer iluminado clarividente poderá evidenciar, por si mesmo, o fato de que os elementais inocentes estão despertados no sentido positivo evolutivo.

Vemos, pois, dois tipos de Consciência desperta: Primeiro, o das criaturas inocentes da natureza. Segundo, a dos humanoides involucionantes do Abismo.

Existe uma terceira classe de pessoas despertadas. Refiro-me aos mestres, aos deuses; porém, não é deles que, neste preciso instante, nos estamos ocupando.

Inquestionavelmente, dentro da roda do Samsara, girando com a mesma, existem Consciências inocentes despertas e também criaturas involucionantes abismais, despertas no mal e para o mal.

P. – Mestre, quando o senhor menciona isso de oitavas mais elevadas em espiras mais altas, desconcerta-me, porque estou acostumado a pensar em oitavas em função das notas musicais, que se relacionam com a transmutação do fogo serpentino. Quisera o senhor esclarecer-me isto?

V.M. – Indubitavelmente, as oitavas do caracol se processam musicalmente com as notas dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, de forma gradativa. Se observamos cuidadosamente a curva espiralóide, veremos uma sucessão de curvas cada vez mais altas, de forma tal que vem precedidas pelas mais baixas. Esta formação, esta distribuição das curvas na forma de qualquer espiral, é suficiente como para compreender que, entre oitava e oitava, existem também pausas musicais.

A cada uma destas pausas corresponde um descenso abismal. As três mil voltas da roda ressoam, pois, incessantemente como um todo único dentro dos ritmos do Mahavan e do Chovatan, que sustentam o universo firme em sua marcha.

P. – Mestre, sendo a Essência boa, por que vem para sofrer a este mundo?

V.M. – Amigos meus! A Essência em si mesma está mais além do bem e do mal, é absolutamente inocente, pura e sã.

Sofre a Essência quando fica engarrafada no ego, mas, dissolvido este, a Essência deixa de sofrer.

Certamente, as Essências do planeta Terra ficaram enfrascadas no mim mesmo devido a um equívoco dos deuses. Já dissemos em passadas conferências que certos indivíduos sagrados, com o propósito de dar estabilidade à crosta geológica de nosso mundo, deram à humanidade o abominável órgão Kundartiguador.

Quando tal órgão desapareceu, ficaram as consequências dentro de cada pessoa e estas últimas se cristalizaram, convertendo-se no ego, uma espécie de segunda natureza, dentro da qual ficou engarrafada, lamentavelmente, a Essência.

Se essa segunda natureza não existisse, a Essência estaria livre e feliz. Desgraçadamente existe, como resultado do abominável órgão Kundartiguador.

P. – Mestre, diz-se que somos filhos de Deus e que Deus é perfeito; então, por que envia seus filhos para sofrer?

V.M. – Contexto com o maior prazer esta pergunta que sai do auditório. Senhores e senhoras! Chegou a hora de saber que todos nós somos filhos do Diabo.

Por favor, rogo-lhes que não se assustem. Já sabemos que o senhor Satanás, ou Lúcifer– Prometeu, é exclusivamente a sombra de nossa própria divindade superior, projetada dentro de nós mesmos para nosso bem.

É evidente que Lúcifer é o grande treinador que levamos dentro. Por isso, o impulso sexual, no fundo, resulta luciférico.

Não é, pois, o Diabo, como já explicamos em passadas conferências, aquele personagem fabuloso que nos apresentam algumas seitas dogmáticas, senão o instrutor pessoal de cada qual.

É, pois, a força luciférica a que leva os humanoides ao triunfo ou ao fracasso, à geração ou à regeneração.

Deste ponto de vista, podemos assegurar que nós somos filhos do Diabo e isto é dito por Nosso Senhor, o Cristo: “Filhos do Diabo sois”, disse o grande Mestre, “porque se fôsseis filhos de Deus, as obras de Deus

faríeis”. É necessário fazer-nos filhos de Deus e isto somente é possível com os Três Fatores da Revolução da Consciência, tal como os temos citado nesta conferência.

Filho de Deus é todo aquele que chega a ressurreição. Reflexionai, pois, nestas palavras e não vos presumeis de santos, nem de virtuosos; porque todos vós filhos do Diabo sois.

Amigos! Deus não nos manda sofrer nunca. Os sofrimentos nós os criamos por nós mesmos, com nossos próprios erros e através de sucessivos nascimentos.

P. – Mestre, se somos filhos do Diabo, quem tem mais poder sobre nós? O Diabo ou Deus?

V.M. – Com o maior gosto vou dar resposta a esta pergunta. Dissemos que o Dragão é a sombra do Deus íntimo de cada um de nós. Resulta evidente e, por conseguinte, no estado atual em que nos encontramos, o Dragão nos controla absolutamente. Assim, pois, do ponto de vista relativo e circunstancial em que nos achamos, o Diabo tem mais poder sobre nós que o próprio Deus. Isto não significa que o Diabo seja mais poderoso que Deus.

Quando a chispa imortal ressuscite em nós, quando nos convertamos em filhos de Deus, então tudo será diferente; por esses dias teremos vencido o Dragão.

P. – Mestre, que me diz o senhor dos anjos, Bodhisattwas e mestres caídos? Que têm eles a ver com a espiral da vida?

V.M. – Distintos amigos! Existe um momento supremo para todos os milhões de Essências que povoam a face da Terra.

Quero referir-me, de forma enfática, ao instante em que pela primeira vez resolvemos entrar pelo caminho solar; muito distinto, por certo, da senda lunar.

A todos os milhões ou trilhões de chispas virginais lhes chega, num instante preciso, a hora crítica em que têm que se definir pelo caminho solar ou pelo caracol lunar.

Quando alguém deliberadamente escolhe a Senda do Fio da Navalha, a sorte está lançada. Depois desse momento, já não há remédio.

Aqueles que alcançam a maestria e que depois querem voltar atrás, para se meter pela senda lunar, terão que passar por eternidades espantosas nos mundos infernos, até conseguir, depois de muitos bilhões ou trilhões de anos, a aniquilação dos corpos existenciais superiores do Ser e a destruição do ego animal.

Isto significa que a maior grau de Consciência, maior grau de responsabilidade; e aquele que acrescenta sabedoria, acrescenta dor.

Inquestionavelmente, aos Bodhisattwas caídos, aos anjos negros, aos arcanjos tenebrosos, quer dizer, às criaturas angelicais ou divinas submersas no Abismo pelo delito de querer tomar a senda lunar, depois de se terem definido plenamente pela solar, caber-lhes-á sofrer milhões de vezes mais intensamente que às pessoas comuns e correntes.

Conseguida a desintegração de veículos e ego, recomeçará, de todas as maneiras, a jornada evolutiva desde o mineral; porém, com um embrião áureo e, por conseguinte, com maior Consciência que os outros elementais da natureza, até alcançar o estado de humanoides.

Alcançado este objetivo, como possuem embrião áureo, tais seres haverão de voltar a senda solar, para criar novamente seus corpos existenciais superiores e reconquistar o estado angélico ou arcangélico, etc., que outrora rechaçaram.

Samael Aun Weor - Sim há Inferno, Sim há Diabo, Sim há Karma

Instituto Gnosis Brasil - www.gnosisbrasil.com

Outra é a sorte das chispas virginais que jamais elegeram o caminho solar. Estas, convertidas em simples elementais da natureza, submergirão com sua Essência no oceano universal da vida livre em seu movimento.

Trata-se de seres que preferiram a vida elemental, que não aspiraram à maestria, que sempre gozaram entre o seio da grande natureza e que agora, como centelhas da divindade, voltam à mesma, para sempre.

24 – Os Negócios

Amigos meus! Reunidos esta noite, vamos estudar muito seriamente a questão esta dos negócios.

Permitam-me a liberdade de lhes dizer que não estou falando de negócios profanos. Quero referir-me, de forma enfática, aos negócios do carma.

Antes de tudo, é necessário que as pessoas entendam a palavra sânscrita “karma”.

Não é demais asseverar que tal palavra, em si mesma, significa lei de ação e consequência. Obviamente, não existe causa sem efeito, nem efeito sem causa.

Qualquer ato de nossa vida, bom ou mau, tem suas consequências.

Hoje estive refletindo na desgraça de nosso mundo. Quão felizes seriam estes humanoides intelectuais se nunca tivessem tido isso que se chama ego, eu, mim mesmo, si mesmo.

É indubitável que o ego comete inumeráveis erros, cujo resultado é a dor.

Se estes humanoides racionais estivessem desprovidos de ego, seriam simplesmente elementais naturais belíssimos, inocentes, puros, infinitamente ditosos.

Imaginai por um momento, queridos amigos, uma terra assim, povoada por milhões de inocentes humanoides desprovidos de ego e governados por reis divinos, deuses, hierofantes, devas, etc., etc., etc.

Obviamente, um mundo assim seria certamente um paraíso, um planeta de bem-aventurados.

A ninguém se pode obrigar a se converter em homem à força. Todos esses milhões de humanoides, mesmo não sendo homens no sentido mais completo da palavra, poderiam ter sido infinitamente felizes, se não tivesse surgido em seu interior uma segunda natureza maligna e terrivelmente perversa.

Desafortunadamente, devido, como já o dissemos tanto nestas conferências, ao equívoco de alguns indivíduos sagrados, apareceu, dentro de cada sujeito, algo anormal: certos elementos inumanos, dentro dos quais veio a ficar engarrafada a Consciência.

É claro que tais elementos inumanos surgiram como resultado das más consequências do abominável órgão Kundartiguador. Foi assim, queridos amigos, como fracassou esta humanidade planetária, fazendo-se espantosamente maligna.

Melhor teria sido que aqueles sagrado indivíduos não tivessem dado a estes pobres bípedes tricerebrados ou tricentrados esse abominável órgão de todas as infâmias.

Pensemos, por um momento, nas multidões de humanoides que povoam a face da Terra. Sofrem o indizível, vítimas de seus próprios erros. Sem o ego não teriam esses erros, nem, tampouco, sofreriam as consequências dos mesmos.

Já disse em nossas passadas conferências que nem a todas as chispas virginais, que nem a todos os humanoides lhes interessa a maestria; entretanto, isto não é óbice para a felicidade autêntica.

No infinito espaço existem muitas moradas de bem-aventurança para os elementais humanoides que não têm interesse na maestria.

Inquestionavelmente, os três mil ciclos ou períodos de tempo atribuídos a qualquer Essência, a qualquer Mônada, para sua manifestação cósmica, se desenvolvem não somente aqui em nosso mundo Terra, senão também em outros mundos do espaço estrelado.

Por tudo isto podereis ver, meus caros amigos, que para as almas há muitas mansões de dita e que de modo algum é indispensável a maestria para se ter direito ao gozo autêntico do espírito puro.

O único requisito que se requer para ter direito à verdadeira felicidade é, antes de tudo, não ter ego.

Certamente, quando não existem dentro de nós os agregados psíquicos, os elementos inumanos que nos tornam tão horríveis e malvados, não há carma por pagar e o resultado é a felicidade.

Nem todas as criaturas ditosas que vivem em todos os mundos do espaço infinito alcançaram a maestria. No entanto, encontram-se em consonância com a ordem cósmica, porque não tem ego.

Quando vivemos de acordo com o reto pensar, o reto sentir e o reto obrar, as consequências costumam ser ditosas.

Desafortunadamente, o pensamento justo, o sentimento justo, a ação justa, etc., faz-se impossível quando uma segunda natureza inumana atua em nós e dentro de nós e através de nós, aqui e agora.

No que vimos dizendo devem ser evitadas confusões. É óbvio que, dos muitos, uns poucos aspiram ao adepto, à autorrealização íntima do Ser. Inquestionavelmente, estas almas se convertem em verdadeiros reis do universo e em deuses terrivelmente divinos.

As multidões, depois dos três mil ciclos de manifestação, retornam ao espírito universal da vida como simples elementais ditosas.

O desagradável é que estes milhões de elementais humanoides criaram, dentro de si mesmos, uma segunda natureza infra-humana, porque esta última em si mesma os tornou não somente perversos, senão, ademais, e o que é pior, desgraçados.

Se não fosse pelo mim mesmo, ninguém seria iracundo, ninguém cobiçaria os bens alheios, nenhum seria luxurioso, invejoso, orgulhoso, preguiçoso, glutão, etc., etc., etc.

Lamento muito ter que dizer que ao Arcanjo Sakaki e sua alta comitiva de indivíduos sagrados, que nos tempos arcaicos deram o abominável órgão Kundartiguador à humanidade, aguardam-lhes, no futuro grande dia cósmico, indizíveis amarguras, carma horrísono, pois, não há dúvida que, devido ao seu erro, esta humanidade perdeu sua felicidade e se tornou monstruosa. Que me perdoem os deuses santos por tal afirmação; porém fatos são fatos e ante os fatos temos que nos render, custe o que custar.

Afortunadamente, meus caros amigos, a justiça e a misericórdia são as duas colunas torais da Fraternidade Universal Branca.

A justiça sem misericórdia é tirania; a misericórdia sem justiça é tolerância, complacência com o delito. Neste mundo de desditas em que nos encontramos, faz-se necessário aprender a manejar os nossos próprios negócios, para rumar o barco da existência através das diversas escalas da vida.

O carma é negociável e isto é algo que pode surpreender muitíssimo aos sequazes de diversas escolas ortodoxas.

Certamente, alguns pseudoesoteristas e pseudo-ocultistas tornaram-se demasiado pessimistas em relação à lei de ação e consequência. Supõem, equivocadamente, que esta se desenvolve de forma mecanicista, automática e cruel.

Os eruditos creem que não é possível alterar tal lei. Lamento muito sinceramente ter que dissentir dessa forma de pensar.

Se a lei de ação e consequência, se o nêmesis da existência não fosse negociável, então, onde ficaria a misericórdia divina? Francamente, eu não posso aceitar crueldade na divindade. O real, aquilo que é todo perfeição, isso que tem diversos nomes tais como Tao, AUM, INRI, Sein, Alá, Brahma, Deus, ou melhor dizendo, deuses, etc., etc., etc., de modo algum podia ser algo sem misericórdia, cruel, tirânico, etc. Por tudo isto, repito, de forma enfática, que o carma é negociável.

Quando uma lei inferior é transcendida por uma lei superior, a lei superior lava a lei inferior.

Faze boas obras, para que pagues tuas dívidas. Ao leão da lei se combate com a balança.

Quem tem com que pagar, paga e sai bem em seus negócios; quem não tem com que pagar, pagará com dor.

Se num prato da balança cósmica pomos as boas obras e no outro as más, é evidente que o carma dependerá do peso da balança.

Se pesa mais o prato das más ações, o resultado serão as amarguras. Não obstante, é possível aumentar o peso das boas obras no prato fiel da balança e, desta forma, cancelaremos carma, sem necessidade de sofrer. Tudo o que precisamos é fazer boas obras para aumentar o peso do prato das boas ações.

Agora compreenderão os senhores, meus bons amigos, o maravilhoso que é fazer o bem; não há dúvida de que o reto pensar, o reto sentir e o reto obrar são o melhor dos negócios.

Nunca devemos protestar contra o carma; o importante é saber negociá-lo.

Desgraçadamente, às pessoas o único que lhes ocorre quando se acham numa grande amargura é lavar as mãos como Pilatos, dizer que não fizeram nada mau, que não são culpáveis, que são almas justas, etc., etc., etc.

Eu digo aos que estão na miséria que revisem sua conduta; que se julguem a si mesmos; que se sentem, ainda que seja por um instante, no banco de acusados; que, depois de uma sumária análise de si mesmos, modifiquem sua conduta. Se estes que se acham sem trabalho se tornassem castos, infinitamente caritativos, aprazíveis, serviçais em cem por cento, é óbvio que alterariam radicalmente a causa de sua desgraça, modificando-se, em consequência, o efeito.

Não é possível alterar um efeito se antes não se modificou radicalmente a causa que o produziu; pois, como já dissemos, não existe efeito sem causa, nem causa sem efeito.

Não há dúvida de que a miséria tem suas causas nas bebedeiras, na asquerosa luxúria, na violência, nos adultérios, no esbanjamento e na avareza.

Não é possível que alguém se encontre em miséria quando o Pai, que está em secreto, se encontra presente, aqui e agora. Quero ilustra isto com um relato:

Em certa ocasião, meu Real Ser Interior, minha Mônada Imortal, me tirou do corpo físico para me dar instruções sobre determinado discípulo. Concluídas estas, não vi inconveniente em me dirigir ao Senhor Íntimo com as seguintes palavras: “Estou cansado de ter corpo. Eu o que queria era desencarnar.” Nestes instantes, o Senhor de Perfeições, meu Deus Interior, respondeu com voz solene: “Por que protestas? Eu te dei pão, agasalho e refúgio, e ainda protestas? Recordas os últimos dias de tua passada existência? Andavas pelas ruas do México descalço, com o traje rasgado, velho, enfermo e na mais espantosa miséria. E como vieste a morrer? Num casebre imundo. Então eu estava ausente.” Em tais momentos resplandecia a face do Senhor, em seus olhos azuis se refletia o céu infinito, sua branca túnica de glória chegava até seus pés. Tudo Nele era perfeição.

“Senhor”, disse-lhe, “eu vim para beijar tua mão e receber tua bênção.” O Adorável me abençoou e beijei sua destra.

Depois que voltei ao corpo físico, entrei em meditação. Certamente, meus caros irmãos, quando o filho anda mal, o Pai se ausenta e, então, aquele cai em desgraça.

Creio que agora ireis compreendendo melhor, meus caros amigos, o que é a miséria, por que chega, como chega.

O Pai que está em secreto tem poder suficiente para nos dar e para nos tirar também. “Ditoso o homem que Deus castiga.”

O carma é uma medicina que se nos aplica para nosso próprio bem. Desgraçadamente, as pessoas, em vez de se inclinar reverentes ante o eterno Deus vivo, protestam, blasfemas, justificam-se a si mesmas, desculpam-se nesciamente e lavam as mãos como Pilatos. Com tais protestos não se modifica o carma; ao contrário, torna-se mais duro e severo.

Reclamos fidelidade do cônjuge, quando nós mesmos fomos adúlteros nesta ou em vidas precedentes.

Pedimos amor, quando fomos desapiedados e cruéis. Solicitamos compreensão, quando nunca soubemos compreender a ninguém, quando jamais aprendemos a ver o ponto de vista alheio.

Anelamos ditas imensas, quando fomos sempre a origem de muitas desditas.

Quiséramos nascer num lar muito formoso e com muitas comodidades, quando não soubemos, em passadas existências, brindar nossos filhos com lar e beleza.

Protestamos contra os insultadores, quando sempre insultamos a todos os que nos rodeiam.

Queremos que nossos filhos nos obedeçam, quando jamais soubemos obedecer a nossos pais.

Molesta-nos terrivelmente a calúnia, quando nós sempre fomos caluniadores e enchemos o mundo de dor.

Fastia-nos a fofoca, não queremos que ninguém murmure de nós e, não obstante, sempre andamos entre intrigas e murmúrios, falando mal do próximo, mortificando a vida aos demais. Quer dizer, sempre reclamamos o que não demos. Em todas as nossas vidas anteriores fomos malvados e merecemos o pior; porém supomos que se nos deve dar o melhor.

Os enfermos, em vez de se preocuparem tanto por si mesmos, deveriam trabalhar pelos demais, fazer obras de caridade, tratar de sanar a outros, consolar os aflitos, levar o médico aos que não tem com que pagá-lo, distribuir medicamentos, etc., e assim cancelariam seu carma e se sanariam totalmente.

Aqueles que sofrem em seus lares deveriam multiplicar sua humildade, sua paciência e serenidade. Não contestar com más palavras, não tyranizar o próximo, não enfastiar os que nos rodeiam, saber desculpar os defeitos alheios com uma paciência multiplica até o infinito. Assim cancelariam seu carma e se tornariam melhores.

Desgraçadamente, meus queridos amigos, esse ego que cada qual leva dentro faz exatamente o contrário do que aqui estamos dizendo. Por tal motivo, considero urgente, inadiável, impostergável, reduzir o mim mesmo a poeira cósmica.

P. – Venerável Mestre, conseguindo com que os humanoides intelectuais se convertam em elementos inocentes, considera o senhor cumprida sua missão?

V.M. – Com o maior gosto darei resposta a esta pergunta. Muitos profetas, grandes avatares e mestres lutaram, nos antigos tempos, contra as más consequências do abominável órgão Kundartiguador. Isto é uma missão de ordem popular, cujo propósito é fazer regressar a humanidade até a inocência total.

Tais santos, nos tempos antigos, tiveram também seu círculo esotérico para os da via direta, para aqueles que, em todas as idades, aspiraram à maestria.

Vede, pois, amigos, os dois círculos: o exotérico ou público e o esotérico ou secreto. Não é demais recordar-lhes que as grandes religiões confessionais preenchem precisamente estas duas necessidades.

Qualquer religião confessional serve às multidões e aos iniciados.

Creio que agora entendestes completamente o sentido de minha missão sobre a face deste aflito mundo em que vivemos.

P. – Mestre, todo sofrimento que se tenha, da índole que seja, pode ser atribuído a que o Pai está ausente?

V.M. – Amigos! Existem os sofrimentos voluntários e os involuntários. Os primeiros se processam naqueles que seguem a senda direta, o caminho solar; os segundos são resultado de nosso próprio carma. É óbvio que, quando o filho anda mal, o Pai está ausente e a consequência é a dor.

P. – Tocante ao nêmesis, ou carma, é possível que qualquer sofrimento possa ser negociável ante os senhores do carma?

V.M. – Estimados amigos! Quero que os senhores compreendam que, quando tal ou qual carma se encontra já totalmente desenrolado e desenvolvido, tem que chegar até o final, inevitavelmente.

Isto significa que só é possível modificar radicalmente o carma quando o arrependimento é total e quando toda possibilidade de repetir o erro que o produziu desapareceu radicalmente.

Kamaduro, chegando a seu final, é sempre catastrófico. Nem todo o carma é negociável.

É bom saber também que, quando eliminamos radicalmente o ego, a possibilidade de delinquir fica aniquilada e, em consequência, o carma pode ser perdoado.

25 – A Experiência Direta

Distintos amigos! Hoje, 19 de março de 1973, décimo primeiro ano de Aquário, reunimo-nos para finalizar estas conferências que, inquestionavelmente, haverão de sair publicada em forma de livro para o bem da Grande Causa.

Ao concluir, quero pôr ênfase na necessidade de experimentar, de forma direta tudo o que explicamos.

A experiência do real é cardinal e definitiva para a compreensão criadora.

Chegou a hora de entender, com inteira clareza, que possuímos, certamente, um fator psicológico definitivo, mediante o qual é possível verificar o que dissemos em todas estas reuniões.

Quero referir-me, com grande solenidade, à própria base de nossa organização psíquica, a esse elemento que ainda não se perdeu, a Essência.

É indubitável que na mesma, na Consciência, encontra-se o Buda, a doutrina, a religião e a sabedoria.

Sintetizando, podemos afirmar que na Essência, na Consciência, acham-se depositados os dados indispensáveis para a regeneração, a autorrealização íntima e a vivência completa de tudo o que nestas conferências dissemos.

Isto quer dizer que, se em tal elemento primário, embasamento primordial de toda nossa organização psíquica, encontram-se os princípios básicos da regeneração, obviamente, o primeiro que devemos fazer é destruir, aniquilar essa segunda natureza de tipo infernal, dentro da qual se acha aprisionada a Essência.

Resulta evidente e manifesto que, ao desenfrascar a Essência, ao se liberar a mesma, desperta radicalmente.

As vantagens que o citado evento pode realmente nos proporcionar, como vedes, são múltiplas.

A primeira de tais vantagens é, de per si, magnífica, pois tem a capacidade de nos orientar fundamentalmente, dirigindo nossos passos sabiamente pela Senda do Fio da Navalha, que há de nos conduzir até a liberação final.

A segunda de tais vantagens nos conduz pela senda das variadas experiências diretas, até a verificação total de todas e cada uma das afirmações que fizemos nestas conferências.

Iluminação íntegra, vivência luminosa, confirmação prática, é o modus operandi da Essência desengarrafada, desperta, autoconsciente.

Aniquilação completa de todos os elementos indesejáveis que constituem o mim mesmo, o si mesmo, é, fora de toda dúvida, inadiável, impostergável.

Necessitamos aprender a dirigir voluntariamente todos os funcionalismos de nossa psique. Não é bom que continuemos convertidos em escravos. Devemos fazer-nos amos e senhores de nós mesmos.

Conforme os elementos indesejáveis vão sendo eliminados, a Consciência vai despertando.

Não obstante, necessitamos tornar-nos sérios, porque até agora não temos sido gente séria. Cada um de nós, atualmente, não é mais que um lenho nas embravecidas ondas do mar da existência.

Repito! Necessitamos tornar-nos sérios. Esta afirmação implica em espantosa autovigilância de instante em instante, de momento em momento.

Recordai o que já dissemos em conferências anteriores; na relação com nossos semelhantes, os defeitos que levamos escondidos afloram espontaneamente e, se estamos alertas e vigilantes como vigia em época de guerra, então os descobrimos.

Em todo autodescobrimento existe, também, autorrevelação. Defeito descoberto deve ser rigorosamente analisado, estudado em todos os níveis da mente e compreendido integralmente através dos diversos processos da meditação interior profunda.

Um pouco mais tarde e já entendido integralmente o defeito que tenhamos analisado, vêm as súplicas a Devi Kundalini, nossa Divina Mãe Cósmica particular, com o propósito de que ela elimine e desintegre o defeito em questão.

O trabalho é muito profundo, meus estimados irmãos, espantosamente sério, demasiado profundo. Só assim é possível extirpar, erradicar de nossa psique muitos elementos indesejáveis, infra-humanos, tenebrosos, dentro dos quais se encontra aprisionada a Essência.

Conforme a Consciência vá despertando, as possibilidades de experimentação direta se farão cada vez mais lúcidas e contínuas.

Antes de tudo, meus caros amigos, quero que os senhores aprendam a manejar praticamente as diversas centelhas de Consciência desperta.

Na vida prática podemos anotar cuidadosamente o fato concreto de que todas as pessoas vivem com a Consciência adormecida.

Nestes instantes, vêm-me a memória as lembranças de algo insólito. Faz uns 17 ou 18 anos, achando-me em um mercado da colônia Federal com minha esposa-sacerdotisa Litelantes, no momento em que reclamávamos um relógio que ela havia mandado consertar numa relojoaria, fomos, de repente, sacudidos por uma violenta explosão de dinamite.

Litelantes, horrorizada, me pediu que regressássemos para casa de imediato. É óbvio que minha resposta foi francamente negativa; de modo algum queria expor nossas vidas a uma segunda explosão que sabia havia de ocorrer.

Inúteis foram seus rogos... Em tais momentos ressoaram as sirenes e sinos dos “apagafogo” ou bombeiros.

Aqueles humildes e mártires servidores da humanidade se precipitaram no lugar das explosões... “De todos estes bombeiros que acabam de entrar no teatro dos acontecimentos não se salvará nenhum. Morrerão.” Tais foram minhas palavras. Litelantes, horrorizada, guardou silêncio.

Instantes depois, uma segunda explosão fez estremecer terrivelmente a cidade do México.

O resultado foi a morte de todos esses humildes servidores. Desintegraram-se automaticamente, pois não foram achados nem os cadáveres. Tão-somente se encontrou, por aí, a bota de um sargento.

Eu, francamente, fiquei assombrado com o grau de inconsciência em que se encontravam tais bombeiros. Se eles estivessem despertos, de nenhuma maneira teriam perecido.

Ainda recordo o pranto das mulheres que fugiam daquele mercado e dos meninos que, horrorizados, agarravam-se nas saias de suas mães.

Se eu não estivesse desperto, obviamente teria perecido, porque, no lugar onde devia tomar o ônibus, tão indispensável para regressar para casa, morreram centenas de pessoas.

Ainda não pude esquecer tantos e tantos cadáveres que, atirados na beira da calçada da rua, jaziam, tapados com papéis de jornais.

Inquestionavelmente, essas vítimas foram devidas à curiosidade; tratava-se de curiosos, pessoas inconscientes adormecidas, que, depois da primeira explosão, haviam concorrido ao lugar dos acontecimentos, para contemplar o espetáculo.

Se tais pessoas tivessem estado despertas, jamais teriam concorrido como curiosos ao lugar dos acontecimentos. Desafortunadamente, dormiam profundamente. Assim foi como encontraram a morte.

Quando regressamos para casa, situada na colônia Caracol, nossos vizinhos estavam alarmados; supunham que havíamos morrido. Certamente assombraram-se de que, apesar de estarmos tão perto do lugar da catástrofe, ainda pudéssemos regressar vivos. Eis aqui a vantagem de estar despertos.

Devemos despertar, amigos, e aprender a viver alertas de momento em momento, de instante em instante.

É impostergável dividir sempre a atenção em três partes: primeiro, sujeito; segundo, objeto; terceiro, lugar.

Sujeito – Não nos esquecer de nós mesmos, autovigiar-nos em cada segundo, em cada momento. Isto implica no estado de alerta em relação a nossos pensamentos, gestos, ações, emoções, hábitos, palavras, etc., etc., etc.

Objeto– Minuciosa observação de todos aqueles objetos ou representações que, por meio dos sentidos, chegam à mente. Não nos identificar jamais com as coisas, porque assim é como caímos na fascinação e no sonho da Consciência.

Lugar.– Observação diária de nossa casa, de nosso quarto, como se fosse algo novo. Perguntar-nos diariamente a nós mesmos: Por que cheguei aqui, a este lugar, a este mercado, a este escritório, a este templo, etc., etc., etc.”

Estes três aspectos da divisão da atenção de modo algum constituem capítulo à parte, nem algo diferente do processo da dissolução do eu.

Indiscutivelmente necessitamos autoestudar-nos, auto-observar-nos de momento em momento, se é que de verdade queremos descobrir nossos próprios defeitos psicológicos, pois, como já dissemos, na relação com nossos semelhantes, os defeitos escondidos afloram espontaneamente, naturalmente.

Não se trata meramente de estar auto-observando os passos que damos, nem as formas do corpo, etc. A vigilância sobre nós mesmos implica no estudo silencioso e sereno de todos nossos processos psicológicos íntimos, emoções, paixões, pensamentos, palavras, etc., etc., etc.

A observação das coisas sem identificação nos permite conhecer os processos da cobiça, do apego, da ambição, etc., etc., etc.

É irrefutável que a um cobiçoso custará muito trabalho não se identificar com um anel de diamantes ou com umas quantas notas bancárias, etc.

A observação sobre os lugares nos permitirá conhecer até onde chegam nossos apegos e fascinações em relação a lugares diversos.

É, pois, este triplo jogo da atenção um exercício completo para autodescobrir-nos e despertar Consciência.

Era eu muito jovem ainda, um terno adolescente, quando praticava, de forma instintiva, os maravilhosos exercício aqui citado.

Nos instantes em que converso com os senhores isto, vem-me à memória dois casos especiais que vou relatar. Primeiro: Uma noite de tantas, entrava pelas portas de uma maravilhosa mansão. Silente, atravessei um formoso jardim até chegar a uma fastuosa sala. Movido por um impulso interior, passei um pouco mais além e penetrei ousadamente num escritório de advogado.

Ante o bufete achei sentada uma dama de regular estatura, cabeça cana, rosto pálido, lábio delgado e nariz romano.

Era aquela senhora de aparência respeitável e mediana estatura. Seu corpo não era muito delgado, porém, tampouco demasiado gordo. Seu olhar mais parecia melancólico e sereno.

Com voz doce e agradável, a dama me convidou para sentar ante a escrivaninha. Em tais instantes, algo insólito acontece: Vejo, sobre a escrivaninha, duas borboletas de vidro que tinham vida própria, moviam suas asas, respiravam, olhavam, etc., etc., etc.

O caso, por certo, parecia-me demasiado exótico e raro. Duas borboletas de vidro e com vida própria?

Acostumado como estava a dividir a atenção em três partes, primeiro: não me esqueci de mim mesmo; segundo: não me identifiquei com aquelas borboletas de vidro; terceiro: observei cuidadosamente o lugar.

Ao contemplar tais animais de vidro, disse a mim mesmo: “Isto não pode ser um fenômeno do mundo físico, porque na região tridimensional de Euclides jamais conheci borboletas de vidro com vida própria. Inquestionavelmente, isto pode ser um fenômeno do mundo astral.”

Olhei logo ao meu redor e me fiz as seguintes perguntas: Por que estou neste lugar? Por que vim aqui? Que estou fazendo aqui?

Dirigindo-me logo à dama, falei-lhe da seguinte forma: “Senhora, permita-me a senhora sair um momento ao jardim que logo regressarei.” A dama assentiu com um movimento de cabeça e eu abandonei, por um instante, aquele escritório.

Já fora, no jardim, dei um saltinho alongado com a intenção de flutuar no ambiente circundante. Grande foi meu assombro quando verifiquei, por mim mesmo, que realmente me achava fora do corpo físico. Então compreendi que estava em astral.

Em tais momentos me recordei de que fazia longo tempo, várias horas que havia abandonado meu corpo físico e que este, inquestionavelmente, se achava agora repousando em seu leito.

Feita a singular comprovação, regresssei ao escritório, onde a dama me aguardava. Então quis convencê-la de que estava fora do corpo físico: “Senhora,” disse-lhe. “A senhora e eu estamos fora do corpo físico. Quero que recorde que faz umas quantas horas se deitou fora do seu corpo físico, pois sabido é que, quando o corpo dorme, a Consciência, a Essência, desafortunadamente metida entre o ego, anda forma do veículo corpóreo.”

Ditas todas estas palavras, a dama me olhou com olhos de sonâmbula, não me entendeu. Eu compreendi que aquela senhora tinha a Consciência adormecida... Não querendo insistir mais, despedi-me dela e abandonei o lugar.

Depois me dirigi para a Califórnia, com o propósito de realizar certas investigações importantes. No caminho encontrei um desencarnado que em vida havia sido carregador de fardos pesados nos mercados públicos. O infeliz, levando sobre suas costas um enorme fardo, parecia sofrer o indizível... Acercando-me do defunto, disse-lhe: “Amigo meu, que lhe passa? Por que leva o senhor sobre suas doloridas costas este fardo tão pesado?” O desditado, olhando-me com olhos de sonâmbulo, me respondeu: “Estou trabalhando.”

“Porém, senhor”, insisti, “você já morreu há muito tempo. Esta carga que leva sobre suas costas não é mais que uma forma mental. Abandone isso!”

Tudo foi inútil. Aquele pobre morto não me entendeu; tinha sua Consciência demasiado adormecida. Querendo auxiliá-lo, flutuei ao seu redor no meio ambiente circundante, com o propósito de alarmá-lo, de fazê-lo entender que algo raro estava acontecendo em sua existência, de fazê-lo saber, de alguma forma, que estava morto, etc., etc., mas tudo foi inútil.

Posteriormente, feitas as investigações de rigor, regressei ao meu veículo físico, que jazia adormecido no leito.

P. – Mestre, quer dizer o senhor que não há possibilidade de experiência direta, tal como o expôs em suas conferências, sem a dissolução dos defeitos psicológicos?

V.M. – Vou responder detidamente esta pergunta que sai do auditório. Cavaleiro, amigos, damas que me escutam! A experiência direta se acha associada às percentagens de Consciência desperta.

Normalmente, as pessoas tão só possuem uns 3% de Consciência desperta e uns 97% de subconsciência ou Consciência adormecida.

Inquestionavelmente, quando se chega a possuir uns 4 ou 5% de Consciência desperta, começam os primeiros clarões de experiência direta.

Distinga-se entre clarões e plenitude total, que são diferentes. Alguém que possui, por exemplo, uns 10% de Consciência desperta, por conseguinte, terá uma percentagem maior de lucidez à daqueles que possuem uns 4 a 5%.

Em todo caso, à medida que a Essência se vai liberando, conforme o ego começa a ser dissolvido, a capacidade para a investigação direta irá também aumentando de forma progressiva e ordenada.

O exercício da divisão da atenção em três partes, tal como o explicamos nesta conferência, permitir-nos-á evidenciar, até a saciedade, o grau de Consciência adquirida.

Ensinei, pois, aqui, doutrina e procedimentos para despertar Consciência. Dei o sistema efetivo para usar inteligentemente as percentagens de Consciência adquirida.

Quando o ego foi radicalmente aniquilado, a Consciência fica totalmente desperta. Nestas circunstâncias podemos descer à vontade dentro dos mundos infernos, como o propósito de ver, ouvir, tocar e palpar a crua realidade de tais regiões submersas.

Este tipo de investigações, por ser de tanto avanço, só é possível realizá-lo a contento com uma Consciência absolutamente desperta.

P. – Mestre, falava-nos o senhor de duas vantagens que provêm da Essência, sendo a primeira que nos orienta para viver adequadamente e a segunda que nos permite a experiência direta. Na experiência que teve no mercado da colônia Federal, devido uma tremenda explosão, qual das duas faculdades da Essência foi a que lhe permitiu salvar sua vida?

V.M. – Nobre senhor! Seja-me permitido informar-lhe que a segunda de tais qualidades da Consciência, a da experiência direta, permitiu-me conhecer por antecipação o fato que iria acontecer, qual foi aquele da morte de tais bombeiros.

P. – Mestre, poderia explicar-nos qual é a diferença entre o que são as projeções da mente e as experiências reais?

V.M. – Com maior prazer vou dar resposta a esta nova pergunta do auditório. Seja-me permitido informar-lhes, senhores e senhoras, que as projeções mentais são de carácter completamente subjetivo, muito diferentes, por certo, das experiências reais, que são de tipo objetivo.

No primeiro caso, a mente projeta o que elaborou subconscientemente e, identificada com tais projeções, cai em fascinação e nos sonhos próprios da inconsciência.

No segundo caso, a mente esgotou o processo de pensar, não projeta, está aberta ao novo, recebe sem identificação e em ausência de toda fascinação e de todo processo de sonho.

Vou ilustrar esta resposta com um relato de tipo suprasensível. Achando-me fora de meu corpo físico, em instantes em que este dormia profundamente no leito, invoquei certo desencarnado que em vida fora um membro da família, por certo, próximo.

O defunto se apresentou ataviado com certo traje cinza que em vida usara. Vinha rindo só; parecia verdadeiramente um sonâmbulo, falava bobagens, algo que havia escutado de alguém... Inúteis foram minhas tentativas para que me reconhecesse; o infeliz dormia profundamente. Certamente não me via. No fundo, verdadeiramente, percebia exclusivamente suas próprias formas mentais e ria como um louco varrido, como um idiota.

Eis aqui dois aspectos que vêm a esclarecer, pois, a pergunta em questão. Aquele defunto projetava suas próprias formas mentais, sonhava com elas, achava-se absolutamente fascinado com elas e nem sequer me percebia.

No segundo caso, eu estava completamente consciente, desperto, sabia que meu corpo havia ficado dormindo no leito, não projetava. Havia esgotado o processo do pensar, abria-me ao novo, recebia o desencarnado, investigava-o, dava-me conta do estado deplorável em que se encontrava.

Com tal relato illustrei, pois, a pergunta que saiu do auditório.

P. – Venerável Mestre, com relação ao exercício da divisão da atenção em três partes que se faz aqui no mundo físico, como é que pode repercutir no mundo astral, se são dois mundos totalmente diferentes?

Amigos meus! Se observamos a vida dos sonhos normais comuns e correntes, poderemos ver o fato concreto de que muitas cenas do sonho correspondem às ocorrências da vida diária, aos fatos que aqui vivemos, no mundo físico, aos atos de cada momento.

Como consequência direta disto que estamos afirmando, podemos enfatizar a notícia de que o exercício da divisão da atenção em três partes se repete também, como no caso dos sonhos, naquelas horas em que a Essência, engarrafada no ego, se encontra fora do corpo físico.

Creio que os senhores não ignoram que, quando o corpo dorme, a Essência, engarrafada no mim mesmo, afasta-se do corpo físico.

Assim, pois, se nos acostumamos a praticar tal exercício aqui, no mundo físico, de instante em instante e de momento em momento, depois o repetiremos instintivamente durante as horas do sono e o resultado será o despertar da Consciência. Então poderemos ver, ouvir, tocar e palpar tudo o que nestas conferências vimos dizendo em relação ao Inferno, ao Diabo e ao carma.

Conforme o ego vai sendo dissolvido, a Consciência irá despertar mais e mais, e isto o poderemos evidenciar mediante o exercício da divisão da atenção em três partes.

Dissolvido absolutamente o ego, o exercício aqui ensinado nos permitirá usar a Consciência de forma voluntária para a investigação das grandes realidades.

P. – Mestre, como se poderia fazer acessível à compreensão do profano o que é a diferença entre o real e o irreal, o ilusório do verdadeiro, o objetivo do subjetivo?

V.M. – Uma interessantíssima pergunta saiu do auditório e é claro que me apresso a lhe dar resposta.

Amigos meus! Faz algumas noites estivemos vendo, pela televisão, certas notícias científicas. Através de diversas representações da tela, foi o público informado sobre experimentos que homens de ciência atuais estão realizando com o cérebro.

Conectando certos nódulos do cérebro, homens de ciência podem controlar as diversas seções do mesmo. Nestas condições, a máquina humana pode ser manejada por meio de ondas e isto já está absolutamente demonstrado.

Também foram feitos experimentos na praça de touros. Um cientista, mediante tal sistema, pôde deter o touro, fazê-lo desistir do ataque nos instantes em que precisamente jogava a sorte com a capa.

Com isto ficou perfeitamente demonstrado que todo organismo é uma máquina suscetível de ser controlada como qualquer outra.

No caso da máquina humanoide, é óbvio que os diversos agregados psíquicos inumanos que, sucedendo-se uns aos outros, vão controlando, em diversos tempos, as variadas zonas cerebrais, substituem integralmente os nódulos cerebrais, as ondas e as máquinas automáticas, mediante as quais os cientistas podem controlar cérebros.

Com outras palavras, dizemos que os cientistas, em determinados momentos, mediante seus sistemas elétricos, fazem o mesmo papel dos agregados psíquicos, quer dizer, eles demonstram a realidade de tais agregados, mediante o papel que executam.

Alguém tem que controlar o cérebro para realizar atos. Ou o controlam os agregados psíquicos ou o controlam os cientistas mediante sistemas elétricos especiais.

Em todo caso, as investigações vêm totalmente confirmar o que dizemos: O humanoide intelectual é uma máquina inconsciente, automática, subconsciente.

Como poderia uma máquina inconsciente aceitar que está adormecida? Como poderia tal máquina afirmar que o mundo é Maya, ilusão? Etc.

A máquina humanoide, pelo próprio fato de ser máquina, sonha, porém ignora que sonha, nega que sonha, crê firmemente que está desperta e jamais aceitaria a tese de que está adormecida.

O humanoide automático e mecanizado não é capaz de diferenciar o objetivo do subjetivo, pelo próprio fato de ser mecanizado, e toma como objetivo o que é subjetivo e vice-versa.

A máquina adormecida, o autômato humanoide está longe de poder compreender a diferença entre Consciência objetiva e Consciência subjetiva; a máquina tem suas próprias teses, baseadas precisamente no sonho profundo da Consciência. Não é possível, de modo algum, fazer compreender a um profano adormecido a diferença entre Consciência e subconsciência, entre objetividade e subjetividade, entre sono e vigília, etc., etc., etc.

Só despertando Consciência é possível aceitar tais diferenças.

Desafortunadamente, o profano crê estar desperto e até se ofende quando alguém lhe diz que tem a Consciência adormecida. Falando em linguagem socrática, diríamos que o ignorante ilustrado, o profano adormecido, a

máquina inconsciente, não somente ignora, senão, além disso, ignora que ignora; não somente não sabe, senão, além disso e o que é pior, não sabe que não sabe.

Amigos meus! É necessário deixar de ser máquinas. Quando alguém aceita que é máquina, começa a deixar de sê-lo; um pouco mais tarde, o véu das ilusões se torna pedaços.

Necessitamos converter-nos em seres humanos e isto somente é possível destruindo, aniquilando os agregados psíquicos que incessantemente se alternam entre si para controlar a máquina orgânica.

É indispensável chegar a ter realidade, deixar de ser meros autômatos movidos por ondas ou por agregados, que são o mesmo, e converter-nos em indivíduos responsáveis, conscientes e verdadeiros.

P. – Mestre, que diferença existe entre o exercício da divisão da atenção em três partes e a dissolução do ego para despertar Consciência?

V.M. – Senhores, senhoras! Através de todas estas conferências nos interessamos especialmente pela dissolução do ego, pela destruição completa de todos esses agregados psíquicos, dentro dos quais está enfrascada, engarrafada a Consciência.

Parece-me que falamos demasiado claro, que demos uma didática perfeita para a aniquilação absoluta do mim mesmo, do si mesmo.

Explicamos até a saciedade que só mediante a aniquilação radical dos elementos inumanos que levamos dentro podemos liberar a Essência, despertá-la.

Na conferência de hoje demos um exercício específico, definido. Falamos na divisão da atenção em três partes, com o propósito de usar, de forma cada vez mais e mais perfeita, as diversas percentagens de Consciência desperta que vamos conseguindo mediante a morte do mim mesmo.

No primeiro caso, há doutrina completamente relacionada com a aniquilação do si mesmo. No segundo caso, há um exercício maravilhoso, uma prática que nos permitirá usar a Consciência que formos conseguindo de forma perfeita, clara, precisa.

Em todo caso, é necessário converter-nos verdadeiramente em investigadores competentes do esoterismo e do ocultismo puro. Isto é o que queremos e, com tais intenções, demos, através destas conferências, a doutrina indispensável.

Samael Aun Weor

Renúncia aos Direitos Autorais

"Hoje, meus queridos irmãos, e para sempre, renuncio, renunciei e seguirei renunciando aos direitos de autor. Tudo que desejo é que esses livros sejam vendidos de forma barata, ao alcance dos pobres, ao alcance de todos que sofrem e choram! Que o mais infeliz cidadão possa obter este livro com os poucos trocados que leva em seu bolso! Isso é tudo!"

(Samael Aun Weor, 1º Congresso Gnóstico Internacional, Guadalajara, México – 29/10/1976, [clique aqui para escutá-lo](#)).